

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Beatriz Fernanda Jorge

**BRINCAR E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DE
BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS (1984 A 2022)**

Sorocaba - SP

2023

Beatriz Fernanda Jorge

**BRINCAR E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DE
BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS (1984 A 2022)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (PPGEd-So), como requisito obrigatório para obtenção de título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Walburga dos Santos.

Sorocaba - SP

2023

Jorge, Beatriz Fernanda

Brincar e formação docente: um estudo a respeito de brinquedotecas universitárias brasileiras (1984 a 2022) / Beatriz Fernanda Jorge -- 2023. 282f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Walburga dos Santos

Banca Examinadora: Lucia Maria Salgado dos Santos

Lombardi, Maria Angela Barbato Carneiro, Sirlândia

Reis de Oliveira Teixeira

Bibliografia

1. Brinquedoteca universitária. 2. Brincar. 3. Formação docente. I. Jorge, Beatriz Fernanda. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

Beatriz Fernanda Jorge

BRINCAR E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DE
BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS (1984 A 2022)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (PPGEd-So), para obtenção de título de mestre em Educação. Sorocaba, 14 de fevereiro de 2023.

Orientadora:

Profª Drª Maria Walburga dos Santos.
Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Profª Drª Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Profª Drª Maria Ângela Barbato Carneiro
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Examinador(a)

Profª Drª Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Para o pequeno Tay, meu parceiro de
brincadeiras nos últimos 3 anos.*

AGRADECIMENTOS

MINHA FAMÍLIA

Agradeço especialmente a minha mãe, Maria, e minha irmã, Fernanda, que me dão o suporte necessário para trilhar este caminho. Mãe, minha profunda gratidão por ser a minha maior inspiradora, por me incentivar a construir uma infância brincante e que me motiva continuar brincando. Fer, obrigada por ser tão acolhedora me amparando em todos os momentos, compartilhar a vida com você é um privilégio.

PROF^a DR^a MARIA WALBURGA DOS SANTOS

Minha imensa gratidão por ser tão atenciosa e inspiradora, poder compartilhar essa trajetória com todo o seu acolhimento, respeito e sabedoria me faz mais contente. Obrigada por me acompanhar durante todo esse processo, na luta e defesa do brincar e das infâncias.

BANCA DE QUALIFICAÇÃO E DEFESA

Queridas Prof^a Dr^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Prof^a Dr^a Maria Angela Barbato Carneiro e Prof^a Dr^a Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira, expresso minha alegria por poder contar com vocês durante esta pesquisa, vocês foram fundamentais neste processo e trouxeram contribuições inestimáveis.

AMIGOS E AMIGAS DO MESTRADO E DA VIDA

Parceiros do mestrado e da vida, agradeço o companheirismo nessa trajetória me incentivando sempre, compartilhar a vida com vocês é inspirador.

PROFESSORAS COLABORADORAS

Professoras Ângela do Céu Ubaiara Brito, Antonete Araújo Silva Xavier, Débora¹, Jociane Cajado da Silva, Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, Marilete Calegari Cardoso, Marília Forgearini Nunes, Renata Sperrhake, Sandra Regina Geiss Lorensini e Tizuko Morchida Kishimoto, minha profunda gratidão por compartilhar suas experiências com a formação docente e brincar, a experiência de cada uma é valiosa e me enche de vontade de brincar.

DOCENTES DA PÓS-GRADUAÇÃO

¹ A professora entrevistada optou pela não identificação e divulgação de seu nome na pesquisa participando em anonimato, assim, iremos nos referir a sua narrativa através do pseudônimo escolhido por ela: Débora.

Agradeço por cada experiência vivida na pós-graduação, participar das disciplinas, projetos de extensão, eventos e tantas outras vivências contribuíram ricamente para este estudo e na minha construção enquanto educadora.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP)

Gratidão à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo por acreditar no potencial deste estudo concedendo o financiamento da pesquisa de mestrado vinculada ao processo 2021/09351-7.

A OPORTUNIDADE DE APRENDER BRINCANDO

Na brincadeira das palavras escritas e faladas sobre as experiências de quem brinca e quer continuar brincando.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Jorge Larrosa Bondía

RESUMO

O processo histórico da educação relaciona-se também aos conceitos construídos sobre o lúdico e o brincar no decorrer do tempo e os impactos dos mesmos acontecimentos na concepção de infância e humanidade. Compreendendo que esses processos estão interligados a diferentes aspectos da sociedade (culturais, econômicos, políticos etc.), a história torna-se muito relevante para compreender a relação entre as mudanças no meio social e como a humanidade se constrói e se relaciona. Neste trabalho, estudou-se a brinquedoteca, lugar onde se pode observar e refletir como se dão as relações sociais, desde demandas que emergem das comunidades e na convivência em grupo através do lúdico e do brincar. Pensando nesse espaço no decorrer da história e ocupando o lugar de pesquisa, a maneira como os acontecimentos são registrados também são bases para compreender as relações sociais e seus direcionamentos. A pesquisa tem como proposta um mapeamento de brinquedotecas universitárias brasileiras (desde 1984 até 2022) e suas concepções sobre o brincar, promovendo uma análise histórica sobre o seu processo de construção e em reflexão sobre o espaço da brinquedoteca e a formação docente. Estabelece-se um diálogo com a brinquedoteca universitária como espaço destinado ao brincar, fazendo emergir uma relação com a cultura como fator social e o aspecto formativo, na construção do conhecimento, das políticas públicas e do estreitamento das relações sociais por meio da ludicidade, do brincar e do brinquedo. A pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se de análise bibliográfica (estado do conhecimento), documental, de políticas públicas e entrevistas para concretizar seus objetivos.

Palavras-chave: brinquedoteca universitária; brincar; formação docente.

ABSTRACT

The historical process of education is also related to the concepts built on the ludic and playing over time and the impacts of the same events on the conception of childhood and humanity. Understanding that these processes are interconnected to different aspects of society (cultural, economic, political, etc.), history becomes very relevant to understanding the relationship between changes in the social environment and how humanity is built and related. In this work, the study focus on the toy library, an environment where one can observe and reflect on how social relationships take place, from demands that emerge from communities and in group coexistence through the ludic and play. Thinking about this space in the course of history and occupying the places of research, the way events are recorded are also crucial to understanding social relations and their directions. The research proposes a mapping of Brazilian university toy libraries (from 1984 to 2020) and their conceptions about playing, promoting a historical analysis of their construction process and reflecting on the space of the toy library and teacher training. It is established a dialogue with the university toy library as a space for playing, emerging a relationship with culture as a social factor and a formative aspect, in the construction of knowledge, in public policies and in the strengthening of social relations through playfulness, playing and toys. The research has a qualitative character, using bibliographic analysis in the state of knowledge, documents and public policies and interviews to achieve its objectives.

Keywords: toy library; play; teachers formation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABBri – Associação Brasileira de Brinquedotecas
- ACIEPE – Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão
- APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- BB – Banco do Brasil
- BNC – Base Nacional Comum
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CCHB – Conselho de Ciências Humanas e Biológicas
- CEBRIMP – Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (antigo nome do LABRIMP)
- CEI – Centro de Educação Infantil
- CENESP – Centro Nacional de Educação Especial
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
- CEU – Centro Educacional Unificado
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CNS – Conselho Nacional de Saúde
- CONSUN – Conselho Universitário
- DCHE – Departamento de Ciências e Educação (UFSCar *campus* Sorocaba)
- DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
- DCNI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- DE – Dedicção Exclusiva
- DEDIC – Divisão de Educação Infantil e Complementar (UNICAMP)
- DPSS – *Department of Public Social Services*
- EaD – Educação a Distância
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil
- ENELUD – Encontro Nacional de Educação e Ludicidade
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- FACED – Faculdade de Educação (UFRGS)
- FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP)
FDE – Fundação para Desenvolvimento da Educação
FE – Faculdade de Educação
FEA – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária (USP)
FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
GEPEL – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ludicidade (UFBA)
GEPELINF – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância (UESB)
IACG – Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação
IAIE – Instrumento de Avaliação Institucional Externa
IC – Iniciação Científica
ICT – Programa de Iniciação Científica e Tecnológica
IF - Instituto Federal
INEP – Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
JICA – *Japan International Cooperation Agency*
LABELI – Laboratório de Brinquedos e materiais para a Educação Infantil (UNIFESP)
LABRIMP – Laboratório de brinquedos e materiais pedagógicos (Faculdade de Educação – USP)
LAPED – Laboratório de Pesquisas e Práticas Pedagógicas (UFSCar *campus* Sorocaba)
LUDILIB – Biblioteca sobre o Lúdico (USP)
LUDIPE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Ludicidade Didática e Práxis Educacional (UESB)
MEB – Museu da Educação e do Brinquedo (USP)
MEC – Ministério da Educação
OMS – Organização Mundial da Saúde
ONG – Organização Não Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PESCD – Programa de estágio supervisionado de capacitação docente
PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPP – Projeto Político Pedagógico
PROPQ – Pró-Reitoria de Pesquisa UFSCar
PUC – Pontifícia Universidade Católica
QQB - Quem quer brincar? (UFRGS)
REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais

RP – Residência Pedagógica
RU – Restaurante Universitário
SESC – Serviço Social do Comércio
SESU – Secretaria de Educação Superior
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas
SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SISU – Sistema de Seleção Unificada
SUS – Sistema Único de Saúde
TCC – Trabalho de conclusão de curso
UEAP – Universidade do Estado do Amapá
UESB – Universidade do Sudoeste da Bahia
UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UFPel – Universidade Federal de Pelotas
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UFV – Universidade Federal de Viçosa
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNEBRINQUE – Semana da Criança da Brinquedoteca Universitária Paulo Freire (UNEB)
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esconderijo	33
Figura 2 – Explorando	33
Figura 3 – Folclore	34
Figura 4 – Tintas naturais	34
Figura 5 – Vistas da exposição	37
Figura 6 – Los Angeles Toy Loan	49
Figura 7 – Espaço interno da Los Angeles Toy Loan	50
Figura 8 – Espaço externo da Los Angeles Toy Loan	50
Figura 9 – Planta com a sugestão de divisão da sala ocupada pelo LAPED	88
Figura 10 – Brinquedoteca nascendo com montagem da professora Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi no ano de 2016.	90
Figura 11 – ACIEPE Brincar da Educação Infantil na brinquedoteca do DCHE.	91
Figura 12 – Estudantes da ACIEPE Brincar da Educação Infantil na brinquedoteca do DCHE.	92
Figura 13 – Jogos da brinquedoteca do DCHE.	92
Figura 14 – Organização do espaço da brinquedoteca do DCHE na ACIEPE Brincar da Educação Infantil.	93
Figura 15 – Inauguração da brinquedoteca do DCHE.	93
Figura 16 – Espaço interno da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2010 e 2002, respectivamente.	97
Figura 17 – Espaço interno da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2011 e 2000, respectivamente.	98
Figura 18 – Espaço externo da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2008.	101
Figura 19 – Crianças brincando na brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2007	102
Figura 20 – LABRIMP na mídia ao longo do tempo	104
Figura 21 – Espaço inicial da brinquedoteca BrincaSol.	112
Figura 22 – Organização e Estruturação da sala na Brinquedoteca BrincaSol.	113
Figura 23 – Oficinas na brinquedoteca BrincaSol.	113
Figura 24 – Formações realizadas no espaço da BrincaSol.	114
Figura 25 – Oficinas sobre brincar.	115

Figura 26 – Ateliê lúdico sobre movimento e as diferentes linguagens.	115
Figura 27 – Grupo de estudantes que se dedicaram na reestruturação da brinquedoteca.	116
Figura 28 – Atividades realizadas no espaço da brinquedoteca ao longo do tempo.	117
Figura 29 – Oficina de construção de máscaras.	117
Figura 30 – Oficina de música.	118
Figura 31 – Oficina sobre os sentidos.	118
Figura 32 – Registros do envolvimento dos estudantes nas ações da brinquedoteca.	119
Figura 33 – Oficina de relaxamento e meditação.	120
Figura 34 – Banners de divulgação da brinquedoteca BrincaSol.	120
Figura 35 – Fotografias da brinquedoteca Paulo Freire	125
Figura 36 – Monitores na brinquedoteca Paulo Freire	127
Figura 37 – UNEBRINQUE em comemoração ao Dia das Crianças	130
Figura 38 – Imagens do Projeto Baú Brincante desenvolvido pela professora Antonete	131
Figura 39 – Brinquedoteca da UEAP.	154
Figura 40 – Espaço da brinquedoteca da UEAP.	155
Figura 41 – Casa ribeirinha.	157
Figura 42 – Estudantes da UEAP na brinquedoteca.	158
Figura 43 – Espaço de leitura da brinquedoteca UEAP.	159
Figura 44 – Quem quer Brincar? destaque no jornal Correio do Povo.	163
Figura 45 – Vitrine da idade da pedra na sala da brinquedoteca Faced UFRGS.	164
Figura 46 – Brinquedoteca da Faced UFRGS no ano de 2004.	167
Figura 47 – Notícia Brinquedoteca: novo setor de apoio técnico-acadêmico da Faced.	168
Figura 48 – Reunião de equipe na brinquedoteca da Faced UFRGS.	169
Figura 49 – Visitas lúdicas na brinquedoteca da Faced UFRGS.	171
Figura 50 – Vitrine elaborada com brinquedos de miriti.	173
Figura 51 – 8º Brinca Faced (edição virtual).	176
Figura 52 – Anotação da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa sobre a 6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas.	183

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Estrutura da pesquisa	23
SEÇÃO 1 – QUEM ESCREVE TAMBÉM BRINCA	26
1.1. Brincando com a memória	26
SEÇÃO 2 – VAMOS BRINCAR?	38
2.1. Brincar e cultura	38
SEÇÃO 3 – BRINCAR NA BRINQUEDOTECA	47
3.1. Brinquedoteca e a história	47
3.2. A brinquedoteca no Brasil	51
3.3. Políticas Públicas: brinquedoteca e a formação docente	53
SEÇÃO 4 – REGISTRO DE MEMÓRIAS BRINCANTES	66
4.1. Metodologia de pesquisa no estado do conhecimento	67
4.2. A entrevista como possibilidade de diálogos	69
SEÇÃO 5 – QUEM BRINCA NA FORMAÇÃO DOCENTE?	77
5.1. Descrição das entrevistas realizadas	78
5.2. Sobre as entrevistas	81
5.3. Região Sudeste	82
5.3.1. Brinquedoteca Departamento de Ciências e Educação (DCHE)	82
5.3.2. Brinquedoteca do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP)	94
5.4. Região Nordeste	105
5.4.1. Brinquedoteca BrincaSol	106
5.4.2. Brinquedoteca Paulo Freire	122
5.4.3. Ludoteca Tempo de Brincar	134
5.5. Região Centro-Oeste	142
5.5.1. Brinquedoteca do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	142
5.6. Região Norte	152

5.6.1. Brinquedoteca da Universidade Estadual do Amapá (UEAP)	152
5.7. Região Sul	161
5.7.1. Brinquedoteca da Faculdade de Educação (Faced)	161
SEÇÃO 6 – POR QUE BRINCAR NA UNIVERSIDADE?	178
6.1. Vínculo institucional das brinquedotecas com a universidade	181
6.2. Idealização e implementação das brinquedotecas	188
6.3. As brinquedotecas universitárias brasileiras	198
6.4. Organização do espaço e as propostas brincantes	204
6.5. Quem atua na brinquedoteca?	211
6.6. A brinquedoteca universitária em tempos de pandemia	219
6.7. A formação de um professor brincante	225
SEÇÃO 7 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE BRINCAR NA UNIVERSIDADE	232
EPÍLOGO – DIÁLOGOS SOBRE BRINCAR	243
Entrevista 1: Brinquedoteca do Departamento de Ciências e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) campus Sorocaba.	245
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	266
ANEXOS	274
Anexo I – Lista de Compras – REUNI – Brinquedoteca DCHE UFSCar Sorocaba/SP	275
Anexo II – 6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB)	277
APÊNDICE	278
Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	279
Apêndice II – Termo de Autorização e Concessão para Divulgação de Documentos	282

INTRODUÇÃO

Brincar faz parte da história da humanidade, da vida social e cultural dos indivíduos. Da infância até a vida adulta, a ludicidade se faz presente de maneira espontânea ou premeditada. Dessa forma, o lúdico não necessita de um pressuposto, é uma ação que acontece de forma espontânea. Segundo Johan Huizinga (2019), não é necessário apresentar as características de um jogo para que ele aconteça, ele ocorre sem precisar definir de imediato suas características principais, como uma ação voluntária que não estabelece, a princípio, certos e errados. Acontece num limite de espaço e tempo que interfere em outros aspectos também componentes da realidade social, os quais proporcionam a fruição de diferentes sentimentos.

Ao falar sobre a produção de cultura, Huizinga (2019) coloca o jogo como forma significativa perante sua função social, de modo que brincar, para o adulto, adquire um papel transformador da realidade desde os primórdios da vida. Pode designar significados, atribuir sentido a fenômenos até então inexplicáveis, como a linguagem e a escrita, os mitos, cultos. Ações estas que vão dar abertura para novos aspectos da vida em sociedade.

As brincadeiras permitem que as crianças exteriorizem suas relações com o mundo, assumindo um papel de extrema importância no seu desenvolvimento. Para Tizuko Morchida Kishimoto (2018), por meio do jogo simbólico, as crianças podem lidar com situações que, no contexto real, não podem ter controle. O faz-de-conta, por exemplo, está diretamente ligado à possibilidade de construir uma ponte entre a fantasia e a realidade. Edda Bomtempo (1996) expõe a brincadeira de faz-de-conta como uma experiência que nos torna seres simbólicos, humanos e metaforizados. A brincadeira é uma atividade social e cultural que pressupõe um aprendizado. É uma análise que vem ao encontro do sentido de jogo e cultura empregado por Huizinga (2019), um elemento pré-existente à civilização humana e desencadeador de seus consequentes avanços.

O brincar não só está presente no desenvolvimento da criança como na vida do adulto, com diferentes funções e características, mas também, pertence à sociedade, à história da civilização humana. Ele não só reflete aspectos da cultura de um povo, como também é encontrado na cultura, “como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 1971, p. 6, *apud* BOMTEMPO, 1999, p. 52).

Considerando que a ludicidade do jogo acontece sem precisar de definições prévias e precede a cultura em sua função social, brincar adquire também a característica de promover a permanência dessas atividades através das culturas ao decorrer das gerações, buscando socializar, divertir, ensinar. A ludicidade não é consequência da cultura, mas a cultura assume um caráter lúdico.

O que caracteriza o jogo no papel da construção das relações sociais, conforme apresentado por Huizinga (2019), são as demandas que emergem nas comunidades a partir da convivência em grupo. Favorecendo o surgimento de novas demandas e atribuindo características básicas do jogo à vida no coletivo, ele estabelece determinadas regras e costumes, e, como consequência, novas formas de culturas. Jogar e brincar adquirem um novo significado: contribuir para a permanência desses costumes culturalmente, conforme destacado por Gilles Brougère (1998, p. 104). É um processo que faz com que o jogo aconteça, sendo parte de um meio social e de tempo-espaço e interferindo diretamente no conjunto de regras que fazem parte dessa sociedade. Dessa maneira, o jogo e o brincar se complementam nos dois sentidos, um para as relações sociais e o outro para os fatores que direcionam e interferem nessa mesma sociedade.

É possível, ainda, atribuir o fator histórico no tempo-espaço dos acontecimentos em que o jogo adquire um caráter de descoberta de novas habilidades para o desenvolvimento do ser humano e uma forma de passar esses novos conhecimentos às gerações seguintes. Aqui, o jogo estabelece uma relação dialética, tanto para a concepção de novas culturas, quanto para a permanência destas. Por essa perspectiva, podemos inferir que brincar e jogar são considerados como uma necessidade, seja na contribuição para formação do que é a sociedade, seja para que o que foi atribuído socialmente permaneça por meio da cultura. São aspectos cruciais e que emergem do brincar infantil, com a característica de que, ao alcançar a vida adulta, tornam-se “sérios”, muito embora a seriedade esteja presente também no brincar infantil.

Compreender a importância de brincar interfere diretamente na atuação consciente de educadores no ambiente educacional e escolar. Paulo Freire (1996) considera que a prática educativa é uma prática especificamente humana. O brincar faz parte do que é construído culturalmente em sociedade e relaciona-se às perspectivas do mundo; portanto, a relação entre educadores, educandos e o brincar torna-se necessária, segundo Sirlândia Teixeira (2010). Esses aspectos são reforçados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

Infantil (BRASIL, 2010) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013), compreendendo as crianças como centro do planejamento curricular e destacando-as como sujeitos históricos, de direitos, que produzem cultura e as brincadeiras como um dos eixos norteadores das práticas pedagógicas. Tais aspectos serão detalhados nas seções seguintes.

A brinquedoteca é um espaço destinado ao brincar (CUNHA, 1994; 1996). A brinquedoteca universitária, em especial, pode ser considerada como um espaço de estudos das relações humanas por meio do brincar e da infância, tratando-se da formação para pedagogia. Implica também a vida adulta e os diversos aspectos que compõem a sociedade, sejam históricos, econômicos, culturais e/ou políticos. Implica ainda que a infância faz parte desse processo. A implementação da brinquedoteca passa por diversas discussões que devem ser levadas em consideração para uma atuação plena e responsável na sua utilização, que envolvem o planejamento do espaço físico, organização burocrática e funcional para o atendimento ao público, organização financeira e de apoio para pesquisa, etc. Desse modo, podem ser desenvolvidas atividades neste ambiente para ações sociais, articulando teoria e prática docentes em conjunto com a comunidade.

Segundo Gisela Wajskop (1996), brincar é uma atividade livre e imaginativa, uma das formas de as crianças fazerem cultura e de se inserirem no mundo dos adultos. Assim, é necessário que reflitamos sobre a nossa inserção cultural. Para isso, o primeiro aspecto a ser considerado é o próprio olhar a respeito do que é brincar. Compreender quanto o brincar impactou no seu íntimo e quais impressões foram construídas nesse processo, vivências que contribuem para que estas experiências sejam significativas e possam ser exteriorizadas.

Esta pesquisa se propõe defender as crianças como sujeitos atuantes socialmente, reconhecendo seus direitos e suas múltiplas possibilidades de expressar e existir, dentre elas, destacando o lúdico, a cultura e o brincar. Também defende a profissão docente como uma prática social, distanciando-se do olhar instrumentalizado e limitador do processo educativo. Entende que os educadores se reconheçam enquanto atuantes sociais e brincantes, e que isto implica na sua atuação enquanto docente. Também concebe a brinquedoteca como a possibilidade de um espaço em que estas questões possam ser refletidas por meio do lúdico das brincadeiras. O que são as brinquedotecas no espaço das universidades brasileiras e quais suas contribuições para a formação docente?

Esta pesquisa propõe um enfoque nas suas propostas brincantes e, por meio desta bagagem, pretende recuperar e compreender o processo histórico da construção da brinquedoteca priorizando, pelo menos, uma brinquedoteca por região brasileira,, localizando-a como um importante espaço de formação docente, de acordo com pesquisas acadêmicas e as indicações para as diretrizes dos cursos de pedagogia. Refere-se aqui aos critérios de avaliação indicados pelo Ministério da Educação (MEC), alicerçado pelo Decreto nº 5.773 de 09 de maio de 2006 (BRASIL, 2006a), o qual define ações de avaliação, regulação e supervisão da educação com objetivo de garantir a qualidade do ensino superior. Por meio desse decreto, temos o Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (BRASIL, 2008), apresentado como indicador para critério de análise os laboratórios especializados; e subsidiado pelo Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores em Pedagogia (BRASIL, 2010), que apresenta, além dos laboratórios especializados, o espaço físico da brinquedoteca como indicador para critério de análise para os cursos de pedagogia.

Nosso período de formação como pedagoga pela UFSCar Sorocaba oportunizou o contato com a pesquisa de forma mais aprofundada por meio dos programas de incentivo à pesquisa: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), entre 2017 e 2018, e Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (ICT), entre 2018 e 2019, proporcionando o desenvolvimento na atuação como docente e na pesquisa resultando no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o tema Formação de pedagogos e pedagogas nas brinquedotecas universitárias. Nesse período, realizou-se o reconhecimento de algumas das brinquedotecas universitárias do estado de São Paulo, além da colaboração de atuantes das brinquedotecas, desempenhando um trabalho investigativo sobre a contribuição positiva deste espaço para a formação docente.

Dentre os espaços visitados, pudemos conhecer o Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP), uma figura norteadora para este processo. Trata-se da primeira brinquedoteca universitária, que também impulsionou outras ações em universidades inspirando a pesquisa sobre o brincar e a infância a partir de um espaço elaborado. Uniram-se, com ela, a formação de professores/as e a ludicidade do brincar nos seus aspectos práticos e teóricos. O LABRIMP está situado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e existe desde 1984; porém, foi inaugurado oficialmente em 1988.

[...] o LABRIMP especializou-se no estudo e pesquisa de brinquedos e materiais pedagógicos, no aperfeiçoamento da qualidade da formação

metodológica do educador, razão pela qual, vincula-se ao Departamento de Metodologia da FEUSP (LABRIMP, [s.d.]).

As possibilidades que o espaço do LABRIMP proporciona, atrelado às questões que surgiam durante o estudo, ressaltou a necessidade de acessar os registros dos trabalhos realizados no local. Portanto, durante a pesquisa foi realizado um levantamento dos artigos publicados no *site* do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) da Universidade de São Paulo (USP) no qual foram exibidos 246 resultados, somando todos os termos pesquisados e restringindo-se aos resumos desses trabalhos entre os anos de 1992 a outubro de 2019. Desses, 20 artigos estão diretamente relacionados ao uso das brinquedotecas ou ludotecas, 3 são sobre o LABRIMP e 6 não estão especificamente relacionados à formação docente.

A trajetória e o trabalho desenvolvido tornam o LABRIMP uma brinquedoteca modelo para outras brinquedotecas e universidades. A disponibilidade dos materiais desenvolvidos e divulgação sobre os espaços das brinquedotecas e das ludotecas reforça seu potencial para a formação docente e o incentivo para novas pesquisas. No contexto das universidades, é visível a resistência em promover as condições necessárias para permanência das brinquedotecas. Essas condições vão desde questões burocráticas de formalização documental, contratação e preparo adequado de funcionários e estudantes à infraestrutura das brinquedotecas e ludotecas. Produzir e divulgar pesquisas realizadas nesses espaços é, ao mesmo tempo, comprovar os impactos do brincar, do brinquedo e da brincadeira na construção social e cultural por meio do lúdico e evidenciar o trabalho de educadores no seu processo formativo, compreendendo e fazendo compreender a infância como processo do desenvolvimento humano e que o brincar é extremamente sério neste processo.

Após a graduação em pedagogia, em 2019, ingressamos no mestrado em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar Sorocaba, em 2021, com a proposta de continuar a pesquisa sobre as brinquedotecas universitárias. Este período nos proporcionou cursar algumas disciplinas como aluna especial, como “Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil” ministrada pela professora Tizuko Morchida Kishimoto, uma das principais referências para a pesquisa aqui proposta e responsável pela primeira brinquedoteca universitária brasileira, o LABRIMP. Ou a disciplina “Infância e cidade: tópicos em educação e ciências sociais”, ministrada pela professora Márcia Gobbi. Ambas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP. Também foi realizado, no âmbito da UFSCar, o estágio supervisionado de capacitação docente (PESCD) acompanhando na graduação em pedagogia a disciplina “Educação e infância: processos

específicos do trabalho na Educação Infantil”, ministrada pela professora Maria Walburga dos Santos.

Estas e as demais disciplinas cursadas oportunizaram a troca e aprofundamento de saberes, referenciais teóricos e experiências que contribuíram ricamente para o desenvolvimento da pesquisa. Importante ressaltar que, durante este período, foram realizados aprofundamentos teóricos e o levantamento de dados para a pesquisa e a divulgação e compartilhamento dos resultados obtidos em congressos, seminários e demais eventos nacionais e internacionais com apresentações de comunicação oral e pôster. Também houve aproveitamento das participações para a escrita e publicação de textos completos e resumos em anais, além de artigos submetidos em revistas acadêmicas. Estas apresentações possibilitaram o diálogo com outros pesquisadores da área, orientações para a pesquisa e maior aprofundamento sobre os temas propostos.

As experiências vivenciadas permitiram compreender a importância da relação do brincar e o olhar docente nos diferentes contextos em que a brinquedoteca é um espaço de experimentações. Os estudos das relações humanas acontecem por meio do brincar e da infância, tratando-se da formação de pedagogos/as, mas tem implicações também na vida adulta e nos diversos aspectos sociais. Reconhecer a relação entre a ação de educadores e a atividade lúdica torna a docência ainda mais importante; para isso, uma formação adequada é crucial. A graduação em pedagogia deve proporcionar ao estudante compreender o brincar nos diversos elementos que compõem essa ação: teórico, prático e crítico. Uma formação não estritamente técnica, mas reflexiva, problematizadora e transformadora da realidade embasada em reflexões teóricas que orientam as práticas educativas. Todas estas oportunidades de refletir sobre o brincar e a formação para a docência foram fortalecendo a proposta e a relevância da pesquisa nesta trajetória que está sendo construída. Como um dos resultados desta construção, temos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que acreditou nesta proposta e na potência dos estudos sobre as brinquedotecas universitárias brasileiras e seu caráter formativo para a docência com a concessão da bolsa de mestrado de fluxo contínuo.

A proposta de aprofundamento sobre a história das brinquedotecas universitárias traz consigo uma bagagem do processo de construção desse espaço nas macrorregiões brasileiras e, por consequência, um aprofundamento no conceito atribuído ao brincar considerando aspectos culturais, regionais, pedagógicos, normativos, econômicos, entre tantos outros que

fazem parte da construção social do espaço das brinquedotecas. Busca salientar a necessidade desse espaço para a formação docente na sua atuação no campo da educação, contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão atrelado a um fator social. Com a finalidade de aprofundar os aspectos normativos e legislativos que envolvem o espaço das brinquedotecas, relaciona a apresentação destas nos Projetos Pedagógicos das universidades, referentes ao curso de pedagogia, e mapeia o processo histórico de construção e encaminhamento das brinquedotecas.

Destaca-se a data de 1984 como a criação da primeira brinquedoteca universitária brasileira e as brinquedotecas mais recentes, estabelecendo o recorte temporal da pesquisa a partir de 1984 até 2022. Delimita-se como objetivo principal da pesquisa realizar um reconhecimento da história de brinquedotecas brasileiras em universidades a partir de 1984, data da criação da primeira brinquedoteca universitária, até 2022, buscando compreender e comunicar suas concepções a respeito de brincar e as contribuições à formação docente em Pedagogia. O período de tempo delimitado possibilitou a conversa com diversas pessoas atuantes de brinquedotecas nas cinco regiões brasileiras, conhecendo a história de cada espaço em diferentes momentos, desde a entrevista com a professora Tizuko Morchida Kishimoto e a primeira brinquedoteca universitária na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), até brinquedotecas que estão em processo de implementação para futura inauguração. Os objetivos específicos são destacados pelos seguintes pontos: reconhecer o processo histórico de brinquedotecas universitárias brasileiras e seu papel na formação na formação e prática da docência; conhecer as propostas e concepções teóricas e práticas de brinquedotecas universitárias em diferentes regiões brasileiras, refletindo sobre o contexto histórico, sua dimensão formativa, cultural e social; estabelecer diálogo entre a brinquedoteca universitária e a formação docente em relação às Políticas Públicas, significando o brincar na interface com a cultura e como fator social; considerar a brinquedoteca universitária um aspecto formativo para a docência, na produção do conhecimento, no fazer docente e no estreitamento das relações sociais por meio da ludicidade, do brincar e do brinquedo.

Estrutura da pesquisa

Para detalhamento da estrutura da pesquisa, iniciamos com um memorial, na primeira seção, que descreve a trajetória com o brincar e de reconhecimento enquanto brincante da autora. Nesta escrita, vão sendo traçadas duas histórias relacionadas às memórias na

perspectiva das brincadeiras e da formação para a docência, em que a autora vai costurando suas experiências com a infância e as referências que vão se tornando marcantes na sua trajetória, e ressaltam as relações que foram sendo construídas culturalmente e compondo a sua história.

Em seguida, na segunda seção, realizamos um aprofundamento bibliográfico com finalidade de embasar a pesquisa e definir qual o embasamento teórico sobre brincar seria abordado, ressaltando a cultura e a ludicidade das relações sociais construídas a partir do jogo e do brincar. Destacamos os autores como suporte: Johan Huizinga (2019), Gilles Brougère (1998), Tizuko Morchida Kishimoto (2011) e outros/as, cujas reflexões são base do trabalho nas brinquedotecas; também há a relevância de suas produções no campo da educação para definir aspectos relacionados ao jogo, ao brincar e ao lúdico.

Na seção seguinte, realizamos um aprofundamento bibliográfico no estado do conhecimento para a contextualização histórica das brinquedotecas e ludotecas, dialogando com os registros históricos sobre estes espaços no decorrer do tempo e depois para a formação docente. Ressaltamos características do espaço físico e funcional das brinquedotecas no decorrer do tempo, com as autoras Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira (2010), Nylse Helena da Silva Cunha (1996), Tizuko Morchida Kishimoto (2011) e Santa Marli Pires dos Santos (2000).

Finalizamos com destaque às políticas públicas para a formação docente no Brasil e como as brinquedotecas aparecem nos documentos de avaliação, regulação e supervisão do ensino superior considerando direito ao brincar, ao lúdico e a cultura e os sujeitos como históricos-culturais e suas implicações para a formação docente. Trazendo Tizuko Morchida Kishimoto (2011) para diálogo com as questões normativas e Monica Appezzato Pinazza e Marcia Aparecida Gobbi (2015), Cristina D'Ávila (2008), António Nóvoa (2019) e Gisela Wajskop (1996) para relação entre a formação docente e brincar.

Na quarta seção detalhamos os aspectos metodológicos, justificando o recorte temporal da pesquisa e pontuando algumas abordagens no sentido historiográfico, com o aporte bibliográfico no estado do conhecimento, documental e do registro da memória. Apontamos como aporte teórico à abordagem da pesquisa o sentido de história e historiografia com Maria Amália Pie Abib Andery (2007) e Eric Hobsbawn (1998), bem como o sentido da experiência em Walter Benjamin (2009) e Jorge Larrosa Bondía (2002).

Também refletimos sobre o registro da memória como elemento histórico com Júlio Pimentel Pinto (1998) e Jeanne Marie Gagnebin (1998). Este aporte teórico embasa a escolha da pesquisa no estado do conhecimento com Marília Costa Morosini e Cleoni Maria Barboza Fernandes (2014) e a opção pela entrevista episódica em Martin W. Bauer e George Gaskell (2002) e Uwe Flick (2002) como uma possibilidade para destacar as experiências e memórias no decorrer da pesquisa a partir da conversa com os atuantes das brinquedotecas universitárias. Finalizamos com as etapas para levantamento de dados sobre as brinquedotecas brasileiras e estabelecimento de contato com os atuantes nestas brinquedotecas.

Na quinta seção, realizamos uma exposição das entrevistas realizadas, apresentando as brinquedotecas universitárias e as professoras convidadas na contação da experiência vivenciada por elas. Ressaltamos nas entrevistas algumas questões sobre o espaço das brinquedotecas na universidade.

Já na sexta seção, propomos um diálogo entrelaçando essas experiências numa tentativa de conhecer o que aproxima e distancia as brinquedoteca universitárias brasileiras na sua idealização, implementação, propostas brincantes e formativas. Para isso, fomos destacando algumas temáticas que percorreram as conversas durante as entrevistas articulando-as e resgatando alguns autores que fomos trabalhando no decorrer da pesquisa como Kishimoto (1996; 2011; 2018), Brougère (1997; 1998), Nóvoa (2019), Hobsbawm (1998), D'Ávila (2008), Cunha (1994; 1996) e outros.

Para as considerações finais, na seção 7, retomamos brevemente o que foi trabalhado no decorrer da pesquisa e finalizamos pontuando algumas observações relevantes sobre a temática das brinquedotecas universitárias para a formação docente relacionando ao estudo realizado e suas possíveis contribuições.

SEÇÃO 1 – QUEM ESCREVE TAMBÉM BRINCA

Ao iniciar esta pesquisa com a escrita de um memorial, apresentamos também o lugar de quem escreve este trabalho. Parece justo com o/a leitor/a conhecer um pouco da história de quem a escreve, uma maneira de me apresentar enquanto estudante e educadora partindo do olhar sobre as experiências vividas com o brincar, a escrita de si, assim como propõem Sandra Cristinne Xavier da Câmara e Maria da Conceição Passeggi (2012).

O memorial autobiográfico, tomado aqui no sentido bakhtiniano, torna-se elo na tessitura discursiva acadêmica, marcada, de um lado, pelo conjunto determinado de gêneros constitutivos dessa esfera comunicativa e, ao mesmo tempo, pela plasticidade da linguagem. Injunção e reinvenção estão, portanto, na raiz linguística do dizer-se. Essa tensão se estende para outras dimensões da escrita do memorial autobiográfico, uma vez que, como gênero da memória, o autor do memorial penetra em suas narrativas pretéritas para questioná-las, para dessacralizar e atualizar seus saberes. O que a memória conferiu certa estabilidade se submeterá a um novo contorno, a partir do qual espaços de formação e de aprendizagem podem ser reconceitualizados (CÂMARA, 2012, p. 141).

A escrita deste memorial desenha o caminho percorrido para me reconhecer como brincante, no meu fazer histórico e cultural e a construção de significados por meio desta bagagem. Considerando o brincar e o jogo como aspectos que compõem a cultura, consideramos que brincar torna-se uma experiência única na subjetividade do indivíduo que joga, que brinca, que cria e experimenta a ludicidade das brincadeiras. Brincar pode ser individual e coletivo, pode proporcionar experiências diversificadas e fazer parte da nossa construção e compreensão sobre ser e existir nos diferentes contextos, além de poder criá-los e modificá-los. Acredito que é por este motivo que chego até as brinquedotecas.

1.1. Brincando com a memória

Tenho duas histórias para contar sobre me descobrir pedagoga. Uma começa em 2011 e a outra começa bem antes, ainda quando criança. As duas falam sobre vivências, sobre bagagens, sobre processo. Porém, uma fala sobre o caminho que escolhi – mesmo sem saber que estava escolhendo – e a outra, fala sobre um caminho que eu não decidi caminhar por vontade própria. Proponho contar estas duas histórias simultaneamente, então, para não me perder na contação dessas histórias, vou dar nomes a elas: uma se chamará *Memórias do Processo* e a outra, *Memórias de Brincar*.

Como disse, minhas *Memórias do Processo* começam em 2011, quando ingressei no magistério, quando tive meu primeiro contato com a educação para a docência. Não escolhi

me inscrever para o curso do magistério. Sempre morei em uma cidade pequena, cuja Escola Municipal central sempre foi muito bem-vista pelos moradores. Para que eu pudesse sair das escolas de periferia, meus pais optaram por me matricular na escola central que, em seu julgamento, poderia me oferecer melhores oportunidades nos estudos. Ocasionalmente, esta escola oferecia o curso do magistério integrado ao Ensino Médio. E lá eu estava pela preocupação e cuidado de meus pais.

A segunda história, *Memórias de Brincar*, não tem uma data certa para começar. Ela começa comigo, mas também antes de mim. Começa com meus pais, familiares, amigos e amigas. Começa com os que vieram antes, junto e depois de mim. É um pouco menos precisa e um tanto mais complexa. Na verdade, as *Memórias de Brincar* são mais um apanhado sentimental e sensorial das experiências vividas no meu processo de me tornar educadora do que uma história com começo, meio e fim.

Dessa forma, vou começar contando a primeira lembrança da escola, ou melhor, da pré-escola na Educação Infantil. Meus pais trabalhavam o dia todo, assim, era necessário que eu permanecesse na escola no período integral. Não posso dizer que gostava disso, já que minhas lembranças destacam minha resistência em me despedir da minha mãe e lutar todos os dias para não colocar o uniforme. Apesar da pouca idade, me recordo claramente da tortura da “hora do sono”. Nunca entendi por que precisava dormir sem estar com sono, quando preferia estar brincando. Após a escola, passava o fim da tarde com minha madrinha, de cuja casa me recordo, com o cheiro do café, com a luz do sol refletida na janela enquanto brincava com meus bonecos. Esperava a volta de meu pai do trabalho para, enfim, ir para casa.

No magistério, comecei a estudar sobre infância e as fases do desenvolvimento, sobre métodos e metodologias. Iniciei o contato com alguns autores e autoras os quais não conhecia ou com os quais não tinha tanto contato ou aprofundamento anteriormente. Nas *Memórias do Processo*, comecei as leituras sobre Piaget, Vigotski, Freire, Montessori, Freinet e outros/as. Enquanto isso, nas *Memórias de Brincar*, me encantava com os livros que minha mãe me presenteava. Ter uma mãe leitora e que trabalhou durante vinte e muitos anos em uma livraria me tornou uma pessoa privilegiada e rodeada de histórias, Histórias e estórias. Guardo com muito apreço meu primeiro livro: *Adivinha Quanto Eu Te Amo* de Sam McBratney (1996) e ilustração de Anita Jeram. Ganhei quando nasci com as dedicatórias das amigas de minha mãe. Hoje, penso em quantas pessoas puderam ter o acesso à leitura pelo

prazer de fazê-la, pela beleza das infinitas possibilidades de um livro. Diria que ler foi meu primeiro presente, que a literatura infantil me acolheu quando criança e nas repetidas vezes que pedia para minha mãe ler meus livros favoritos. E os livros seguem me encantando no agora, na vida adulta.

Rememorando o processo de formação, gosto de dizer que o curso do magistério me ensinou a ser professora. Ensinou a estar em sala de aula e como ensinar. Durante as aulas, os estágios e as atividades curriculares, realizei projetos, conheci escolas, construí murais, planos de aula etc. Sempre com o apoio de duas professoras que lecionaram as disciplinas específicas de docência e metodologias. Uma delas me marcou por sua postura e abordagem durante as aulas; ela foi a primeira que me apresentou Paulo Freire em sua boniteza e que me instigou a pensar a educação e a docência para além do currículo.

Porém, a primeira leitura sobre este novo “ser professora” que me fez repensar meu olhar sobre educação foi *A paixão de conhecer o mundo*, de Madalena Freire (2003), filha de Paulo Freire. Esta leitura expressa a infância que é constantemente impulsionada pela curiosidade, em que o brincar acontece sem julgamentos e é exercido puramente pela óptica da descoberta. A obra de Madalena me provocou a analisar minhas descobertas durante a infância e que, intencionalmente ou não, sempre me incentivaram a ser e descobrir sem grandes limitações. Aqui, o brincar tomou proporções determinantes no meu processo de formação.

Nas *Memórias de Brincar*, meus pais constantemente me recordavam das minhas duas únicas “obrigações de criança”: ir bem na escola e brincar. E eu amava brincar com tudo e qualquer coisa. Brincava com minhas bonecas, com carrinhos, amava desenhar e criar histórias com os desenhos, construir coisas. Tenho muitas *Memórias de Brincar*, com brinquedos e com “não brinquedos”, considerando o sentido de brinquedo que apresenta Brougère (1997, p. 14), “[...] no brinquedo, o valor simbólico é a função”. Várias vezes deixava minhas bonecas de lado para construir minhas próprias com papel ou outros objetos, transformar algum móvel em casinha ou uma caixa em carro. Tomava conta dos espaços, ocupava os cômodos da casa para construir cidades, lojas, casas, obstáculos e tudo que fosse necessário. Dedicava-me muito à construção destes espaços, às vezes horas, dias. E todos precisavam ter tanto cuidado quanto eu para desviar dos obstáculos, frequentar minhas lojas, visitar minhas casinhas. Também, paciência para dias de ocupação do mesmo espaço, afinal,

minha loja precisava abrir no dia seguinte e minhas bonecas ainda precisariam de casa amanhã.

Em 2014, concluí o magistério, porém ainda não havia me convencido de que a docência poderia ser um caminho a seguir profissionalmente. Realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sem muitas pretensões de ingressar em uma universidade ou qual curso escolher para a graduação. Fiz a inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SISU), mas não consigo recordar em que momento escolhi pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Não tinha muito conhecimento sobre notas de corte e as estratégias que eram necessárias para escolher as universidades. No entanto, para minha surpresa, obtive um bom desempenho no ENEM e me classifiquei para iniciar o curso. Em 2015, com as *Memórias do Processo*, iniciava minha formação em pedagogia pela UFSCar, *campus* Sorocaba.

Uma das minhas brincadeiras favoritas sempre foi “escolinha”. Em minha *Memória de Brincar* de escolinha, reproduzia todas as vivências que presenciava na minha rotina escolar. Ora professora, ora aluna; definia o espaço da sala, as horas de aula, as séries, separava quais livros seriam utilizados para preparar a exposição. Reproduzia as falas das minhas professoras, os trejeitos, até mesmo as broncas. Em meio aos meus brinquedos, nunca faltou giz de lousa e um quadro para escrever. Naquele período, compreendia que aquela era a única configuração possível de escola, da relação aluno/a - professor/a. Não havia vivenciado outras possibilidades que me marcassem mais do que a disposição das mesas e cadeiras em fileiras.

A universidade me permitiu outros olhares, não só sobre a infância, mas sobre a realidade. Olhares que ainda não podia compreender em sua complexidade, já que, iniciar a graduação em pedagogia foi um processo de ressignificar as práticas que havia aprendido no magistério. Um aprofundamento ou um “mergulho de cabeça” na compreensão da subjetividade humana nos seus diversos aspectos. As *Memórias do Processo* de formação docente começavam aparecer de forma mais instigante e cheia de inquietações. Percebo que a formação apenas para preparar professores/as para a execução do trabalho não é o suficiente quando me vejo parte de um contexto cultural histórico cheio de contradições. E me encontro com Freire novamente. Este reencontro me permite, mais uma vez, refletir sobre a diversidade de realidades vividas e constantemente limitadas por contradições sociais. Entender o lugar do sujeito dentro desta realidade, fadado ao meio em que foi destinado, aos

papéis de opressor e de oprimido. E, o mais importante, compreender que somos seres em constante mudança e em movimento de superar estas contradições vividas. Compreender nosso papel enquanto educador/a para valorizar a vida em suas diversas faces, mas compreendendo a vida como algo inteiro, completo, de direito de todos.

A esta altura, já não tinha mais dúvidas: sabia que a educação fazia parte da minha história e do que eu poderia oferecer no limite da minha atuação neste mundo. Aproveito para retomar as memórias das *Memórias de Brincar* de que falava anteriormente. Ao brincar de escolinha, deparo-me com o que estar na escola significava para mim naquele momento. Aquela era a forma de expressar as experiências que vivenciei, mas com a liberdade de expressá-la pela minha óptica, pela minha interpretação do que era ser a professora naquele momento. Mais uma vez, o brincar assume protagonismo no meu olhar sobre a docência. Sobre a construção de concepções e valores que acarretam em uma bagagem cultural. De um brincar que acontece por meio do lúdico e que está inteiramente ligado à imaginação, e que permite à brincadeira adquirir um carácter paralelo à realidade, mas completamente presente no contexto que a cerca no momento da brincadeira. Um brincar que me fazia entrar num mundo imaginário, porém, presente.

Observo a minha infância agora pela relação entre a realidade e a fantasia, o brincar simbólico que Tizuko Morchida Kishimoto (1996) apresenta em seus estudos. Começo a destrinchar a trama entre a minha relação com o mundo, exteriorizada pelo brincar na infância, com as minhas projeções sobre a realidade depois de crescida. Uma recuperação de mim mesma entre padrões de beleza e o fascínio por bonecas Barbie, como bem pontua Fernanda Roveri (2012) sobre essa boneca na educação de meninas. A desconstrução do núcleo familiar composto por mãe, pai e filhos e filhas quando configurava meus núcleos familiares com ou sem filhos/as, com ou sem um parceiro romântico. A expressão da independência da mulher quando me representava bem sucedida no trabalho pela minha capacidade, mas também, na representação da mulher cuidadora, que se sente responsável por resolver tudo para todos. Pelas limitações de gênero que poderiam me julgar se eu quisesse ou não brincar de carrinho, de corrida, jogar videogame ou brincar com um amigo do sexo masculino.

Continuando as *Memórias de Brincar*, brinquei até o início da minha adolescência. Entre os meus 12 e 13 anos já não comentava mais com meus colegas sobre minhas brincadeiras de boneca ou de casinha, pois já eram adolescentes e estas eram “brincadeiras de

criança”. As brincadeiras de crianças crescidas eram os jogos de vôlei, andar de bicicleta pelo bairro, campeonatos de videogame ou esperar anoitecer para brincar de esconde-esconde. Brincadeiras que nosso grupinho considerava desafiadora, com um grau de dificuldade maior e que nos davam um certo tom de domínio do espaço, da rua, do bairro. Eram brincadeiras que eu também adorava, mas não me faziam desgostar das “brincadeiras de criança”.

Nas *Memórias do Processo*, me dei conta de que sempre me referia ao brincar no passado, como algo distante e que já não fazia parte da vida adulta. Nunca concordei com a ideia de que o brincar cessasse na infância, mas, por algum motivo, ele foi deixando de ser citado depois de crescida. Não acredito que parei de brincar, mas o brincar tomou novos significados, novos formatos. O lúdico se apresenta de outras formas que não mais o brincar da infância. Distanciamos-nos cada vez mais do imaginário, da fantasia, do faz-de-conta. Características que, se relacionadas à vida adulta, podem ser comparadas à situação de um lunático, de alguém que não deveria estar fora da realidade, porque limitamos nossa capacidade de criar. E foi ao me deparar com este limite criativo que, inconscientemente, senti a necessidade de me reconectar com o que me inspirava criar. Pelas *Memórias de Brincar*, me coloquei à disposição das culturas que fazem a ponte entre o Eu e a música, a dança, o corpo, a voz, a história, o desenho, a natureza... Acho que descobri que brincar também está no maracatu, na yoga, nas horas dedicadas ao desenho, nos registros da fotografia, na caminhada no parque, na roda de coco e tudo mais que nos traz significado e faz ter liberdade de ser.

A docência exige muito estudo de grandes autores, conhecimento dos conceitos e teorias científicas. Entretanto, a docência também exige o conhecimento de si. Conhecer a própria história faz parte da formação para a docência, é este conhecimento que permite nos reafirmar enquanto sujeitos que vivem e fazem história. É este conhecimento que também nos possibilita compreender a importância da história do outro e quanto tudo isto nos afeta no coletivo. É a não separação do sujeito do meio social, como explica Franco Ferrarotti (2014, p. 42):

O indivíduo não é epifenômeno do social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um polo ativo, impõe-se como uma práxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da subjetividade.

Brincava dentro, mas também brincava fora. No quintal amplo, na praça, na rua longa e sem trânsito. As viagens para o campo me empolgavam para a descoberta de um novo espaço, novas formas de explorar. Brincar com terra, com as folhas das árvores, a caminhada na margem do rio ou na areia molhada. *Memórias de Brincar*, de construir túneis de areia com paredes resistentes o suficiente e que permitissem a passagem da água. Cozinhar com folhas e lama preparando os mais variados pratos. Posso dizer que as férias que marcaram minha infância foram as semanas na casa da minha tia-avó, onde eu podia brincar com a areia da praia e me aventurar nas ondas do mar, ou então no sítio com minha avó, onde eu podia observar o rio e escalar as colinas observando as estradas e as casinhas pequenininhas. O contato com a natureza me encanta pela grandiosidade que expressa, ao mesmo tempo, com força e delicadeza. Ela nos relaciona com um outro tempo, um tempo mais lento, desacelerado.

O menino rico

Nunca tive brinquedos.
 Brinco com as conchas do mar
 E com a areia da praia;
 Brinco com as canoas dos coqueiros
 Derrubados pelo vento;
 Faço barquinhos de papel!
 E minha frota navega
 Nas águas da enxurrada;
 Brinco com as borboletas nos dias de sol.
 E nas noites de lua cheia
 Visto-me com os raios de luar.
 Na primavera teço coroas de flores perfumadas.
 As nuvens do céu são navios, são bichos, são cidades
 Sou o menino mais rico do mundo,
 Porque brinco com o Universo,
 Porque brinco com o infinito.
 (Maria Alice do Nascimento e Silva Leuzinger)

A pesquisa se fez cada vez mais presente nas *Memórias do Processo* de formação. Participei de alguns programas de incentivo à pesquisa durante a graduação, começando pelo PIBID, em 2017, no qual pude experienciar a docência em parceria com meus colegas de grupo em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Sorocaba. Porém, antes de falar sobre minha experiência no PIBID, gostaria de compartilhar sobre meu primeiro estágio na graduação em uma Escola Waldorf. A escola apresenta uma abordagem baseada na antroposofia e busca integrar o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico de seus/as estudantes, de maneira holística. Apesar da possibilidade de acesso restrito pelas condições socioeconômicas e de alguns conceitos dessa abordagem que não se

aplicam ao contexto brasileiro de educação, o estágio me proporcionou refletir sobre a relação do brincar fora e o contato com a natureza e com o que é natural. Uma outra perspectiva sobre o espaço de pertencimento das crianças que reconfigura a organização da sala de aula, a relação com o brincar e com os espaços de dentro e de fora da sala de aula. O brincar livre na natureza é um aspecto indispensável neste olhar holístico.

Este contato inicial me fez querer registrar esta relação com o brincar. Registros que compõem uma coleção de fotografias durante meu tempo de estágio na escola e que sempre me fazem pensar no direito à apropriação do espaço pela criança e ao não emparedamento do brincar, na perspectiva apresentada por Edda Bomtempo (1996). A partir deste momento, não parei mais de fotografar. *Memórias de Brincar* que, pela fotografia, tem a precisão de capturar um momento em imagem. Tem significado no momento do registro, no entanto, pode adquirir outros significados no decorrer do tempo, na diversidade de interpretações possíveis, das vivências que permitem revisitar o passado e atribuir um novo sentido a ele.

Figura 1 – Esconderijo



Fonte: arquivo da autora.

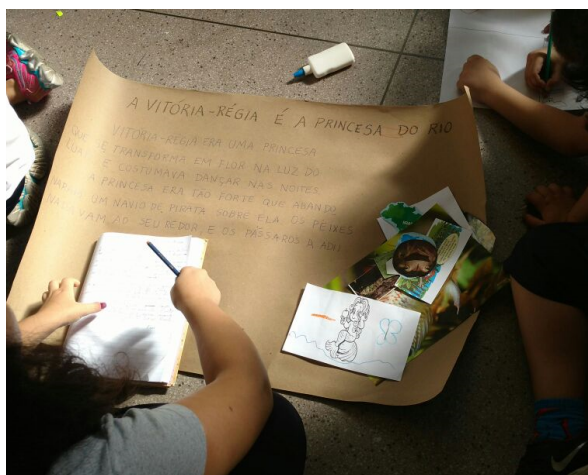
Figura 2 – Explorando



Fonte: arquivo da autora.

Voltando ao PIBID, me deparo com os limites do espaço da escola envolta por muros e grades que determinam quando, como e por onde as crianças podem ou não passar. O brincar livre é inexistente, mesmo com a resistência das crianças que são constantemente repreendidas. A relação com o externo deveria acontecer por outros meios de relação com o espaço, com o contato com a cultura, pela identificação com a sua história, pelo significado de estar em contato com a terra ou com a tinta sem a preocupação de se sujar.

Figura 3 – Folclore



Fonte: arquivo da autora.

Figura 4 – Tintas naturais



Fonte: arquivo da autora.

Percebo que compreender o brincar para a formação docente é urgente. Quando brinco, relaciono-me com o contexto em que estou inserida e com a minha individualidade, exteriorizo estas relações pela forma como me compreendo neste espaço. Os aspectos que interferem nas construções sociais, considerando as características humanas e sua subjetividade, fazem do brincar inseparável da formação para a docência. E, para isso, o brincar deveria estar não só na infância, mas também na vida adulta. Questiono-me em que lugares no meu processo de formação como pedagoga eu pude brincar? E nesta reconexão com a infância, deparo-me com as brinquedotecas.

Meu primeiro contato com a brinquedoteca foi na UFSCar, no início da graduação em 2015, quando o espaço era concretizado com a chegada do mobiliário. Este era um assunto recorrente entre os estudantes e docentes. Em 2018, reencontro-me com este espaço devido ao convite da professora Maria Walburga dos Santos para iniciar um projeto de Iniciação Científica e Tecnológica (ICT), em que poderia me debruçar sobre este espaço para a formação docente no contexto das universidades. Aceitei o desafio e iniciei a pesquisa, na

qual tive o feliz acolhimento e amparo da professora Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, que me orientou durante a conclusão do projeto Formação docente e o uso das brinquedotecas: um estudo sobre as brinquedotecas públicas do Estado de São Paulo. Estudo que se expandiu para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Formação de pedagogos e pedagogas nas brinquedotecas universitárias, na graduação, novamente sob orientação da professora Maria Walburga dos Santos. Estas pesquisas me permitiriam traçar novos caminhos mais adiante, na pós-graduação.

A relação com o brincar e com o processo de formação borbulha em meus pensamentos e percebi que a brinquedoteca se revelava um espaço cheio de possibilidades de encontros através do brincar e do lúdico. No processo de me reconhecer enquanto brincante, identifico a minha história com o meu processo de pesquisa. É neste processo de compreensão de mundo que o conhecimento se constrói, no observar, na experimentação e na reflexão dos acontecimentos. É considerando a educação para a reflexão e a transformação social que vejo na brinquedoteca uma possibilidade para esta reconexão com o nosso “eu brincante”, capaz de aproximar a academia das demandas sociais, culturais e históricas que são deixadas em segundo plano ou tratadas como menos importantes.

O brincar se fazia necessário mais uma vez e viver as experiências são meios que nos permitem compreendê-las. No processo de escrita deste memorial, percebo que nossas duas histórias já não podem caminhar separadas. As *Memórias do Processo* são as *Memórias de Brincar* e as *Memórias de Brincar* são as *Memórias do Processo*. Uma desconstrução da realidade adulta para me encontrar na minha infância. Restabelecer a conexão com a criança que já tinha história.

Já encaminhando para o final destas memórias de se tornar educadora, gostaria de compartilhar uma última história. Em 2017, tive a oportunidade de visitar a exposição Linhas de Histórias – o livro ilustrado em sete autores, com curadoria de Stela Barbieri, Fernando Vilela e Odilon Moraes. A exposição apresentava as ilustrações originais de livros de literatura infantil. A experiência de estar tão pertinho das ilustrações dos meus livros de infância me fez recordar do quanto gostava daqueles momentos de leitura das palavras e das imagens. Fez-me recordar do quanto gostava de desenhar e construir minhas próprias histórias através das figuras que traçava. Fui me reconectando com o desenho que hoje é uma das formas de me expressar por meio das linhas, das curvas, sombras. Nem sempre com um formato definido, às vezes inacabado, com ou sem linhas padronizadas. Acredito que, por

meio deles, materializo sentimentos, ideias, conflitos. O processo de escrita deste memorial reúne os fatos que compõem a minha trajetória e as experiências cujo valor permanecia intrínseco à minha caminhada. Reunir minhas *Memórias do Processo* e as *Memórias de Brincar* me leva a um movimento de existir em constante mudança que me faz enxergar este conjunto de histórias como um desenho: a expressão de quem sou por meio dos traços que marcaram a minha existência.

Minha história como educadora começou com o brincar e é por brincar que escrevo este memorial. Começou sem eu sequer me dar conta de que havia começado. Começou com meu pai, com minha mãe, com a escola, com as/os professoras/es, com os/as alunos/as, com as/os tias/os. Começou com outras histórias, com livros, com brincadeiras, brinquedos, desenhos, fantasias. Começou, mas não termina ao fim desta escrita. Uma história que continua e sempre muda. Então, para costurar as memórias que aqui apresento, deixo um trecho da Carta à Paulo Freire que produzi com queridos amigos e amigas: Ademir da Silva Pinheiro, Andreia Lucia da Silva, Cynthia Faria Oliveira, Gabrielly de Sousa Moraes, Luciane Maria dos Santos, Marília de Moraes Benini, Patricia Aparecida Cordeiro, Paulo Roberto de Lima e Tatiane Oliveira Santos Nascimento (2021, pp. 585-586) para o Ciclo de Leituras de Paulo Freire da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e finalizo com a arte de Sonia Gomes (2012), *Riscos do tempo*:

[...] Mediatizados pelo mundo
Somos eternos educandos
Tantas buscas e a busca constante
De não desistir
Nos movemos como gente
Reconhecendo múltiplos atores e saberes
Trazemos conosco mais que a espera,
A esperança!
Não há homem no vazio
Assim você nos disse, assim somos nós
Atravessamos e somos atravessados por essas histórias
Vivências, culturas, experiências...
Ao final temos uma trama
Diversas histórias costuradas
Um às outras

“... *Veio-me à memória a exposição da artista Sonia Gomes: Risco do Tempo. Nesta exposição, ela apresenta algumas esculturas construídas a partir da costura de retalhos de tecidos doados ou da própria artista. Cada retalho conta uma história. Ao final temos uma trama de diversas histórias costuradas umas às outras...*”

Figura 5 – Vistas da exposição



Fonte: exposição *Riscos do tempo*, por Sonia Gomes.

SEÇÃO 2 – VAMOS BRINCAR?

Nesta seção, discutimos sobre brincar e cultura, tratando destes conceitos a partir de autores como Johan Huizinga (2019) e Gilles Brougère (1998) para definições acerca do brincar e do jogo como atividades lúdicas e culturais e que implicam na vida em sociedade. Apresentamos também outras referências sobre o assunto, em especial, para definições do brincar, brinquedos e brincadeiras, como Tizuko Morchida Kishimoto (2011), Edda Bomtempo (1996) e Maria Ângela Barbato Carneiro (2007; 2010), para a relação entre o brincar das crianças e a construção da cultura lúdica, que passa pelo brincar simbólico, a cultura da infância e o sentido da experiência para a subjetividade dos sujeitos através do brincar. Este aprofundamento teórico inicial busca estabelecer algumas abordagens relacionadas ao brincar e a cultura que delineiam os conceitos sobre o brincar que a pesquisa se propõe trabalhar destacando o conceito de criança, o conceito de infância, acentuando todos os sujeitos como histórico-culturais e o brincar como uma atividade histórico-cultural.

2.1. Brincar e cultura

A história da humanidade é marcada pelo brincar. Desde a infância até a vida adulta, a ludicidade se faz presente de maneira espontânea ou premeditada nos seus aspectos culturais e sociais. Historicamente, brincar pode ser uma forma de ensinar e passar às gerações seguintes valores morais e éticos de uma comunidade. Contribui para a bagagem cultural de diversos povos que pode ser expressa pelo brincar, de forma que algumas brincadeiras permanecem no decorrer das gerações, mantendo costumes ou ressignificando-os.

Johan Huizinga (2019) propõe um olhar para o jogo e as relações que são construídas no ato de jogar como uma atividade lúdica presente na sociedade desde seus primórdios. Para ele, não é possível dizer que a palavra “jogo” tem sua origem em um só significado, justamente pela não concepção desta palavra num sentido lógico ou científico, mas pelas relações que foram sendo construídas em diferentes configurações culturais em que o ato de jogar foi expresso de maneiras diferentes por diversas linguagens. Ou seja, não é possível que se tenha expresso a mesma ideia sobre jogo em diferentes contextos culturais e de expressões por meio de diferentes línguas. No entanto, é possível traçar uma concepção de jogo que passa pelas variações do ato de jogar e atribuir sentido ao mesmo, o que Huizinga (2019) define nos seguintes termos:

[...] o jogo é uma atividade de ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras

livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tesão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana” (HUIZINGA, 2019, pp. 35-36).

É uma ação voluntária e que, a princípio, não estabelece certos e errados, proporcionando a fruição de diferentes sentimentos que são perpassados pelo que compõe a realidade social dentro de seu contexto. Considera-se que, no jogo, há função significativa para as relações sociais, de modo que brincar para o adulto adquire um papel transformador da realidade desde os primórdios da vida. Pode designar significados, atribuir sentido a fenômenos até então inexplicáveis, por exemplo, a criação da linguagem e da escrita, dos mitos, dos cultos. Ações que vão dar abertura para novos aspectos da vida em sociedade; “[...] o direito a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo” (HUIZINGA, 2019, p. 6).

Huizinga (2019), citando Lev Vigotski, descreve que o jogo, além do aspecto espontâneo, também pode assumir função biológica. A função do prazer, sobrevivência, instinto de imitação, preparação do mais jovem para vida adulta, entre outras características. Aponta que para Vigotski, os fatores biológicos são predominantes aos fatores sociais no início da vida, mas, as relações sociais e o contato com a cultura já existente promove maior controle de seus comportamentos. Características que não explicam a intensidade do jogo e seu poder de fascínio por parte dos jogadores segundo Huizinga (2019). O que podemos considerar a respeito do jogo é que jogar é uma forma de divertimento aos envolvidos nessa prática independente do contexto que está inserido e que, ao mesmo tempo, alimenta características de uma história contribuindo para a construção cultural de um povo, seja pela sua função lúdica ou biológica.

O que caracteriza o jogo ao papel da construção das relações sociais, conforme apresentado por Huizinga (2019), são as demandas que emergem nas comunidades a partir da convivência em grupo, as relações entre os diferentes indivíduos e as comunidades favorecem o surgimento de novas inquietações, atribuindo características básicas do jogo à vida em grupo que estabelecem determinadas regras e costumes e, como consequência, novas formas de cultura que podem ser características de determinada comunidade ou podem se estender para além dela.

Para Gilles Brougère (1998), o lugar de criação e do que é cultura está ligado ao que é real, limitando o que pode ser expresso pela subjetividade. Neste sentido, brincar é exterior

ao real e mais fácil para a criança, já que esta vive e está inserida ativamente no que é a cultura lúdica. Já o adulto, que não se faz presente neste contexto, não o compreende tão bem quanto a criança. Brougère (1998, p. 104), em *A criança e a cultura lúdica*, enxerga no jogo “[...] o lugar de emergência e de enriquecimento dessa cultura lúdica”. Ele considera o jogo uma atividade de segundo grau, que atribui aos eventos da vida sentidos e significados. O jogo é parte de um meio social e de um tempo-espaço, e interfere diretamente no conjunto de regras que fazem parte desta sociedade.

Embora, para Brougère (1998), o jogo seja uma atividade secundária, para os dois autores, é uma forma de organização que implica na convivência em grupo e que pode ser estabelecida por meio da ludicidade do jogo, seja pela estrutura da atividade do jogo, ao estabelecer suas regras, ou na dimensão do brincar para o adulto e para a criança, que implica a produção de cultura e a concepção de infância.

Desde a idade média, os jogos fazem parte do cotidiano em comunidade e, sem distinção de idade ou classe social, brincar era um dos meios de estreitar os vínculos, socializar e promover a coletividade dos grupos. As demandas que emergem nas comunidades a partir da convivência em grupo caracterizam o jogo como parte da construção das relações sociais, segundo Huizinga (2019). Por meio desta relação, é natural que novas demandas surjam, atribuindo características básicas do jogo à vida em grupo, produzindo diferentes culturas com a criação de regras, costumes, padrões, etc. O que também atribui ao jogo e ao brincar um novo significado: o de contribuir para a permanência destes costumes culturalmente, conforme defendido por Brougère (1998).

Nesta perspectiva, brincar e jogar se complementam nos dois sentidos, um para a dinâmica de construção das relações sociais e outro para fatores que direcionam e interferem nesta mesma sociedade. É possível, ainda, atribuir o fator histórico no tempo e espaço dos acontecimentos, já que jogar e brincar adquirem caráter de descoberta de novas habilidades para o desenvolvimento do ser humano, mas também, uma maneira de passar estes novos conhecimentos às gerações seguintes. Aqui brincar estabelece uma relação dialética com a cultura, tanto para a concepção de novas culturas quanto para a permanência destas. Maria Alice S Souza e Silva, Maria Alice Lima Garcia e Sônia Campaner Miguel Ferrari (1989), em *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*, afirmam que:

As brincadeiras eram comuns aos adultos e crianças, que muitas vezes misturavam-se para realizá-las no dia a dia ou em comemorações e festividades. Encontramos entre os jogos mais realizados as mímicas, rimas, cabra-cega, dados, gamão, cara ou coroa, jogos de azar. Também o teatro, a música, a dança e a literatura eram comuns ao universo do adulto e da criança (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989, p. 18).

Huizinga (2019) descreve o jogo destinado ao adulto como algo que pode facilmente ser considerado supérfluo e apenas praticado nas horas de ócio, mas se torna necessário quando o ato de jogar proporciona prazer e uma obrigação quando se constitui uma função cultural como culto ou ritual. A partir desta perspectiva, o jogo pode ser considerado como uma necessidade, seja na contribuição para a formação do que é a sociedade, seja para que o que foi atribuído socialmente permaneça por meio da cultura. Brincar, da infância até a vida adulta, ressalta aspectos cruciais da relação dos indivíduos com o mundo. Destaca a relevância dos jogos e brincadeiras nos contextos culturais e históricos no decorrer do tempo, os quais emergem do brincar infantil com a característica de tornar-se “sério” ao alcançar a vida adulta, muito embora a seriedade esteja presente também no brincar infantil.

Marina Célia Moraes Dias (2011), em *Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar*, define que jogo está vinculado ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao simbólico; ela baseia-se no jogo e nas linguagens artísticas como propostas pedagógicas direcionadas à Educação Infantil. As crianças brincam de maneira bastante compenetrada e, por meio do lúdico, podendo atribuir ao brincar caráter paralelo à realidade, mas, ao mesmo tempo, completamente presente no momento e no contexto que as cerca durante a brincadeira. Ao brincar, a criança entra num mundo imaginário em que o conceito de jogo se faz presente na construção da representação mental e da realidade. Nos jogos e brincadeiras, as crianças podem expressar seus sentimentos, suas vivências, suas experiências e percepções sobre a realidade vivida. Observar as relações da criança com o ato de brincar o torna sério. Ao brincar de “mamãe e filhinho”, por exemplo, pode-se representar como a maternidade é compreendida pela criança. Segundo Maria Carmen Silveira Barbosa (1997, pp. 400-401),

A concepção da autora Marina C. M. Dias, sobre o homem como ser simbólico, que se constrói coletivamente e cuja capacidade de se pensar está ligada à capacidade de sonhar, imaginar e jogar com a realidade é fundamental para propor uma nova “pedagogia da criança”.

Assim, o brincar do adulto difere do brincar da criança. Para o adulto, a brincadeira tem novos formatos e maneiras de aparecer no seu cotidiano; as brincadeiras buscam se

desprender da fantasia e do imaginário e tornar-se mais “maduras”, com o objetivo de encontrar a distração e o entretenimento nos momentos de ócio ou para divertimento em meio a uma rotina exaustiva. E o brincar infantil permanece com as características do que é a ludicidade, a fantasia, um brincar desprezioso e imaginativo. No entanto, a ludicidade se faz presente desde a infância até a vida adulta, ou seja, embora a vida adulta seja permeada pelo lúdico, brincar na infância difere de brincar na vida adulta e a ludicidade faz parte destas relações sem precisar de um pressuposto; ela acontece de forma inerente às relações em sociedade.

Ao falar sobre o que é lúdico, sempre nos remetemos ao que possa ser cativante pelo divertimento. Por consequência, é muito fácil relacionar o lúdico às brincadeiras. Santa Marli Pires dos Santos (2000) propõe que lúdico significa brincar, um brincar que diverte, que entretém. Ao mesmo tempo, considerando a necessidade dos indivíduos estarem em constante modificação, adaptação ou criação conforme as condições nas quais estão inseridos, podemos dizer que esta relação com o mundo caracteriza a sua ação enquanto sujeito pertencente a uma comunidade, caminhando junto ao que é o fazer lúdico. Para Airton Negrine (2000, p. 21):

[...] a capacidade lúdica do adulto está diretamente relacionada a sua pré-história de vida; é, antes de mais nada, um estado de espírito, relacionado à cultura do corpo. Faz parte da apropriação dum saber, que progressivamente vai se instalando na conduta do indivíduo, face ao seu *modus vivendi*. A concepção de que o brincar está reservado às crianças nada mais é do que a perda da naturalidade humana, imposta pelo homem ao próprio homem [...].

Contudo, o lúdico está inteiramente atrelado ao jogo e ao brincar, ao ser e ao fazer humano em suas construções culturais. A ludicidade do jogo acontece sem precisar de definições prévias e precede a cultura em sua função social. Brincar adquire também a característica de promover a permanência destas atividades através das culturas ao decorrer das gerações, buscando socializar, divertir, ensinar; a ludicidade não é consequência da cultura, mas a cultura assume um caráter lúdico.

Para Vigotski (1984), o que vai direcionar o brincar da criança é a situação imaginária criada naquele momento. As crianças inventam diversas formas de brincar, recriam situações, regras, organizam e desorganizam os cenários, propõe contextos, sozinhas ou em grupo. Para Brougère (1997), ao brincar, a criança desenvolve a imaginação, de forma que o brinquedo (compreendendo por brinquedo todo e qualquer objeto que possa ser utilizado no ato de

brincar) vai lhe permitir dar novos significados a este objeto. É por meio das brincadeiras que as crianças poderão reproduzir situações observadas da realidade dentro do contexto por elas criado. Por isso, Brougère (1997) destaca que o significado do brinquedo se torna mais importante do que o que ele realmente é.

Tratando-se de práticas educativas, o brincar assume um papel de extrema importância no desenvolvimento da criança. Neste sentido, observar as contribuições culturais emergentes pelo jogo e o brincar na sociedade é extremamente relevante quando estes estão carregados de simbolismos, bagagens que são construídas por meio das relações sociais e de interesses que constroem valores. Estas bagagens moldam um olhar sobre a sociedade em todos os aspectos que a compõe, sejam econômicos, políticos e educacionais. As relações entre o jogo, o brincar e o brinquedo estão inteiramente ligadas aos valores empregados na organização social de uma comunidade. Não é possível a cultura lúdica ser inerente à sociedade, já que o ser é um sujeito carregado de valores que interferem em como se comportará enquanto parte de um contexto cultural e consequência de uma sucessão de acontecimentos históricos (BROUGÈRE, 1998).

O brincar, o jogo e o brinquedo estão inteiramente ligados à construção de concepções e valores que acarretam uma bagagem cultural. Não só no sentido de permanência de tradições anteriormente consentidas ou impostas, mas sim um olhar que vem antes, fatores que promoveram e podem ter sido o ponto inicial das relações humanas, bem como as transformações e atribuições provenientes destas relações. Nesta perspectiva, estudar o desenvolvimento por meio da observação do brincar está relacionado diretamente ao sujeito em comunidade ou na sua individualidade, porém, considerando os aspectos que fazem este ser componente de um contexto em que o brincar permitirá exteriorizar estas relações e como o indivíduo age neste meio.

A brincadeira que pode ser, às vezes, uma escola de conformismo social, de adequação às situações propostas, pode, do mesmo modo, tornar-se um espaço de intervenção, de curiosidade e de experiências diversificadas, por menos que a sociedade ofereça às crianças os meios para isso. Acontece que essa abertura marca um dos aspectos essenciais das sociedades modernas, caracterizadas pela indeterminação do futuro de cada indivíduo. A eventualidade da brincadeira corresponde, intimamente, à imprevisibilidade de um futuro aberto (BROUGÈRE, 1997, pp. 106-107).

O faz-de-conta, por exemplo, está diretamente ligado à possibilidade de construir uma ponte entre a fantasia e a realidade, Edda Bomtempo (1996) expõe a brincadeira de faz-de-conta como uma experiência que nos torna seres simbólicos, humanos e

metaforizados. A brincadeira é uma atividade social e cultural que pressupõe um aprendizado. Uma análise que vem ao encontro do sentido de jogo e cultura empregado por Huizinga, um elemento pré-existente à civilização humana e desencadeador de seus consequentes avanços.

O brincar não só está presente no desenvolvimento da criança como na vida do adulto, com diferentes funções e características, mas também, pertence à sociedade, à história da civilização humana. Ele não só reflete aspectos da cultura de um povo, como também é encontrado na cultura, “como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 1971, p. 6, *apud* BOMTEMPO, 1999, p. 52).

Nas brincadeiras, as crianças podem manipular situações que não podem controlar na vida real. Ao brincar, as crianças podem lidar com sentimentos e situações que fazem parte da vida dela e exteriorizá-los, seja o medo, a dor, a felicidade, a tristeza e outros. No estudo realizado pela professora Tizuko Morchida Kishimoto (2018) sobre a instalação do primeiro jardim da Infância na cidade de São Paulo, no fim do século XIX, em 1896, e os registros do trabalho da professora Alice Meirelles Reis, ressaltam o sentido que a professora buscou trazer à sua prática como docente, transitando pelos novos conceitos educacionais que o período apresentava na perspectiva da Escola Nova. Kishimoto (2018) pontua a brincadeira simbólica como um dos aspectos do fazer pedagógico expressos nos registros da professora. Por meio de fotografias das brincadeiras das crianças, analisava a disposição e rotatividade de brinquedos, imagens que expressavam as brincadeiras coletivas e individuais, além das representações de momentos cotidianos e vivências que faziam parte da vida das crianças.

Na área externa, meninas brincam de lavar a roupa da boneca estendendo um fio amarrado ao tronco de duas árvores, trazendo o balde cheio de água, lavando as roupas e pendurando no varal por elas construído. As experiências domésticas de lavar roupa, cuidar dos filhos ou passeios de lazer no bondinho e Pão de Açúcar propiciam a criação de mundos imaginários vividos pelas crianças, com o poder de decidir o que fazer e com quem brincar (KISHIMOTO, 2018, p. 42)

As brincadeiras permitem experienciar o mundo e compreender como as diversas situações vividas podem interferir no seu desenvolvimento, assumindo papel de extrema importância para as práticas educativas. Nesta perspectiva, podemos dizer que compreendemos o brincar nas suas mais variadas configurações possíveis, considerando a cultura como um fator presente nas relações que são construídas por meio da ludicidade nas brincadeiras. Compreendemos, portanto, que o ato de brincar, jogar e as brincadeiras são

componentes do que é brincar. Configuram o brincar como uma dinâmica transformadora da realidade por seu caráter lúdico, que se constrói pela relação entre os indivíduos e o espaço. Portanto, brincar faz parte da vida dos bebês e crianças e também da vida adulta, embora cada um apresente suas particularidades.

A criança é parte do grupo social e do tempo e espaço que constitui este grupo, distanciando-se da ideia de uma infância que é definida do adulto para a criança, limitando-a a um “vir-a-ser” e que desconsidera as culturas da infância ou mesmo a cultura lúdica. Maria Ângela Barbato Carneiro (2010) defende que a cultura não é estática, mas sim dinâmica e em constante mudança. Embora a sociedade insista em uma visão “adultocêntrica” de cultura, a criança é sujeito histórico e cultural, portanto, sujeito da própria existência e capaz de produzir sua própria cultura.

A autora afirma ainda que a concepção da criança como passivas está ligada a um pensamento neoliberal e que favorece a reprodução de uma lógica de consumo, tornando a criança objeto de uma indústria cultural que a nega como participante do seu processo de criação. O contato com a história permite reconhecer-se enquanto sujeito histórico e atribuir sentido e significado à vida em comunidade, escolhendo sua permanência ou não culturalmente, além de se construir enquanto parte dessa cultura e da história de seus antepassados.

Para Carneiro (2010), é necessário proporcionar ambientes e recursos que estimulem as crianças; ela destaca que “um ambiente pobre não favorece a estimulação da criança, impedindo-a, muitas vezes, de construir a cultura do seu tempo” (CARNEIRO, 2010, p. 20). Esta afirmação acentua o direito de vivenciar os espaços, expandindo a todos e todas, crianças e adultos, inclusive, o direito de brincar em diversos espaços na comunidade.

O brincar permite o exercício contínuo do aprender a conhecer, pois, brincando, a criança conhece o mundo nas múltiplas interações que estabelece com ele, uma vez que, para desenvolver-se, é necessário que ela se envolva em atividades físicas e mentais. Aprende também a relacionar as coisas e ir além dos princípios gerais que as envolvem. Constrói conhecimentos e adquire novas informações (CARNEIRO, 2007, p. 33).

A autora ainda aponta a falta de oportunidades de experimentar, destacando a experiência como processo necessário para a construção da relação entre o sujeito e o mundo e o reconhecimento do brincar como atividade cultural que implica o que se constituirá como a cultura da infância. Sentido que nos aproxima da infância como experiência do brincar e

que é muito bem contemplado na definição de experiência por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 27):

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência.

O brincar relaciona-se com a compreensão de si enquanto sujeito permeado pelo lúdico e a relação que vai sendo construída a partir do contexto social em que se está inserido, perpassada pela cultura que compõe a sua realidade. Em específico, o brincar da infância traz consigo a construção da cultura lúdica e permite às crianças exteriorizar suas relações com o mundo; criar, inventar, modificar, manipular, experienciando e atribuindo sentido e significado a esta cultura e a sua existência enquanto sujeito. Cabe questionarmos sobre como proporcionamos este brincar às crianças, sejam os jogos, brincadeiras, brinquedos ou qualquer proposta brincante, como estas relações podem reproduzir padrões construídos culturalmente e como dialogamos com os sujeitos na diversidade de culturas e de brincar.

SEÇÃO 3 – BRINCAR NA BRINQUEDOTECA

A presente seção se divide em três temáticas: contextualização histórica sobre as brinquedotecas; a brinquedoteca no Brasil e Políticas Públicas; brinquedoteca e a formação docente. A partir de uma pesquisa no estado do conhecimento das produções acerca do histórico das brinquedotecas e ludotecas, exploraremos nesta seção como surgiram os espaços para brincar e para locação de brinquedos e como estes espaços foram adquirindo novas funções, oferecendo novos serviços e modificando suas propostas até chegar às brinquedotecas universitárias. Para isto, apresentamos como destaque o trabalho das autoras Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira (2010), Nylse Helena da Silva Cunha (1996), Tizuko Morchida Kishimoto (2011) e Santa Marli Pires dos Santos (2000), dialogando com os registros históricos sobre o espaço das brinquedotecas até sua chegada no Brasil e destacando a formação docente, características do espaço físico e sua funcionalidade no decorrer do tempo e dos acontecimentos.

Estes apontamentos desencadeiam questões sobre os conceitos acerca do brincar e da infância no país e as consequentes implicações para as políticas públicas que ressaltam o direito ao brincar e ao lúdico, o reconhecimento das crianças como sujeitos histórico-culturais e a relação dos espaços de formação para a docência que devem dialogar com os direitos das crianças. Deste modo, aprofundamos o estudo sobre as políticas públicas para a formação docente no Brasil relacionadas ao espaço das brinquedotecas e como estas aparecem nos documentos normativos para os cursos de formação para a docência (se aparecem). Para as questões normativas, dialogamos com a professora Tizuko Morchida Kishimoto (2011), no que se refere aos conceitos sobre a formação docente. Também com Monica Appezzato Pinazza e Marcia Aparecida Gobbi (2015), Cristina D'Ávila (2008), António Nóvoa (2019) e Gisela Wajskop (1996).

3.1. Brinquedoteca e a história

Para Nylse Helena da Silva Cunha (1996, p. 40), a brinquedoteca é “um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico”. Kishimoto (1996) destaca que, em sua origem, a brinquedoteca destinava-se a realizar o empréstimo de brinquedos; porém, assume novas funções conforme a necessidade de cada país com o passar dos anos, trazendo consigo as características da comunidade da qual faz parte: o sistema de educação, os valores adotados, os serviços oferecidos à população da região onde está localizada. A autora pontua

que o objetivo em comum que une as brinquedotecas, diferenciando a atividade deste espaço dos de outras instituições sociais, é o “[...] desenvolvimento de atividades lúdicas e o empréstimo de brinquedos e materiais de jogo” (KISHIMOTO, 1996, p. 55). Também define a brinquedoteca universitária como:

[...] espaço privilegiado onde os alunos de diversos cursos podem não só observar a criança, mas também desenvolver atividades com vistas ao aperfeiçoamento profissional. Docentes vinculados às unidades universitárias conduzem pesquisas a partir de situações de brincadeiras que ocorrem no interior das brinquedotecas. A disponibilidade de acervos e materiais de jogo, além de auxiliar tarefas docentes, permite ao público informar-se sobre a temática do jogo. A possibilidade de assessoria a profissionais de diferentes áreas, bem como a empresas do ramo de brinquedos, permite à universidade oferecer serviços à comunidade (KISHIMOTO, 1996, pp. 59-60).

A abordagem histórica das brinquedotecas e ludotecas nos permite situá-las no tempo e compreender como as brinquedotecas chegam ao Brasil até as universidades para a formação docente. Esta contextualização pode apontar características que dão embasamento e agregam as reflexões nas seções seguintes, nos quais serão realizadas entrevistas com atuantes de brinquedotecas universitárias brasileiras na busca por compreender seu processo de implementação, os serviços prestados e a relação com os cursos de formação para a docência. Também se busca conhecer a história e o trabalho desenvolvido, além de ampliar o olhar sobre o brincar e o brincar na formação docente a partir das experiências vivenciadas neste espaço.

A trajetória das brinquedotecas e ludotecas pode trazer ideias e concepções construídas sobre o brincar, o brinquedo e o lúdico no decorrer do tempo, as quais implicam os diferentes contextos culturais e suas relações com o brincar e as infâncias, os quais assumem, com o brincar, papel de extrema relevância nos contextos sociais e, conseqüentemente, no campo da educação. Por tanto, para uma formação crítica de professoras e professores, é necessário reconhecer o “[...] valor das brincadeiras e dos jogos para a criança, o que indica a necessidade de esse profissional conhecer as implicações nos diversos tipos de brincadeiras, bem como saber usá-las e orientá-las”, como propõe Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira (2010, p. 65). A brinquedoteca pode ser um espaço onde é possível estar em contato com o brincar durante o processo de formação para a docência.

O primeiro registro que diz respeito a espaços destinados ao brincar e ao brinquedo se encontra em 1934, em Los Angeles. Porém, esta proposta é consequência de um período de

crise no capitalismo no final da década de 1920. A crise de 1929, chamada de Grande Depressão, afetou grandes economias mundiais e a renda das famílias no período (KISHIMOTO, 2011). Neste cenário, com as consequências da crise, um espaço para empréstimo de brinquedos é criado. Após observar que as crianças de uma escola em Los Angeles chegavam atrasadas por se distrair com a vitrine de uma loja de brinquedos ou com casos de furto de materiais para construir brinquedos pela falta de acesso, é criado um espaço para o empréstimo de brinquedos e para brincar durante os momentos de intervalo escolar, em 1934.

Em seguida, é fundada a empresa *Los Angeles Toy Loan*, oferecendo serviço de empréstimo de brinquedos (TEIXEIRA, 2010; KISHIMOTO, 1996; 2011; CUNHA, 1996). Abaixo, nas figuras 6, 7 e 8, temos algumas fotografias da *Los Angeles Toy Loan*, em 1935. As fotografias foram divulgadas pelo *Department of Public Social Services (DPSS)*, um departamento destinado aos serviços sociais em parceria com o poder público e privado de Los Angeles onde a *Toy Loan* atua hoje como uma organização sem fins lucrativos².

Figura 6 – Los Angeles Toy Loan



Fonte: fotografia disponibilizada pelo *Department of Public Social Services (DPSS)* e publicada no ano de 2021.

² Informações disponíveis no site do *Department of Public Social Services (DPSS)* acessando o link: <https://dpss.lacounty.gov/en/community/toy-loan.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Figura 7 – Espaço interno da Los Angeles Toy Loan



Fonte: fotografia disponibilizada pelo *Department of Public Social Services (DPSS)* e publicada no ano de 2021.

Figura 8 – Espaço externo da Los Angeles Toy Loan



Fonte: fotografia disponibilizada pelo *Department of Public Social Services (DPSS)* e publicada no ano de 2021.

Em 1963, com a proposta de ser um espaço destinado ao tratamento de crianças com deficiência por meio do lúdico, surge, na Suécia, a *Lekotek*. O movimento da *Lekotek* foi criado por familiares destas crianças e seu atendimento funcionava como uma clínica médica, dispondo de horários marcados para consultas e atendimento em domicílio. Ela pautava-se no estímulo das crianças com deficiência por meio das brincadeiras e dos brinquedos (KISHIMOTO, 2011; CUNHA, 1996; TEIXEIRA, 2010). Cunha (1996) destaca ainda que o trabalho da *Lekotek* embasava-se na filosofia de que as crianças aprendem por meio do brinquedo, por tanto, é necessário brinquedos adequados às suas reais necessidades.

No entanto, a ideia de um espaço destinado a locação de brinquedos toma mais corpo a partir de 1976, com a *toy library* (biblioteca de brinquedos), na Inglaterra. A *toy library* se configurou como um espaço que oferece a locação de brinquedos, espalhando seus serviços

pela Europa e ampliando os tipos de atendimentos oferecidos, dentre eles: o atendimento às famílias, orientação pedagógica, saúde mental, socialização, resgate da cultura lúdica, entre outros (CUNHA, 1996; TEIXEIRA, 2010). A ampliação dos trabalhos oferecidos pelas *toy libraries* impulsiona o Primeiro Congresso Internacional sobre *toy libraries*, em 1976, em Londres, e o segundo, em 1987, em Toronto. Durante as décadas de 1970 e 1980, diversos eventos com esta temática ocorreram ao redor do mundo, assim como relata Cunha (1996, p. 43),

Na Inglaterra, a partir de 1967, surgiram as *toy libraries*, “bibliotecas” de brinquedos, um lugar onde qualquer criança pode escolher brinquedos para levar para casa. Em 1976, foi realizado, em Londres, o Primeiro Congresso Internacional sobre o assunto. O trabalho, que era inicialmente só de empréstimo de brinquedos, foi se tornando cada vez mais abrangente. Em 1987, no Congresso Internacional de *toy libraries*, realizado em Toronto, Canadá, já foi questionada a adequação do nome *toy libraries* (Biblioteca de Brinquedos), visto que muitas outras finalidades foram sendo encontradas no trabalho desenvolvido pelas *toy libraries* [...].

No Canadá, por exemplo, muitas *toy libraries* tornaram-se Centros de Recurso para a Família.

Marcando seu espaço nas discussões sobre o brincar, o Brasil apresenta o livro Material Pedagógico: manual de utilização³ no Segundo Congresso Internacional de Brinquedotecas em Estocolmo, Suécia, em 1981, a pedido do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) com orientação, supervisão e coordenação de Nylse Helena da Silva Cunha em parceria com o Ministério da Educação (MEC). Esses eventos também levaram à publicação do primeiro livro sobre as *toy libraries*, intitulado *Toy Libraries in an International Perspective*. Ele foi publicado em 1990, com autoria de Eva Bjorck-Akesson, Jane Brodin, Greta Hellberg, Mariane Lindberg e Mary Sinker, lançado no quinto congresso sobre brinquedotecas em Turim. Apresentou-se o trabalho realizado nos países considerados com melhores condições para brincar.

3.2. A brinquedoteca no Brasil

Assim como a *Lekotek*, a brinquedoteca surge no Brasil como um espaço destinado ao apoio de crianças com deficiência a partir da inauguração do Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ocorrido em 1971. A inauguração aconteceu na cidade de São Paulo com a organização de uma exposição de brinquedos

³ Livro de domínio público disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=28671. Acesso em: 28 jul. 2021.

pedagógicos para fins comerciais, reconhecendo nestes brinquedos a função de auxiliar no desenvolvimento das crianças, com ênfase na formação para o campo da educação especial e inclusiva, e a terapia. Em 1973, o espaço adotou o Sistema de Rodízio de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (CUNHA, 1996), atribuindo ao espaço as características da *toy library* ou brinquedoteca. O espaço atraiu a atenção de diversas áreas em relação aos estudos dos brinquedos, seja de educadores, de pesquisadores, de profissionais da saúde, de artistas plásticos, de pais, seja de qualquer um que se interessasse pelo assunto.

Durante a década de 1970, são organizados eventos e pesquisas com finalidade de destacar o brinquedo como recurso pedagógico também no Brasil. Cunha (1996) destaca alguns acontecimentos que contribuíram para o reconhecimento da importância do brinquedo para este período, como: a pesquisa apresentada no Congresso Internacional de Pediatria, em 1974, sobre a importância do brinquedo na recuperação de crianças valorizando o Setor de Recursos Pedagógicos da APAE; o Centro de Orientação sobre brinquedos do XIV Salão da Criança; ou exposição de brinquedos feitos de sucata realizado novamente pela APAE, em 1978. Essas ações trouxeram à tona a discussão sobre brinquedos e brincar também no Brasil.

Outro exemplo, é a criação da primeira brinquedoteca brasileira na Escola de Indianópolis, em São Paulo (KISHIMOTO, 2011); também a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), em 1984, ambas fundadas pela professora Nylse Helena da Silva Cunha. Esses foram acontecimentos responsáveis por divulgar e ampliar as discussões e ações sobre brincar no campo da educação, seja no ambiente escolar, para a formação de educadores, seja na organização dos espaços de brincar, trazendo para a brinquedoteca uma abordagem cada vez menos assistencialista de atendimento.

Logo após, ainda em 1984, foi construída a primeira brinquedoteca universitária brasileira, localizada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Inicialmente nomeada de Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (CEBRIMP), contou com a professora Tizuko Morchida Kishimoto como organizadora após participar de um projeto do governo do Estado de São Paulo, implantando seis brinquedotecas em escolas públicas, sendo uma delas a da FEUSP (KISHIMOTO, 2011). Atualmente, a brinquedoteca é chamada Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP) e propõe o aprofundamento sobre o lúdico, brincar e brinquedos para pesquisas e para a formação docente.

A participação da Profª. Drª. Tizuko Morchida Kishimoto em projeto desenvolvido pelo Governo do Estado de São Paulo, em diferentes cidades, “Projeto das Seis Brinquedotecas geradoras do Estado de São Paulo: Centros de Cultura Infantil”, na qual foi contemplada com uma brinquedoteca para ser instalada junto à Faculdade de Educação da USP, torna possível sua implantação no espaço da universidade (LABRIMP, [s.d.]).

Estes acontecimentos proporcionam um crescimento das brinquedotecas no país, em particular, em ambientes educativos posteriormente. Já em 2011, Kishimoto (2011) constata que a grande maioria das brinquedotecas brasileiras encontram-se nos locais destinados à formação de professores para a infância e, em seguida, em espaços escolares, o que significa que a grande maioria destes espaços estão de fato localizados em ambientes educativos. Além da necessidade de aprofundar os saberes sobre brincar, sobre as brincadeiras e sobre brinquedos, ela pontua, ainda, três fatores possíveis para se compreender este movimento: as políticas públicas para a infância e a valorização do brincar, a necessidade de formação de profissionais e a carência de brinquedos nas instituições de educação para crianças de 0 a 10 anos (KISHIMOTO, 2011). Considerando a abordagem discutida sobre o contexto das brinquedotecas universitárias, para a formação docente, vamos nos deter aos dois primeiros pontos levantados, que serão discutidos a seguir.

3.3. Políticas Públicas: brinquedoteca e a formação docente

Um marco na política pública para a infância foi a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que dispõe no artigo 227º a criança como sujeito de direitos assegurados pela família, sociedade e Estado. Também, o direito às creches e pré-escolas (KISHIMOTO, 2011) no segundo capítulo dos direitos sociais, artigo 7º, inciso XXV. Em 1990, aconteceu a Convenção dos Direitos da Criança, a partir da Organização das Nações Unidas (ONU), que reconhece, no artigo 31º, “[...] o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística” (BRASIL, 1990). Define, ainda, que os Estados Partes devem respeitar e promover o direito de a criança participar plenamente da vida cultural e artística. Reconhecer a criança como sujeito de direitos garantidos por lei ressalta a criança como parte da sociedade e participante das relações culturais existentes.

Brincar aparece como um direito nas políticas públicas ainda em 1990 com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (KISHIMOTO, 2011), que define no seu segundo capítulo, artigo 16º, inciso IV, o direito à liberdade nos seguintes aspectos: “brincar, praticar

esportes e divertir-se”. O brincar também aparece nos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, de 1998, conforme aponta Kishimoto (2011, pp. 22-23), enfatizando:

[...] “o direito das crianças a brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil” (vol.1:3); as brincadeiras de faz de conta como “uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da imunidade e da autonomia” (1998, vol. 2: 22), além de indicações de jogos e brinquedos da cultura infantil, parlendas e brincadeiras de roda (vol. 3: 70-71).

Em 1996, temos a Lei 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e insere as crianças na educação básica. Esta lei apresenta, no artigo 1º, as manifestações culturais como parte dos processos formativos para educação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 1999, no artigo 3º, inciso I, item “c”, destacam que as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem ter como fundamentos norteadores os “princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais”. Apresentam-se as interações e brincadeiras como eixo norteador das práticas pedagógicas na resolução 5/2009, no artigo 9º deste documento (KISHIMOTO, 2011). As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil ainda apresentam, no artigo 4º, que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009a, p. 1).

Apresenta, ainda, a brincadeira como direito no artigo 8º, a qual as instituições de Educação Infantil devem ter como um dos objetivos da proposta pedagógica, além da observação crítica e criativa das brincadeiras no cotidiano das crianças, apontado no artigo 10º, inciso I. Determina também a ludicidade como princípio das propostas pedagógicas da Educação Infantil, presente no artigo 6º, inciso III, e artigo 7º, inciso V, ressaltando a função sociopolítica e pedagógica da Educação Infantil. Essas diretrizes ressaltam as brincadeiras e o lúdico como elementos históricos e culturais e as crianças como parte atuante nas relações sociais. Destacam-se também na segunda infância, com a valorização dos jogos para as crianças do Ensino Fundamental (KISHIMOTO, 2011). O documento Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos, apresenta o brincar para a educação básica como,

[...] um modo de ser e estar no mundo; o brincar como uma das prioridades de estudo nos espaços de debates pedagógicos, nos programas de formação continuada, nos tempos de planejamento; o brincar como uma expressão legítima e única da infância; o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica; a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos (BRASIL, 2007a, p. 10).

Esses aspectos serão considerados também nas políticas públicas para a formação para a docência no Brasil. O parecer 5/2005, reexaminado no parecer 3/2006, do Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, que trazem Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva como relatoras, apresenta como princípio para os métodos e técnicas pedagógicas o não distanciamento das realidades históricas específicas, ressaltando as tradições culturais e as manifestações lúdicas como alguns dos aspectos que devem compor o fazer docente.

Desta forma, a docência, tanto em processos educativos escolares como não-escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicos, descolados de realidades históricas específicas. Constitui-se na confluência de conhecimentos oriundos de diferentes tradições culturais e das ciências, bem como de valores, posturas e atitudes éticas, de manifestações estéticas, lúdicas, laborais (BRASIL, 2005, p. 7).

Dispõe ainda, sobre a organização do curso de pedagogia, no artigo 6º, no item “e”, determina que a estrutura do curso de pedagogia deve constituir-se de,

Aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões: física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial (BRASIL, 2006b, p. 7).

E, no item “k”, ressalta a “atenção às questões atinentes à ética, à estética e à ludicidade, no contexto do exercício profissional, em âmbitos escolares e não-escolares, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa” (BRASIL, 2005, p. 11; 2006b, p. 8). Destaca, além dos aspectos lúdicos, os aspectos culturais no que diz respeito à finalidade, princípios, organização e duração dos cursos de pedagogia e do perfil do licenciado em pedagogia.

Não existe nenhum documento regulamentar ou normativo relacionado às especificamente brinquedotecas; no entanto, desde 2005 a Secretaria de Educação Superior (SESU) solicita a instalação de brinquedotecas como laboratórios de aplicações pedagógicas (ABBri, [s.d.]).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em pedagogia, na resolução 1/2006, no artigo 6º, inciso I, vai definir para a estrutura do curso de pedagogia um Núcleo de Estudos Básicos que deverá articular, dentre vários itens:

[...] a) aplicação de princípios, concepções e critérios oriundos de diferentes áreas do conhecimento, com pertinência ao campo da Pedagogia, que contribuam para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e da sociedade;

[...] e) aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial (BRASIL, 2006b, p. 3).

Dispõe também, no item “k”, a atenção a questões relacionadas à ludicidade, “articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa” (BRASIL, 2006b, p. 4). Entretanto, em nenhum momento o documento apresenta este núcleo como uma brinquedoteca.

Apesar das brinquedotecas não aparecerem nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia, a partir do decreto 5.773/2006, serão definidos os critérios de avaliação, regulação e supervisão da educação indicados pelo Ministério da Educação (MEC). Importante salientar que a instituição do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) ocorreu em 2004, porém, somente em 2006, com o decreto 5.773, foram definidas as ações de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Para o curso de pedagogia, esta supervisão iniciou-se em 2008, com o primeiro Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação, seguido do Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores em Pedagogia, em 2010.

O Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação (2008) apresenta alguns indicadores e cinco critérios de análise classificados com conceitos de 1 a 5, definindo a classificação avaliativa sendo o menor conceito quando o indicador é inexistente (1) e o maior conceito quando o indicador é excelente (5). Um dos indicadores apresentados como critério de análise dos cursos de graduação são os Laboratórios Especializados. Classificado como indicador de destaque, tem como definição o seguinte critério para ser caracterizado com conceito 5 (excelente): “quando os laboratórios especializados possuem regulamento específico, destinam-se à realização das aulas práticas, e atendem, de forma excelente, às demandas do curso” (BRASIL, 2008, p. 15). Em seguida, apresenta como indicador a

Infraestrutura e Serviços dos Laboratórios Especializados, caracterizando com o maior conceito de avaliação “quando os espaços, equipamentos e serviços destinados aos laboratórios especializados atendem, de forma excelente, às atividades ali desenvolvidas” (BRASIL, 2008, p. 15).

Isso pode explicar a escolha de alguns cursos de graduação em pedagogia oferecidos pelas universidades brasileiras compreender os Laboratórios Especializados como o espaço das brinquedotecas ou mesmo os laboratórios de aplicações pedagógicas, já que este indicador pertence ao campo de organização didático-pedagógica dos cursos de graduação (bacharelado e licenciatura). Para Santa Marli Pires dos Santos (2000, p. 59):

As universidades, principalmente, nas ciências humanas, buscam cumprir as metas de ensino, pesquisa, extensão e capacitação de recursos humanos através do lúdico. Nesses cursos a Brinquedoteca é encarada como um laboratório onde professores e alunos do Ensino Superior dedicam-se à exploração do brinquedo e do jogo em termos de pesquisa e de busca de alternativas que possibilitem vivências, novos métodos, estudos, observações, realizações de estágios e divulgação para a comunidade.

Em 2010, com a revisão do documento para os cursos de graduação em pedagogia, o Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores em Pedagogia apresenta pela primeira vez a brinquedoteca como um indicador de análise para as instalações físicas (infraestrutura), definindo que os critérios para maior conceito do espaço seria “quando a brinquedoteca está plenamente adequada, considerando os seguintes aspectos: instalações físicas, equipamentos, jogos educativos e brinquedos” (BRASIL, 2010a, p. 14). Nota-se que as nomenclaturas para atribuição dos conceitos também são alteradas neste documento, classificando o conceito 1 quando o critério de análise é inexistente e conceito 5 quando o critério de análise está plenamente adequado. Ressaltamos ainda que o indicador seguinte são os Laboratórios de Ensino, definidos como:

Quando o curso possui laboratórios de ensino plenamente adequados, que oportunizem aos professores em formação a experimentação de recursos didáticos e tecnológicos, com vistas a sua utilização eficiente, considerando também a perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2010a, p. 15).

Diferenciam-se os dois espaços e suas especificidades no processo formativo para a docência em pedagogia.

A prática educativa compreendida como uma prática especificamente humana, como teoriza Paulo Freire (1996), implica uma compreensão sobre o fazer pedagógico que considere a ação cultural relacionada ao contexto do qual faz parte e o brincar como agente

da construção cultural dos indivíduos em sociedade. Podemos considerar que a atuação consciente do professor/a nos ambientes educativos pressupõe reconhecer a importância e incorporar o brincar no seu fazer pedagógico. Este reconhecimento interfere diretamente na perspectiva de cada sujeito sobre o mundo e como atuará nele, portanto, entender-se como ser brincante é necessário. Teixeira (2010, p. 65) salienta que,

Para que o brincar aconteça, é necessário que o professor tenha consciência do valor das brincadeiras e dos jogos para a criança, o que indica a necessidade de esse profissional conhecer as implicações nos diversos tipos de brincadeiras, bem como saber usá-las e orientá-las.

Ou seja, compreender a importância das brincadeiras para as crianças também repercutirá no processo de ensino-aprendizagem. Assim como é reconhecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010B, p. 12) seguido das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013, p. 97), as quais definem que,

[...] a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Destaca-se a criança como o centro do planejamento curricular; isso significa que a criança, bem como todos os seus direitos, devem ser o centro também das práticas pedagógicas e das práticas pedagógicas da formação para a docência, em específico para os cursos de formação em pedagogia. Além disso, destacam-se as brincadeiras como norteadoras do trabalho na Educação Infantil, definindo que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular para Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2010b, p. 12; 2013, p. 97).

Em 2012, com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), o Ministério da Educação (MEC) realizou o documento “Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica”. Tem elaboração e texto final de Tizuko Morchida Kishimoto, membro titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e Adriana Freyberger, arquiteta e doutora em educação, especialista em espaços para crianças. O documento apresenta orientações para a seleção, organização e uso de brinquedos e brincadeiras em creches e destaca ainda a organização dos espaços físicos que propiciem a brincadeira e melhores interações para os bebês e crianças (BRASIL, 2012).

Embora não exista um material que especifique a organização das brinquedotecas para os ambientes de formação para a docência, o manual de orientação pedagógica apresenta orientações para a organização e disposição nas creches, ressaltando o brincar, o brinquedo e as brincadeiras. Ainda destaca que o brincar e as interações devem ser os pilares da construção pedagógica (BRASIL, 2012). Para isto, é necessário compreender o brincar também como um pilar para o fazer pedagógico durante o processo formativo para a docência.

Em contrapartida, nos Instrumentos de Avaliação de Cursos mais recentes, divulgados através da Nota Técnica nº 16/2017 e atribuída pelo artigo 8º da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, do SINAES, dispões sobre os novos Instrumentos de Avaliação Externa: Instrumento de Avaliação Institucional Externa – Presencial e a Distância (IAIE) e Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – Presencial e a Distância (IACG). Os documentos são dispostos a partir de 2017. Ainda não há um documento específico sobre a avaliação de cursos superiores em pedagogia.

Os instrumentos de avaliação dividem-se em quatro documentos: Instrumento de Avaliação Institucional Externa para credenciamento e para credenciamento e Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação para autorização e reconhecimento. Ao adotar os novos instrumentos de avaliação, o Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) pretende monitorar a qualidade dos cursos de graduação presenciais e a distância e das Instituições de Ensino Superior.

Entretanto, a brinquedoteca não compõe nenhum dos indicadores para a avaliação dos cursos. Os documentos trazem uma composição mais detalhada dos indicadores a serem avaliados e para os critérios de análise que devem ser considerados na atribuição dos conceitos que vão de 1 a 5, sendo 1 os que não atendem o critério descrito e 5 os que atendem o critério descrito. Apesar da falta da brinquedoteca nos quatro documentos de avaliação, os laboratórios especializados permanecem, no entanto, agora são descrito como laboratórios didáticos de formação básica, indicador 3.8, e laboratórios didáticos de formação específica, indicador 3.9, descritos como:

Laboratórios didáticos de formação básica

NSA para cursos que não utilizam laboratórios didáticos de formação básica, conforme PPC.

Para cursos a distância, verificar os laboratórios especializados da sede e dos polos (cujas informações devem estar disponíveis na sede da instituição).

Considerar os laboratórios para o primeiro ano do curso (CST) ou para os dois primeiros anos (bacharelados/licenciaturas) (BRASIL, 2017, p. 41).

Laboratórios didáticos de formação específica

NSA para cursos que não utilizam laboratórios didáticos de formação específica, conforme PPC.

Para cursos a distância, verificar os laboratórios especializados da sede e dos polos (cujas informações devem estar disponíveis na sede da instituição).

Considerar os laboratórios para o primeiro ano do curso (CST) ou para os dois primeiros anos (bacharelados/licenciaturas) (BRASIL, 2017, p. 42).

Uma das resoluções mais recentes, a resolução 2/2019, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, instituindo a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC – Formação), determina, no artigo 13º, § 2º, inciso III, que os cursos de formação de professores multidisciplinares da Educação Infantil devem contemplar:

Os princípios didáticos de planejamento, encaminhamento e avaliação de propostas pedagógicas que tenham como referência os eixos estruturantes de brincadeiras e interações das DCNs da Educação Infantil e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC – conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se – para garantir a consecução dos objetivos de desenvolvimento e a aprendizagem organizados nos campos de experiência da Educação Infantil conforme disposto na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019, p. 8).

Apresenta também os aspectos culturais para a formação docente, reconhecendo-os como agentes formadores de conhecimento e cultura, assim como a valorização da história numa perspectiva intercultural, o conhecimento da cultura da escola e as interações com o meio sociocultural, definindo como uma das competências gerais docentes:

Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural (BRASIL, 2019, p. 13).

Além da “[...] valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades [...]” (BRASIL, 2019, p. 13).

Por fim, a resolução 1/2020, que dispõe sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum

para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC – Formação Continuada), ressalta, no capítulo II, artigo 4º, que:

A Formação Continuada de Professores da Educação Básica é entendida como componente essencial da sua profissionalização, na condição de agentes formativos de conhecimentos e culturas, bem como orientadores de seus educandos nas trilhas da aprendizagem, para a constituição de competências, visando o complexo desempenho da sua prática social e da qualificação para o trabalho (BRASIL, 2020, p. 2).

Essas características devem compor o processo formativo para a docência e para a formação continuada na Educação Básica, compreendendo que brincar faz parte dos contextos culturais e históricos nas relações sociais, portanto, faz parte da vida da criança e também deve ser considerado uma prática educativa. A Educação Básica deve proporcionar condições que privilegiam as experiências da criança e para o seu desenvolvimento pleno. Monica Appezzato Pinazza e Marcia Aparecida Gobbi (2015) propõem uma reflexão sobre a formação docente a partir da tríade infância-arte-ciência. Defendem a arte como ciência e, em diálogo com autores que fundamentam as pedagogias da infância, discutem questões sobre as crianças, a infância e a formação docente destacando que o olhar crítico sobre a prática, em que potencializam a compreensão de que adultos e crianças são atuantes na permanência, ressignificação ou na inovação e criação de cultura.

Esse olhar desconsidera o/a professor/a como mero transmissor de conhecimento, mas pensa que a prática pedagógica pautada nas possibilidades de criar e experienciar o mundo pode trazer ações significativas. Cristina D'Ávila (2008), citando Maria Isabel Cunha, em relação aos novos paradigmas de formação para a docência, ressalta que:

Embora a prática docente seja afetada por fatores independentes da vontade do professor, não há como desconhecer que o professor é sujeito ativo, agente das decisões sobre a sua prática, inclusive influenciando a organização dos conteúdos e a forma como se distribui o conhecimento na sociedade (CUNHA, 1998 *apud* D'ÁVILA, 2008, p. 37).

Para que isto seja possível, é necessário compreender as diversas linguagens e que as crianças exploram todas as possibilidades de se expressar. Para compreender estas diversas linguagens, os adultos precisam entrar em contato com elas. “Quando se favorece o contato entre as linguagens e as crianças e entre elas e os adultos, diferentes modos de ver e compreender o mundo são criados e, com isso, múltiplas formas de expressá-lo” (PINAZZA; GOBBI, 2015, p. 41).

A partir desta perspectiva, pensar em práticas possíveis e novos significados sobre o mundo e a produção de cultura está diretamente relacionado à atuação das crianças enquanto sujeitos ativos na sociedade. Escutar as crianças em suas múltiplas formas de se expressar, agir e interagir com o mundo a sua volta permite compreender o brincar como uma de suas linguagens. As brinquedotecas universitárias podem proporcionar que este contato com as crianças e o brincar aconteça durante o processo formativo, fazendo dialogar a teoria com a prática e atribuindo significado às suas relações com os processos lúdicos históricos e culturais que envolvem as brincadeiras, ou ressignificando-as. A possibilidade de atuar em um espaço onde é possível ampliar os diálogos sobre a educação e a prática docente potencializa a formação inicial e a formação continuada.

Na sua prática, o professor integra diferentes saberes com os quais mantém diferentes relações. Acreditar na capacidade que tem esse profissional de construir saberes no seio da sua prática e buscar compreendê-los para explicá-los é a trilha em que muitos pesquisadores têm apostado (D'AVILA, 2008, p. 39).

Quando compreendemos que o brincar é uma atividade social e cultural que constrói concepções de mundo, podemos inferir que brincar está inteiramente ligado à vida adulta e aos processos históricos que modificam a sociedade. Tanto o processo histórico das brinquedotecas, quanto o papel de quem educa, tornam-se mais delicados, pois podem ser determinantes para uma boa reflexão a respeito do brincar na infância e os impactos em sua construção individual e social. Para Gisela Wajskop (1996),

Parte-se da premissa que o brincar é uma atividade social, interativa e cultural. De uma parte, baseia-se na cultura do mundo adulto, sendo uma forma que a sociedade desenvolveu para socializar seus sucessores. Como toda atividade cultural, estabelece uma relação contraditória com seu repertório de origem, o que significa que o jogo é, ao mesmo tempo, a tentativa de reproduzir o mundo adulto (imitação) e a busca por superá-lo (imaginação). Brincar é também uma atividade fundamentalmente interativa (criança/objeto, criança/adulto, criança/criança ou grupo, criança/consigo mesma) e por isso mesmo, lugar de troca, de discussão e construção de regras de convivência (WAJSKOP, 1996, p. 104)

Se considerarmos a brincadeira das crianças como uma forma de fazer cultura, inserindo-se no mundo dos adultos através de uma atividade que é livre e imaginativa por excelência, nós, adultos, também precisamos refletir sobre a nossa inserção cultural (WAJSKOP, 1996, p. 106).

A pesquisa sobre o processo de consolidação das brinquedotecas universitárias no Brasil é fonte para que questões relacionadas ao brincar e sua relação com a construção social possam ser sanadas ou instigadas na busca por novos conhecimentos que implicam aspectos

culturais característicos em suas territorialidades. Para isso, o primeiro aspecto a ser considerado é o próprio olhar a respeito do que é brincar. Refletir sobre as suas vivências contribui para que estas experiências sejam mais significativas e, a partir daí, possam ser exteriorizadas.

Compreender as imagens e representações que construímos sobre a infância e o brincar no decorrer de nossas vidas pode auxiliar-nos a nos inserir na sociedade como pessoas que também podem brincar e criar sua própria prática pedagógica (WAJSKOP, 1996, p. 106).

O espaço da brinquedoteca é destinado ao brincar e a brinquedoteca universitária pode oferecer à formação docente o contato com as relações humanas por meio do brincar e da infância, implicando os diversos aspectos que compõem a sociedade, sejam históricos, econômicos, culturais, e/ou políticos, compreendendo que a infância faz parte deste processo e está diretamente relacionado a vida adulta.

Paulo Freire (1996) afirma que não existe ensino sem pesquisa e que não existe pesquisa sem ensino. A pesquisa é extremamente importante no processo de formação, é por meio dela que as questões relacionadas ao brincar e sua relação com a construção social poderão ser sanadas ou instigadas na busca por novos conhecimentos. É por meio da pesquisa que o conhecimento teórico é construído, em que o observar e refletir a partir do que foi vivenciado construirão noções novas e, conseqüentemente, farão com que as experiências práticas aconteçam. Estas experiências práticas podem ser ou não eficazes e são elas que farão com que as reflexões sobre a ação sejam cada vez mais significativas e objetos de novas pesquisas.

O processo de implementação da brinquedoteca passa por diversas discussões que devem ser levadas em consideração para uma atuação plena e responsável na sua utilização, que envolvem o planejamento do espaço físico, organização burocrática e funcional para o atendimento ao público, organização financeira e de apoio para pesquisa etc. Desse modo, são desenvolvidas atividades neste ambiente para ações sociais, articulando a teoria e a prática docente em conjunto com a comunidade. Segundo Wajskop (1996), brincar é uma atividade livre e imaginativa, uma das formas de as crianças fazerem cultura e de se inserirem no mundo dos adultos; assim, é necessário que reflitamos sobre a nossa inserção cultural. Para isso, o primeiro aspecto a ser considerado é o próprio olhar a respeito do que é brincar.

A problemática aqui levantada se pauta, primeiro, na necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos atuantes, que criam, opinam, se expressam e não estão separadas da

sociedade. Reconhecê-las como sujeito de direitos implica reconhecer que as crianças podem se expressar nas múltiplas linguagens e considerar o brincar como uma destas formas de comunicar, de ser e estar no mundo, de ser compreendida e considerada com seriedade e relevância.

É imprescindível romper com posturas com as quais nos limitamos a tratá-las [crianças] como mera função fática, vazia de conteúdo informativo, afetivo, cultural, embora acreditando que estamos nos comunicando com as crianças (PINAZZA, GOBBI, 2015, p. 42).

Segundo, é necessário reconhecer que a profissão docente se configura como uma prática social que implica as maneiras de se reconhecer e se colocar no mundo como sujeito e profissional da educação, o que é considerado por D'Ávila (2008) como uma perspectiva sobre a docência e a prática pedagógica que distancia o olhar instrumentalizado e limitador do processo educativo. António Nóvoa (2019) enfatiza que a formação docente é um espaço central para a defesa da profissão docente, de modo que uma boa formação e atuação docente pressupõe a relação entre a formação e a profissão. A formação inicial implica compreender o professor/a como profissional e a sua atuação não distante da sua posição no fazer docente.

Não pode haver boa formação de professores se a profissão estiver fragilizada, enfraquecida, pois a participação da profissão é imprescindível numa formação profissional. Mas também não pode haver uma profissão forte se a formação de professores for desvalorizada e reduzida apenas às disciplinas a ensinar ou às técnicas pedagógicas (NÓVOA, 2019, p. 207).

A partir dessas problematizações, devemos compreender como a brinquedoteca pode promover aos futuros professores – considerando os cursos de licenciatura – a relação prática e teórica com o brincar como cultura. Desta forma, compreende-se a ludicidade como fator primordial para que outras relações possam ser estabelecidas. O lúdico deve ser levado em consideração nas especificações da funcionalidade do espaço das brinquedotecas. É extremamente importante que trabalhos desenvolvidos no ambiente das brinquedotecas estejam disponíveis e acessíveis para qualquer público, tanto para o incentivo e reconhecimento de novas perspectivas das relações humanas e produção de conhecimento, quanto para o estreitamento da relação entre a universidade, a comunidade e o preparo dos que atuarão como educadores no atendimento à comunidade externa. Trata-se de reconhecer a universidade como um lugar em diálogo com a comunidade e a brinquedoteca como um espaço em que é possível construir este ambiente de coletividade e de novas possibilidades para a formação docente.

Nesta perspectiva, podemos começar afirmando que a brinquedoteca pode nos trazer tanto um diálogo em direção ao reconhecimento das brincadeiras quanto a sua presença na cultura, fazendo-se necessária para os contextos educativos, de modo que sua complexidade depende da possibilidade de contato tanto teórico como prático com um fazer pedagógico crítico e significativo no âmbito da educação das crianças para a construção da cultura lúdica.

A proposta de entrevista com os atuantes de brinquedotecas universitárias brasileiras pode ser um ponto de reflexão sobre a função social e cultural desse espaço para a comunidade de estudantes que se formam nas universidades; para docentes que veem neste espaço uma oportunidade de concretizar conceitos, pesquisas, projetos; para suporte de estudantes e funcionários/as que podem se beneficiar com seus/as filhos/as e familiares; para a comunidade e região onde estão localizadas. Um espaço que concretiza os aspectos que embasam a função social da universidade, incluindo a comunidade em diálogo com o meio acadêmico. Assim é apresentado por Freire (2019, p. 139): “[...] no processo de busca da temática significativa, já deve estar presente a preocupação pela problematização dos próprios temas. Por suas vinculações com outros. Por seu envolvimento histórico-cultural”.

SEÇÃO 4 – REGISTRO DE MEMÓRIAS BRINCANTES

Dispomos, nesta seção, de uma explicação mais detalhada da proposta metodológica da pesquisa no estado do conhecimento. Justificamos o recorte temporal e delimitamos algumas etapas da pesquisa na organização estrutural e no desenho para obtenção de dados pautados na temática e nos objetivos estabelecidos para este trabalho. Pontuamos algumas abordagens no sentido histórico e historiográfico, compreendendo a história e o registro da história nas suas mais variadas linguagens e suas implicações no contexto das relações sociais. Para isso, dialogamos com Maria Amália Pie Abib Andery (2007) e Eric Hobsbawn (1998).

Trata-se aqui de uma proposta de pesquisa que aponta como um de seus objetivos, além de reconhecer e compreender o processo histórico de brinquedotecas universitárias brasileiras e seu papel na formação e prática de quem é licenciando em pedagogia, também conhecer as propostas e concepções teóricas e práticas das brinquedotecas universitárias, refletindo sobre o contexto histórico, sua dimensão formativa, cultural e social por meio de entrevistas.

É importante delimitar aqui o que se entende pela história que é contada a partir das experiências vividas. Nesse sentido, trabalhamos com o conceito de memória a partir de Júlio Pimentel Pinto (1998) e Jeanne Marie Gagnebin (1998), reconhecendo a memória como uma forma de registro sobre a história a partir da sua relação com a experiência como algo único e subjetivo de cada indivíduo que vivenciou determinado momento histórico. A partir desta abordagem, é importante apontar que consideramos o sentido da experiência que partem de Walter Benjamin (2009) e Jorge Larrosa Bondía (2002). Não nos aprofundamos aos conceitos destes dois autores em específico; no entanto, o sentido da experiência como singular e subjetiva está em profundo diálogo com o que queremos propor para as entrevistas na relação entre as pessoas entrevistadas e suas vivências com a brinquedoteca, registrando a sua experiência com este espaço e com a formação para a docência.

Este breve aporte teórico tem como objetivo embasar alguns direcionamentos metodológicos da pesquisa, dentre eles, a pesquisa no estado do conhecimento, com as autoras Marília Costa Morosini e Cleoni Maria Barboza Fernandes (2014). Também, sobre a escolha pela entrevista episódica com destaque para as narrativas sobre a experiência, com Martin W. Bauer e George Gaskell (2002) e Uwe Flick (2002).

4.1. Metodologia de pesquisa no estado do conhecimento

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, baseada em uma análise documental e bibliográfica no estado do conhecimento, realizando um aprofundamento histórico e do conhecimento a respeito das brinquedotecas, seguido do levantamento sobre as políticas públicas para as brinquedotecas universitárias e para formação docente. A finalidade é embasar a pesquisa e definir possíveis apontamentos ou caminhos que poderão direcionar e organizar o tratamento destes materiais no espaço-tempo do objeto pesquisado. Por fim, contamos com as entrevistas para trazer o olhar dos atuantes em brinquedotecas na sua prática educativa para a formação e as experiências vivenciadas nas brinquedotecas universitárias, passando por sua idealização, implementação e atuação na formação docente.

Este primeiro contato autobiográfico, bibliográfico e documental no estado do conhecimento das produções em torno das brinquedotecas universitárias reforça o aporte histórico-cultural em torno dos trabalhos desenvolvidos até o presente momento sobre estes espaços. Esta reflexão implica não só a temática de pesquisa, mas também o contexto no qual a pesquisa está sendo produzida.

Para Marília Costa Morosini e Cleoni Maria Barboza Fernandes (2014), a pesquisa no estado do conhecimento se dedica à identificação, registro, categorização reflexiva e sintética partindo da produção científica sobre determinada área, espaço de tempo e *corpus* de análise. Esta abordagem permite refletir e analisar a produção do conhecimento num recorte temporal, contribuindo com apontamentos e questões a serem trabalhadas e com possíveis direcionamentos. Também com um aporte que embasa a temática de estudo, que, no caso das brinquedotecas universitárias brasileiras, ainda é pouco explorado.

No entanto, as autoras não desconsideram a relevância da historicidade para compreensão da produção existente, entendendo que os sujeitos se constroem nas suas experiências e vivências. Elas reforçam que, “no trabalho acadêmico, o conhecimento das relações com a vida é a nossa ferramenta de trabalho” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155). Desse modo, para o *corpus* de análise desta pesquisa, escolhemos as referências bibliográficas sobre o trabalho e histórico das brinquedotecas, os documentos normativos e políticos para formação docente, mas também as experiências sobre o brincar e a formação docente, as narrativas das experiências e das vivências com as brinquedotecas universitárias brasileiras.

Para fins metodológicos da escrita do contexto histórico das brinquedotecas e ludotecas, compreendemos que a maneira como a história é registrada é fundamental para o processo de pesquisa. Estes registros trazem consigo as bagagens sobre as experiências vividas que, ao observar as perspectivas apresentadas a partir da história que é registrada e passada adiante no decorrer do tempo e espaço dos acontecimentos, atribuem “[...] sentido ao passado como uma continuidade coletiva de experiência [...]”, segundo Eric Hobsbawm (1998, p. 32). Neste sentido, a escrita deste histórico reúne os estudos sobre as brinquedotecas de Nylse Helena Cunha (1996), Sirlândia Teixeira (2010) e Tizuko Morchida Kishimoto (1996; 2011) para os aspectos históricos e outras/os autoras/es que dialogam sobre o brincar com o espaço das brinquedotecas, no contexto histórico nacional ou internacional.

Sinalizamos que o contexto histórico também se constrói nas políticas públicas, relacionando-se com as mudanças no meio social e com o modo como a humanidade se constrói e se relaciona. Fazemos um paralelo com a brinquedoteca e pensamos neste espaço no decorrer da história ocupando os lugares de ensino, pesquisa e extensão. As políticas públicas também são determinantes para compreender as relações sociais e seus direcionamentos para a educação e para a formação docente. Trata-se aqui de um levantamento bibliográfico que abrange desde o surgimento de lugares para locação de brinquedos e assistência às crianças com deficiência até um levantamento dos documentos normativos brasileiros sobre os espaços de formação para docência, o direito de brincar e o espaço físico das brinquedotecas para a formação docente.

A pesquisa, que já foi aprovada pela Plataforma Brasil, pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), contempla as especificações do Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, considerando de extrema seriedade a ética na pesquisa, assim como a condição de saúde pública limitada pela atual pandemia de Covid-19. Para isso, contamos com um planejamento de gestão de dados que considera as possibilidades e limitações de encaminhamentos para pesquisa, nos quais foram utilizados meios de comunicação virtuais considerando as Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual no Ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS⁴, respeitando as

⁴ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão de Ética em Pesquisa. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer Etapa em ambiente virtual. Brasília, 2021. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. Acesso em: 13 jun. 2022.

orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e as medidas necessárias para o cuidado e a saúde de todas as pessoas envolvidas na pesquisa e considerando as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS)⁵ nas resoluções nº 466/2012⁶ e nº 510/2016⁷. Salientamos como possível aspecto a ser ressaltado no decorrer da pesquisa, em específico, nos relatos das entrevistas, a relação das brinquedotecas na pandemia e como esta se apresenta neste cenário.

4.2. A entrevista como possibilidade de diálogos

Como os acontecimentos são registrados e/ou narrados no decorrer das gerações implica a compreensão e análise das relações sociais e seus direcionamentos. Neste sentido, e assim como propõe Maria Amália Pie Abib Andery (2007), o indivíduo não cria suas representações sobre a realidade mecanicamente, mas sua subjetividade em relação ao meio social, suas bagagens e concepções construídas sobre a realidade, no sentido da experiência empregado por Walter Benjamin (2009) e Jorge Larrosa Bondía (2002), interferem na sua compreensão de realidade.

Estas representações sobre a realidade também geram modificações na sua existência, implicando também as gerações seguintes. A diversidade de realidades existentes e marcadas pela cultura, questões socioeconômicas, políticas e outras, vão trazer visões que podem ser complacentes, distintas ou antagônicas de mundo. Considerando os sujeitos como seres históricos e historicizados, a condição social é necessária para a análise histórica e historiográfica.

⁵ PROPQ (Pró-Reitoria de Pesquisa UFSCar). Orientações para elaboração e envio de relatórios de pesquisa. Disponível em: www.propq.ufscar.br/etica/cep/orientacoes-relatorios-de-pesquisa. Acesso em: 25 jun. 2021.

⁶ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 25 de jun. 2021.

⁷ CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Eric Hobsbawm (1998), considera que os registros da história são fundamentais para a construção e concepção dos valores sociais, compreendendo que ela tem o princípio das relações entre os indivíduos. Recursos como registros fotográficos, arquivos, documentos, entrevistas e as narrativas nos permitem observar as perspectivas que temos a partir da história que é contada e registrada. Estas perspectivas são carregadas de bagagens construídas no decorrer da vida, nas experiências vividas, condições sociais em que se encontram os sujeitos, as quais podem trazer contribuições significativas sobre o objeto de pesquisa.

Quando propomos uma pesquisa com objetivo de traçar determinado percurso histórico, buscamos, além da historicidade, ressaltar o brincar como presente nas relações sociais e escutar o que as comunidades têm a dizer sobre como se relacionam com este fazer brincante nos diferentes âmbitos sociais a partir dos sentidos atribuídos às experiências vivenciadas. Para este trabalho: o lugar da brinquedoteca como espaço criado para favorecer a brincadeira (CUNHA, 1994; 1996) e a formação para a docência expandida para as relações estabelecidas com a comunidade.

Buscamos compreender o contexto que circunda o campo acadêmico relacionado com o espaço das brinquedotecas: quem circulam neste espaço? Qual o seu contexto histórico, econômico e cultural? Qual sua função social enquanto ambiente de pesquisa e formação? Como se relaciona com a estrutura administrativa que gere este espaço? Qual a relação estabelecida com o brincar como trajetória acadêmica e como repertório pessoal? São algumas das perguntas que apontam caminhos a percorrer em relação ao recorte temporal, as formas de registro sobre a memória, os agentes motivadores para construção da brinquedoteca e a relação com o brincar.

Com o objetivo de valorizar as memórias, as histórias que são narradas e registradas, buscamos trazer a voz de quem experienciou as brinquedotecas na universidade, evidenciando sua trajetória tanto pela perspectiva dos sujeitos, quanto pelos registros históricos sobre as brinquedotecas em questão. Por tanto, atribuímos o sentido de memória como a poética que se utiliza da história para construir uma percepção sobre ela, os sentidos que são atribuídos ao passado, conforme Hobsbawm (1998), mas também como salientado por Júlio Pimentel Pinto (1998) ao reunir as concepções sobre memória e passado de Eric Hobsbawm, Benedict Anderson e Walter Benjamin,

Eric Hobsbawm, em *A invenção de tradições*, para descrever a criação de marcas que hipoteticamente surgidas do passado justifiquem inserções na

realidade presente; ou em *comunidade imaginária* - bonito termo trazido por Benedict Anderson -, que trata das imagens coletivas que o presente oferece ao passado atribuindo sentidos ao que não necessariamente tem no momento da ocorrência. Ou talvez se deixar guiar pela matriz benjaminiana que fala do acúmulo de detritos que as representações vão impondo à história passada e o quanto distante se vai ficando da efetiva experiência vivida, à medida que os vencedores de todas as épocas seguem em seu cortejo triunfal (PINTO, 1998, p. 204).

São relações com o passado que trazem como ponto central quais representações são feitas em torno dele no que toca ao contexto e a suas projeções políticas, sociais e intelectuais; por meio da memória constituímos o nosso passado. A poética, neste sentido, é a prática da memória e diferencia-se da história, de modo que a história do passado é limitada pela linguagem em que ela é registrada (PINTO, 1998). Não é possível reviver o passado, portanto, as maneiras de representação destas memórias terão maior ou menor poder sobre a história que será contada ou sobre o sentido que será atribuído ao passado na complexidade e na historiografia do tempo narrado.

A memória é uma maneira de assegurar as manifestações que se dissiparam com o tempo e não se apresentam mais no contexto atual ou são tratadas como menos relevantes na historiografia dos acontecimentos. Uma maneira de preservar as manifestações culturais que se perderam com o tempo, lugar de persistência individual e coletiva ligados pela relação direta entre a memória e a subjetividade da experiência que atribui sentido e significado aos fatos históricos. Pinto (1998) sugere, na amplitude dos significados atribuídos entre a memória e a história, a necessidade de uma História da memória, na busca do diálogo crítico entre a memória e a história:

Se, por um lado, memória e história conciliam-se como exercitadoras do fazer historiográfico, por outro, não se perde sua distinção de origem, não se dissolve o local dissonante da atuação do historiador e do memorioso, cada um respondendo diversamente o chamado do passado e as agruras do presente (PINTO, 1998, pp. 210-211).

É no entendimento da subjetividade da memória em relação à história que não nos propomos com este trabalho a definir certos e errados, mas, sim, a dar destaque à experiência como registro da história e dos sentidos que vão sendo atribuídos às temáticas principais aqui pontuadas: o brincar como cultura, a brinquedoteca nos espaços de formação e o educador como ser brincante. Houve constantemente a preocupação de construir uma abordagem ético-política com o processo de pesquisa com propósito de dialogar com os aspectos

relacionados ao processo de formação e ao espaço das brinquedotecas, além de ressaltar suas possíveis implicações no coletivo.

Também não é objetivo deste trabalho estabelecer uma relação de neutralidade sobre a pesquisa, considerando que, ao se delimitar uma metodologia científica em relação à narrativa sobre a história, já estão implicados interesses na sua concepção. Nas relações estabelecidas com a história, relacionam-se as subjetividades da memória e os sentidos atribuídos ao passado. Jeanne Marie Gagnebin (1998), em *Verdade e memória do passado*, chama atenção para a relação entre historiografia e a memória, destacando sobre a escrita da história e a memória do historiador que o registro da história e o caráter literário da memória tem ligação com a construção da memória histórica, inclusive para o esquecimento e a denegação. O distanciamento entre a história e a memória pode levar a uma concepção limitada ou empobrecedora da realidade; por consequência, também pode se tornar alienante.

Gagnebin (1998), tratando das reflexões de Paul Ricoeur, defende que a linguagem poética da história não se restringe a uma referência descritiva de mundo apenas, mas que “[...] a história como disciplina remete sempre às dimensões humanas da ação e da linguagem e, particularmente, da narração” (GAGNEBIN, 1998, p. 217). Ou seja, as múltiplas linguagens da história também contemplam a narração e a memória. Assim, propomos uma abordagem que considere a ambiguidade do conceito de história que implica não só na historiografia dos acontecimentos como fatos, mas a memória que é narrada por meio das entrevistas que expressam sentidos sobre as experiências. Estamos interessados no que as narrativas sobre o percurso histórico de cada entrevistado ou entrevistada pode nos trazer sobre o brincar e sobre a formação de docentes que estão ou não expressos nos diversos tipos de registros sobre a história (fotografias, documentos, projetos políticos pedagógicos, atas, departamentos de cursos de pedagogia, listas de compras e acervo das brinquedotecas, entre outros documentos disponíveis) e que afetam o íntimo das suas vivências com o espaço das brinquedotecas.

Apoiando-se nesta abordagem sobre a memória e a história, considera-se que os aprofundamentos nos registros sobre a história de brinquedotecas e sobre a formação docente para os cursos de pedagogia podem nos trazer novos elementos sobre a história da memória destes espaços no decorrer dos anos. Iniciamos a pesquisa com o memorial que expressa as experiências desta autora sobre o processo de formação para docência e as vivências com o

brincar. Palavras iniciais com a vontade de apresentar-se ao leitor como brincante, além da perspectiva sobre o brincar que atravessa os sentidos atribuídos às memórias ali apresentadas.

Em seguida, ressaltamos a trajetória dos espaços de brincar através da perspectiva de diversas autoras que trabalharam este percurso histórico sobre a concepção das brinquedotecas, expondo como os jogos, brinquedos e brincadeiras ocuparam os espaços com atividades lúdicas e seus significados caracterizados pelo contexto vivenciado e as concepções sobre a temática no período. Também demos destaque às políticas públicas que derivam das lutas pelo reconhecimento de direitos sobre os bebês e crianças, sobre a cultura, sobre o brincar e o lúdico que implicam para as indicações das políticas para a formação. Ainda que existam particularidades ou distanciamentos da realidade sobre o que é vivenciado, o que é registrado ou o que deve ser garantido legalmente. Estes apontamentos iniciais à pesquisa fundamentam a abordagem proposta e questões que podem implicar as histórias relatadas por meio das entrevistas com os atuantes de brinquedotecas nas universidades brasileiras e dos possíveis registros disponibilizados que podem elucidar as narrativas.

Acreditamos na potência das narrativas e das experiências, por isso optamos pelas entrevistas para compor este estudo. Escolhemos para esta pesquisa a entrevista episódica como norteadora para os relatos sobre a temática proposta. Justificamos essa escolha pela especificidade da temática de pesquisa e acreditando que este tipo de entrevista possibilita o diálogo entre entrevistado e entrevistador para questões relacionadas às experiências que forem apresentadas.

A entrevista episódica descreve as narrativas como uma maneira de dar sentido às experiências humanas; surge com a necessidade de uma metodologia sensível aos contextos situacionais de mudança, considerando os grupos sociais no sentido mais estrito e amplo dos acontecimentos, conforme proposto por Uwe Flick (2002) ao caracterizar as entrevistas episódicas em Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático de Martin W. Bauer e George Gaskell (2002). Ele destaca ainda o elo memória e história, conforme apontamos anteriormente, trazendo o conceito de pensamento narrativo como a negociação interna e cognitiva entre a experiência e o esquema de história, que também se refletem nos elementos da cultura, e a negociação externa ao sujeito sobre o significado do acontecimento histórico (FLICK, 2002).

A entrevista episódica propõe critérios que buscam dar ênfase às narrativas a partir da experiência sobre a temática, preocupando-se em dar abertura para que o entrevistado possa selecionar os episódios ou situações que queira contar, além de expressá-los da forma que preferir. Para isso, se organiza em nove fases: preparação da entrevista; introdução da lógica da entrevista; concepção do entrevistado sobre o tema e sua biografia com relação a ele; sentido que o assunto tem para a vida cotidiana do entrevistado; enfoque nas partes centrais do tema de estudo; tópicos gerais mais relevantes; avaliação e conversa informal; documentação; e análise de entrevistas episódicas (FLICK, 2002).

Essas etapas salientam gradualmente a proposta de entrevista, a temática a ser trabalhada e estrutura o diálogo entre o pesquisador entrevistador e a pessoa entrevistada, devendo todos os envolvidos estar cientes da proposta de pesquisa e de entrevista. Além disso, situa quem entrevista para os possíveis direcionamentos da entrevista/conversa considerando as questões que se busca responder na pesquisa, dando a quem pesquisa a autonomia de construir um diálogo a partir das “[...] narrativas do entrevistado, a fim de tornar a entrevista tão substancial e profunda quanto possível” (FLICK, 2002, pp. 122-123). Neste sentido, o papel do pesquisador é proporcionar à pessoa entrevistada um ambiente onde ela possa expressar suas narrativas, mas, ao mesmo tempo, colocar-se como atuante e presente na sua posição crítica na análise das entrevistas.

No que diz respeito às análises, é importante salientar que a entrevista episódica dispõe de algumas ferramentas que auxiliam o registro das entrevistas, dentre elas, a disponibilidade da pessoa entrevistada para a gravação das entrevistas; a documentação por meio de anotações e registros sobre as primeiras impressões e a contextualização da entrevista realizada; atenção aos momentos informais da conversa, em que a pessoa entrevistada pode trazer elementos que não foram aprofundados durante a entrevista; a transcrição e a transliteração da entrevista com o consentimento da pessoa entrevistada. Estes são alguns dos elementos que possibilitam uma análise mais concreta e com mais detalhes das contribuições adquiridas por meio das entrevistas.

A escolha desta modalidade de entrevista procura oportunizar a narrativa de maneira que a pessoa entrevistada tenha liberdade para contar sobre a experiência com as brinquedotecas e a formação para a docência, dando relevância à subjetividade da experiência para quem a vivenciou, relacionada à dimensão social do tema estudado.

A entrevista episódica é mais orientada para as narrativas de pequena escala e baseadas em situações, sendo, por isso, mais fácil concentrar-se na coleta de dados. Ela evita pressupostos de dados “verdadeiros” e, em vez disso, se restringe às realizações construtivas e interpretativas dos entrevistados. Não dá prioridade a um tipo de dado, como a entrevista narrativa faz com os dados narrativos, mas faz uso de vantagens de diferentes formas de dados – conhecimento semântico e episódico, e expressões narrativas e argumentativas (FLICK, 2002, p. 130).

As narrativas episódicas proporcionam o registro da história da memória a partir da experiência sobre um acontecimento significativo para o sujeito. A contextualização histórica e política das brinquedotecas universitárias brasileiras por si só não traduz a dimensão da experiência sobre o espaço das brinquedotecas. A reflexão crítica e a complexidade do lúdico e das brincadeiras nos contextos educativos implica uma reflexão crítica da história, da historiografia e da história da memória de quem experienciou a brinquedoteca universitária. Com a proposta de trazer diferentes experiências a partir da brinquedoteca universitária brasileira e a formação para a docência, delimitamos para as entrevistas brinquedotecas ainda em funcionamento ou em processo de implementação, destacando as cinco macrorregiões brasileiras por suas vastidão histórico-cultural e para apontamentos referentes a aspectos que implicam a implementação de brinquedotecas nas instituições de ensino superior.

Para mapeamento das brinquedotecas, traçamos o seguinte roteiro de levantamento de dados, dividido em quatro etapas principais:

1. Primeiro, levantamento das universidades brasileiras com brinquedotecas;
2. Segundo, seleção de quais universidades oferecem a licenciatura em pedagogia vinculada às brinquedotecas no processo de formação;
3. Terceiro, delimitação de quais são os contatos possíveis para realização das entrevistas, considerando como critério de escolha diferentes localizações destas brinquedotecas e buscando valorizar a multiplicidade cultural brasileira;
4. Por último, o contato com as pessoas atuantes ou responsáveis pela idealização e criação destas brinquedotecas, o convite e o agendamento para a realização das entrevistas.

Ressaltamos alguns dos meios para identificação destas brinquedotecas, como o banco de brinquedotecas filiadas à Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri); mapeamento realizado por Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de Andrade e Raquel Zumbano Altman (1996) para o livro *O direito de brincar: a brinquedoteca*; contatos diretos com as universidades através dos meios de comunicação possíveis (*sites*, e-mail, telefone,

responsáveis) e as indicações de pessoas entrevistadas de brinquedotecas universitárias parceiras.

A pesquisa utiliza-se das entrevistas episódicas com profissionais que idealizaram e criaram brinquedotecas em contextos universitários. Eles/elas trazem vivências sobre o seu fazer pedagógico neste espaço na perspectiva da narrativa sobre a história da memória, bem como registros e relatos que compõem o contexto histórico das brinquedotecas. A perspectiva histórica apresenta meios e possibilidades para o aprofundamento nos estudos culturais, relacionado aos espaços das brinquedotecas universitárias e a perspectiva dos sujeitos atuantes destas brinquedotecas na sua prática educativa, tendo em vista as entrevistas como um espaço para compartilhar as experiências e propostas.

As experiências vivenciadas e o diálogo com as autoras e autores aqui apresentados propõem pensar o brincar como potência nas práticas educacionais em relação à educação básica, portanto, o aprofundamento bibliográfico, histórico e historiográfico sobre estas brinquedotecas universitárias brasileiras tem como enfoque seu processo histórico e propostas brincantes, especificando o campo da educação e formação docente. Compreendemos que a pesquisa em ciências humanas, em específico, o campo da educação, assim como define João Amado (2014), deve considerar a especificidade educativa e as implicações nas especificidades das relações humanas. No caso da temática de pesquisa aqui proposta, focamos no que caracteriza as construções culturais por meio do lúdico e nos impactos para a formação e, posteriormente, na atuação docente na sua subjetividade.

SEÇÃO 5 – QUEM BRINCA NA FORMAÇÃO DOCENTE?

Tratando-se da temática e dos objetivos da pesquisa que estabelece as entrevistas como uma maneira de registro da história, apresentaremos nesta seção algumas reflexões possíveis a respeito das entrevistas realizadas para este estudo. Até então, trabalhamos os conceitos sobre brincar e cultura escolhidos para embasar esta pesquisa. Traçamos uma linha histórica para compreender como a brinquedoteca surge e ocupa o espaço da universidade no contexto brasileiro, sua perspectiva através das políticas públicas para a educação e para a formação e as contribuições da memória e da experiência para descrever este espaço na sua idealização e nas suas propostas brincantes e lúdicas. Esta imersão inicial e teórica da pesquisa nos insere na próxima etapa que será trabalhada nesta seção e que vão compor os demais objetivos específicos desta pesquisa.

Escolhemos como uma proposta inicial a entrevista episódica com os atuantes e idealizadores das brinquedotecas universitárias por região brasileira. A escolha desta modalidade de entrevista se deu pela ênfase nas narrativas, na atribuição de sentido e para o registro das experiências pautando-se no diálogo entre quem entrevista e a pessoa entrevistada, a partir da pesquisa episódica em Uwe Flick (2002), que é organizada em fases de construção da entrevista.

A entrevista episódica nos deu o arcabouço necessário para compreender qual o objetivo gostaríamos de alcançar com as entrevistas, traçando algumas questões norteadoras do que julgamos relevante para a realização delas. No entanto, desde o início deste trabalho, a proposta sempre caminhou para uma possibilidade de entrevista na qual as pessoas envolvidas pudessem dialogar livremente sobre a temática proposta. Destacamos que, para o sentido da experiência trabalhado por Jorge Larrosa Bondía (2002), que dialoga com a ideia de história da memória, de Júlio Pimentel Pinto (1998) na valorização da memória para o fazer historiográfico, consideramos necessária uma metodologia para as entrevistas que fosse sensível às narrativas e que permitissem a construção do diálogo, tentando proporcionar um ambiente de conversa e liberdade para as pessoas entrevistadas compartilharem suas experiências como desejassem expressá-las. Alessandra de Campos e Silva Rosa (2020), ao escrever sobre brincar na vida e na docência, explica que,

As brincadeiras e a ludicidade, precisam compor os programas e currículos das formações iniciais e continuada considerando a importância dessas vivências, constituindo a “experiência que me passa” Larrosa (2002) para a

compreensão das peculiaridades da infância tendo o brincar como força mobilizadora (ROSA, 2020, p. 102).

Assim, a entrevista episódica auxiliou a organização e a condução das entrevistas realizadas, de modo que as entrevistas para o estudo das brinquedotecas universitárias brasileiras buscou, primeiramente, contar estas histórias brincantes e, com elas, ressaltar ou trazer reflexões sobre brincar como componente cultural que conta histórias, constrói experiências, atribui significados, experimenta o lúdico. Assim, pode-se questionar o que é brincar nesta sociedade e, para este trabalho, o que é brincar para formação nas universidades. Apesar de organizadas seguindo as orientações delimitadas pelas fases de construção para a entrevista episódica, as entrevistas não seguiram a mesma linearidade das fases propostas. Na atividade da entrevista, o diálogo fluiu livremente, sem seguir uma estrutura específica de perguntas e respostas.

Algumas entrevistas foram realizadas por mim, Beatriz Fernanda Jorge, de maneira individual e outras foram realizadas em conjunto com a professora Maria Walburga dos Santos. Em todas as ocasiões, comecei compartilhando sobre a minha história com a educação e o brincar, a história da pesquisa Brincar e formação docente: um estudo a respeito de brinquedotecas universitárias brasileiras (1984 a 2022), explicado sobre a opção pela entrevista e qual o interesse da proposta da pesquisa e das entrevistas. Em seguida, convido as pessoas entrevistadas a compartilhar a sua história e experiência com a brinquedoteca da maneira que desejarem.

5.1. Descrição das entrevistas realizadas

Para esta pesquisa, foram realizadas algumas entrevistas com atuantes nas brinquedotecas universitárias; buscamos priorizar as principais regiões brasileiras. Portanto, entramos em contato com algumas pessoas, docentes atuantes ou idealizadoras de brinquedotecas universitárias para contar um pouco sobre a história, assim como as suas experiências com estes espaços. Priorizamos alguns aspectos como norteadores da conversa com estas pessoas atuantes a fim de conhecer a brinquedoteca em questão e a relação das pessoas entrevistadas com este espaço na universidade. Tivemos como finalidade trazer contributos para a formação docente e para o brincar na vida e no cotidiano das pessoas de todas as idades. Apontamos que o trabalho aqui realizado se direciona à formação docente, trazendo para o foco as licenciaturas, bem como a formação nos cursos de pedagogia destas universidades. Procuramos explorar o brincar como um potencializador desta formação e da

valorização das infâncias, que implica a defesa do direito das crianças, do reconhecimento dos sujeitos como histórico-culturais e do brincar como uma construção cultural.

Acreditar nas crianças como potência que é e não como devir de um futuro longínquo, significa assumir uma atitude de compromisso que vai além de políticas compensatórias de bem-estar infantil, remete a reconhecer e implementar ações que fortaleçam sua condição de sujeitos históricos, que é curiosa, que deseja, que constrói cultura e saberes, que tem voz, que é ativa e criativa (ROSA, 2020, p. 104).

Agora, faremos uma descrição de como foram organizadas e realizadas as entrevistas com as pessoas atuantes nas brinquedotecas, buscando elucidar qual foi a proposta desta conversa e como fomos conduzindo este diálogo. A seleção das pessoas entrevistadas aconteceu a partir de uma pesquisa de universidades públicas brasileiras que ofereciam a brinquedoteca como um espaço destinado aos cursos de licenciatura, em específico, aos cursos de pedagogia oferecidos nas universidades.

A prioridade se deu no contato com pelo menos uma pessoa por macrorregião brasileira, ou seja, entrevista com uma pessoa atuante em brinquedoteca universitária pública da Região Norte, uma pessoa atuante de brinquedoteca universitária pública da Região Nordeste, uma pessoa atuante de brinquedoteca universitária pública da Região Sudeste, uma pessoa atuante de brinquedoteca universitária pública da Região Centro-Oeste e uma pessoa atuante de brinquedoteca universitária pública da Região Sul. Após definidas as potenciais entrevistas, foram realizados convites via e-mail diretamente a estas pessoas atuantes, explicando a proposta da pesquisa e como estaríamos propondo a realização da entrevista.

Importante destacar que o critério de seleção para as possíveis entrevistas levou em consideração o acesso a maiores informações sobre as brinquedotecas e a possibilidade de contato diretamente com as pessoas atuantes, idealizadoras e/ou coordenadoras nestes espaços. Portanto, ressaltamos que as experiências que serão apresentadas aqui por meio destas entrevistas não descartam as demais experiências que, infelizmente, trabalho não poderá contemplar. No entanto, as experiências que foram compartilhadas por meio das entrevistas destacam as singularidades de cada espaço e as relações com o brincar e o lúdico como únicas e repletas de significados, como veremos mais à frente ao compartilhar as narrativas de cada atuante em brinquedoteca.

Aceito convite, fizemos uma explicação com maiores detalhes, pontuando que se tratava de entrevistas individuais. Propomos uma conversa sobre a história da brinquedoteca

universitária em questão e a relação com a formação de professores e o brincar pensando nas brinquedotecas em universidades no Brasil. Expomos a ideia geral de que a entrevista é um espaço de conversa onde cada pessoa pudesse trazer a sua perspectiva livremente a partir da sua narrativa e experiência como foco para contar a história desta brinquedoteca. Pedimos para que a pessoa entrevistada contasse a história da brinquedoteca em que atua, narrando um pouco sobre como ela surgiu, como é a estrutura desta brinquedoteca, quais atuações foram ou estão sendo realizadas na universidade e para a formação docente. Também solicitamos que contasse um pouco da própria história e como chegou a esta brinquedoteca e o processo de idealização deste espaço.

Houve a preocupação em deixar as pessoas entrevistadas livres para contar como desejassem a história deste espaço, inclusive, para que pudessem compartilhar imagens, fotografias ou qualquer outro documento (Projeto Político Pedagógico, Projeto Pedagógico do Curso, projeto de brinquedoteca, listas de compras, acervo etc.) relacionado à brinquedoteca e que pudesse compor sua exposição caso se sentissem confortáveis para isso. Assim, algumas entrevistas contam com alguns documentos como os descritos acima para compor a história da brinquedoteca universitária. No entanto, deixamos as pessoas convidadas livres para decidir se gostariam ou não de disponibilizar estes documentos.

Todas as entrevistas foram realizadas remotamente com, em média, 90 minutos de duração e foram gravadas com a autorização de todas as pessoas entrevistadas. Em seguida, foram transcritas, transliteradas e enviadas para as respectivas pessoas entrevistadas a fim de que autorizassem e dessem consentimento para a utilização delas na pesquisa. Com as devidas autorizações de Termo de consentimento livre e esclarecido e do Termo de autorização e concessão para divulgação de documentos, elas foram incluídas neste trabalho.

Durante as entrevistas, as pessoas entrevistadas indicavam outros projetos ou colegas envolvidos com as brinquedotecas universitárias, de maneira que pudemos realizar algumas entrevistas a mais em algumas regiões, como foi o caso do nordeste, por exemplo. Conforme houve a disponibilidade para tanto, estas entrevistas foram realizadas e incluídas na pesquisa.

Algumas pessoas entrevistadas também apontaram para a necessidade de trazer para a conversa outras pessoas envolvidas com a história e cruciais para o trabalho desenvolvido na brinquedoteca; desse modo, buscamos acolher esta necessidade e algumas entrevistas foram realizadas com mais de um atuante naquele espaço.

De maneira geral, podemos afirmar que todas as pessoas entrevistadas tiveram a preocupação de apresentar com muitos detalhes a sua perspectiva sobre a história da brinquedoteca e a significância deste espaço na sua trajetória; também explicitaram as aspirações, pretensões, ações, projetos, expectativas, preocupações, dificuldades, reflexões, sentimentos, cuidados e um tanto de outros adjetivos que aparecem nas narrativas e que, adiantamos, expressam o envolvimento e comprometimento destas pessoas com a existência e as possíveis potencialidades destes espaços.

5.2. Sobre as entrevistas

Para dar destaque a cada contribuição que será apresentada, dedicaremos atenção de maneira breve e individual a cada entrevista que foi realizada, apresentando as pessoas entrevistadas ou destacando as apresentações de si mesmas e das brinquedotecas nas quais estão envolvidas. As entrevistas estão organizadas por região brasileira na seguinte disposição: iniciamos com a Região Sudeste, apresentando a Brinquedoteca do Departamento de Ciências e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba e a Brinquedoteca do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Em seguida, vamos para a Região Nordeste, com a Brinquedoteca BrincaSol da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Jequié, a Brinquedoteca Paulo Freire da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Ludoteca Tempo de Brincar do Laboratório de Ludopedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* Itapetinga. Depois, a Região Centro-Oeste, com a Brinquedoteca do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Na Região Norte, temos a Brinquedoteca da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). E na Região Sul, a Brinquedoteca da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Buscamos agrupar as entrevistas realizadas na mesma região, facilitando a leitura e manuseio do trabalho. A ordem da disposição das entrevistas não é, necessariamente, a ordem cronológica na qual as entrevistas foram realizadas.

Ressalte-se que apresentaremos aqui algumas reflexões possíveis a partir das entrevistas realizadas, o que não limita ou esgota outras contemplações sobre as histórias que foram contadas. O objetivo principal é sempre propor espaço para o diálogo com destaque às infinitas experiências possíveis por meio do brincar e do lúdico e as potencialidades dos espaços das brinquedotecas em prol desta defesa.

5.3. REGIÃO SUDESTE



5.3.1. Brinquedoteca do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE)⁸

(Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba)

A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) campus Sorocaba proporcionou meu primeiro contato com a brinquedoteca durante a graduação em pedagogia. Iniciei a minha formação na universidade em 2015 e em 2016 o espaço físico da brinquedoteca do DCHE se concretizava fisicamente com a chegada do acervo de brinquedos e reorganização do espaço físico para alocação da brinquedoteca para o curso de pedagogia. Este evento me marcou pelo envolvimento de docentes e estudantes para a realização do espaço. Anos depois, em 2018, fui convidada pela professora Maria Walburga dos Santos para realizar uma pesquisa de Iniciação Científica e Tecnológica (ICT) trabalhando o tema das brinquedotecas universitárias. Este trabalho era direcionado ao estado de São Paulo, inicialmente sob

⁸ A Entrevista 1 foi realizada com a professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, uma das idealizadoras da Brinquedoteca do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE), implementada em 2016 e inaugurada em 2017 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) campus Sorocaba. A entrevista ocorreu em 20 de maio de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h14m59s.

orientação da professora Maria Walburga e depois pela professora Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi⁹, conforme mais bem detalhado no memorial situado na seção 1 desta dissertação, brincando com a memória. A pesquisa de ICT também desencadeou a proposta de pesquisa para a pós-graduação, que hoje se configura no presente estudo.

A brinquedoteca do DCHE sempre esteve presente no meu processo formativo para a docência e para a pesquisa acadêmica. neste sentido, compreender mais a fundo a história desta brinquedoteca sempre me instigou nas minhas pesquisas e alimenta a minha vontade de escrever e conversar sobre a criação e implementação deste espaço, um projeto de estudo para a universidade e para a formação dos estudantes que vivenciam ou vivenciaram a brinquedoteca do DCHE, além de reafirmar suas possibilidades no ensino, pesquisa e extensão na região metropolitana de Sorocaba¹⁰. Portanto, o convite para entrevista com a professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa foi o ponto de partida para que as próximas entrevistas desta pesquisa acontecessem, marcando o vínculo entre a história desta pesquisa com a minha história pessoal, que se misturam no decorrer desta caminhada. Inicialmente, esta foi uma entrevista experimental para as próximas que viriam em seguida; consideramos que ela não poderia ser desvinculada deste trabalho, mas, sim, que deveria ser mais uma parte integradora deste estudo e parte das experiências que aqui serão compartilhadas.

Luciane Muniz Ribeiro Barbosa foi docente na UFSCar Sorocaba entre 2014 e 2015 e atuou na criação e implementação da brinquedoteca do DCHE Sorocaba. A experiência desta professora representa um primeiro passo para o desejo de realização deste estudo sobre a brinquedoteca do DCHE e um diálogo inicial para as entrevistas com os demais atuantes das brinquedotecas universitárias brasileiras e orientadora das próximas entrevistas.

⁹ A pesquisa de Iniciação Científica e Tecnológica (ICT) foi intitulada Formação docente e o uso das brinquedotecas: um estudo sobre as brinquedotecas públicas do Estado de São Paulo, realizada entre os anos de 2018 e 2019, em que a troca de orientação ocorreu devido a coincidência do período com o pós-doutorado realizado pela professora Maria Walburga dos Santos na Universidade de Paris XIII, na França, impedindo de seguir com a orientação. A professora Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi foi quem gentilmente assumiu a orientação para a finalização da pesquisa.

¹⁰ Destacando que além da brinquedoteca, diversas ações são realizadas na universidade favorecendo o ensino, pesquisa e extensão com o foco na formação docente, como por exemplo, o Núcleo de Educação e Estudos da Infância, um coletivo que trabalha em prol de oferecer atividades e projetos que pensem, reflitam, debatam, estudem e gerem conhecimentos em torno dos estudos a respeito das crianças, da infância e da Educação Infantil.

A professora iniciou mergulhou nas suas vivências no período em que esteve na UFSCar Sorocaba, lembrando suas experiências na atuação como docente do curso de pedagogia e na implementação da brinquedoteca no *campus*. Esta apresentação inicial de ambas as pessoas envolvidas na entrevista deu abertura para uma identificação sobre a experiência vivida e a liberdade para compartilhar, cada qual, a sua perspectiva sobre o espaço da brinquedoteca do DCHE e sua relação com ele.

Rememorando o contexto que encontrou quando chegou na universidade, Luciane Muniz Ribeiro Barbosa descobre que a brinquedoteca é uma demanda do espaço físico para o curso de pedagogia previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) da universidade. A professora ressalta também que o período em que esteve atuando na UFSCar Sorocaba foi um período curto e que isto também influenciou a sua atuação na universidade, bem como o seu campo de atuação e pesquisa na área da educação e a implementação da brinquedoteca, aspectos que Luciane Muniz Ribeiro Barbosa traz ao apresentar sua trajetória como educadora. Como a professora contou um pouco de sua trajetória passando pela brinquedoteca do Laboratório de Pesquisas e Práticas Pedagógicas (LAPED) e sua ocupação atual na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), vou deixar que ela mesma se apresente:

Bom, eu sou a Luciane, eu sou pedagoga e eu me formei na FEUSP, na Faculdade de Educação na USP, então, o meu primeiro contato com brinquedoteca foi na FEUSP enquanto estudante. Da avaliação que faço hoje, a gente utilizou, na minha época, muito pouco o espaço da brinquedoteca enquanto um espaço de formação, inclusive no curso de pedagogia. Não sei se isso mudou, mas o fato é que a brinquedoteca era um local que obrigatoriamente nos fazia ver crianças ali dentro do campus, dentro de um prédio de uma faculdade que era majoritariamente para o atendimento de adultos. Então, como a brinquedoteca recebia visitas de crianças e também visitas de crianças que vinham também pelas escolas, era um momento que a gente via ali transitando pela faculdade as crianças que iam ter acesso lá ao LABRIMP. Essa foi a minha primeira experiência com a brinquedoteca. Apesar de ter feito magistério também, eu não tive experiência anterior. Fui conhecendo a brinquedoteca, enfim, estudar um pouco, mas pouquíssimo sobre a questão das brinquedotecas, algo que passou pelo curso só depois enquanto estudante de pedagogia.

Durante a minha trajetória acadêmica, eu fiz o mestrado e doutorado na área de política educacional, na discussão do direito à educação e não foquei especificamente as minhas pesquisas acadêmicas na área da Educação Infantil. Então eu acho importante te contar isso porque, quando eu chego na UFSCar, eu chego na UFSCar por um concurso de Educação Infantil e eu era recém-egressa do Doutorado. Então eu finalizei o doutorado, prestei o concurso, passei, mas a minha trajetória de pesquisa não era uma trajetória que aprofundasse questões da Educação Infantil.

Então, eu tinha a minha formação enquanto pedagoga e tinha minha experiência como professora da prefeitura de São Paulo: eu fui professora de creche de pré-escola na prefeitura de São Paulo, fui professora da rede, trabalhei em dois CEIs em São Paulo e depois acabei exonerando para ir trabalhar no Ensino Superior privado. Mas, quando eu chego na UFSCar, eu estava mais na experiência do Ensino Superior privado e a UFSCar Sorocaba foi a minha primeira experiência no Ensino Superior público, foi o primeiro concurso que eu prestei e passei. Foi então que passei a me aprofundar, mais em termos de pesquisa, nas discussões da Educação Infantil, que até então eu tinha só enquanto trajetória profissional, mas não em trajetória de pesquisa.

Essa foi um pouco a minha trajetória até chegar na UFSCar. Eu fiquei pouco tempo na UFSCar porque depois, em 2015 ou final de 2014, já não lembro mais, abri concurso na Unicamp para políticas de Educação Infantil, que foi uma oportunidade que eu vi de voltar para as discussões da política e a ir agregando aquela trajetória que eu havia iniciado de um aprofundamento maior na Educação Infantil. Hoje, aqui na Unicamp, eu estou nas discussões de políticas de Educação Infantil, na política geral, mas responsável pelas disciplinas de políticas de Educação Infantil – na formação dos alunos aqui na Unicamp tem essas duas dimensões: das disciplina de políticas de Educação Infantil e outras de pedagogia da Educação Infantil, são dois semestres distintos, duas disciplinas distintas – então acabei focando mais me voltando para política que já era minha área de formação no mestrado e doutorado.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

No período em questão (2014), a UFSCar Sorocaba se configurava como um *campus* novo com uma equipe ainda em consolidação. Porém, a discussão sobre a brinquedoteca se iniciou anteriormente à chegada de Luciane Muniz Ribeiro Barbosa na UFSCar Sorocaba e já constava no Projeto Pedagógico do curso sob a coordenação da professora Adriana Varani, docente na universidade de 2009 até 2013.

[...] quando eu chego, não sou eu quem idealiza a brinquedoteca, então, tem uma figura, uma pessoa que seria bacana você conversar também porque ela é muito acessível e hoje também está aqui como professora na Unicamp, que é a professora Adriana Varani. Ela foi coordenadora do curso de pedagogia e é ela quem coloca no projeto pedagógico do curso de pedagogia a necessidade de criação de uma brinquedoteca. É ela, inclusive, que vai criar esse plano inicial de como é a brinquedoteca, o que deve ter, como deve ser.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

A proposta de criação da brinquedoteca é retomada com a chegada de uma verba do setor de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais (REUNI), considerando o período descrito pela professora anteriormente que define a UFSCar como um *campus* relativamente novo e que passava por algumas questões de reorganização do espaço físico e de estrutura para os cursos oferecidos. Assim, a brinquedoteca se destaca como um espaço a

ser priorizado para a verba disponibilizada e para a defesa de um espaço para brincar como necessário ao curso de pedagogia.

Quando eu chego na UFSCar, já tem um projeto pedagógico do curso de pedagogia que prevê a brinquedoteca e é na discussão do espaço físico da universidade ou da falta de espaço físico e adequação para todas as propostas e grupos que necessitavam de espaço físico, que a discussão da brinquedoteca entra. Eu passei a fazer parte dessa comissão de espaço físico e, nessa comissão, passei a defender a criação do espaço da brinquedoteca, passei a defender que um espaço da universidade fosse destinado a brinquedoteca como sendo previsto no projeto do curso de pedagogia.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Então, quando eu chego na UFSCar, a brinquedoteca não está no meu plano de trabalho e eu fiquei tentando lembrar como isso chega, como isso aparece como demanda para eu trabalhar? E eu encontro num registro de julho de 2014 sobre uma reunião ordinária que teve do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas que trouxe dois informes que foram passados para os professores no departamento sobre o espaço físico [corte na gravação] o campus havia definido como prioridade a implementação dos laboratórios previstos [corte na gravação] e tinha aqui o registro “faltam dois para geografia e a brinquedoteca para a pedagogia”. Tem também registros de que outros professores passam a fazer demandas “não, falta um também para a questão da acessibilidade, falta outro para tal...”, mas vem como um registro anterior de que, em termos de espaço físico, a prioridade era para os laboratórios para os espaços previstos nos PPPs dos cursos e é lá que a brinquedoteca aparece.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

A gente tinha um momento de readequação do espaço físico da universidade, pensado que é um campus novo, se consolidando em Sorocaba, então, a readequação de espaço físico e, ao mesmo tempo, a necessidade – eu vou usar esse termo “necessidade” – porque a gente tinha um prazo para uso da verba REUNI que chegou para UFSCar.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

A professora destaca que, devido ao prazo para a utilização da verba disponibilizada e devido às demandas necessárias para a concretização do espaço, não houve tempo hábil para realizar discussões em volta da idealização e proposta para o espaço, não permitindo um aprofundamento ou diálogo mais direto com a comunidade no reconhecimento mais detalhado das demandas que permeavam ou poderiam ser consideradas no projeto de construção do espaço.

Uma avaliação que eu fazia na época e reitero hoje é que a necessidade de uso desses recursos chega sem, necessariamente, um tempo de amadurecimento e discussão sobre que brinquedoteca é essa que faz sentido aqui para a UFSCar, que faz sentido aqui no contexto da região de

Sorocaba. Talvez, a professora Adriana Varani tenha feito com o grupo que estava lá anteriormente quando fez aquele projeto de brinquedoteca, mas ali, para a implementação, para organização do espaço, aquisição dos brinquedos, a gente não teve esse tempo de diálogo, de amadurecimento, diálogo com a comunidade... O que é que falta aqui? O que é que as escolas têm ou não tem? O que faz sentido ou não para o nosso curso de pedagogia? O que as estudantes têm para dizer? A gente não fez esse diálogo. E o que começou a acontecer foi que a gente começou – “a gente”, muito eu, Luciane, porque estava responsável pela disciplina da Educação Infantil. Comecei a preencher planilhas de Excel fazendo uma busca de que brinquedos seriam importantes ter na brinquedoteca, porque a gente tinha aquela verba que tinha que gastar até tal data, tinha que empenhar, tinha que ter os três orçamentos.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Sobre isso, a professora Luciane disponibilizou alguma destas listas de brinquedos¹¹ que foram pensados para o espaço nesse momento de idealização para manuseio da verba. Nesta lista aparecem uma variedade de brinquedos sugeridos pelos docentes envolvidos no projeto, assim como uma variedade de materiais que poderiam compor a proposta do projeto, dentre eles: aparelhos de tecnologia, jogos diversos, brinquedos de madeira maciça, brinquedos de montagem como blocos, fantoches, brinquedos de veículos diversos, tecidos, bonecas e bonecos, brinquedos que simulam móveis e aparelhos domésticos, brinquedos que simulam artefatos de diversas profissões, instrumentos musicais... Sobre o mobiliário: mesas de jogos e cadeiras infantis, prateleiras/organizadores, espelho, estantes, mesa e cadeira para computador, suporte para TV e outros. A planilha apresenta uma lista de 75 livros selecionados para compor o espaço, dos quais, a maior quantidade trata de livros que apresentam como temática a diversidade da cultura brasileira e clássicos de autores nacionais. Também conta com uma lista de CDs e DVDs e materiais de libras para compor o acervo.

A professora destaca que a lista precisou de adaptações que limitaram a compra de acervos e mobília devido à limitação do espaço onde a brinquedoteca precisou ser alocada. Sobre isso, outra questão apontada pela professora é a falta de disponibilidade de espaço para alocação da brinquedoteca em planejamento. Luciane Muniz Ribeiro Barbosa enfatiza a disputa por território e conseqüente luta em defesa do brincar para a formação docente mesmo com os atuantes do curso de pedagogia.

¹¹ A lista de brinquedos disponibilizada pela professora Luciane na íntegra encontra-se no item Anexo II desta dissertação.

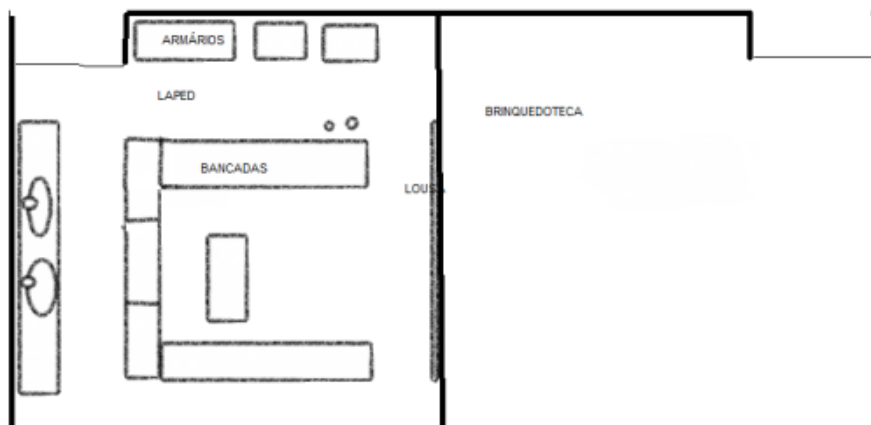
[...] no sentido da disputa do espaço físico, de fato foi uma disputa, havia uma pressão muito grande de professores da área de psicologia que gostariam de utilizar aquele espaço apenas para o grupo de pesquisa. Era um grupo maior os professores da área da psicologia que tinham interesses – sem julgamento de valor aqui – mas interesses outros para aquele espaço de consolidação de outra área da psicologia, de outro tipo de grupo de atendimento, enfim. Então, foram reuniões muito difíceis, muito duras para fazer essa defesa da brinquedoteca, porque, apesar de ter sido apontada como uma área prioritária na reunião do Conselho de Ciências Humanas, quando isso chega para o departamento há um grupo de professores que não necessariamente priorizava a brinquedoteca. Então, acho que a minha participação foi uma participação, talvez, importante nessa disputa, de marcar território e dizer “não, a brinquedoteca é fundamental para o curso de pedagogia, para formação e a gente vai fazer acontecer, ainda que o espaço não seja ideal, ainda que esse movimento de implementação não seja o ideal – por ser só feito por adultos, essa coisa da compra dos materiais e tal – mas a gente vai fazer acontecer vai começar criar aqui um espaço para que isso depois seja aperfeiçoado”.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

A brinquedoteca foi alocada dividindo espaço com o LAPED, cuja sala foi dividida em dois espaços assim como apontado no documento de Proposta de usos do espaço das salas ATLAB 121 e 120: LAPED, brinquedoteca e sala multiuso escritos pelas professoras Rosana Batista Monteiro e Luciane Muniz Ribeiro Barbosa:

Propõe-se dividir a sala que atualmente é ocupada pelo LAPED com divisória fixa. Embora o espaço não tenha o tamanho adequado para a organização de brinquedoteca, consideramos que parte das atividades a serem desenvolvidas poderão acontecer na sala Multiuso, especialmente brincadeiras de roda, tradicionais e outras que requeiram amplo e livre espaço de circulação. A ocupação do espaço da brinquedoteca depende ainda da finalização da proposta de sua implantação (MONTEIRO; MUNIZ, [s.d.], [n.p.]

Figura 9 – Planta com a sugestão de divisão da sala ocupada pelo LAPED



Fonte: Monteiro e Muniz ([s.d.], [n.p.]).

O documento aponta, ainda, que:

De acordo com o “PROJETO BRINQUEDOTECA Curso Pedagogia UFSCar – campus Sorocaba” elaborado durante a coordenação do curso de Pedagogia pela profa. Adriana Varani:

“O Curso de formação de educadores necessita dedicar esforços de reflexão, atenção sobre o significado e o espaço do brincar e da brincadeira na vida das crianças, bem como, a maneira como ela vem utilizando os objetos que lhe são dados “para brincar”.

A brinquedoteca do Curso de Pedagogia da UFSCar campus Sorocaba, tem por objetivo possibilitar um espaço e um tempo para a criança brincar, experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, transformar-se, negociar, desejar, criar e ser. Também objetiva criar um espaço e um tempo para o professor-aluno do Curso de Pedagogia –licenciatura lidar com suas memórias da infância e seu papel de educador. É um espaço e um tempo de formação, em que vivências, estudos, reflexões discussões acerca da criança, do ato de brincar e do brincar articulam atividades teórico-práticas.” (MONTEIRO; MUNIZ, [s.d.], [n.p.]).

Apesar das limitações de tempo para planejamento da brinquedoteca, Luciane Muniz Ribeiro Barbosa relata sobre uma visita ao Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP) junto com os docentes da universidade. A professora entrevistada relata no início da entrevista que seu primeiro contato com a brinquedoteca se deu através do LABRIMP durante sua formação na Universidade de São Paulo (USP). Apesar de não considerar este contato tão aprofundado, relata que lá era o espaço onde era possível ver crianças na universidade, onde circulam majoritariamente adultos. Já como docente na UFSCar Sorocaba, ela retorna a USP para realizar esta visita à brinquedoteca da Faculdade de Educação e discorre neste trecho sobre o seu sentimento com o processo de implementação da brinquedoteca do DCHE que estava vivenciando.

Uma ação que a gente conseguiu fazer foi visitar o LABRIMP e ter uma conversa com a pessoa responsável que eu já esqueci o nome, minha juventude toda eu passei lá na USP e esqueci o nome, olha que coisa ruim. Mas que ele nos recebeu, então, o único registro, inclusive de fotos que eu tenho, é dessa visita. Fomos eu, a professora Rosana, a professora Lúcia Lombardi e a professora Suzana Marcolino, que tinha chegado como professora substituta na UFSCar. Nós fomos visitar e a pessoa que trabalha no LABRIMP nos recebeu, contou um pouco da história, mostrou todo o espaço e coisas muito importantes e significativas da construção da brinquedoteca, o quanto o próprio envolvimento das crianças vai demandando essa aquisição e construção dos brinquedos pelas próprias crianças; isso foi algo que, enquanto eu estava, a gente não conseguiu fazer.

Algo que me angustiava muito é que, para mim, estava sendo uma relação quase comercial de compra de brinquedo, então isso me deixava profundamente incomodada, ao mesmo tempo que, se a gente não usasse o recurso, teríamos de devolver o dinheiro. Por outro lado, também, a gente

tinha um recurso, isso era algo válido, mas não podia ser contemplado tudo aquilo que a gente imaginava que seria interessante para ter a brinquedoteca porque o espaço físico era limitado. Olhando aqui a primeira versão da planilha do Excel, a gente pediu tanque multiuso, a gente pediu coisas, umas mesas maiores para as crianças poderem construir coisas e foram coisas que foram sendo cortadas porque não caberiam no espaço [...]

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Os destaques pontuais sobre a vivência da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa com a brinquedoteca do DCHE ressaltam algumas questões que passam pelas vivências no processo formativo e a relação com o brincar. Apesar de sua passagem breve no tempo *chronos*, a sua atuação foi muito decisiva para o posicionamento em defesa da brinquedoteca. A professora se dispõe para a compreensão deste espaço no contexto da formação docente além da preocupação em entender seu destaque no projeto pedagógico e priorizá-lo como espaço físico necessário.

Em 2016 é iniciada a montagem da brinquedoteca do DCHE na UFSCar, *campus* Sorocaba, e, a partir da experiência vivenciada pela professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa no processo de idealização desta brinquedoteca, temos a implementação com a montagem do espaço. Como foi apontado anteriormente, a brinquedoteca divide espaço com o LAPED e, com a organização da professora Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi, foram convidados professores e estudantes para a montagem do espaço.

Figura 10 – Brinquedoteca nascendo com montagem da professora Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi no ano de 2016.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

A partir de sua existência, ainda que a brinquedoteca não realize atendimentos regularmente, existe um envolvimento de docentes e estudantes em atividades que ocupem o espaço. A exemplo disso, temos as Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE), em que foi realizado, no ano de 2017, a ACIEPE Brincar na Educação Infantil organizada pela professora Maria Walburga dos Santos em parceria com a professora Claudia Regina Vieira.

A atividade trouxe como proposta promover discussões que aprofundassem a temática do brincar e da Educação Infantil a partir de um referencial bibliográfico, identificar questões a partir das práticas experienciadas potencializando e aprofundando o campo de pesquisa e aproximando os estudantes e profissionais da Educação Infantil atingindo a comunidade a que a universidade faz parte e desenvolvendo atividades na recém organizada brinquedoteca do campus, realizando, assim, a interface ensino, pesquisa e extensão. A partir desta atividade foi realizada a organização do espaço para a inauguração da brinquedoteca e para o recebimento de crianças. Após a exposição da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa sobre sua participação no processo de idealização, compartilhamos as imagens da ACIEPE Brincar na Educação Infantil com a organização e a inauguração do espaço da brinquedoteca compreendendo melhor como esta se configura.

Figura 11 – ACIEPE Brincar da Educação Infantil na brinquedoteca do DCHE.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

Figura 12 – Estudantes da ACIEPE Brincar da Educação Infantil na brinquedoteca do DCHE.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

Figura 13 – Jogos da brinquedoteca do DCHE.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

Figura 14 – Organização do espaço da brinquedoteca do DCHE na ACIEPE Brincar da Educação Infantil.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

Figura 15 – Inauguração da brinquedoteca do DCHE.



Fonte: Imagens da brinquedoteca do DCHE na UFSCar campus Sorocaba concedidas pela professora Maria Walburga dos Santos.

5.3.2. Brinquedoteca do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP)¹²

(Universidade de São Paulo)

A entrevista sobre o LABRIMP e a brinquedoteca do LABRIMP aconteceu com a professora Tizuko Morchida Kishimoto, que se dedicou à idealização e criação da primeira brinquedoteca universitária brasileira em conjunto com outros docentes e pesquisadores e, como foi descrito anteriormente na introdução e na seção 3 deste estudo, o foi uma figura norteadora para esta pesquisa. O trabalho no LABRIMP se iniciou em 1984; no entanto, foi inaugurado em 1988. O laboratório especializou-se em diversas atividades que contemplassem o ensino, a pesquisa e a extensão, realizando pesquisas de brinquedos e materiais pedagógicos, aperfeiçoamento da formação metodológica do educador (LABRIMP, [s.d.]), bem como a construção da brinquedoteca, todas atividades vinculadas a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

A professora Tizuko Morchida Kishimoto é docente na FEUSP desde 1973; é formada em pedagogia, mestre e doutora em educação. Criou e coordenou o LABRIMP desde 1984 e o Museu do Brinquedo desde 1999. Em seus estudos, dedicou-se a ampliar os conhecimentos sobre o brincar e o brinquedo com diversas ações dentro e fora do país, como descrito pela memória do corpo docente da FEUSP:

Destacou como momentos mais marcantes, durante sua atuação na FEUSP, a formação de professores da educação infantil na pós-graduação, criados com recursos da CAPES e reformas do currículo da Pedagogia. A formação voltada para a práxis sobre o brincar, garantida pelo LABRIMP, a brinquedoteca, o LUDILIB (biblioteca sobre o lúdico), Ponto e Pontão de Cultura e MEB. Convênios e colaborações com ABRINQ, FDE, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e MEC possibilitam a oferta de manuais, brinquedos, indicadores de qualidade, oficina de consertos de brinquedos, testes de qualidade de brinquedos, kits de brinquedos para construir, bem como financiamentos da Fapesp, CNPq, para o estudo do brincar. Intercâmbios com as universidades: Paris 13 (Gilles Brougère – CAPES/COFECUB), Minho (Júlia e João Formosinho – CAPES/GRICES) e Gakuguei Daigaku (Ogawa), que ampliam o conhecimento sobre o brincar. Destacou também a importância de contar com o financiamento de organizações de fomento como FAPESP, CNPq, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e Fundação Volkswagen que acolheram projetos sobre o

¹² A Entrevista 2 foi realizada com a professora Tizuko Morchida Kishimoto, idealizadora e coordenadora da Brinquedoteca do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) desde 1984, embora a sua inauguração tenha ocorrido em 1988. A entrevista ocorreu em 27 de setembro de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h17m26s.

brincar, propiciaram a estruturação do LABRIMP e do MEB, o apoio a rede pública. Entre as atividades de cultura e extensão destacou sua ação, como coordenadora brasileira, junto à formação dos profissionais da área da saúde em Moçambique, África, com apoio da JICA, Japan International Cooperation Agency, durante dois períodos: 2012 – 2015 e 2016 a 2018. O envolvimento de dezenas de docentes e pesquisadores da FEUSP propiciam inovações pedagógicas, com a escuta dos profissionais e o suporte formativo para o desenvolvimento profissional e pessoal da equipe, com impactos no país e na área da saúde, conforme avaliação externa e inúmeros artigos que retratam o processo (FEUSP, 2021).

A professora Tizuko Morchida Kishimoto inicia sua exposição contando sobre o processo de idealização e criação do LABRIMP e da brinquedoteca, narrando sobre o início do movimento das brinquedotecas no Brasil e relacionando a sua história com a docência na época. A professora explica um pouco sobre quais eram as aspirações para aquele espaço e quais os meios que viabilizaram a criação do LABRIMP. Em seguida, discorre sobre o espaço da brinquedoteca, que é um espaço que compõe as ações realizadas pelo LABRIMP. Conta sobre ele e destaca as parcerias e incentivos que impulsionaram o projeto, como docentes que se dedicaram junto a ela na criação deste espaço e o incentivo do poder público como parte do fomento. A professora descreve estes e outros detalhes conforme o trecho da entrevista destacado abaixo:

Então, eu estava dizendo que esse movimento das brinquedotecas chegou ao Brasil pelas vias da educação especial, e eu estava na Faculdade de Educação, começando a trabalhar como docente, e ingressei na área de Didática, como professora de Didática, porque a minha orientadora, Amélia Domingues de Castro, era dessa área e ela que me indicou para eu assumir essa disciplina pois a Faculdade de Educação estava crescendo do ponto de vista de atendimento aos alunos.

Na ocasião, eu tinha dificuldade de tratar de teorias, de pedagogos, como Montessori, Decroly, entre outros. Todos esses que criaram materiais pedagógicos, afinal a gente tinha teoria e não tinha material e eu achava importante, num curso de graduação, que os alunos tivessem materiais, para poderem usar, analisar, e até levarem para fazer um seminário, para trabalhar o conceito e a própria prática. Então essa era a dificuldade que eu sentia na prática.

E depois entendendo esse processo de criação das brinquedotecas no mundo todo, chegando aqui no Brasil, através da Nylse Cunha, começamos a fazer, inclusive, seminários, sobre a importância do brincar e das brinquedotecas aqui na Faculdade de Educação e eu convidei um grupo de professores, como a Maria Angela Barbato, da PUC, a Edda Bomtempo, do Instituto de Psicologia, o Paulo Vasconcelos, que acredito, trabalhava na prefeitura, o Manoel Orosvaldo de Moura, que era professor de Matemática, a Cecília Aflalo, que estava fazendo mestrado em Sociologia sobre a questão do brincar, a Adriana Freiburger... enfim, são as pessoas que estou lembrando, pois haviam outras pessoas que também se reuniam lá. Uma vez por mês, nos reuníamos aqui na Faculdade de Educação, e

discutíamos como poderíamos ter uma brinquedoteca, voltada para os professores e para as crianças, para a expressão da cultura lúdica.

Mas não era só uma brinquedoteca. Como estávamos na universidade, pensávamos em criar um centro de estudos, brinquedos e materiais pedagógicos. Então nós fizemos um projeto, teria uma brinquedoteca, bibliografias, materiais pedagógicos também, para disponibilizar para os alunos, pros cursos, para várias disciplinas que utilizassem os materiais. Então, redigimos o projeto, que foi pensando com um grande grupo e não saiu apenas da minha cabeça, foi fruto de um grande encontro de vários pesquisadores de universidade e mestrandos, que gostariam que existisse no Brasil um centro de pesquisa favorecendo a expressão lúdica das crianças e a formação de professores e a pesquisa também.

E, à ocasião, antes de fazer esse projeto, em 1982, eu estava fazendo meu doutorado e, nele, eu queria saber quais instituições antigas de Educação infantil da cidade de São Paulo usavam o brinquedo e a brincadeira, e então fui atrás de vários professores que trabalhavam nessas instituições e sabia que a Alice Meirelles Reis era professora do Jardim de infância da Caetano de Campos. Localizei a Alice e fui fazer uma entrevista com ela. Lá em 1982, ela me disse tudo que fez no jardim de infância, mostrou uns álbuns com fotografias das crianças brincando e disse que já doara toda a sua biblioteca pedagógica para a PUC, todos os materiais que tinha para outras organizações, mas não havia doado pra ninguém os 6 álbuns que estavam com ela, pois ela queria doar pra uma instituição pública que tivesse um museu e que os usuários pudessem aproveitar desse acervo. Eu prontamente afirmei que criaria um museu, pois eu já tinha na cabeça a ideia de que o brincar depende de todo um contexto e, por conta disso, eu assumi a responsabilidade, apesar do museu só ter sido criado em 1999. E quando chegou o momento, eu chamei a Alice para ver a estrutura, um ano após ela faleceu.

Retomando a história do LABRIMP, em 1984, o projeto foi detonado. Havia uma secretária de Educação do estado de São Paulo que, com toda essa discussão da brinquedoteca... Antes de 1984, eu, a Nilce e toda essa equipe que se reunia, tínhamos feito uma exposição no SESC sobre a importância das brinquedotecas, que não foi muito bem entendida porque eu acho que os painéis não estavam muito claros, essa exposição foi feita para divulgar as brinquedotecas. A secretária ficou sensibilizada com a história da brinquedoteca, e criou recursos do estado de São Paulo, como política estadual para criar seis brinquedotecas no estado de São Paulo. Quando eu soube, corri atrás dela e informei que a Faculdade de Educação queria uma brinquedoteca para formar professores e valorizar a expressão lúdica das crianças. E então, eu ganhei uma brinquedoteca.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A professora expressa uma necessidade de criação de um lugar na universidade onde pudessem ser trabalhados de maneira prática diversos aspectos que compunham a formação docente no período e que eram tratados de maneira somente teórica, o que dificultava a sua compreensão de maneira mais aprofundada. A partir daí, Tizuko Morchida Kishimoto buscou neste espaço um lugar onde poderia ser possível proporcionar diversas ações que contemplassem a tríade que compõe as atividades de uma universidade, promovendo atividades que pudessem articular o processo de formação docente, a produção do conhecimento e o atendimento e diálogo com a comunidade.

Figura 16 – Espaço interno da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2010 e 2002, respectivamente.



Fonte: fotografias disponibilizadas no *site* do LABRIMP.

No processo de criação do LABRIMP, a professora destaca alguns dos planos que já faziam parte de suas pesquisas e que desejava colocar em prática, dentre estes, destaca a criação do Museu do Brinquedo, em 1999, um espaço que, além de trazer em sua história a memória de Alice Meirelles Reis – professora do Jardim de infância da Caetano de Campos, primeiro jardim da infância de São Paulo¹³ – traz a história do brinquedo e suas modificações no decorrer dos anos, compondo uma exposição com acervo que conta, através dos brinquedos, aspectos culturais dos diferentes períodos históricos.

Importante, ainda, destacar que o apoio do poder público do estado de São Paulo no financiamento e criação da brinquedoteca possibilitou a sua construção, o que evidencia a importância e necessidade de apoio e recursos que impulsionam e financiam a construção

¹³ Para mais informações consultar a seção 2 desta dissertação ou o livro *Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis 1923 – 1935* de Tizuko Morchida Kishimoto (2014).

destes espaços em locais públicos como o das universidades públicas. Em seguida, a professora explica como se deu o projeto com a contemplação da brinquedoteca para a Faculdade de Educação e com a chegada do acervo de brinquedos e sobre a institucionalização do espaço dentro da universidade:

Quando chegou o kit de brinquedos, na realidade, o Estado havia conseguido apoio da Estrela, que doara 200 brinquedos para cada brinquedoteca, então eram 1200 brinquedos, divididos por 6. De qualquer maneira, não havia problemas, era o início juntamente com alguns materiais pedagógicos que estavam encostados na escola de aplicação. Pegamos tudo isso, tínhamos um pequeno acervo e ficava tudo numa estante, dentro de uma sala onde eu levava os alunos para observar e analisar os brinquedos. Foi nessa ocasião que eu fiz o primeiro projeto, o CEBRIMP, o Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, e mandei para a coordenação e para a reitoria, que devolveu o processo afirmando que o regulamento da USP diz que todo centro de estudo tem que ter recurso financeiro próprio, uma diretoria executiva própria, e nós, um pequeno grupo no seu nascimento, não tínhamos nada disso, não tínhamos dinheiro e nem condições de estruturar nada. Então, nos foi informado que poderíamos fazer um laboratório e mudamos de CEBRIMP para LABRIMP (Laboratório de brinquedos e materiais pedagógicos).

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Figura 17 – Espaço interno da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2011 e 2000, respectivamente.



Fonte: fotografias disponibilizadas no *site* do LABRIMP.

Tizuko Morchida Kishimoto também comenta sobre a confusão entre do espaço do LABRIMP como apenas a brinquedoteca e, sobre isso, explica:

Na nossa concepção, o laboratório não era só a brinquedoteca, porque o LABRIMP muitas vezes é confundido só com a brinquedoteca, e na Faculdade de Educação o laboratório era algo maior em que a brinquedoteca estava incluída, anexada a outros serviços. Por exemplo, quando se criou o LABRIMP, usamos o sistema da USP e qualquer instituição ou laboratório da USP tem que atender a três funções básicas da

universidade: formar os profissionais, propiciar pesquisa e fazer extensão universitária, logo, o LABRIMP tinha essas três funções.

E para formar professores, a gente formava na graduação e na pedagogia, vinham alunos da licenciatura que usavam o espaço, com os materiais, as crianças chegavam e eram observadas. De um lado, portanto, havia a possibilidade de formar profissionais, alunos, futuros professores da graduação e da licenciatura e, por outro lado, através da minha disciplina Brinquedos e brincadeiras pra educação infantil, que eu ministro desde 1988, esses alunos usavam o acervo da brinquedoteca pra fazer, inclusive, pesquisa. Ao mesmo tempo, quando eu criei o museu, em 1999, pesquisadores que frequentavam o meu curso, alunos de pós-graduação que não tinham ainda clareza de seus projetos.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

De maneira mais detalhada, a professora conta quais atividades eram realizadas no LABRIMP e na brinquedoteca atentando-se para o trabalho que a universidade deve contemplar, como descreveu anteriormente. Contou sobre o envolvimento dos e das estudantes da universidade e exemplos de trabalhos que foram desenvolvidos, destacando o acolhimento do espaço nas diferentes fases de formação, graduação e pós-graduação. Contou ainda sobre as maneiras que possibilitaram manter os estudantes envolvidos com as atividades da universidade, como programa de bolsas e estágio, e o nível de envolvimento e interesse por estas atividades contando um pouco sobre o que estas vivências despertavam nestes estudantes.

Dentre uma delas, a Leila Vanzella, que foi visitar o museu e viu o “jogo da vida” e destacou o fato de que filha também o tinha e explicitou o quanto ela brincou com esse material; ainda notou que era um brinquedo diferente, não era o do tipo capitalista que temos, um jogo da vida que você compra uma casa, compra um terreno, compra uma fazenda e vai caminhando até se tornar milionário, o jogo que estava no museu era religioso, em que a pessoa ia fazendo caridade, bondade, honestidade, gradativamente, até chegar ao céu, então, havia todo um fundamento religioso e a Leila decidiu fazer o doutorado dela todo em cima do que ela descobriu no museu. Teve também um professor que fazia doutorado e que depois veio a ser professor da Psicologia, ele fez a minha disciplina, visitou também o MEB, e descobriu um instrumento musical estranho, que ele não conhecia e resolveu fazer um trabalho em cima desse acervo/ferramenta musical que ele encontrou. Por um lado, o museu que servia não só para a visita, tinha gente de vários lugares que vinham para visitar o museu, mas ao mesmo tempo, tinha pesquisador que vinha visitar pra poder, inclusive, fazer pesquisa.

E os professores em formação, atuavam de diversas maneiras, por vezes como estagiários (já que todo mundo tinha que fazer estágio), então o LABRIMP era um espaço de estágio, havia as horas do estágio e às vezes o aluno queria dobrar, então conseguia outras bolsas para poder fazer estágio. Nós tínhamos bolsa estágio para o ensino médio, e então os alunos da Escola de Aplicação, que fica ao lado da faculdade, se interessavam e

vinham direto para a faculdade como bolsistas. Nós temos depoimentos de alunos que expressavam o desejo de, depois de se formarem, entrarem na faculdade de Educação e trabalhar no LABRIMP, tal foi o interesse despertado pelo trabalho lá. Começamos ver como o espaço começou a sensibilizar as pessoas, os jovens, e os alunos que fazem graduação, que fazem pesquisa. Eles observam o quanto é importante a presença das crianças na própria brinquedoteca.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A professora traz uma série de aspectos que caracterizam a brinquedoteca como mais um espaço que possibilita a troca de experiências entre os colegas e em ambientes prazerosos e que estimulam o envolvimento e a vontade destes estudantes no seu processo formativo. Também ressalta a necessidade de a universidade oferecer condições para que estes espaços possibilitem aos estudantes a permanência e envolvimento com os processos formativos considerando as condições específicas desta comunidade estudantil, para o acesso e a permanência. Questão que pôde ser contemplada pelo LABRIMP na inclusão de estudantes como bolsistas e estagiários.

Sobre o atendimento realizado na brinquedoteca, coloca:

E o que acontecia na brinquedoteca quando recebíamos crianças? Precisávamos de estagiários para poder acompanhar e participar das brincadeiras das crianças, então tínhamos estagiários que vinham da reitoria da graduação, da extensão, da pesquisa, e eu procurava fazer sempre projetos para garantir ao menos cinco bolsistas, porque o LABRIMP atendia pela manhã e pela tarde, era preciso ter, pelo menos, de dois a três bolsistas para cada período, então era um volume grande de bolsistas que precisávamos dispor para atender a demanda. Vinha gente não só das creches da USP, das EMEIs de São Paulo. Havia também o grupo de pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil que foi criado em 2000, havia muitos professores que participavam desse processo do Contextos, que integrava vários grupos: pesquisadores, diretores, supervisores e professores. Nós tínhamos grupos que trabalhavam segundo determinados perfis profissionais e contextos de pesquisa, mas se integravam a esses outros profissionais. Muitos professores que participavam do contexto de professores ou de diretores, supervisores, eles queriam mandar as suas crianças das suas unidades para fazer a visita.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Ainda assim, Tizuko Morchida Kishimoto expressa que precisava regularmente fazer projetos a instituição universitária que justificassem a necessidade e garantissem uma quantidade de atuantes diariamente neste espaço. Em 1988, a brinquedoteca pode, finalmente, ser inaugurada, quando a professora conseguiu que a universidade disponibilizasse um funcionário técnico administrativo especialmente para este espaço, podendo estabelecer períodos de atendimento à comunidade. E, ainda sobre esta temática, conta um pouco sobre

as dificuldades que enfrentou na garantia do atendimento e de funcionários, estagiários e bolsistas para exercer esta função.

Nós tínhamos uma demanda muito grande de visitas e tinha época que a gente não conseguia tantos bolsistas por problemas de recursos financeiros da reitoria, nós tínhamos essa dificuldade também, nem sempre a universidade tinha condições de oferecer verba.

Outra dificuldade inicial que tivemos quando criamos o LABRIMP, foi de quem iria, no dia a dia, cuidar do laboratório. Eu, como docente, não podia ficar o tempo todo na brinquedoteca. Então eu fiz uma proposta para a reitoria para que eles criassem a função do técnico especializado no brincar. Levei quatro anos para conseguir a aprovação e a contratação desse novo técnico. Em 1984 foi o projeto e o técnico chegou em 1988, e com ele, foi possível fazer a primeira inauguração oficial do LABRIMP, pois agora, de fato, tínhamos condições melhores para poder conseguir um espaço na faculdade.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Figura 18 – Espaço externo da brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2008.



Fonte: fotografias disponibilizadas no *site* do LABRIMP.

Para que a brinquedoteca pudesse manter suas atividades e para a manutenção de seu acervo e espaço físico, realizava diversas atividades de parceria com empresas. Realizavam análise de brinquedos com foco no interesse e envolvimento das crianças, apontavam melhorias que poderiam ser realizadas, realizavam uma análise pedagógica sobre estes brinquedos em parceria com a ABRINQ e, em troca, ganhavam mais brinquedos para compor o acervo da brinquedoteca. Também realizavam parceria com atuantes da área da educação e atuantes de outras áreas do conhecimento. Um exemplo trazido pela professora foi a parceria com a arquiteta Adriana Freiberger, que ajudou na organização dos espaços.

A arquiteta Adriana Freiburger sempre nos ajudou, no ponto de vista de organizar espaços internos adequados. Por exemplo, um espaço de leitura, ela construiu uma estrutura como uma tenda, dentro da brinquedoteca, e abaixo, a criança tinha um cantinho para poder fazer a leitura. Na parte externa, eu sempre tive o interesse de fazer um equipamento de água com comportas, onde as crianças pudessem colocar peixinhos, objetos para percorrerem as comportas e fazer a água circular. Isso é bem trabalhoso, e tínhamos até aventais para as crianças não ficarem molhadas, e elas ficavam brincando e nós observávamos o que elas faziam. Então, colaborações desse tipo foram importantes, para que pudéssemos ter, na brinquedoteca, recursos materiais, para poder dar maior qualidade ao trabalho da própria e enriquecer um pouco mais o trabalho dos professores.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Figura 19 – Crianças brincando na brinquedoteca do LABRIMP no ano de 2007



Fonte: fotografias disponibilizadas no *site* do LABRIMP.

Assim, a brinquedoteca do LABRIMP foi se consolidando e tornando-se um modelo que inspira outras brinquedotecas universitárias espalhadas pelo Brasil. Em suas atividades, procurou integrar o brincar aos espaços de formação trazendo para o foco o estudo dos brinquedos no brincar das crianças. Além disso, trouxe um espaço na universidade que possibilita diversas relações através do lúdico e das brincadeiras para crianças e para adultos, ressaltando as relações culturais e históricas e instigando reflexões sobre brincar e sobre brinquedos que fazem ou fizeram parte de nossa vida.

No ponto de vista da formação, nós tínhamos esses programas online, para ensinar o braile. Conseguimos também, através do Ponto de Cultura, que a

Wal¹⁴ até participou, graças ao governo do Lula na gestão do Gilberto Gil, em que criaram um programa de valorização à cultura e se ofereceu a oportunidade para que as instituições do Brasil pudessem entrar com projetos ligados à cultura. Imediatamente, nós entramos com o projeto de criação de um Ponto de Cultura chamado “brincando e aprendendo na universidade, o LABRIMP e o MEB como espaços de cultura” e fomos contemplados. O programa foi tão bom que no ano seguinte nos deram um prêmio e nos transformamos em um Pontão de Cultura, que significava que não podíamos mais apenas atender in loco, precisávamos atender ao Brasil todo, então começamos a criar programas maiores online, sair da FE e levar projetos para outros lugares para atender essa especificidade do Pontão de Cultura. Nós tivemos a ajuda desse programa, que depois se chamou “cultura viva”, ao longo de 10 anos, de 2004 a 2014, que foi a data que me aposentei, data também que o período do Pontão estava acabando.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Em 2012, o programa Pontão de Cultura divulgou uma coleção de cadernos de memórias sobre a infância e o brincar, em que uma das edições foi dedicada ao LABRIMP e intitulada Memórias: Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos. O caderno conta com algumas informações e curiosidades sobre o espaço do LABRIMP que, na época, contava com um acervo de mais de 2 mil brinquedos e jogos em uma sala organizada em cantos temáticos. O material descreve algumas características físicas do espaço, como uma sala de brinquedoteca com 81m² e um quintal com aproximadamente 600 metros que conta com uma “[...] pista oval cimentada para andar de bicicleta, patins, skate e motocas, um brinquedão em madeira e um brinquedo plástico para crianças menores” (KISHIMOTO; MONACO; SITTA; ZAIA, 2012, p. 8). O material também conta sobre a repercussão com a inauguração da brinquedoteca na mídia e sobre as ações realizadas no local e que deram destaque ao trabalho ali realizado, como o primeiro Congresso Brasileiro de Brinquedotecas na FEUSP, em 1990.

¹⁴ Professora Maria Walburga dos Santos, orientadora desta dissertação de mestrado, foi orientanda da professora Tizuko Morchida Kishimoto.

Figura 20 – LABRIMP na mídia ao longo do tempo



LABRIMP na mídia ao longo do tempo.

11

Fonte: Kishimoto, Monaco, Sitta e Zaia (2012, p. 11).

Atualmente, com a aposentadoria da professora Tizuko Morchida Kishimoto, a professora Mônica Pinazza e o Marcos Neira assumiram a coordenação do espaço. Devido a uma séria de condições, como, por exemplo, a necessidade de uma reforma na estrutura do prédio que necessita manutenção estrutural, já que se trata de uma estrutura antiga, infestação de cupim como foi colocado pela professora Tizuko Morchida Kishimoto, e, mais recentemente, o período pandêmico, o prédio permaneceu fechado. No entanto, a coordenação atual já iniciou a atividade de preparar novamente o espaço para continuar realizando os atendimentos e manter o funcionamento da brinquedoteca. Segundo a professora Tizuko Morchida Kishimoto, a brinquedoteca encontra-se em fase de “...ações para dinamizar e colocar as coisas no eixo” (ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO). Contudo, algumas ações seguem acontecendo paralelamente ao atendimento na brinquedoteca, como a possibilidade de doação de novos brinquedos pela arte educadora Sara Rosenberg.

5.4. REGIÃO NORDESTE



Um pequeno adendo antes de começarmos as apresentações das brinquedotecas universitárias nordestinas. Houve um diferencial nesta região onde se destacam um conjunto de professoras que estão interligadas especialmente no trabalho das brinquedotecas universitárias. Começando pela brinquedoteca BrincaSol, com a professora Marilete Calegari Cardoso, e brinquedoteca Paulo Freire, com Antonete Araújo Silva Xavier e Jociane Cajado da Silva, sobre o projeto Baú Brincante, onde as professoras realizam o projeto em duas escolas públicas diferentes na Bahia, nas cidades de Jequié e Salvador. O projeto faz parte das brinquedotecas como uma extensão do espaço físico, em que o Baú é levado para as escolas. Trata-se de um projeto inspirado na *Boîte à jouer*, ou caixa de brincar numa tradução livre, projeto idealizado por Gilles Brougère na França, na Universidade Paris XIII, que prioriza o brincar livre com materiais não estruturados. Através da mediação da professora Cristina D'Ávila, o projeto foi adaptado para a realidade brasileira nestes dois contextos das escolas nordestinas.

Além disso, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde está localizada a brinquedoteca Paulo Freire, tem uma atividade muito significativa em relação às brinquedotecas para a formação, conta com 24 campi e 20 brinquedotecas universitárias. O

que levou a criação de uma rede de brinquedotecas, numa movimentação entre a brinquedoteca Paulo Freire e a brinquedoteca CriAção, no campus Serrinha. Hoje, a rede conta com mais de 20 brinquedotecas associadas e um conselho formado por 8 membros, desde estudantes, técnicos administrativos e docentes, e 8 suplentes, sendo coordenado pela professora Simone de Almeida e conta com um regulamento para as brinquedotecas universitárias e já aprovado. Assim, o nordeste vem construindo um movimento em volta das brinquedotecas universitárias que implicam na coletividade destes projetos e no fortalecimento desta perspectiva brincante para a educação. Através da professora Marilete Calegari Cardoso fomos ampliando estes contatos na região devido a essas trajetórias que foram se interligando nestas brinquedotecas. Em que as pessoas entrevistadas nesta região tem construído meios de manter uma rede de apoio entre as universidades especialmente para as brinquedotecas.

*

5.4.1. Brinquedoteca BrincaSol¹⁵

(Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia campus Jequié)

A entrevista sobre a brinquedoteca BrincaSol, situada na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), aconteceu com a professora Marilete Calegari Cardoso, que é coordenadora e idealizadora do projeto. A brinquedoteca tem este nome devido a localização do campus na cidade de Jequié, que é conhecida pelo seu clima quente, portanto, chamada de cidade sol. Além disso, a professora Marilete Calegari Cardoso acrescenta que, apesar da origem do nome vir de uma característica da cidade, BrincaSol traduz o pensamento do brincar como algo que tem a ver com o sol que ilumina.

Desde sua criação até a atualidade, o projeto foi tomando diferentes formatos dentro da UESB, mas sempre destinado a formação docente e com o propósito de trazer ao centro das ações o brincar e a ludicidade. Contudo, história da brinquedoteca BrincaSol, que se tornou LABRINC, e que caminha para se tornar BrincaSol novamente, começa antes e está muito vinculada à história da professora Marilete Calegari Cardoso.

A entrevistada inicia a conversa apresentando um vídeo que conta sobre a história da brinquedoteca e os registros fotográficos que foram marcando cada momento vivenciado no

¹⁵ A Entrevista 3 foi realizada com a professora Marilete Calegari Cardoso, idealizadora e coordenadora da Brinquedoteca BrincaSol, inaugurada em 2005 na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) *campus* Jequié. A entrevista ocorreu em 08 de novembro de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h18m52s.

espaço. No decorrer do vídeo, que a professora utiliza como uma maneira de apresentar esta brinquedoteca, ela vai traduzindo aqueles acontecimentos que foram registrados por cada imagem e descrevendo os significados que elas representam para sua história e para a história daquela brinquedoteca. Fazendo um movimento contrário, vamos trazer a princípio a sua narrativa sobre a sua história com a docência, em seguida, para elucidar as atividades que a brinquedoteca realiza ou realizou, vamos expor algumas imagens deste vídeo ao final da narrativa da professora Marilete Calegari Cardoso, acompanhando suas próprias descrições do mesmo. Farei este movimento pois acredito que, para o leitor, ao conhecer a história da professora no processo deste projeto, as imagens e descrições trarão consigo um significado a mais, de uma ilustração das memórias e dos sentidos atribuídos a estas memórias pela professora.

Assim, apresentamos o relato da professora Marilete Calegari Cardoso sobre a sua história com a docência na formação docente, sua relação com a brinquedoteca, como ela chegou até a UESB e como surgiu a ideia da construção deste espaço.

Começarei do princípio, como todos fazem. Eu comecei na UESB em 2002, vindo do Rio Grande do Sul. Lá eu trabalhava com o lúdico, professora de educação infantil, trabalhava na Secretaria de educação do município de Cachoeirinha, parte da grande Porto Alegre, e participava também em muitas atividades na UFRGS, com o Tânia Fortuna. A gente tinha um vínculo muito forte com o lúdico, já na minha formação, trabalhando no município de Cachoeirinha, à época, um pouco antes de 94.

Em 93 quando Esther Grossi assumiu a coordenação da Secretaria Municipal de Porto Alegre, foi muito forte o lúdico por conta da influência da Emilia Ferreira, Sara Paín, então, lá no Rio Grande do Sul se decidi estudar o lúdico naquele período e, com isso, na faculdade e também dentro das escolas, principalmente a secretaria de educação do município de Cachoeirinha. A época trouxe uma formação lúdica para nós, uma formação continuada, nem utilizavam esse termo, mas começaram a levar para nós o papel do laboratório lúdico pedagógico, para trabalhar com as crianças. Nós tínhamos um laboratório na secretaria de educação, para alimentar as escolas, e a partir dali as escolas montavam seus laboratórios e eu fui convidada para trabalhar na coordenação da Secretaria de Educação do Município de Cachoeirinha. Minha trajetória sempre foi assim: educação infantil, lúdico.

Então eu fui convidada para coordenar a educação Infantil porque, numa das escolas que eu estava, eu comecei a montar um laboratório; quando eu montei, a secretaria me chamou. Eu me encantava cada vez mais da necessidade das escolas ou espaços formativos terem um espaço lúdico.

Também fui trabalhar numa escola que, na época, era magistério, formação inicial, a escola São Francisco em Porto Alegre, em que eu fui dar aula de didática da matemática e briguei para a escola ter um espaço lúdico já que a escola estava formando professores e, de 98 para 99, a

escola montou toda uma estrutura, montamos inclusive uma feira lúdica. Chamávamos os alunos, chamávamos as crianças e brincávamos, portanto, eu era realizada. Eu estava lá porque fazia tanto a formação como levava os jogos mesmo, estudando acerca de cada jogo educativo. Não trabalhava na perspectiva do brincar livre ainda, mas era um processo de criação que a gente estava acreditando e potencializando muito para levar ao espaço escolar.

E aí, meu esposo passou no concurso do BB da Bahia. Eu pedi licença no Rio Grande do Sul e vim pra Bahia. Mas a gente nunca esquece o que carregamos, então, quando eu cheguei, já comecei a falar no município de Ibirataia da minha experiência e comecei a fazer palestras em vários lugares do município sobre a formação lúdica e levava oficinas formativas aos municípios.

Então, eu fiz o concurso da UESB e fui aprovada, só que eu fiz concurso para disciplina de Recreação que hoje chama-se Ludicidade. Em 2000, quando eu fiz esse concurso, também fiz para educação infantil, então, na educação infantil e recreação e eu já assumi as disciplinas com um sentimento de pertencimento, querendo investir nelas. No primeiro ano não consegui trazer um seminário, uma discussão da importância do lúdico, não como artefato pedagógico, técnico, mas como uma formação. Mas aí, já no segundo ano – e a gente também encanta os alunos na sala de aula – criamos força e fizemos o primeiro seminário, de 2003, da necessidade do lúdico na formação. Eu estava muito inspirada pelo projeto da Tânia Fortuna, do Rio Grande do Sul e da Kishimoto, na USP, então eram minhas fontes de inspiração: “vamos fazer laboratórios iguais aos deles”. A Santa Maria, ela também tinha um espaço e estava trabalhando com o lúdico na formação docente e um dos meus professores, Airton Negrine, que também trabalhava com o lúdico na formação docente, no meu caso, foi na especialização em psicomotricidade. Então eles foram meu arcabouço, fui levando esses nomes e tentando fazer.

Com o seminário, conseguimos empolgar a reitoria, que me convidou para montar uma brinquedoteca; disseram que dariam apoio e eu aceitei, mas, como sempre, o espaço dentro da Universidade não existia, então, foi assim que surgiu o espaço da creche, mas não importava, montamos e começamos ali, desde 2005, 2006, atuando mesmo. Nós chamávamos as escolas mais próximas para fazer um trabalho com as crianças, nós deixávamos as crianças brincarem livremente com os brinquedos que tinham, nosso trabalho era observar as histórias que percorriam, que elas formavam e construíam com as brincadeiras. Já era diferente do Rio Grande do Sul, não tinha o jogo mais educativo, pedagógico, digamos assim, para determinado conteúdo, a proposta é que as crianças brincassem com o que estava disponível e produzissem suas narrativas, que elas brincassem livremente. Mas percebíamos as relações sociais entre elas, trabalhávamos as regras, conversávamos com as professoras quando elas queriam interferir nos conflitos, eu as orientava a esperar para que eles resolvessem os conflitos por si. Então as professoras gostaram muito de ver o brincar de uma outra forma, sem a interferência do adulto, mas num espaço fechado, que era a brinquedoteca.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Através das atividades que estavam sendo desenvolvidas na brinquedoteca da universidade, o espaço começou ser conhecido na região; com isso, a professora comenta sobre as crianças que eram consideradas “agitadas” por seus familiares e a atribuição àquele espaço da responsabilidade de diagnosticar estas crianças. Contudo, Marilete Calegari Cardoso buscava meios de lidar com aquelas demandas procurando não descaracterizar o que aquele espaço realmente poderia oferecer àquelas crianças e, ao mesmo tempo, tendo o cuidado no acolhimento para que não houvesse o afastamento daquela comunidade.

E começou o processo de sermos conhecidas e os pedidos para apaziguar crianças que estariam muito “agitadas” – crianças, na realidade, reativas e não agitadas – e começaram diagnósticos em crianças hiperativas, portanto, como eu tinha uma formação em psicomotricidade, eu exigia um laudo de algum distúrbio da criança. Eu não posso prescrever laudos, eu trabalho com as crianças de forma lúdica, portanto, eu fazia uma terapia lúdica, que era muito rico, tanto corporal, como emocional, os pais participavam.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Aquele que você viu, da bola, foi o menino que mais me marcou porque segundo a mãe, nunca teve uma definição, mas a mãe acreditava ser hiperativo. Podíamos ver que não era, eram faltas de regras definidas na família, era uma combinação, havia muita mentira e ele descontava isso tudo no seu contexto escolar; então, quando ele ia para a brinquedoteca, ele se soltava, não queria ir embora. Nós tínhamos combinados com ele, e eu realizava os combinados mesmo e, fora dali, o mesmo não acontecia. Foi um processo muito difícil pra mim, porque eu fui para o mestrado também nessa época e tive que encerrar o contrato com ele. Foi bem difícil pra mim e, com certeza, para ele também, não sei mensurar pra quem foi pior; pois ele estava indo muito bem. Isso mexe com a gente, quando está evoluindo, ficando autônomo, está nesse processo de desenvolvimento emocional bem avançado e saindo do processo doloroso dele, eu tive que romper em função da aprovação, então foi um corte, para mim, bem difícil. Mas é processo.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Até 2008 a professora precisou se afastar. Com a sua volta, ainda envolvida com a relação com os familiares das crianças que frequentavam a brinquedoteca, decidiu remanejar o atendimento. E aqui, coloca a relação entre o espaço da brinquedoteca e os caminhos percorridos para conseguir recursos necessários para manutenção do acervo e do atendimento no local. Sobre isso, a professora coloca que se incomodava com o entendimento dos familiares daquele espaço como um lugar destinado ao cuidado das crianças no contraturno do período escolar, desconsiderando a verdadeira intencionalidade e o processo que era realizado ali, já que se tratava de um atendimento gratuito à comunidade.

Os pais tinham uma preocupação com o pagamento e eu não podia cobrar, pois eu já era funcionária pública. Em contrapartida, eu pedia um brinquedo para a brinquedoteca ou materiais para ela, então, essa era a forma de pagamento do atendimento dessas crianças.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Quando eu retornei, em 2008, eu decidi não ter atendimento como antes, porque os pais ainda não respeitam as crianças nesse sentido e levam quando querem, eles não veem esse processo. Talvez agora, como muitas escolas estão levando essa questão da ludicidade mais a sério, talvez eles possam estar mudando, mas como foi ainda início aqui, eu sentia que, para os pais, era um conforto que não tinha que pagar. Pelos pais, não pela criança. Portanto, enquanto não tinha que pagar, era ótimo, e eu mantinha meu princípio: por ser funcionária pública, eu não precisava de pagamento, faz parte da minha profissão trabalhar com as crianças. Mas, em contrapartida, percebi que eles não contribuíam para o crescimento do espaço. Esse foi um dos motivos também que preferi não fazermos trabalhos “de graça”, se as famílias não valorizavam, nesse sentido. O ônus era da criança, mas era necessário limites para quem sabe, amadurecer a família, e avançar.

Então, em 2008 decidimos voltar, mas tivemos um problema, problema não, uma dificuldade da creche em entender que aquele espaço não era da Marilete, pois nomeavam como “a brinquedoteca da Marilete”. O espaço não era meu, eu não era dona de nada, mas as pessoas não se envolviam no projeto, então eu não tinha vontade de prosseguir com um projeto que não era pra mim, era pra universidade, para as crianças, para a creche. Desde aí, eu comecei a sentir que não estava dando. Mesmo assim, em 2008 esse projeto foi consolidado via projeto de extensão, assim como o “Você quer brincar?”, lá na UFRGS, era um projeto de extensão. Então a cada ano renovávamos o projeto e ganhávamos recurso.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Em 2009, Marilete Calegari Cardoso precisou se afastar novamente e contou sobre como o espaço lidava com a sua ausência. A entrevistada já havia comentado a respeito do seu incômodo em relacionarem o espaço da brinquedoteca ao seu nome e, ao retornar, percebeu que era necessário um entendimento maior a respeito do que significava aquele espaço; portanto, decidiu dedicar-se a atividades destinadas à formação de professores.

Em 2008, submeti de novo o projeto e, em 2009 – acho que tudo isso foi somatório, que veio do meu processo – eu fiquei fisicamente doente e tive que me afastar.

Em 2009, 2010, 2011 e 2012 eu fiquei afastada. Primeiro com afastamento mesmo e depois com readaptação. Quando veio o momento da readaptação, já não existia mais o espaço, já que eu não estava ali e que era desejo não ter também. Uma das falas das professoras foi que dava trabalho de arrumar aquele lugar; então, elas também não compreendiam o que era aquele espaço. Então eu decidi não forçar e começar um trabalho de formação lúdica, pois talvez os professores não estivessem

entendendo o que é isso. Eu não reabri o espaço para atender as crianças, mas um espaço formativo. Começamos com um projeto de extensão de formação lúdica, mas antes dessa formação lúdica, em 2005 e 2006, nós fizemos a formação do brinquedista. Nós não sabíamos das normas e que já havia sido patenteado esse nome, então, na época, a gente colocou. Tinha a formação do brinquedista 1 e 2, foi um sucesso, tinha muita gente querendo entrar na formação. Isso começou a dar força e foi por isso que em 2007 eu me afastei, por causa do mestrado, em 2008 eu retornei, pensando em continuar com a formação, mas sabia também que teria que modificar o nome, então começamos a chamar de “formação lúdica do professor”.

Quando reiniciamos essa formação, que eram em módulos e seminário onde convidávamos pessoas que estudavam, por exemplo, a Cristina D’Avila veio fazer todo um trabalho, inclusive, fazíamos sarau, música... Queríamos que eles compreendessem que o lúdico não é só brincar, que o lúdico é a nossa vida também, faz parte da nossa formação, então: leitura, música, teatro, tudo isso está no nosso contexto formativo, trazendo outros elementos lúdicos para essa formação, como oficinas.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Com a nova proposta para o espaço, novas ações começam acontecer e, com isso, o envolvimento dos e das estudantes com o brincar e o lúdico começam a trazer novos significados, no reconhecimento do brincar como campo de pesquisa, oferecimentos de oficinas em eventos como o ENELUD (Encontro Nacional de Educação e Ludicidade), grupo de pesquisa e outros.

Fomos trazendo diversos elementos, porque uma coisa que percebemos, e agora falarei uma parte das minhas aulas de ludicidade, foi o quanto nossos alunos de pedagogia – e não é só não ter a experiência de saber que o brincar é formativo para sua vida de infância, de adolescência, de jovem e de adulto – mas o que acontecia é que eles brincavam na infância e depois cresciam e achavam que havia acabado, e ficava um esvaziamento disso na sua vida. Então quando chegavam na disciplina, eles tinham desejos de brincar, para espairer, como se fosse terapia. É uma terapia também, mas nossa disciplina era também teórica. Quando eles entravam, eles não consideravam como uma disciplina com arcabouço teórico, achavam que era só pra brincar e descontrair. Então o meu papel também como professora da disciplina, era desconstruir essa ideia, a ludicidade, o brincar, é um campo científico muito importante, tem muito processo de estudo que não damos conta, iniciou com Freiberger e outros pais do lúdico, mas a gente não dá conta. Eles se encantavam com isso e consequentemente, cresciam as monografias no campo de estudar o lúdico. E aí, dentro do campo acadêmico, existem as brigas, as concorrências, então havia questionamentos de porque só me queriam, que eu só aprovava os estudantes; não consideravam o lúdico como arcabouço, um objeto rico de estudo. E eu sempre defendendo dizendo que era um grande campo de estudo ainda, eu sempre depusitei minha energia nessa questão das monografias, das pesquisas.

Além do projeto BrincaSol como extensão, nós tivemos o meu perfil, como grupo de pesquisa. Então tivemos o núcleo de pesquisa e extensão sobre o

lúdico e educação infantil, depois mudamos de nome, colocamos também GEPELINF, que é o atual, que é um grupo já cadastrado e estamos esperando o selo, porque demora esse selo da universidade e da CNPq, mas já está cadastrado. Eu já sou cadastrada no GEPEL, mas achei importante trazer esse grupo de pesquisa para a UESB, para inclusive fortalecer a brinquedoteca que querem nos tirar.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Como prometido no início desta exposição e da narrativa da professora Marilete Calegari Cardoso, apresentaremos aqui as fotografias e comentários da professora sobre as ações que aconteceram no espaço da brinquedoteca BrincaSol, buscando elucidar as experiências proporcionadas pelo trabalho e vivência pelos envolvidos com o espaço:

“Depois eu conto mais detalhes, mas, em 2004, esse foi o espaço em que a gente começou a montar a brinquedoteca. A gente iniciou uma atividade de brinquedoteca dentro do campus, quando tinham eventos, nós levávamos para fazer atividades com as crianças, com a comunidade, as alunas de pedagogia. A gente fez muita atividade fora desse espaço que estávamos montando.”

Figura 21 – Espaço inicial da brinquedoteca BrincaSol.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Esse espaço, essa primeira brinquedoteca, foi no espaço da creche da universidade, UESB, um espaço anexo, não é dentro do campus, depois posso te mandar foto atual da creche.”

Figura 22 – Organização e Estruturação da sala na Brinquedoteca BrincaSol.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Funcionamos aproximadamente durante 2 ou 3 anos como uma brinquedoteca de fato, as crianças iam pra lá e também o curso de pedagogia fazendo aulas, atividades. Na época, não sabíamos que não podíamos dar o nome do curso de Brinquedista – agora a gente sabe – tivemos 2 cursos de brinquedista, na universidade, ou seja, formação lúdica. Então, tínhamos, como ainda temos, a formação.”

Figura 23 – Oficinas na brinquedoteca BrincaSol.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“De 2004 até 2012, a brinquedoteca funcionou na luta, mas funcionou.

A partir de 2012, eu tive uma licença de saúde e ninguém quis assumir; então morreu o projeto.

No meu retorno, por volta de 2014 e 2015, novamente assumi o projeto e em 2016 eu fui para o doutorado. Tínhamos algumas parceiras, mas não assumiram com força, com projetos, como no LABRIMP, que até hoje é muito forte – a Kishimoto deixou um legado na USP. Outro ponto também, quando eu voltei do doutorado, foi a briga política do espaço, boicote de fato, não tínhamos o espaço para montar e, então, quando conseguimos o espaço e estávamos montando a brinquedoteca, tiraram o nosso espaço.”

Figura 24 – Formações realizadas no espaço da BrincaSol.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Eu fiz um rápido panorama, mas agora eu vou te contar com detalhes. Fazíamos muitas oficinas de produção de brinquedos tanto com criança, tanto para formação ou para produção de brinquedos, justamente pra levar para escola, para os alunos também fazerem seus estágios. Como eu sou psicomotricista, atendi também crianças na brinquedoteca com atendimento tanto motor como psicanalítico, então eu atendia criança e esse espaço da creche chamava a gente também pra montar materiais.”

Figura 25 – Oficinas sobre brincar.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Em cada experiência ou formação nós tentávamos fazer o lúdico de uma forma bem cultural, com dança, literatura, não apenas só o brinquedo, por exemplo, essa colega aqui de blusa rosa com saia é de psicologia, então ela foi muito parceira, ela fazia um trabalho de formação pessoal, essa outra professora também de didática. Então, desde 2004, promovemos seminários falando da necessidade do lúdico dentro da universidade, para a formação docente, muitos congressos e até hoje participamos apresentando trabalhos.”

Figura 26 – Ateliê lúdico sobre movimento e as diferentes linguagens.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Essa foi a última turma que tentou reerguer a brinquedoteca, com espaço de novo, e ainda na creche. A gente tentava não se apegar ao recurso, cada vez que sumia, a gente tentava adquirir outro. Quando decidimos criar o espaço, aquelas alunas que me ajudaram a limpar.”

Figura 27 – Grupo de estudantes que se dedicaram na reestruturação da brinquedoteca.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Aí, novamente a grande esperança na creche, que nos cedeu o espaço. E por que eu queria levar pro campus da UESB? Porque ninguém vai na creche, se não levarmos os alunos de pedagogia, de formação, ninguém conhece aquele lugar. Na realidade, existe uma questão, a educação infantil, ludicidade, é sem importância, estamos há 20 anos lutando para mostrar que é uma formação muito importante. Então, decidimos voltar para creche, foi lá que começamos, então poderia ser lá, talvez, que íamos nos reerguer. Isso foi agora no final do semestre, há poucos dias tivemos essa notícia, mas eu só vou gastar essa energia no ano que vem pra gente começar, ainda estou recuperando a energia de muitos processos políticos de luta. Vamos começar a retomar esse espaço no ano que vem com nossos alunos que estão muito empolgados, eles gostam muito e sentem muita necessidade durante a formação.”

Figura 28 – Atividades realizadas no espaço da brinquedoteca ao longo do tempo.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Essa oficina foi lindíssima, pois elas não se envolveram apenas na construção de máscaras, elas se envolveram no simbólico, foi muito rico.”

Figura 29 – Oficina de construção de máscaras.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Teve também uma oficina de música, essa professora já se aposentou, mas ela fez os instrumentos para a gente ter aula de música mesmo, aula de ritmo, de compasso.”

Figura 30 – Oficina de música.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Uma oficina de formação, que eu queria trabalhar os sentidos, trabalhamos com olhos vendados, não tinha argila, então usamos massa de modelar como se fosse argila, para elas sentirem o toque, inclusive não esqueço das falas delas, que destacavam que nunca haviam participado de uma experiência como aquela.”

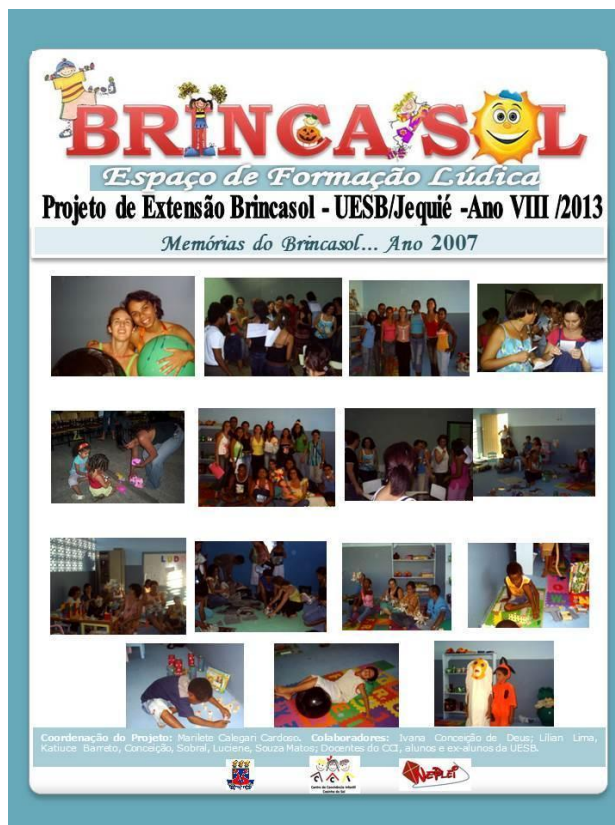
Figura 31 – Oficina sobre os sentidos.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Esse aluno aqui, o Danilo, se envolveu muito no projeto, mas infelizmente ele partiu para uma outra dimensão. Sofreu muitos problemas de discriminação racial, homofóbica, uma tristeza. Mas ele era muito envolvido no projeto. Fico emocionada de ver.”

Figura 32 – Registros do envolvimento dos estudantes nas ações da brinquedoteca.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Danças circulares... Também trouxe para o projeto, todo um processo de reiki, yoga. Essa professora é do teatro, e participou bastante do projeto “BrincaSol com formação”, por meio de danças circulares e atividades mais integrativas.”

Figura 33 – Oficina de relaxamento e meditação.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

“Essas imagens estavam em banners, em uma exposição com um total de 10 – cada ano de atividade, que espalhamos pelo salão, que usávamos para convidar as pessoas a participarem do projeto. Eu não os guardei e me arrependo, pois até hoje poderia estar fazendo apresentações, mas não tínhamos espaço, se tivéssemos a brinquedoteca, nós guardaríamos lá.”

Figura 34 – Banners de divulgação da brinquedoteca BrincaSol.



Fonte: Imagens da brinquedoteca BrincaSol concedidas pela professora entrevistada Marilete Calegari Cardoso.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Em 2012, Marilete Calegari Cardoso inicia seu doutorado e explica que, mesmo contra a sua vontade, novamente se “[...] esvaziou o lúdico. Era como se a Marilete sumisse junto com o lúdico” (ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO). Conta que sua orientadora, Cristina D’Ávila, estava realizando seu pós-doutorado na França no período e participava de um projeto junto a Gilles Brougère, quando propuseram trazer o projeto para a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Marilete Calegari Cardoso adaptou o projeto que realizaria em parceria com a professora Antonete Araújo Silva Xavier, docente na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O projeto foi nomeado como Baú Brincante, sendo realizado por Antonete Araújo Silva Xavier em Salvador/BA e por Marilete Calegari Cardoso em Jequié/BA. O projeto trazia diferentes características em cada lugar. Marilete Calegari Cardoso descreve o Baú Brincante em dois processos, seguindo o desenho e as orientações de Brougère e adaptando-o para a realidade brasileira; trabalho que resultou na tese de doutorado da entrevista, intitulada *Catadoras do Brincar*.

Fizemos uma lista de objetos que levava no Baú Brincante de lá, mas nós adaptamos também com os objetos de cada contexto, por exemplo, Jequié tem alguns, Salvador tem outros. Culturas locais diferentes também. Quando o baú foi montado e a gente foi instalar nas escolas, tanto eu quanto Antonete chegamos na escola com dois projetos, pedindo autorização primeiro, para haver potencialidades do baú nas brincadeiras das crianças, perceber, observar como é que as crianças brincam, o brincar livre com aqueles materiais e também se os professores queriam participar de uma formação lúdica, porque só botar o projeto lá e fazer instalação Baú, segundo Brougère, não dá conta. É importante discutir com os professores o que eles estão vendo, o que eles estão sentindo com esse brincar e aí que entra o meu projeto. Quando eu falo Catadoras do Brincar é porque elas catavam fotos das crianças brincando, cenas, e separar essas cenas para gente levar na nossa formação, no nosso ateliê, e discutir porque que levaram aquelas fotos, de que forma elas viam as crianças brincando. A gente discutiu muito e, dentro desse ateliê, eu trabalhei com os cinco sentidos e encerrei com o gosto, em que levamos um café, um monte de comida pra falar do gosto que foi o Baú pra elas. Portanto, eu sempre fazia uma ponte do que foi o baú pra elas, o que estavam vendo no baú, como estavam compreendendo o baú e o que era o brincar livre para elas. A minha tese foi construída no olhar dessas professoras para o baú brincante, para o brincar livre.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

O projeto, em conjunto com a produção de sua tese de doutorado, trouxe resultados que deixaram a professora muito inspirada. Ela compreendia que o projeto não poderia acabar com a finalização de seu doutorado. Contudo, por questões políticas, a escola onde o projeto era realizado foi fechada; houve mobilizações entre funcionários, famílias e pesquisadoras para que ele continuasse. No entanto, a escola foi fechada e o projeto precisou continuar em

outras escolas, outros espaços. Hoje o projeto está instalado na creche da UESB, a mesma onde está localizada a brinquedoteca.

A gente renovou o contrato, passamos pelo comitê de ética, tudo aprovado, e hoje está na creche da UESB. Então demorou, pois até conseguirmos esses processos, que foram aprovados em 2019, quando íamos iniciar; a pandemia veio e interrompeu esse processo novamente... O baú já está pronto na creche, está tudo ok, só não iniciamos ainda a parte das crianças brincando livremente, porque tem 1 ano que estamos tentando organizar tudo: reunião com os pais, temos que ter todo um processo para pesquisar a criança, não é fácil porque temos que ter, primeiramente, além da autorização dos pais, tem todo um trabalho de autorização das crianças e ainda não conseguimos fazer esse contato com as crianças. Precisa de muitas autorizações, de suas falas, suas filmagens.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Assim, o projeto está organizado para ações futuras. Sobre o que almeja para o ano de 2023, Marilete Calegari Cardoso conta:

Em 2023, queremos estar com todo gás com o baú e também no município em que tivemos o convite de levar de volta. O problema do município é que as escolas querem todo um trabalho da universidade lá, mas não querem estar junto com a gente. É aquele momento de intervalo dos professores, de descanso e não é essa a proposta. Queremos que eles estejam conosco, observando as crianças, trabalhando com as crianças esse brincar. Então, enquanto tiverem esses processos, também não entraremos na escola ainda, porque temos que fazer “trabalho de formiguinha”, aos poucos, e não substituir, fazer pelos professores, mas sim conscientizar. Não há dúvidas que terão avanços, por isso não estou tão afobada. Queremos ver uniões, estamos em contato com a secretaria. Eu já disse que ano que vem acontecerá, mas está muito em cima, por isso é necessário que seja pro ano que vem. E enquanto não tivermos contato com os professores, também não podemos assinar contratos para depois assumirmos sozinhas, então, estamos nesse processo.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

5.4.2. Brinquedoteca Paulo Freire¹⁶

(Universidade do Estado da Bahia)

¹⁶ A Entrevista 6 foi realizada com a professora Antonete Araújo Silva Xavier, coordenadora da Brinquedoteca Paulo Freire, e Jociane Cajado da Silva, funcionária técnica administrativa e uma das idealizadoras da Brinquedoteca Paulo Freire. A brinquedoteca está localizada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e foi inaugurada em 2012. A entrevista ocorreu em 15 de dezembro de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h17m34s.

A brinquedoteca Paulo Freire existe desde 2012 na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ao realizarmos o convite a professora e coordenadora da brinquedoteca Antonete Araújo Silva Xavier, ela solicitou que durante a entrevista pudesse participar também a professora Jociane Cajado da Silva, que é funcionária da brinquedoteca desde sua inauguração e é uma figura importante, tanto da idealização, quanto na implementação da brinquedoteca na universidade. Com certeza, concordamos e consideramos importante que Jociane Cajado da Silva e Antonete Araújo Silva Xavier participassem e pudessem compartilhar suas histórias com e sobre a brinquedoteca Paulo Freire.

Jociane Cajado da Silva começa contando sobre o diretor do departamento de educação que, ao surgir a necessidade de um laboratório para os estudantes do curso de pedagogia, propôs realizar um projeto de brinquedoteca. Na busca deste objetivo, propõe a parceria com outras áreas formativas da universidade e organiza o que é necessário burocraticamente para que esta implementação aconteça. Um dos objetivos na construção do projeto foi realizar a inauguração do espaço com uma funcionária. Jociane Cajado da Silva era secretária deste diretor na época e, devido a sua experiência com a docência, foi convidada para ser responsável pelo espaço.

Havia um diretor muito sabido e inteligente que cuidava muito dos estudantes e era do departamento de educação, onde tem o curso de pedagogia. Surgiu a necessidade de ter um laboratório para esses estudantes, então ele propôs dentro do seu projeto de gestão implantar a brinquedoteca no departamento de educação. Ele corre atrás desse objetivo, se une aos colegiados de pedagogia e psicologia e, juntamente com os professores, montou um projeto de compra de materiais. Inclusive, como o laboratório de matemática que já existia, já no seu último ano de gestão, ele quer inaugurar esse espaço e como eu era secretária dele na época e tinha um histórico de atuação em sala de aula com crianças, ele me convida para estar à frente desse espaço, junto com outros professores da área de ludicidade, estágio, e eu seria a técnica responsável pelo espaço.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Na sua nova atribuição, a professora escreve o projeto da brinquedoteca pensando na organização do espaço, mas também vinculando a brinquedoteca à atividade de quatro bolsistas e, num primeiro momento, como projeto de extensão.

No mesmo ano, Jociane Cajado da Silva vai para São Paulo e inicia um curso de brinquedista com apoio da universidade. As duas professoras, Jociane Cajado da Silva e Antonete Araújo Silva Xavier, contam que a brinquedoteca foi uma atividade nova para as duas, por isso, logo que chegam no espaço, Jociane Cajado da Silva em 2012 e Antonete

Araújo Silva Xavier em 2014, dedicam-se constantemente à busca de compreender o que é a brinquedoteca. Jociane Cajado da Silva, em sua narrativa, vai contando um pouco sobre sua história como docente e como suas experiências a fizeram chegar até a brinquedoteca:

Em 2012 eu fiz esse curso [brinquedista] para entender o que era uma brinquedoteca. A universidade tinha na resolução do curso de pedagogia, que teria que haver um laboratório – sem especificação do nome brinquedoteca – para os alunos de pedagogia. Então, eu fui para esse curso para de fato entender que espaço é esse, como vou organizá-lo.

Eu trabalhava em sala de aula e trago muito da minha experiência. Eu tive 11 anos de experiência na educação Infantil e também na área de secretaria. Depois que eu entrei na UNEB, eu ainda fiquei um bom tempo dando suporte na secretaria porque eu trabalhava também na secretaria da escola, então eu conhecia mais ou menos o cadastro de crianças, matrícula... Eu tentei adaptar a minha experiência em sala de aula e secretaria para o ambiente da brinquedoteca, muito nesse sentido de pensar como iríamos funcionar.

Eu lembro que, no início, de segunda a quinta, era pra crianças da comunidade interna, na sexta, comunidade externa. Mas fomos tentando adaptar e lembro que até disciplinas nós colocamos: na segunda, atividades lúdicas mais relacionadas à matemática, outras, português, pois tínhamos jogos específicos para essas áreas, até etiquetávamos nessa configuração ainda de escola e depois vamos moldando esse processo.

Lembro de um professor que me disse ser possível articular as reuniões dentro do próprio horário de funcionamento da brinquedoteca, não havia necessidade de ser algo extra, o calendário de reuniões deveria ser dentro da carga horária. Então o curso foi muito no sentido de entender o que era uma brinquedoteca, como é a minha profissão, como ela se desvincula do estar na escola, por si só, e trazemos essa realidade do brincar livre. Esta era uma necessidade maior que percebemos para as crianças, de ter esse espaço de não comprometimento, não rigidez, de brincar sem precisar ter um objetivo, brincar por brincar, para se libertar, para viver essa espontaneidade. Esse processo de construção foi mudando todas as ações e fomos construindo a brinquedoteca coletivamente, entendendo esse processo dentro da universidade. E aí, vão surgindo tantas outras coisas.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

A professora expressa que estava bastante envolvida com o projeto e, na busca para encontrar caminhos na realização das atividades na brinquedoteca, realizava muitas trocas com outros docentes e demais frequentadores do espaço, estando receptiva não apenas para entender do que se tratava a brinquedoteca naquele local, mas de procurar através do diálogo uma atuação que fosse significativa daquele espaço dentro da universidade.

Antonete Araújo Silva Xavier é convidada a coordenar o espaço da brinquedoteca em 2014; ela conta como foi sua chegada. A professora já trazia consigo as práticas da docência e, no seu trabalho, já estava em constante diálogo com as escolas públicas. Contudo, aquela

seria a sua primeira experiência com a brinquedoteca, o que a instigou buscar compreender esse espaço, mas, para além disso, do que se tratava a brinquedoteca no espaço da universidade para a formação docente.

Então foi nesse movimento que eu entrei, em 2014, e quando eu entrei, eu também trago minha experiência de docente. Eu já trabalho há 20 anos como professora universitária, tinha uma grande inserção com as escolas públicas, com educação e tecnologia, eu trabalhava muito com os ambientes virtuais de aprendizagem, trabalhava com a formação de professores para utilização disso tudo, elaboração de desenho didático, enfim, todas essas questões do potencial do digital em rede.

Quando o diretor (já não era o mesmo que chamou a Josy) e a vice-diretora, professora Adelaide e professor Valdélcio, me convidaram pra participar; eu falei para eles que não era minha área de estudos a questão do brincar na brinquedoteca, mas que toparia o desafio e traria os elementos que já constituíam o meu fazer docente para agregar valor aquele espaço. E nesse movimento que começamos a estudar o que era a brinquedoteca universitária, porque sabíamos que tinha uma literatura muita escassa, inclusive, não tinha essa nomenclatura de brinquedoteca universitária, era as pedagógicas, hospitalares, psicopedagógicas; dentro do projeto inicial, a nossa se encaixava nas psicopedagógicas.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Figura 35 – Fotografias da brinquedoteca Paulo Freire



Fonte: imagem divulgada na apresentação da brinquedoteca Paulo Freire.

A professora Antonete Araújo Silva Xavier relata na sua narrativa o envolvimento do espaço da brinquedoteca no atendimento não apenas de estudantes de pedagogia, mas do envolvimento de outras áreas de formação dentro do *campus*, como a psicologia, por exemplo. O que influenciou a organização do espaço e o atendimento às crianças serem organizadas buscando suprir estas necessidades, do curso de pedagogia, mas também das demandas que vinham de outros cursos. Com isso, a organização do espaço, bem como o

entendimento do propósito deste espaço dentro da universidade, eram norteadores do trabalho que era construído ali. As professoras estavam constantemente neste movimento e observam em seus estudos e pesquisas sobre brinquedotecas que o brincar livre era uma questão que se fazia presente.

Começamos a observar e fazer leitura de similares projetos de brinquedotecas e vimos de modo recorrente o fomento do brincar livre. Percebíamos que havia um espaço organizado de cantinhos, de categorização, que é uma estrutura toda necessária para a composição desse tempo-espaço do brincar, inclusive, dentro de uma ambiência de formação como é uma universidade vinculada ao curso de pedagogia. Nesse ínterim, nosso departamento começou a ter psicologia, filosofia, ciências sociais e pedagogia, então, temos também uma clínica de psicologia que funciona ao lado da brinquedoteca. As crianças da comunidade que são atendidas pela clínica passaram a usar de modo muito frequente o nosso espaço, em que tínhamos todo um processo de organização dessa proposição de atividades para quando as crianças chegarem, fazíamos um calendário, uma organização interna de disponibilização de atividades e, nesse movimento, a gente foi lendo muito sobre a questão do brincar livre.

Eu comecei a estudar isso e me apropriar um pouco desse universo todo do que é a brinquedoteca, do que é o brincar livre. Eu já tinha uma iniciação, pois sou professora de estágio supervisionado, acompanhava estágio de educação infantil, ensino fundamental, de gestão e tinha dois filhos menores à época, então o brincar pra mim era algo extremamente relevante. Já compreendia a importância do brincar na constituição na infância, mas me inquietou muito essa história de brincar livre, e o que é a brinquedoteca universitária.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Antonete Araújo Silva Xavier relata que, apesar de buscar outras experiências com brinquedotecas para inspirar o trabalho realizado na brinquedoteca Paulo Freire, percebia que o espaço no qual estava envolvida trazia características diferentes. A começar, por se caracterizar como uma brinquedoteca universitária, o que trouxe para as professoras uma atenção maior a este termo. Passam, então, a desenhar o que seria o trabalho na brinquedoteca Paulo Freire a partir desta perspectiva, refletindo sobre qual o diferencial da brinquedoteca dentro da universidade. Antonete Araújo Silva Xavier explica, ainda, como as atividades desenvolvidas na brinquedoteca foram tomando novos formatos a partir destas reflexões, conforme relatado abaixo:

Quando li as configurações de outras brinquedotecas, eu não consegui enxergar o nosso modus operandi, não tínhamos uma conceituação do que era uma brinquedoteca universitária de modo muito assertivo. Começamos a olhar outras experiências e vimos que tínhamos um modus operandi diferente. A brinquedoteca universitária Paulo Freire, inclusive, começou

a frisar o uso do nome “universitária” para marcarmos esse lugar e fomos juntamente com esse grupo de pessoas, principalmente, nesse primeiro momento, de cunhar esse termo. A gente criou esse conceito de brinquedoteca universitária juntos, eu, Josy, Daniela Capistrani, que era uma monitora de primeiro semestre de pedagogia e, Thais Viana, que também foi uma de nossas monitoras. Na época, estavam muito presentes nesse espaço, que hoje, inclusive uma já é mestre e a outra fazendo mestrado, também trabalhando nas brinquedotecas universitárias.

Então começamos a fazer uma discussão muito ampla sobre esse conceito, e percebemos que o que fazia o diferencial de uma brinquedoteca universitária era exatamente o espaço universitário, que trabalha tanto a tríade universitária – pesquisa, ensino e extensão – quanto a questão de inovação de modo desvinculado, de modo extremamente imbricado. Começamos a perceber e planejar nossas atividades a partir dessa reflexão. Então, em vez da equipe da brinquedoteca planejar um monte de atividades, começamos a agregar os professores todos na área do ensino para oferecer atividades lá, para mobilizar os estudantes, para ofertar as culminâncias de seus projetos, suas disciplinas, peças, elaboração de histórias, oficinas, tudo ali. Começamos a chamar todos para agregar valor ao movimento de “programação”, ao movimento de proposta do que a brinquedoteca ofertava à comunidade e começamos a fazer uma vinculação forte dos professores da graduação, dos alunos – com esse movimento ensino, pesquisa e extensão, porque produzíamos conhecimento no ensino – e através dos movimentos da brinquedoteca com a comunidade. A gente mobilizava isso em formato de extensão e várias pesquisas foram surgindo. Josy, inclusive, também está fazendo mestrado com a proposta da brinquedoteca universitária. Thais e Dani também fizeram. E eu também entrei no doutorado em 2016, no GEPEL, grupo coordenado pela professora Cristina d’Avila, para entender melhor esse movimento e ir configurando esse modus operandi do que é fazer acontecer uma brinquedoteca universitária.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Figura 36 – Monitores na brinquedoteca Paulo Freire



Fonte: imagem divulgada na apresentação da brinquedoteca Paulo Freire.

Jociane Cajado da Silva afirma que o processo de compreensão do trabalho desta brinquedoteca foi de descobrir, de ir, aos poucos, conhecendo este lugar. Destaca também o potencial e relevância que o espaço vem conquistando no decorrer dos anos e, com isso, o trabalho tem se tornado cada vez mais reconhecido, impactando as ações que são realizadas pela brinquedoteca, cujas demandas tornam-se cada vez maiores.

Eu acho bom também destacar a questão de como fomos descobrindo. A brinquedoteca na verdade vem tomando uma proporção gigantesca dentro da universidade. Descobrimos que temos um potencial muito grande, que envolvemos o tripé que baseia a universidade: ensino, pesquisa e extensão, a multirreferencialidade. Por mais que a universidade não é construída para crianças, o nosso desafio nesse sentido de conseguir coisas que sejam voltadas para a infância.

Hoje eu falo como se a brinquedoteca universitária fosse uma reitoria, temos que ter várias pró-reitorias dentro da brinquedoteca universitária. Então conscientizar as pessoas desse trabalho é muito difícil, até mesmo pela questão do preconceito dentro da própria universidade. Brinquedoteca é sinônimo do brincar e muitas vezes o brincar é colocado como uma atividade que não é significativa, mas, muito pelo contrário. Hoje temos redes sociais, precisamos de mais pessoas para trabalhar mais nesse espaço, de técnico, de professores.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Destaca-se como os objetivos principais do espaço

Difundir a cultura lúdica por meio da exploração de brinquedos e brincadeiras tradicionais e contemporâneas, estimulando a elaboração de projetos inovadores que ampliem o acesso a cultura, a arte, a imaginação, a curiosidade, a inventividade, a autonomia e autoria das crianças da comunidade interna e externa (UNEB, [s.d.], p. 39).

Especificamente se tratando de um espaço formativo, descreve as atividades que contribuem neste aspecto, considerando a formação para a docência em pedagogia:

A Brinquedoteca Universitária Paulo Freire agrega e desenvolve ações que envolvem as diversas manifestações da ludicidade, e compõe atividades no âmbito da pesquisa, extensão e inovação em torno da importância da cultura lúdica e do brincar. As atividades realizadas envolvem o movimento indissociável da pesquisa e extensão, bem como de articulação do ensino para o desenvolvimento dos componentes curriculares:

- Ludicidade,
- Artes,
- Psicologia,
- Estágios Supervisionados,
- Referenciais Teórico metodológicos do Ensino da Matemática, da Linguagem, da História, da Geografia, das Ciências Naturais, da Inclusão, entre tantas outras. (UNEB, [s.d.], p. 35).

Nesta série de atividades desenvolvidas pela brinquedoteca na universidade, as professoras destacam o projeto chamado UNEBRINQUE. Ele foi criado pela professora Jociane Cajado da Silva e é dividido em diversos eventos durante o ano todo na universidade. As professoras contam de onde surgiu a ideia de realizá-lo e como foi se expandindo para outras ações na brinquedoteca na articulação das demais atividades da universidade e da formação para a docência. Ao todo, o projeto se divide em quatro atividades hoje.

[...] o projeto UNEBRINQUE foi uma necessidade porque eu era professora de educação infantil, então eu tinha um cronograma de fazer a semana da criança na instituição em que eu trabalhava, e na universidade, tendo a brinquedoteca, o que faríamos com o dia da criança? Além de estar trabalhando com crianças durante o ano, surge a UNEBRINQUE, que é a semana da criança da brinquedoteca universitária Paulo Freire. Na semana que antecede o dia da criança, promovemos atividades para as escolas em locais mais amplos, como no teatro da UNEB, na quadra, para poder trazer mais crianças, não só no espaço da brinquedoteca universitária, pois dentro do regulamento, apenas 16 crianças por turno são permitidas dentro do espaço no máximo. Às vezes abrimos algumas exceções, mas precisamos fazer algo mais amplo para comunidade, pois a escola não tinha só esse quantitativo. Começamos a fazer projetos assim, que vão envolvendo muito as escolas. Hoje em dia as escolas já contam com esse projeto e surgem outras UNEBRINQUEs, que fazemos o ano todo.

A Antonete vem nessa perspectiva de UNEBRINQUE na escola, pois tivemos uma situação de uma UNEBRINQUE na universidade em que tivemos a necessidade de ir à escola, porque o transporte da universidade estava em greve e aí ela teve a ideia de levar os oficinairos daquele dia para a escola, surgindo a UNEBRINQUE na escola. Ela colocou todo mundo no carro, levou e lá também conseguiu fazer um megaevento.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Quando começamos a perceber a dificuldade do transporte, vimos a necessidade de nós irmos para a escola, e isso, na minha visão, começou a consolidar um pensar que já tava sendo desenvolvido ao longo do tempo, que era da importância da brinquedoteca universitária de estar com a escola e na escola e caminhar para escola e em torno dela. Começamos a perceber que as professoras gostavam muito, mas íamos para escola e é como se esse brincar, esse processo lúdico entrasse quando entrávamos e saísse quando saíamos. Então, fazíamos movimentos, contávamos histórias, pintávamos o rosto, construíamos brinquedos e fazíamos diversas coisas com eles, e quando saíamos – eu continuava na escola, pois era professora de estágio – as crianças perguntavam quando íamos voltar, porque, quando saíamos, a diversão saía também. Isso começou a nos inquietar bastante e foi nesse movimento que entrei no processo de doutoramento, para aprender mais as questões relacionadas ao lúdico, ludicidade.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Figura 37 – UNEBRINQUE em comemoração ao Dia das Crianças



Fonte: imagem divulgada na apresentação da brinquedoteca Paulo Freire.

A experiência relatada pela professora Antonete Araújo Silva Xavier atribui uma outra compreensão à configuração do espaço da brinquedoteca, a de levá-la para o lado de fora, para outros espaços que não apenas a sala fechada com brinquedos. Isso não desconsidera a necessidade de a brinquedoteca ter um espaço único destinado a ela; inclusive, é essencial que a brinquedoteca tenha um espaço físico estruturado, organizado e destinado às atividades específicas dela. Entretanto, brincar é explorar; no caso da brinquedoteca, é receber as crianças, mas também ser recebida por elas. No processo formativo, a brinquedoteca é uma ferramenta que dá aos estudantes a possibilidade de experimentar o brincar com ou sem brinquedos, em uma sala fechada ou nos espaços abertos, dentro ou fora da universidade.

A professora Antonete Araújo Silva Xavier também participou do projeto Baú Brincante em parceria com a professora Marilete Calegari Cardoso, coordenadora da brinquedoteca BrincaSol na UESB *campus* Jequié. Durante sua pesquisa de doutorado, Antonete Araújo Silva Xavier, também orientada pela professora Cristina D'Ávila, realizou o projeto em uma escola pública de Salvador onde, inspirado no projeto realizado por Gilles

Brougère na França, em Paris, proporcionava o brincar livre com materiais não estruturados. Em sua pesquisa, a professora articula a sua área de estudos com a formação de professores na utilização de ambientes virtuais de aprendizagem, construindo materiais através da observação do brincar despretensioso. Com este estudo, o Baú Brincante tornou-se parte da UNEBRINQUE, compondo as atividades que acontecem fora da universidade no movimento da brinquedoteca ir até as escolas. Sobre essa experiência, Jociane Cajado da Silva comenta:

Quando o baú brincante vem pra dentro de uma escola de ensino fundamental, o resultado da pesquisa é incrível, então a demanda da comunidade, das crianças, pensarmos nas crianças, nos jovens, nesses adolescentes, nesses adultos que precisam brincar, porque é algo que vem de dentro de nós, essa necessidade de repensarmos, de ter nossas memórias afetivas, de estar no espaço da brinquedoteca e lembrar do que vivenciamos na infância. Isso tudo é muito rico e vamos aos poucos construindo dentro da brinquedoteca também esse cenário de múltiplas referências do brincar, tanto para criança, para o adolescente e para o adulto e isso é bem legal de perceber.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Figura 38 – Imagens do Projeto Baú Brincante desenvolvido pela professora Antonete



Pesquisa CiberAteliê Brincante: Profa. Dr^aAntonete Xavier - UFBA/UNEB

Fonte: imagem divulgada na apresentação da brinquedoteca Paulo Freire.

Antonete Araújo Silva Xavier também conta sobre as últimas ações que vêm sendo realizadas pela equipe da brinquedoteca, como a articulação de uma rede de brinquedotecas

universitárias na região de atuação da brinquedoteca Paulo Freire, reunindo mais de 20 brinquedotecas até o momento. Além disso, a equipe que compõe esta ação produziu um regulamento direcionado às brinquedotecas universitárias e que está em processo de aprovação.

Falando nisso, convém registrar que a UNEB é a segunda maior universidade da América Latina, é multicampi e está espalhada por 24 campi em toda Bahia e temos 20 brinquedotecas universitárias, também a partir desse movimento que a UNEB fazia na brinquedoteca universitária Paulo Freire, e por inspiração de Josy, ela era muito acionada. Depois quando eu cheguei, nós visitamos muito as brinquedotecas para auxiliar as pessoas na constituição dos seus próprios espaços. Também começamos a criar o movimento da UNEBRINQUE multicampi, que é a configuração de todas as atividades que essas brinquedotecas universitárias ofertavam na semana da criança, vinculamos isso tudo para ter essa visualização.

Também temos a rede de brinquedotecas universitárias. A partir desse movimento com a brinquedoteca universitária Paulo Freire em Salvador e a brinquedoteca CriAção, na Serrinha, começamos a criar uma rede de brinquedotecas universitárias aqui. Já temos a vinculação de 20 brinquedotecas, já aprovamos o regulamento, que é bem robusto. Temos um conselho de brinquedotecas, que é formado por 8 pessoas, dentre de professores, técnicos e estudantes, e mais 8 suplentes. Fizemos um evento no ano passado, em maio, e fizemos um trabalho bem legal de aprovação, portanto, temos bastante coisas para fazer e pouca gente, pois estamos trabalhando com essa escassez da universidade pública, principalmente de pessoal.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Jociane Cajado da Silva e Antonete Araújo Silva Xavier explicam esta articulação das brinquedotecas universitárias na região do nordeste como uma demanda da comunidade onde as professoras se comunicam e agem com e por elas. Um movimento de militância em defesa das infâncias e que tem articulado estes atuantes na defesa de um espaço para brincar na universidade, para aprender brincando, como disse a professora Tizuko Morchia Kishimoto (1996), na escola, no ensino superior e na vida.

O sentido da brinquedoteca universitária vem crescendo muito, vem se potencializando e vem nos dando tantos outros desafios, mas o movimento Brinca comigo, que gerou a necessidade de articularmos essa rede das brinquedotecas da UNEB. Hoje temos atividades regulares o ano todo de acordo com a demanda da comunidade: o projeto UNEBRINQUE, o projeto principal e que também atende o ano todo, até de férias, surgindo da necessidade dos próprios funcionários e estudantes quando as crianças estão em férias procurando mais o espaço; o na escola, já mencionado, e o multicampi que articulamos e fortalecemos nosso espaço dentro da universidade para institucionalizá-lo, pois a brinquedoteca existe, mas não existe um organograma, mas está no processo para ser aprovado. Estamos nessa luta para consolidar todas essas coisas que já fomos conseguindo

coletivamente, todas essas conquistas, para podermos consolidar mesmo essa brinquedoteca como ela deve ser. Precisamos ter pessoal, uma estrutura melhor, ter um vínculo maior com as escolas, com a prefeitura, para poder ter um suporte para as crianças; então, são muitas questões que temos que pensar no coletivo e fortalecer dentro da universidade.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Precisamos militar ativamente por essa infância agora, não dá pra esperar passar por diversas gerações. Temos que continuar fazendo como formiguinha ou como povo para fazer as ações todas acontecerem.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Uma outra coisa que eu acho, é que acreditamos mesmo no processo de transformação social. Nós, como agentes públicos, somos agentes de transformação social e não só agentes investidos nos cargos, os alunos também são agentes, então estão ali também pra transformar a sociedade e de alguma forma contribuir com o mínimo que podemos, mas se cada um fizer a sua parte, conseguiremos atingir a transformação social. Também acreditamos que, agregando pessoas, dividindo o fardo e a carga, conseguimos fazer muitas coisas acontecerem. Quando paramos para pensar, não temos tempo para escrever tantas coisas e publicizar isso de maneira assertiva e isso é uma coisa que me angustia também, mas eu acredito muito nisso tudo. Acredito que esse nosso modus operandi em prol do coletivo e em prol da transformação social através da arte, do brincar, da ludicidade, desses movimentos brincantes, dessas manifestações múltiplas da ludicidade, como diz Conceição Lopes, podemos trazer contribuições efetivas para a vida das crianças. E eu percebi isso muito claramente no processo do Baú brincante nas escolas, foi uma coisa muito simples, lutamos bastante para ampliar o recreio, e nesse tempo vimos aprendizagens sociais incríveis sendo desenvolvidas nessas vidas das infâncias, das crianças e dos próprios professores que estavam lá.

Eu acho que esse movimento acolhedor, agregador, corajoso do povo nordestino é um povo que chega junto, não corre da conversa. Passamos noites e dias durante esse período pandêmico para aprovar o documento [de regulamento para brinquedotecas], mas queríamos ver a coisa acontecer. Esse grupo de rede de brinquedotecas que é coordenado pela professora Simone de Almeida, e tem essa constituição dos conselheiros, é tudo isso aí.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

As experiências das professoras Antonete Araújo Silva Xavier e Jociane Cajado da Silva destacam um envolvimento contínuo com o espaço da brinquedoteca e trazem como uma das temáticas em sua narrativa, que o incentivo e preparo das pessoas atuantes neste espaço é crucial para o envolvimento no trabalho que lá é realizado. Uma relação que proporcionou maior dimensão da relevância deste no processo formativo, mas também para os funcionários, bolsistas, estagiários ou qualquer pessoa que frequentará as brinquedotecas universitárias.

Outra questão levantada pelas professoras é a diferenciação do trabalho que é realizado nas brinquedotecas do trabalho que é realizado em brinquedotecas universitárias. A compreensão de que a formação na universidade deve trazer consigo o ensino, a pesquisa e a extensão já trazem uma outra dimensão para a formação docente. Ao relacionar estes três aspectos dialogando com os fatores históricos e culturais que compõem nossa sociedade, realçam nas brinquedotecas universitárias uma potência para se refletir sobre brincar, o lúdico e o fazer docente.

5.4.3. Ludoteca Tempo de Brincar¹⁷

(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

A Ludoteca Tempo de Brincar faz parte do Laboratório de Ludopedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade de Itapetinga. Ela existe desde 2003 como um projeto de extensão na universidade destinado ao trabalho com estudantes do curso de pedagogia e outros cursos de licenciatura. A professora Débora, coordenadora e idealizadora do espaço, é quem nos conta sobre a história desta ludoteca.

A Ludoteca Tempo de Brincar nasceu através de um projeto de extensão, começamos as atividades no ano de 2003 e desde então temos atuado sem interrupção tentando dar um vínculo mais institucional e para captar recursos, porque a gente precisaria montar um acervo. Logo no início havia um desejo muito grande de montar os cantinhos de uma brinquedoteca e nós a vinculamos à coordenação de laboratórios. Então, inicialmente, esse projeto de extensão cujo nome é Ludoteca: um espaço de práticas interdisciplinares em educação, passou a ser desenvolvido num espaço recém-criado, o Laboratório de Ludopedagogia.

Como as brinquedotecas acabam incorporando as características dos locais em que elas são implementadas, a nossa tem também as características das funções e das atividades primeiras da universidade. Desde quando foi criada, pensada a primeira edição do projeto, nos objetivos, já estava lá a questão da extensão e nosso desejo de atender crianças, filhos de professores, de servidores, de alunos, da comunidade, escolares da educação infantil, dos anos iniciais do ensino fundamental. O nosso público sempre foi pensado em crianças pequenas acompanhadas pelos pais ou responsáveis, turmas escolares ou crianças de até 12 anos de

¹⁷ Na Entrevista 5, a professora optou pela não identificação e divulgação de seu nome na pesquisa participando em anonimato, assim, iremos nos referir a sua narrativa através do pseudônimo escolhido por ela: Débora. A professora Débora participou da idealização e como atuante na coordenação da Brinquedoteca do Laboratório de Ludopedagogia Ludoteca Tempo de Brincar, inaugurada em 2003 na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) campus Itapetinga. A entrevista ocorreu em 01 de dezembro de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h02m12s.

idade, que poderiam visitar livremente o nosso espaço. E esse é o nosso público a ser atendido nessa função de extensão. Também professores, profissionais que cuidam, educam crianças e estudantes, predominantemente de pedagogia, porque no nosso campus, quando criamos a Ludoteca, só tínhamos, na área de licenciatura, o curso de pedagogia. Isso em 2002, quando escrevemos o projeto, e ele foi aprovado para o ano de 2003. De lá pra cá outras licenciaturas foram criadas e hoje a gente tem o interesse de alunos de outras licenciaturas que nos procuram para participar das atividades. Eles vêm tanto nas atividades de ensino, porque dentro da Ludoteca nós desenvolvemos novas práticas, temos um seminário bienal, o seminário de educação e ludicidade. Então, a extensão é isso, atender crianças, professores, profissionais que cuidam e educam.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

A professora conta sobre as atribuições do espaço da brinquedoteca, compreendendo a universidade nas suas três dimensões principais, e segue contando sobre as ações da ludoteca no quesito ensino e pesquisa, contando sobre quais atividades são desenvolvidas no espaço, trazendo a ludicidade com um eixo principal. Desenvolve cursos, seminários, palestras, semanas temáticas e outras programações.

Na parte de ensino, temos um conjunto de ações, que contribuem para a formação do futuro professor; então temos seminários com uma agenda permanente, temos palestras, temos sempre semanas; tentamos vincular o calendário do nosso curso com as atividades que desenvolvemos lá. Portanto, sempre pensamos no eixo temático, por exemplo, esse semestre a Ludoteca vai desenvolver um curso para discutir educação e ludicidade, ou o papel da ludicidade na prática docente, então desenvolvemos esse tipo de trabalho. O nosso seminário dessas atividades formativas tem como público-alvo o aluno do ensino superior que está se preparando para a docência e professores da rede municipal, das escolas.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Sobre os trabalhos realizados no âmbito da pesquisa acadêmica, o espaço conta com grupo de estudos e pesquisas sobre ludicidade, didática e práxis educacional, buscando vincular algumas das pesquisas realizadas ao trabalho desenvolvido na ludoteca. Sobre a temática, Débora conta um pouco dos trabalhos que foram ou vêm sendo realizados dentro e fora do espaço físico da ludoteca e o envolvimento dos estudantes e pesquisadores com as ações promovidas pelo espaço.

E também desenvolvemos atividades de pesquisa, temos um grupo denominado LUDIPE, Grupo de Estudos e Pesquisas em Ludicidade Didática e Práxis Educacional. Trata-se de um grupo já consolidado que tem várias linhas, uma das linhas sempre vinculada ao trabalho da Ludoteca. Recentemente concluímos uma pesquisa que foi para a cultura lúdica da região em meados do século XX, então tivemos como sujeito pessoas idosas. Foi muito interessante pois, em 2020 e 2021, estávamos em plena pandemia e estávamos tendo muitos problemas com idosos que

vivem em casas de acolhimento, no Lar Laura Carvalho, que é uma instituição que atende diversos idosos que vivem lá; estávamos discutindo e estudando a ludicidade na vida adulta, tendo como foco as pessoas idosas. A partir desse trabalho, em que a Ludoteca estava indo desenvolver atividades com esse grupo de pessoas, surgiu o interesse em conhecer a cultura lúdica quando essas pessoas eram crianças. E foi um trabalho muito interessante, envolveu uma equipe grande, pois nós dividimos em três subprojetos.

A Ludoteca tem despertado no aluno de pedagogia o interesse por essas questões. Nós temos um número muito grande de Trabalhos de conclusão de curso que abordam as diversas questões dessa interface de educação e ludicidade. Apesar de não termos na pós-graduação uma linha específica para discutir essa questão, temos incentivado muito e temos visto alunos dando sequência em suas pesquisas, aprofundando os conhecimentos nessa área.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Débora conta um pouco sobre a sua trajetória como docente, como chegou à UESB e como iniciou o processo de idealização desta ludoteca. A professora explica que as vivências durante a sua formação e na universidade proporcionaram a ela as condições para que pudessem realizar o seu sonho de implementar a Ludoteca como um espaço de formação, tornando-se uma professora que valoriza questões relacionadas ao brincar e ao lúdico no seu fazer docente.

Eu fiz minha graduação em Viçosa, uma instituição bem tradicional, um curso bem consolidado. Durante a minha graduação eu fui bolsista de IC, eu trabalhei em vários projetos, tive a oportunidade de fazer parte por um período lá na Ludoteca. Eu acho que a oportunidade de estar em projetos de extensão e pesquisa amplia a perspectiva formativa do futuro professor. Eu comecei a minha graduação no início da década de 90 e naquela época eu não tinha clareza de que seria uma professora universitária, mas eu já estava me construindo como professora universitária que iria valorizar essas questões, porque essa valorização veio da formação que eu tive, veio das oportunidades que me foram oferecidas.

Eu sou mineira, antes de vir pra cá, eu fui professora da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) por um breve período, porque depois meu futuro marido veio pra cá, pra Bahia, e aí nos casamos e quando viemos pra cá e me peguei de novo começando um curso de pedagogia.

Então eu tive condições de implementar aqueles sonhos, de construir um espaço bacana, que teve na minha constituição docente, um papel muito importante, tanto que, quanto mais eu tive clareza disso, hoje eu não tenho dúvida que é a maior motivação que eu tenho: o quão é importante o espaço da Ludoteca na instituição, vinculado ao curso de pedagogia. Isso é altamente educativo.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Em relação ao funcionamento da Ludoteca, em 2003, quando começamos, e acho que isso perdurou por algum tempo, causou estranhamento uma brinquedoteca dentro da instituição. Para mim foi a concretização de um sonho, pois eu fiz graduação na UFV – na federal de Viçosa – e lá tínhamos uma Ludoteca instalada em uma casa, com cantinhos muito bem estruturados e, enquanto estudante, eu tive a oportunidade de conhecer e colaborar. Quando eu vim para Bahia, a gente estava criando o curso de pedagogia aqui, o curso começou em 2002, então estava tudo por ser construído, então veio o desejo de criar, também, a Ludoteca.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

No processo de construção e organização do espaço, a professora destaca algumas dificuldades enfrentadas que interferem na maneira de lidar com a manutenção e aquisição do acervo, mobiliário e demais materiais que compõem o espaço da Ludoteca Tempo de Brincar. Comenta sobre como tem lidado, junto a sua equipe, com estes processos, como isto afeta a comunidade que frequenta o espaço e quais ações são realizadas para lidar com estas questões.

De início, a gente conseguiu montar esse acervo com o recurso da universidade, era mais fácil comprar brinquedos; o mobiliário foi um pouco difícil, mas conseguimos comprar brinquedos como material de consumo. No decorrer desse tempo, o sistema de compras do estado foi alterado e os brinquedos não faziam mais parte da lista de itens compráveis. Portanto, tem mais de dez anos que lidamos com esse contingenciamento e isso mudou a nossa forma de lidar com o nosso acervo, eu inclusive brinco com os meus bolsistas, ao dizer “brinquedos para gente é material permanente”, porque temos um cuidado muito grande na preservação. Lógico que esse cuidado não impede o livre manuseio e exploração da criança, mas exige da equipe um cuidado muito grande nessa questão. E de tempos em tempos, realizamos campanhas, em algumas edições do seminário de educação e ludicidade, pedíamos na inscrição a doação de um brinquedo.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Em relação à opção pelo nome ludoteca em vez de brinquedoteca, a professora Débora afirma:

E por que optei por manter o nome Ludoteca e não brinquedoteca? Primeiro, eu confesso que teve uma influência da Ludoteca da UFV, mas, sobretudo, de início, eu pensei muito sobre ser um espaço voltado para a formação do aluno do curso de pedagogia. Tanto que a preocupação inicial foi de trazer muitos jogos que pudessem ser trabalhados nas disciplinas pensando nessa formação lúdica. Uma constatação nossa depois dessa trajetória toda é que, quando o aluno vivencia situações lúdicas em sua formação, ele leva isso para sua prática. É muito mais efetivo você ter os alunos do curso atuando como bolsistas extensão, de IC (Iniciação Científica), estagiários... Minha equipe é formada por uma técnica que trabalha comigo no laboratório e o restante são alunos do curso de pedagogia que tem vínculo ou como bolsistas de extensão, ou

bolsistas de IC ou estagiários que a instituição seleciona e o único critério que peço é que sejam alunos de cursos de licenciatura. Inclusive, nós já fizemos pesquisas em relação a isso, qual foi o impacto da vivência, da experiência da Ludoteca pros egressos e vemos quão forte é essa vivência lúdica, o impacto disso na formação e na prática futura dos egressos que tem a oportunidade de passar na Ludoteca.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Nesse relato, Débora também conta um pouco sobre a equipe que compõe o trabalho realizado na brinquedoteca e destaca que é necessário ter uma motivação para enfrentar as dificuldades de “[...] um laboratório ao qual a instituição não pode manter” (ENTREVISTA 5: DÉBORA), o que, para ela, exige um empreendimento pessoal e de parceria com colaboradores, colegas e professores.

A professora também salienta que a Ludoteca é um programa de extensão na universidade. Explicando sobre as atribuições de cada tipo de trabalho de extensão, conta um pouco sobre os projetos que são desenvolvidos continuamente no espaço da ludoteca, passando por questões étnico-raciais, educação do campo, preconceitos, trabalhocom outras linguagens artísticas, valorização da cultura local e de povos originários, brincar livre, entre outras questões que constituem a história deste local.

Já tem cinco anos que a Ludoteca deixou de ser um projeto de extensão e passou a ser um programa de extensão. A diferença é que, enquanto programa, a ela estão vinculados outros projetos, então temos, atualmente, um projeto “Contando Africanidades”, que trabalha a contação de histórias, mas com o foco em trazer essas questões do preconceito racial. É um projeto lindíssimo, coordenado por uma professora parceira, Letícia Azevedo. Vamos para escolas do campo, nossos alunos usam fantoches ou fazem dramatizações e todas as histórias contadas têm como foco trazer à tona a questão do preconceito e trabalhar com isso de forma lúdica. É um projeto que tem motivado bastante a gente.

Temos também outro projeto, “Leituras Filmicas”, a gente faz a exibição de curtas que discutem a questão da ludicidade, que mostram situações de ludicidade, do brincar, ou até mesmo da privação do brincar, mas essas questões são discutidas. Algumas sessões são feitas na universidade, então levamos crianças das escolas para a universidade. Outras sessões fazemos nas escolas, nos centros comunitários, para comunidades quilombolas, para escolas do campo.

Já desenvolvemos projetos para oficinas de pintura, de dobradura, que envolvem crianças, oficinas de momentos formativos, mais práticos, mais curtos, tendo como público professores, para trabalhar alguns jogos, discutimos muito sobre a pedagogização do brincar, porque se a princípio eu tive esse desejo de lotar a Ludoteca de muitos jogos, que acho que essa também foi uma questão em que eu amadureci. Hoje defendemos essa perspectiva do brincar livre, o brincar livre, em si, já é potencializado de aprendizagem cognitiva, social, criativa. O bom dessa história de quase 20

anos é isso, é que também vamos nos formando. Hoje eu encaro o brincar, de uma forma diferente e faço uma avaliação e tenho expectativas diferentes em relação ao nosso trabalho. Com mais tranquilidade, pois reconheço a solidez de uma trajetória repleta de acertos e erros.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

A respeito do espaço físico, a ludoteca fica localizada na região central da cidade, num espaço destinado às questões administrativas da universidade; portanto, fica afastada do *campus* principal, onde acontecem as disciplinas ou concentra-se a maior parte dos estudantes. Contudo, Débora considera o espaço bem localizado para o acesso de toda a comunidade, o que facilita a visitação de crianças e dos atuantes no espaço. Também destaca que a ludoteca é contrastante com os demais setores que ocupam o espaço, onde, num ambiente considerado mais monótono, caracterizado pela tensão do trabalho realizado por pessoas adultas, circulam crianças, com diversas ações lúdicas e brincantes.

A nossa Ludoteca funciona em um espaço central. A universidade tem um campus afastado, que foi construído depois, e o nosso espaço fica na parte antiga, bem no centro da cidade e, desde quando ela foi instalada lá, que foi justamente no ano que estávamos nos mudando pro campus, foi onde ficou a parte administrativa, então você tem alguns laboratórios, o setor de Recursos Humanos, a prefeitura de campus, todos funcionando nesse espaço. Então tem essa dureza administrativa que contrasta com um ônibus cheio de crianças chegando e gritando, super empolgadas porque vão passar algumas horas com a gente.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Esse anexo é onde o campus começou, aí a partir de 2003, que foi o ano que começamos a funcionar, o campus mais afastado foi inaugurado com vários prédios, laboratórios, prédios de aula, e os departamentos, os colegiados foram lá pra cima (prédios novos). E esse espaço que fica na região central da cidade, permaneceu da universidade, mas ficou ali prefeitura de campi, almoxarifado.

Para nós é interessante esse espaço porque é de fácil acesso para as crianças da comunidade. Então temos alunos que são do bairro, do entorno, outras vezes até de bairros mais afastados, mas que por conta da escola e planejam voltar, se fosse no campus afastado, seria um fator dificultador para essas visitas livres. Em relação a essa livre visita, nós temos o cuidado de fazer o cadastro das crianças, de tentar ter contato com a família para sabermos o horário que estudam, para não ser um espaço onde a criança deixa de ir à escola. Aqui é uma cidade pequena, então tem crianças que vão pra escola sozinhas, então, temos o cadastro dos frequentadores, especialmente das crianças da comunidade, que entram lá livremente, para saber o horário e local de estudo, para que não permaneçam na Ludoteca no horário que deveriam estar na escola.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Outra questão que a professora trouxe em sua narrativa foi sobre qual a função da ludoteca neste espaço da universidade, contando também sobre o quão desafiador foi para ela lidar com uma mobilidade constante de funcionários, estudantes, bolsistas, estagiários e demais atuantes. Ela conta que, nas suas atribuições como docente na universidade, precisa se dedicar a uma diversidade de atividades, o que não permite que ela esteja constantemente na ludoteca. Assim, é necessário construir com todas as pessoas envolvidas uma compreensão do trabalho realizado neste espaço, tanto para a conscientização dos frequentadores, como para compreender propósitos de atuação oferecidos pela ludoteca.

O que também foi motivo de muita confusão sobre o papel da Ludoteca, o que ela se propõe? Porque todo mundo na universidade é muito passageiro, há uma mobilidade muito grande de alunos, passamos um longo período sem concurso público, então lidando muito com professores e servidores temporários. De tempos em tempos, sentíamos a necessidade de esclarecer o que era a Ludoteca, porque no nosso campus não temos uma creche e ela é um desejo de professores, servidores, de alunos. Então, sempre houve muita confusão em relação à proposta da Ludoteca, já tivemos situações de professores chegarem com crianças pequenas, entregar na mão de um bolsista e informar a hora que voltaria. E nem dá tempo de resposta, a bolsista entrou em contato comigo e eu informei que não deveria ter pegado a criança, pois não somos uma creche. Sofremos muito com isso, com essa falta de compreensão. Depois de quase 20 anos, não posso dizer que isso é uma questão resolvida, porque ainda não é dada essa mobilidade, esse fluxo de pessoas, daqui a pouco entram outro grupo de alunos que têm outras percepções equivocadas sobre o espaço, também. Então, de tempos em tempos, temos que fazer esse trabalho, hoje com menos frequência.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Débora comenta sobre como enxerga o trabalho realizado na Ludoteca Tempo de Brincar, onde se desempenha um trabalho preocupado com a preservação da cultura do brincar com adultos e crianças, buscando parcerias que enriqueçam os projetos, o diálogo entre as práticas na ludoteca e as disciplinas teóricas, os espaços formativos etc.

Temos um trabalho muito forte de preservação da cultura do brincar, sempre fazemos muito barulho, muita festa, aproveitamos esses momentos. No dia do brincar, dividimos a equipe, tem a equipe que vai comemorar o dia do brincar na universidade e quem vai brincar são os professores, os universitários e isso é bem revolucionário; temos registrado relatos muito interessantes de como isso é importante, acolhedor, revigora e modifica a forma como o universitário vê a universidade.

Fazemos um trabalho muito próximo com a Secretaria Municipal de Educação, que é nossa parceira desde 2003. Então estamos sempre nas escolas proporcionando alguma atividade com os alunos ou dando suporte aos professores, discutindo alguma situação relacionada não só a questão da Ludoteca, pois eu sou professora de didática, a minha outra colega

também é da área de práticas educativas, então entendemos esse papel que temos nessa construção de perspectiva de educação mais interacionista, mais lúdica e temos um papel importante nisso.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

A entrevistada compreende que estas ações desempenham boas devolutivas dos estudantes, seja em suas experiências com a formação, seja na sua conduta como futuros professores, despertando seu “eu” brincante e expandindo isso para sua atuação como profissional da educação.

Os nossos alunos valorizam o brincar, as atividades lúdicas; os nossos alunos sabem muito bem a diferença do que é de fato uma atividade lúdica que te dá prazer, que você se realiza e da simples realização de uma brincadeira e isso eles levam pra própria prática deles. Da pedagogização do brincar na sala de aula, quer dizer a separação do que é brincar e do que é “coisa séria”, “Olha, nós vamos brincar agora, mas daqui a pouco vai ser coisa séria”, “Agora nós vamos estudar, chega de brincadeira!”, nós não vemos nossos alunos comentando esses equívocos, pois eles têm clareza do que de fato é uma atividade lúdica. Como isso pode ser incorporado, vivenciado na prática, sem necessariamente você estar com um jogo, sem estar dividindo seu tempo escolar entre o brincar e a “atividade séria”. Eu acho isso revolucionário na formação.

Então nós somos muito brincastes, até mesmo na pós-graduação, às vezes, na dureza de uma defesa, apesar da pós-graduação eu atuar em outra área, mas você se constitui um professor diferente. Nas aulas da graduação, sempre começamos com alguma atividade que quebra o gelo e traz a alegria, o prazer que as atividades lúdicas trazem e que deveriam permear muito mais a educação do que a gente vê.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Débora descreve a Ludoteca Tempo de Brincar como um espaço que foi se construindo no decorrer do tempo e se consolidando como um espaço lúdico, independentemente de estar presente em um local onde não é comum ações brincantes. O fato de estar presente na parte administrativa da universidade traz as crianças para um lugar que não foi pensado para a convivência com elas; entretanto, estão ali, dando um outro sentido a este local predominantemente ocupado por adultos. Apesar das limitações institucionais e de políticas públicas para o incentivo financeiro, manutenção e outras questões, a ludoteca conta com uma estrutura na qual pode oferecer um espaço onde é possível receber visitas e realizar uma série de atividades apoiadas no movimento de resistência das pessoas envolvidas com este projeto.

5.5. REGIÃO CENTRO-OESTE



5.5.1. Brinquedoteca do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)¹⁸

(Universidade Federal do Mato Grosso)

A próxima entrevista foi realizada com a professora Sandra Regina Geiss Lorensini, docente responsável pela implementação da brinquedoteca do Instituto de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Sandra teve contato com a brinquedoteca desde a graduação em pedagogia; ela pode participar como estudante do processo de implementação de uma brinquedoteca na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Segundo ela, no período da década de 80, a brinquedoteca ainda não tinha uma definição do que era ou poderia ser quando relacionada à formação docente, mas como havia um direcionamento da formação para a educação infantil, já se pensava no brincar dissociado de um brincar que deveria contribuir somente para a aprendizagem. Para Sandra Regina Geiss

¹⁸ A Entrevista 4 foi realizada com a professora Sandra Regina Geiss Lorensini, idealizadora e coordenadora da Brinquedoteca do Instituto de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFMT), atualmente o espaço encontra-se em processo de implementação. A entrevista ocorreu em 22 de novembro de 2022, de maneira síncrona e com duração de 1h19m32s.

Lorensini, esta experiência sempre ajudou a compreender a brinquedoteca como uma experiência importante para a formação docente. E, sobre isso, a entrevistada conta sobre sua trajetória atrelado às suas vivências com a brinquedoteca no decorrer de sua formação:

A minha história com a brinquedoteca começa na década de 80, quando eu era estudante de pedagogia na UFSM (Universidade Federal de Santa Maria). Na época houve uma reformulação do curso e se criou uma habilitação que chamava pedagogia para o pré-escolar, e no segundo ano do curso, mais ou menos em 1985, dentro dessa reformulação, houve a proposição da construção de uma brinquedoteca, pois já havia espaço disponível para se montar uma. Portanto, nós, acadêmicos da pedagogia, e eu, especialmente como bolsista naquela época, participei desde o início da proposição da organização dessa brinquedoteca até o momento que eu saí do curso e, ali, eu me afastei pelo fato de ter concluído o processo. Então, a minha aproximação com o universo da brinquedoteca ele já é de uma longa data.

À época, a brinquedoteca foi organizada e ela ainda era muito inicial nos termos da convenção de qual seria o papel dela, mas na formação do pessoal da pedagogia, da educação especial, porque estava vinculada ao Instituto de Educação lá na universidade, que tinham cursos de educação especial também na época. E o que se tinha de clareza naquele período é que o objetivo já tinha um entendimento de que a atividade lúdica da criança de alguma forma contribuía pro seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Então a brinquedoteca vinha no sentido de tentar implementar esse objetivo, de pensar materiais específicos que envolvessem o brincar, o lúdico, nas mais diversas áreas, porque na grade curricular do curso, tinham muitas metodologias que faziam um gancho com a possibilidade do universo lúdico se manifestar, então tínhamos expressão dramática, literatura infantil, as metodologias todas da matemática, de ciências, todas elas sempre foram convidadas para estar fazendo parcerias com o esse espaço da brinquedoteca, tentando sensibilizar professores e alunos no sentido de que materiais como jogos e brinquedos poderiam contribuir para o desenvolvimento de aprendizagens e o desenvolvimento da criança como um todo.

Como o curso era voltado para a formação de profissionais em educação infantil, não tínhamos muito a obrigatoriedade em pensar a brinquedoteca como um espaço que contribuiria somente para a aprendizagem. Desde aquela época se entendia que o brincar da criança contribui para o desenvolvimento como um todo e, conseqüentemente, aprendizagem também. Eu sempre gosto de deixar isso muito claro pelo fato de que boa parte das pessoas que mexem com questões do lúdico, do brincar, entendem que quando isso é levado para dentro da escola, isso deve ser traduzido, necessariamente, numa ação que vá ao encontro de aprendizagens, efetivamente e às vezes não tem o objetivo de aprendizagem, mas contribui para tal ou outros aspectos que não a questão cognitiva, isso era muito evidente naquela época.

Em termos de materiais, essa concretização dessa brinquedoteca na universidade foi feita a partir de um projeto de um grupo de professores, que foi feito com uma fundação holandesa. Então, a fundação disponibilizava recursos, o que possibilitou de uma forma bem tranquila, a aquisição de materiais, de jogos, mobiliário também, pois se pensou uma

brinquedoteca não só como acervo de jogos e brinquedos, mas uma que tinha espaços para as crianças se fazerem presentes, então vivências. Mesmo que ainda não houvesse clareza dos conceitos de Vygotsky, se levava as crianças para dentro da brinquedoteca e os alunos da pedagogia acompanhavam e propunham ações brincantes com elas.

Era uma brinquedoteca que não era só um acervo de jogos e brinquedos. Foi uma experiência bem legal e acho que foi isso que me possibilitou a pensar sempre na importância da brinquedoteca no processo de formação de professores.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Já na UFMT, com mais de 30 anos de trabalho na universidade, Sandra Regina Geiss Lorensini conta sobre sua experiência com o curso de pedagogia e o EaD (Educação a Distância), assim como um projeto desenvolvido para estes cursos em uma série de municípios e distribuídos em seis polos de universidades. Sandra Regina Geiss Lorensini explica sobre a proposta do projeto, que iniciou em 2006, e conta como foram construídas diversas brinquedotecas com finalidade de promover cursos de formação para professores de educação infantil em atuação no Mato Grosso. O projeto contava com financiamento das universidades em parceria com os municípios, contratação de um funcionário especialmente para o espaço, organização, planejamento e preparação das brinquedotecas e dos que estariam atuando nelas.

Depois disso, eu venho para o Mato Grosso. Sou professora da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso) há mais de 30 anos, ano que vem farei 30 anos de trabalho efetivo, mas eu tenho tempo de professora substituta também. E quando eu chego aqui, a educação infantil dentro do curso de pedagogia era uma discussão que estava iniciando, isso foi em 92, a educação infantil começava a ser discutida muito pontualmente, porque a pedagogia daqui sempre teve.

Nós temos dois cursos de pedagogia dentro do instituto de educação, um a distância e outro presencial. A época, só existia o presencial, e aí esse curso sempre teve um viés de formação de professores do ensino fundamental e não da educação infantil. A educação infantil tem essa discussão do lúdico e do brincar muito forte, tanto pra creches e pré-escolas, mas o ensino fundamental continua com aquela mesma perspectiva que a criança não é mais criança, se tornou aluno e, sendo aluno, não é lugar de brincar. Eu sempre falo para os meus alunos da pedagogia que eles continuam sendo crianças e crianças gostam de brincar, no sentido de sensibilizar os acadêmicos para entenderem que são alunos e crianças também e, se tratando de criança, a ação lúdica, ela vai se modificando, mas ela continua presente, pois, como nos disse brilhantemente Piaget, brincar é brilhantemente a capacidade de representação humana. Então, não tem como dizer que uma criança de 8 anos não é mais criança, que não é mais hora de brincar, esse é muito do discurso ainda hoje nas escolas. Essa discussão sobre o lúdico e o brincar

ficou bem esquecida dentro das possibilidades que tínhamos na época no curso.

Após algum tempo, eu fui convidada para trabalhar com a modalidade EaD (Educação a Distância) e, em 2004, a gente faz uma parceria de uma proposta de formação para professores da educação infantil em exercício no estado do Mato Grosso. Então elaboramos uma proposta de pedagogia voltada especificamente para a educação infantil e fizemos parceria com mais de 40 municípios no estado e atende em 6 diferentes polos. Tínhamos grupos de acadêmicos, professores em exercício na educação infantil, em especial, a pré-escola, porque as creches, os municípios ainda estavam pensando em assumir e fazer um trabalho efetivamente voltado para educação da criança na creche, mas isso era muito inicial. E em 2004 fizemos essa proposição deste curso de pedagogia que foi denominado licenciatura para pedagogia em educação infantil e atendemos na modalidade a distância, que tem uma especificidade de dinâmica, de funcionamento. Aí constituíram-se 6 polos no estado do Mato Grosso, que é muito grande, em termos de dimensão acho que só perde pra Minas e pro Amazonas, acho que fica em quarto, acredito que o Pará também seja um pouco maior, mas é um estado muito grande.

O que fizemos no exercício da constituição desses polos, também montaríamos brinquedotecas, então foi a primeira vez que no estado a ideia da brinquedoteca começou a ser disseminada, em especial no interior do estado, com a constituição desses polos de atendimento para os nossos acadêmicos da pedagogia e aí criamos em cada um desses polos, uma brinquedoteca.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Sobre o preparo dos atuantes destas brinquedotecas, Sandra Regina Geiss Lorensini conta sobre o processo de seleção, bem como, a preparação como brinquedista. A professora destaca que havia uma preocupação muito grande com a atuação deste profissional neste espaço, que tinha como um dos critérios de seleção, ser um funcionário profissional da educação no município no qual a brinquedoteca seria implementada. Também foram realizados cursos de capacitação com a professora Santa Marli Pires dos Santos, que auxiliou no processo de implementação destas brinquedotecas.

Elas foram financiadas por essa parceria universidade/municípios, que constituíam aquele polo, então tivemos uma oportunidade bem legal de constituir essas brinquedotecas. Mas não satisfeitos com isso, não bastava organizar o espaço, teríamos que dinamizá-lo, então fizemos o exercício de selecionar uma orientadora acadêmica, que é uma personagem que existe na estrutura de uma modalidade a distância, e fizemos a seleção de pessoas que ficariam responsáveis pelas brinquedotecas nos polos pelo fato de morar no município, ser orientadora do curso de pedagogia e que poderia dinamizar a organização daquele espaço e colocá-lo pra funcionar. Porque não queríamos uma brinquedoteca que não se desse oportunidade para as crianças também estarem lá, então o município, em especial, seria beneficiado com a inserção dessas crianças nas

brinquedotecas para observar, acompanhar, efetivamente entender como se dá essa relação da criança com esses espaços e brinquedos e brincadeiras.

Além disso, nesse momento, fizemos uma capacitação bem intensa com essas brinquedistas, especificamente com elas. Fizemos com uma profissional lá do Rio Grande do Sul, não sei se já conversou com ela, a professora Santa Marli Pires dos Santos. Ela tem livros publicados sobre brinquedoteca, ela tem a história da brinquedoteca muito presente, ela que foi minha professora de pedagogia na universidade, ela que coordenou todo esse projeto da construção da brinquedoteca universitária lá em Santa Maria. Portanto, quando selecionamos essas 6 pessoas, brinquedistas, que chamávamos, fizemos todo um processo de capacitação e a professora Marli foi uma das convidadas para estar aqui conosco, discutindo o que seria uma brinquedoteca, possibilidades, como poderíamos pensar na sua organização, na sua dinamização, quais seus objetivos, isso tudo, para além dela, outras capacitações fizemos com essas brinquedistas.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Em relação à organização do espaço, as brinquedotecas foram pensadas na perspectiva de *High Scope*, priorizando a organização em mini ambientes além de outros elementos que estavam presentes nestes espaços. Sobre isso, a professora Sandra Regina Geiss Lorensini relata:

Foram brinquedotecas bem montadas e aí, nesse momento, diferentemente da brinquedoteca de Santa Maria, essas já organizamos em mini ambientes, muito próximo do que High Scope fala, na verdade não é a proposição de High Scope, mas quando ela é trazida dos EUA pra cá, a gente traduz as proposições dele e cria mini ambientes. Nossas brinquedotecas tinham essas características, além de jogos, brinquedos e tal, tínhamos mini ambientes e todo um trabalho das brinquedistas, que eram peças fundamentais, articulando as diversas áreas de conhecimento da formação do pedagogo, trazendo, com a orientação e colaboração dos professores, as possibilidades de dinâmicas, de vivências nas brinquedotecas, com os nossos acadêmicos e com as crianças. Se levavam os acadêmicos para dentro desses espaços, e fazia o exército de experimentar, mas muito mais do que isso, entender os jogos, seus objetivos, características, porque não tem como um professor pensar em usar jogos se não souber como funcionam, qual a possibilidade de vivência em torno daquilo. Então sempre trabalhávamos teoria e prática dentro dessa perspectiva de formação.

Eu diria que as brinquedotecas universitárias, como chamamos nos polos, se tornaram espaços de formação de professores, tentando garantir que os nossos professores em exercício fossem sensibilizados para que também pensassem nos seus espaços essas possibilidades de brincadeiras, ações lúdicas se fazerem presentes sempre com muito cuidado, no sentido de entender o que aquilo contribui. Não só no aspecto de aprendizagem cognitiva, mas no sentido de permitir que a criança realize isso na medida que é uma característica do desenvolvimento infantil e agrega muito no seu desenvolvimento essas experiências brincantes.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

O curso finalizou em 2010, e aqui, a professora conta um pouco sobre as parcerias que foram realizadas, as universidades envolvidas e qual foi a finalização do projeto. Sandra Regina Geiss Lorensini conta também que, com a mudança da estrutura de alguns espaços formativos, algumas brinquedotecas encerraram o atendimento e os funcionários que haviam sido selecionados para atuar como brinquedistas foram remanejados a outras áreas de atuação no campo da educação de seus municípios.

O curso acabou em 2010, eu continuei na EaD por um tempo, e eu retorno do meu doutorado e volto pra pedagogia presencial. Mas antes de sair da EaD, como tínhamos recurso ainda em função de parcerias que foram feitas ao longo desses anos todos do curso, esse curso da EaD, especificamente, não foi feito só no Mato Grosso, na verdade foi feito um consórcio entre várias universidades públicas. Então era uma proposta de formação de professores da educação infantil que, aqui no Mato Grosso, estavam envolvidos nós, da federal do Mato Grosso, mas também a Universidade Estadual do Mato Grosso, que diferentemente de nós, nos polos da estadual do Mato Grosso, não lembro de ter brinquedoteca, mas nós viabilizamos isso.

Nossos parceiros também eram a UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei), UFLA (Universidade Federal de Lavras), UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), que entrou e depois saiu. Então ficamos em seis universidades consorciadas, onde desenvolvemos a mesma proposição de formação de professores, cada um com a sua estrutura, sua equipe na modalidade a distância. Eu sei que em Minas Gerais, São João del-Rei, mobilizou um pessoal bem legal pra brinquedoteca e a Federal de Ouro Preto também com seus polos, porque cada universidade tem seus polos até hoje. A EaD continua, também na nossa universidade, como nas outras. Era uma proposição bem abrangente. Nesse consórcio, participamos de uma chamada pública do Ministério da Educação, acho que em 2003 ou 2004, e tivemos recursos também para pensar isso. Mas não usamos os recursos do Ministério da Educação para a construção das brinquedotecas, usamos para produção de fascículos, capacitações, outras ações que envolviam a formação do pedagogo na modalidade a distância.

O curso foi encerrado em 2010 e eu continuo na EaD, mas em função das orientações legais da formação de professores, a gente vai modificando as proposições de formação, a habilitação em educação infantil desaparece, se tornando uma formação mais generalista, isso em 2006, mas continuamos com a proposta de formação até terminar o curso, depois que a pedagogia na EaD fez ajustes e a pedagogia presencial também.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Algumas, alguns polos ainda existem e algumas brinquedotecas permaneceram, outros polos não existem mais e as brinquedotecas foram desfeitas e esses materiais foram distribuídos pelas instituições de educação infantil do município onde estava a brinquedoteca. Alguns polos

existem, mas não têm mais formação do pedagogo, e então as brinquedotecas também foram desfeitas em função da não possibilidade de continuar.

Na realidade, essas brinquedistas formadas eram professoras dos municípios, fazíamos o processo de capacitação com professores em exercício, então essas brinquedistas eram professoras que tinham vínculo com o município do polo onde estava a brinquedoteca. Mas com a administração nova, como não havia mais curso de pedagogia, a funcionária é remanejada para assumir um encargo de secretária em alguma escola ou até mesmo voltar a ser professora. Não há uma sensibilidade de entender que aquela brinquedoteca poderia continuar a existir como espaço de formação, formação continuada para os professores. Era simplesmente uma questão de informar a brinquedista que a brinquedoteca continuaria e ela continuaria coordenando, mas agora pensando num projeto específico de formação continuada que tenha relação do brincar com o cotidiano das crianças nas nossas escolas. Poderiam chamar profissionais para fazer capacitações específicas, poderia ter sido feito isso, mas como no Brasil, quando um governante entra quer desqualificar tudo que o anterior havia feito, acabamos perdendo boas iniciativas.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Com o encerramento do trabalho na EaD, ainda na UFMT, a professora iniciou como docente no curso de licenciatura em pedagogia presencial, no qual, devido a esta trajetória com a brinquedoteca, recebeu o convite para organizar e implementar uma brinquedoteca no Instituto de Educação, trabalho a que a professora tem se dedicado atualmente. Com a pandemia, o projeto não se concretizou, porém, no início de 2022, Sandra Regina Geiss Lorensini conseguiu retomar a organização do espaço e, sobre isso, destaca as dificuldades que vem enfrentando com o contingenciamento de recursos, limitações da universidade, políticas públicas etc.

Terminado isso, nos últimos anos, quando eu volto do doutorado, eu me envolvo mais na pedagogia presencial que na pedagogia EaD. Na minha saída da EaD, quando eu era coordenadora do curso a distância, tínhamos um certo recurso e para não perdê-lo, compramos um bom tanto de materiais, tanto em termos de jogos e materiais outros para uma possível constituição de uma brinquedoteca no Instituto de Educação, onde se desenvolvem esses dois cursos e o curso de psicologia. Em função dessa minha experiência em brinquedoteca, me convidam para pensar em organizar uma no Instituto de Educação, mas veio a pandemia e parou tudo.

Dentro daquele recurso, compramos jogos e outras coisas, materiais diversos: tapetes, bonecas, prateleiras... O que era possível ser comprado.

No Instituto de Educação, antes da pandemia, se encerrou um projeto que era financiado pelo MEC também, era a especialização em educação infantil, coordenado por outras professoras da universidade e, quando eu retorno pro presencial, existia esse material que tava fechado em um

espaço e sou convidada para pensar a possibilidade de organizar esse espaço da brinquedoteca no Instituto de Educação.

Com a pandemia, não se concretizou. Quando começamos a retornar, no início deste ano – em fevereiro eu retorno à universidade, não tínhamos retornado presencialmente ainda, só em abril – em fevereiro eu retorno e começo a organizar esse espaço. Até então também não tinha uma sala específica para isso e aí, nesse momento, quando eu retorno, já existia a sala e eu começo a organizar, até mesmo para verificar o que existe, quais serão as possibilidades.

No retorno da pandemia, as dificuldades nossas são muito grandes hoje, em função de ser uma universidade pública, o contingenciamento de recursos, políticas públicas que foram instituídas nesses últimos 4 anos; as coisas ficaram cada vez mais limitadas em termos de podermos ter acesso a algumas coisas que são necessárias para a organização de uma brinquedoteca, desde um simples armário, até um computador, pois é necessário catalogar tudo que ali se encontra. Enquanto isso, fomos buscar outras possibilidades e consegui o mínimo de estrutura para dar conta de começar a organizar. Paralelo a isso, começa-se a pensar no regimento e no objetivo da brinquedoteca para o Instituto de Educação. Nesse caso, especificamente, a gente trabalha com o tripé que a universidade pública tem: ensino, pesquisa e extensão; então, hoje, a brinquedoteca, dentro do regulamento que já foi aprovado, trabalha com esse tripé. É um espaço que possibilita a formação do pedagogo e do psicólogo – apesar de o curso de psicologia ter o Serviço de Psicologia Aplicada, onde eles também têm uma mini brinquedoteca para atender crianças em momentos de terapia – e, os alunos da pedagogia, em especial, podem ter vivências lá dentro e perceber a relação entre jogos, brinquedos e brincadeiras com os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Sandra Regina Geiss Lorensini finaliza contando o que espera deste espaço dentro da universidade, quais trabalhos poderão ser desenvolvidos, parcerias, envolvimento dos estudantes e da comunidade e outras ações que contemplem o ensino, pesquisa e extensão.

Esse espaço pode se constituir – porque ainda estamos terminando de organizar e ainda não sabemos se será concretizado, pois quem faz a brinquedoteca acontecer são as pessoas – então, dentro da proposição que temos como possibilidade de extensão, com diferentes professores, diferentes áreas de conhecimento e diferentes comunidades. Podem ser professores da rede, podem ser crianças que se encontram em instituições, sejam de educação infantil, sejam dos anos iniciais. Podem ser famílias, porque eu gosto muito dessa discussão, que é muito minha, que é a questão da parentalidade brincante, eu acho que isso é muito importante, eu penso que, na medida que as famílias, junto com as suas crianças, vivenciam momentos dentro de uma brinquedoteca e para além dela, claro, mas à medida que se vivenciam coisa lá, as famílias começam a perceber da importância dessa ação lúdica, dessa ação brincante para criança e para elas mesmas. Já tem estudos que mostram que, para além de seres humanos sabidos para possibilidades de conhecimento, a ludicidade nos constituiu humanos também, é nossa característica, apesar de que ouvimos

muito falar “para de ser criança, você já é adulto”, como se a características lúdica que nos constitui na nossa humanidade, só a possibilidade de ser respeitada, em especial, quando somos crianças, e quando são. Então eu gostaria que famílias – a mãe ou o pai, o cuidador – estivessem com crianças nesses espaços para também serem sensibilizados da perspectiva que a ação lúdica nos constitui e só tem a agregar em vários aspectos: cognitivo, afetivo, social... E eu entendo que seria uma possibilidade, mesmo que de uma forma muito lenta, a gente sensibilizar a sociedade pra importância da brincadeira, em especial das nossas crianças. Esse é um desejo, na verdade. É quase uma utopia, eu diria, mas uma hora temos que começar. Então eu penso que a ação de extensão possibilitaria isso, isso tá implicitamente no regulamento da nossa brinquedoteca.

E a questão da pesquisa, tanto pós-graduação, como graduação, porque ter acesso a um determinado jogo, material você pode e deve, enquanto profissional da educação que vai estar com crianças, seja na escola ou além da escola, entender aquilo. Então é necessário se fazer um exercício de pesquisa no sentido de entender os materiais, ver suas possibilidades e limites e como isso se dá na relação da criança utilizando esse recurso. E isso pode se dar em ambos os níveis, então isso também pode se constituir um espaço que possa efetivamente se concretizar. Possibilidades nós temos, mas se você me perguntar sobre a equipe pedagógica do instituto, se ela está mobilizada, se entende do assunto, eu diria que alguns profissionais e professores sim, em especial os que trabalham com metodologias, ou com música, com arte... Mas, ao mesmo tempo que estão sensibilizados com isso e estarão utilizando esse espaço, muito provavelmente com ensino, pesquisa e extensão, existem também dentro do Instituto de Educação uma resistência de alguns professores no sentido de que professor que brinca com aluno se infantiliza ou infantiliza a sua ação docente. Eu nem tenho termos para definir o que eu acho sobre isso, porque na relação da brincadeira com a criança você não vai se tornar uma criança, você continuará um adulto, seu papel é adulto na relação com criança brincante. E vários estudos já mostram que o brincar da criança, ele tem que ter vários e vários momentos, muitos, solitários ou em pares e o adulto, dentro dos processos escolares, pode criar momentos de interação, mas ele não tem que se tornar criança, ele tem um papel diferenciado nessa relação brincante da criança. Então, pensar que ser professor de crianças, ter e garantir a brincadeira dentro da sala de aula ou para além dela é minimizar as possibilidades que temos com a questão do brincar dentro da educação.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

A entrevistada rememora, também, algumas experiências que trazem significado; ressalta o que almeja para o espaço da brinquedoteca e o que este lugar pode representar na sua prática. Dentre as possibilidades, destaca que gostaria de dar maior atenção ao brincar do bebê, aspecto que não conseguia dimensionar no período em que tinham as brinquedotecas nos polos universitários; ela menciona também os brinquedos não estruturados. Destaca sobre a pobreza de brinquedos em creches e pré-escolas; segundo Sandra Regina Geiss Lorensini:

Existiam brinquedos nas instituições, mas eles ficavam guardados nas coordenações, era o professor que decidia o momento que a criança iria brincar com aquele objeto diferente. Cotidianamente, era algum objeto que durava 2 ou 3 anos, que a criança já conhecia de frente pra trás e de trás pra frente. Então havia uma pobreza nesses espaços nos termos de brinquedos e materiais brincantes, desde uma caixa de papelão, um pedaço de pano, essas coisas todas que a gente sabe que são possíveis e que podem se constituir numa ação brincante da criança e de exploração.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

A brinquedoteca encontra-se num momento de retomar as atividades de organização do espaço e do acervo já existente. Com um caminho ainda a percorrer na implementação desta brinquedoteca, ainda existem desafios, como o envolvimento de outros docentes atuantes da universidade ou a aposentadoria da professora que acontecerá em breve e não se sabe se haverá outra pessoa para assumir o projeto. No entanto, Sandra Regina Geiss Lorensini busca estar sempre em contato com seus estudantes e instigando-os sobre as possibilidades da brinquedoteca no processo formativo.

E em que ponto estamos agora? Estou tentando terminar de organizar o espaço com o que já existe. Falta muita coisa ainda. E aí, uma coisa que me chama atenção: os meus colegas, de certa forma, não se sensibilizam, com seus projetos de canalizar possibilidades de obtenção de materiais para colaborar na constituição dessa brinquedoteca. Então, temos, ainda hoje, uma carência de materiais. Nós temos bastante jogos, brinquedos, temos uma estrutura bem legal de várias coisas, mas isso tudo ainda em função daqueles projetos anteriores. Mas o que nos falta em especial? Nos falta muitos objetos para melhor organizar os mini ambientes e que tem a ver com literatura infantil, artes plásticas, tem a ver com o faz de conta, faltam materiais.

Eu sempre converso com os meus acadêmicos que a brinquedoteca pode ser pensada com um espaço lúdico e que no interior dela vão se manifestar diferentes perspectivas dessa ação lúdica se concretizar. Pode ser, por exemplo, a literatura infantil em si não é uma ação brincante, mas ela também pode ter, na sua dinamização, uma ação brincante; a expressão dramática não necessariamente se constitui uma ação brincante, mas pode de alguma forma trazer para dentro dessa ação brincante características que vão contemplar o lúdico. Então, a brinquedoteca, em linhas gerais, foi pensada dessa forma.

Eu acredito que, nos próximos dias, conseguiremos organizar o que temos, e começar uma nova etapa, para chamar os pares para usar estes espaços e também contribuir com o espaço, para fazer ele ter vida.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

5.6. REGIÃO NORTE



5.6.1. Brinquedoteca da Universidade Estadual do Amapá (UEAP)¹⁹

(Universidade Estadual do Amapá campus II - Macapá)

A entrevista realizada sobre a brinquedoteca da UEAP aconteceu com a professora Ângela do Céu Ubaiara Brito, docente na universidade desde de 2014 e coordenadora da brinquedoteca desde de sua inauguração em 2015. A professora começa contando sobre sua chegada na universidade e a demanda para a criação de um laboratório obrigatório considerando as especificações do MEC e do SINAES, decidindo que seria construída a brinquedoteca para o curso de pedagogia.

Em 2014 eu me efetivei na Universidade Estadual do Amapá (UEAP). Terminei o mestrado na Universidade de São Paulo (USP) com a professora Tizuko, em 2013, e, em 2014, eu retorno pra universidade no concurso efetivo como professora do colegiado de pedagogia. A partir de 2014 entramos em uma instituição que completa 17 anos esse ano e os cursos oferecidos aqui iniciaram de uma forma muito precária, pois não

¹⁹ A Entrevista 7 foi realizada com a professora Ângela do Céu Ubaiara Brito, idealizadora e coordenadora da Brinquedoteca da Universidade Estadual do Amapá (UEAP). A brinquedoteca está localizada na cidade de Macapá e foi inaugurada em 2015. A entrevista ocorreu em 16 de janeiro de 2023, de maneira síncrona e com duração de 53m35s.

havia tantos professores no curso e, em 2014, teve um concurso grande que efetivou muitos professores e eu, quando adentramos no curso de pedagogia, temos que avaliá-lo.

Sabemos que todo curso para existir tem um molde de pré-requisitos, em termos de laboratório e a brinquedoteca é o único laboratório obrigatório para certificar um curso de pedagogia, você irá encontrar isso nas recomendações de avaliação do curso, tanto a nível Enade, SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), tanto a nível dos conselhos estaduais. Então, o curso ainda não havia sido regulamentado e o conselho já havia feito uma primeira visita a universidade, onde apontou que a universidade precisava instituir seu laboratório obrigatório para o curso de pedagogia, a brinquedoteca.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Ângela destaca que o processo de idealização e implementação da brinquedoteca aconteceu priorizando as características regionais, composta por comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, portanto, o processo de construção do espaço, bem como as compras de brinquedos e materiais foram pensadas abrangendo estas características que fazem parte do contexto histórico da comunidade que estaria frequentando esta brinquedoteca. Além disso, a professora destaca a atenção na organização do espaço para receber bebês e a disposição dos brinquedos em áreas de experiência, trazendo a perspectiva Deweyana e Vigotski na mediação e trabalho com os diferentes contextos.

A partir daí, começamos a elaborar um projeto para instituir a brinquedoteca e elaboramos o espaço com um rosto mais regional, com características mais regionais, mas que atendesse toda a primeira infância, os bebês - temos espaço para bebês aqui dentro - e considerando a questão ética desse estado, que tem 16 municípios e é um estado de matriz ribeirinha, matriz indígena - tem muitas áreas indígenas preservadas - e de matriz quilombola. Os próprios brinquedos dentro da universidade respeita essas questões, temos bonecas indígenas, negras... Foi feito todo um estudo primeiro desse brincar dentro do estado e depois constituímos ela dentro da filosofia Deweyana, que trabalha as áreas de experiência, então, não temos cantinhos, temos áreas de experiência que possibilitam esse brincar mais autônomo da criança e ao mesmo tempo um brincar mais mediado e aí trazemos para dentro desse projeto um referencial, que eu trabalhei e estudo bastante, que é Vygotskyano nessa questão de trabalhar o contexto, trabalhar a mediação dentro dos vários processos. Aqui, trabalhamos dentro dos artefatos, dos signos e da mediação sujeito-sujeito com as crianças mais experientes e de um adulto mais experiente ali no momento, que são os bolsistas e professores da rede pública que frequentam a brinquedoteca.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Figura 39 – Brinquedoteca da UEAP.



Fonte: Imagens da brinquedoteca da UEAP concedidas pela professora entrevistada Ângela do Céu Ubaiara Brito.

Sobre o processo de institucionalização da brinquedoteca, a professora explica sobre o realocamento de uma técnica administrativa no período pandêmico, que acabou deixando a brinquedoteca sem funcionária no momento. Entretanto, haverá um concurso para admissão específica para o trabalho da brinquedoteca. O que destaca que o espaço tem uma certa consolidação da sua atuação na universidade.

Tínhamos uma técnica que precisou ser lotada em outro setor, até mesmo por uma questão de pandemia e, como a brinquedoteca recebe um público que é muito frequente, ela não se sentiu confortável de estar nesse setor. Temos um concurso agora que tem técnicos previstos específicos para brinquedoteca e outros técnicos.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Ainda sobre a institucionalização, Ângela conta que o processo aconteceu por duas vias, a Câmara de Graduação e o Conselho Universitário (CONSUN), relatando também sobre as atividades que acontecem nas dimensões do ensino, pesquisa e extensão.

Especificamente, quando se trata da brinquedoteca, mudamos o projeto tramitando de duas formas, na área de institucionalizar pela câmara de graduação e a de legislação e norma com aprovação no CONSUN

(Conselho Universitário). O projeto da área de estrutura, que passou pela câmara de administração e foi para licitação e, como ela, funciona nas três dimensões: ensino, pesquisa e extensão. O ensino que atende a graduação, a pesquisa que acontecem várias, a última é a do livro "Brincar com as crianças autistas", e como extensão também, onde atendemos a rede pública, de várias formas, não só com o brincar da criança, como também atendemos em forma de empréstimo de jogos. Então, fazemos isso com tudo que tem dentro dessa brinquedoteca, temos 20 exemplares de cada jogo para empréstimos.

Às vezes o professor tem uma atividade, planeja uma aula, os alunos também têm essa atividade, eles fazem estágio... Por isso, temos um catálogo de empréstimos. A gente não só trabalha dessa forma como também realizamos e conseguimos apoiar cursos dentro da brinquedoteca. Temos um curso frequente aqui dentro, que é o "Educador da infância" e acabamos por fazer esse tipo de imersão. Dentro dos armários temos os jogos, e esses jogos de empréstimo, tanto para rede pública como para as crianças, então disponíveis para as crianças se associarem a brinquedoteca, elas acabam doando um brinquedo novo e por 6 meses elas são sócias e elas podem emprestar, brincar. Elas têm cadastro, carteirinha e brincam com os jogos e depois devolvem. E para os professores da educação básica a escola tem que ser cadastrada. O professor também tem que participar do curso formador da infância para saber como utiliza e como trabalha com o material, fazemos esse processo também.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Figura 40 – Espaço da brinquedoteca da UEAP.



Fonte: Imagens da brinquedoteca da UEAP concedidas pela professora entrevistada Ângela do Céu Ubaiara Brito.

Ainda sobre o processo de ensino, pesquisa e extensão, a professora cita outras atividades realizadas, como a construção de jogos e que vão para as creches, dentre eles e professora cita a construção de um dominó em braile, em que esta criação passa por um período de observação e testes que, com sua aprovação, vão para as escolas. Também, projetos de construção de brinquedotecas em escolas numa prática imersiva de 2 anos em média para os estudantes através de uma disciplina oferecida na grade curricular e trabalho voluntário, construindo um trabalho de estudo buscando conhecer as necessidades da escola e na construção de estruturas e brinquedos que possam compor o espaço disponibilizado, que pode ser dentro ou fora, até o momento o projeto foi realizado em 3 escolas neste processo imersivo. Há também uma preocupação em oferecer elementos às crianças que representem o contexto histórico e cultural vivenciado por elas, dessa maneira, o acervo é pensado na representação dessa diversidade e na cultura como pertencente a experiência das crianças, onde ela vão manipulando e criando novas perspectivas sobre a sua experiência com o brincar e na interação com o mundo.

E aí, por exemplo, temos muito característico no estado a compra na feirinha, nesse minibox, então trazemos para dentro da brinquedoteca, a nossa estrutura de feira que é um pouco diferente das do estado de São Paulo, então temos esses miniboxes. A casa também tem uma característica muito regional, bem ribeirinha, com janela, entrada de pátio, tem muitos costumes nossos. Então temos buscado trabalhos nessa concepção Vygotskyana, desse contexto, cada estado terá seu tipo de brinquedoteca, buscamos coisas bem diferenciadas, que é um trabalho constante de extensão, de olhar, de trazer, de mapear. Essas áreas dos bolsistas que são sempre revisitadas, modificadas e quando tem muitas coisas construídas, mandamos para as escolas, pois novas turmas e novos brinquedos acabam vindo, novas formas de organizar a área e trazemos novamente, ficamos nesse movimento. Temos bonecas negras, brancas, pardas, temos uma diversidade muito grande próxima desse brincar deles.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Figura 41 – Casa ribeirinha.



Fonte: Imagens da brinquedoteca da UEAP concedidas pela professora entrevistada Ângela do Céu Ubaiara Brito.

A professora explica que há uma receptividade em relação ao espaço na universidade, dedicando-se em reunir diversos profissionais de diversas áreas nos projetos propostos. A brinquedoteca conta com um espaço amplo, mas está em processo a construção de um espaço especificamente para a brinquedoteca na universidade, que conta com um espaço fechado e espaço aberto, onde a professora também traz novamente o cuidado em oferecer elementos que representam e valorizam a cultura e história vivida por estas crianças. Ângela finaliza exemplificando uma necessidade relacionada ao curso de pedagogia e que fez com que pudessem construir parcerias também com os docentes de cálculo da universidade.

A universidade se envolve muito no brincar, atendemos também os filhos dos funcionários. Todo os projetos que faço, agrego o máximo de profissionais que posso. Por exemplo, para trabalhar a brinquedoteca nas escolas, temos o curso de design, então, agregamos os alunos de design. Como temos muito espaço, mas estamos em um prédio que ainda não é nosso, e temos uma área externa, quando não conseguimos fazer uma brinquedoteca dentro da escola, fazemos uma fora da escola, no quintal. Aqui tem a característica de muita terra, muito quintal, então conseguimos fazer brincadeiras do lado de fora. Também somos chamados para fazer a horta lúdica, e eu agrego os cursos de engenharia florestal e ambiental, teve uma escola que trabalhamos com um viveiro de peixes. Então, temos

uma relação muito tranquila e conseguimos transitar nos outros cursos, temos os bolsistas, voluntários e os próprios da brinquedoteca que vem do curso de licenciatura. Só para dar um exemplo, eu fiz muitas oficinas de dobradura e criamos um grupo de dobradura, então todos os setores da universidade traziam dobraduras, então temos essa relação muito tranquila pois são 14 cursos. Tem as disciplinas dos professores de cálculo e eles trabalham na pedagogia, que tem duas disciplinas, pois identificamos que os alunos saem do ensino médio com uma dificuldade em matemática muito grande. Os professores dessas disciplinas dizem que a brinquedoteca é só brincadeira e gargalhadas e eu brinco dizendo que eu escolhi brincar enquanto eles escolheram cálculo. Somos muito bem-vistos.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Figura 42 – Estudantes da UEAP na brinquedoteca.



Fonte: Imagens da brinquedoteca da UEAP concedidas pela professora entrevistada Ângela do Céu Ubaiara Brito.

Ângela também explica sobre a dificuldade que vem sofrendo com a evasão dos estudantes na região no curso de pedagogia, impactando a atuação da brinquedoteca e da formação de licenciaturas na universidade. Uma situação vivenciada pela professora que explicita também as desigualdades sociais, afetando tanto o acesso quanto a permanência de

estudantes no ensino superior e que muitas vezes não dá espaços para decidir dedicar-se à sua formação.

Essa crise da licenciatura está no Brasil todo, mas acredito que irá melhorar assim que o ministro alterar o salário. Antes tínhamos uma demanda muito reprimida de alunos. Quando abrimos a universidade, tínhamos alunos de 40, 50, 60 anos e agora os alunos tem 16 anos e se tem a oportunidade de procurar outros cursos “mais vantajosos”. Eles procuram, pois existe essa questão da desvalorização da licenciatura, tanto no serviço público como no privado, porque sempre a comunidade externa acha que sabe mais que o professor e esse professor é visto como babá de elite, essa desvalorização leva os jovens a não querer. Então, quem vem, são os da área bem ribeirinha mesmo e esses não conseguem permanecer na universidade por várias questões. A universidade tem várias cotas e auxílios diferenciados, que totalizam um pouco mais de dois salários-mínimos, para o aluno se manter na cidade e se manter na universidade, mesmo assim é muito complexo, pois é uma outra realidade. Ao mesmo tempo que eles entram muito jovens, não temos políticas públicas de educação sexual, então muitos alunos nossos que chegam aqui já têm dois filhos, eles começam a ter filhos com 10 anos, por exemplo. Então isso complica bastante. E quem tá fora dessa curva, não quer vir pra licenciatura.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Figura 43 – Espaço de leitura da brinquedoteca UEAP.



Fonte: Imagens da brinquedoteca da UEAP concedidas pela professora entrevistada Ângela do Céu Ubaiara Brito.

Atualmente, a brinquedoteca está se preparando para fazer a mudança do prédio que está localizado ao prédio novo e a professora Ângela conta sobre como é o espaço atual e como será o espaço preparado para receber a brinquedoteca.

Vamos para um espaço novo, que é o prédio da pedagogia, pois aqui os laboratórios se adequaram aos espaços que tinham, e nesse espaço ela ganha um prédio adequado, com espaço diferenciado, com salas para o curso de formação de professores, laboratórios, um hall de banheiros mais adequados, e acompanhando um outro espaço que temos, que é a sala verde, um espaço de brincar com a natureza, isso tudo será unido em um só espaço.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

A brinquedoteca da UEAP traz a cultura de maneira muito forte na sua composição, há um cuidado na seleção de brinquedos, no atendimento dos visitantes e na preparação do espaço para que propicie a brincadeira. Ângela trouxe na sua exposição como uma pauta importante do trabalho realizado pela brinquedoteca a valorização da cultura local, implicando numa abordagem que valorize a população ribeirinha, indígena e quilombola que constituem a comunidade frequentadora da brinquedoteca. É visível que a brinquedoteca tem um compromisso muito forte com a valorização histórico-cultural dos frequentadores proporcionando momentos brincantes nos quais é possível se identificar enquanto sujeito.

A brinquedoteca da UEAP foi sendo constituída na universidade de maneira que hoje pode ser considerada mais consolidada, onde sua estrutura física tem sido investida e em breve a brinquedoteca será realocada para um espaço próprio para ela. No entanto, a professora ainda pontua sobre os desafios que tem vivido nos últimos anos endêmicos onde vem ocorrendo uma grande evasão de estudantes, explicitando uma complexidade de disparidades sociais que não permite a estes estudantes permanecerem na universidade. Um contraponto com as outras brinquedotecas entrevistadas, onde, muitas vezes, são disponibilizados poucos recursos para bolsistas, estagiários e outros vínculos entre estudantes e a universidade, que na UEAP acabam por não preencher as bolsas existentes.

5.7. REGIÃO SUL



5.7.1. Brinquedoteca da Faculdade de Educação (Faced)²⁰

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A conversa sobre a brinquedoteca da Faced na UFRGS aconteceu com as professoras coordenadoras Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake, que contam que a brinquedoteca completará, no ano de 2023, 24 anos de existência desde sua inauguração. A idealização e implementação desta brinquedoteca se deu com a professora Tânia Ramos Fortuna, que percebe uma necessidade dos estudantes da Faced na universidade em tem acesso aos jogos e brinquedos, mas também a vontade de continuar brincando e estudando sobre brincar. Em 1999, a brinquedoteca foi inaugurada, contudo, diversas ações foram realizadas antes, buscando promover o acesso a brinquedos durante a formação docente (QQB UFRGS, 2020).

²⁰ A Entrevista 8 foi realizada com as professoras Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake, coordenadoras da Brinquedoteca da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A brinquedoteca está localizada na cidade de Porto Alegre e foi inaugurada em 1999. A entrevista ocorreu em 20 de janeiro de 2023, de maneira síncrona e com duração de 1h02m24s.

A partir de 2019, Marília Forgearini Nunes começa a se aproximar da brinquedoteca a convite da professora Tânia Ramos Fortuna, que estaria iniciando seu processo de aposentadoria. Marília Forgearini Nunes relata sobre o seu processo de aproximação da brinquedoteca e conta que se tratava de uma atividade nova, mas que a encontrou desde o princípio.

Eu não tenho minha formação na UFRGS, então, eu convivi com a brinquedoteca sempre à distância quando cursei o doutorado, passando pela vitrine dela, que ela tem uma vitrine muito característica, e achando interessante aquele trabalho, mas nunca entrando para ver o que era realmente e sabendo um pouco.

Em 2019, a professora Tânia se aproxima da aposentadoria dela e começa a procurar alguém para assumir o projeto do qual a brinquedoteca faz parte, porque ela não é uma brinquedoteca isolada, ela faz parte de um programa de extensão, foi criada junto com o programa de extensão universitária. É aí que eu realmente boto meu pé literalmente dentro da brinquedoteca, para conhecer numa primeira visita em que a professora Tânia, junto com os bolsistas que atuavam na época, me apresentam toda a dinâmica do que acontece lá. Desde o momento em que eu entrei lá me encantei muito com aquela ideia de um acervo de brinquedos e essa ideia do acervo de brinquedos voltados para adultos. Essa é uma característica bastante forte da nossa brinquedoteca, ela está dentro da universidade e ela entende o público principal dela, que são os adultos que habitam a universidade, que podem levar os brinquedos para as crianças, mas o público pretendido são os adultos.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Figura 44 – Quem quer Brincar? destaque no jornal Correio do Povo.

EDUCAÇÃO

20/10/2019 | CORREIO DO POVO +DOMINGO | 7

PROPOSTA BRINCANTE

Se a proposta do Programa é ser aberto, sem burocracia e num espaço colorido e cheio de brinquedos e jogos, a estrutura do projeto é séria. O visitante que chega à brinquedoteca encontra suporte para estudo, prática acadêmica, atividade profissional ou até para fazer uso de brinquedos ou levar para casa itens (se for pessoal ligado à UFRGS) que podem compartilhar com amigos ou crianças. São brinquedos de todas as idades, gibis, CDs, DVDs, fantasias, livros infantis e didáticos, materiais e jogos pedagógicos, podendo ser retirados até seis itens por vez, por pessoa, em um prazo de até 7 dias, com possibilidade de renovação. Tudo é organizado e os objetos têm manutenção e cuidado. "O brinquedo não morre jamais, pois está sempre pronto para brincar na mão de quem interage", considera Tânia.

A professora assinala que o estudo sobre o assunto é importante para a própria vida de brincadeiras, que correm o risco de extinção, pela falta de transmissão da cultura lúdica e de sua prática (ter com quem brincar). Aponta ganhos em saúde física, emocional, neurológica, social. E considera que precisamos brincar, não como fuga, deboche, anestesia do cotidiano ou descontentamento civilizatório, mas para ficarmos mais espertos, atentos, vinculados ao entorno, ao passado e futuro. Segundo a professora, que está encaminhando sua aposentadoria "para brincar com outras coisas", o processo de transformação social que se almeja precisa passar pelo lúdico-imaginário. Por isso, Tânia acredita que "sonhar acordado é brincar" e, por isso, é para todos.

Bonecos, jogos, fantoches, livros, CDs, DVs e gibis são alguns dos 5 mil itens que estão na brinquedoteca, à disposição do público, no térreo do prédio da Faculdade de Educação

"Sonhar acordado é brincar"

"Brinquedos não morrem jamais. Estão sempre prontos para brincar na mão de quem interage."

"Tudo as nossas atividades são gratuitas. Somos uma universidade pública"

BRINQUEDOTECA PARA ADULTOS

Em 1988, uma campanha para a criação de brinquedoteca levou à brinquedoteca acadêmica. Também, em uma biblioteca, em comum espalhada pelo campus e só com brinquedos retirados aos níveis de ensino, o espaço continua.

COMO DA BRINCADEIRA

Formar pessoas para valorizar a brincadeira, promover o lúdico no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social, em diferentes áreas de estudo e explorar possibilidades que o jogo e a brincadeira oferecem, como aspectos ligados a valores,

BRINCADEIRA

Formar pessoas para valorizar a brincadeira, promover o lúdico no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social, em diferentes áreas de estudo e explorar possibilidades que o jogo e a brincadeira oferecem, como aspectos ligados a valores,

COMO DA BRINCADEIRA

Formar pessoas para valorizar a brincadeira, promover o lúdico no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social, em diferentes áreas de estudo e explorar possibilidades que o jogo e a brincadeira oferecem, como aspectos ligados a valores,

COMO DA BRINCADEIRA

Formar pessoas para valorizar a brincadeira, promover o lúdico no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social, em diferentes áreas de estudo e explorar possibilidades que o jogo e a brincadeira oferecem, como aspectos ligados a valores,

Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

No entanto, a chegada de Marília Forgearini Nunes a brinquedoteca aconteceu junto a um desafio, no final de 2019 começavam aparecer os primeiros casos de covid-19 e no início de 2020 os primeiros casos começaram aparecer no Brasil, tratando-se de uma pandemia mundial e que interrompeu os trabalhos presenciais como uma medida de saúde pública e diminuição da propagação da doença. E sobre esse afastamento do espaço da brinquedoteca e da universidade, a professora destaca o lugar de memória que o lugar carrega consigo, seja no despertar de memórias pessoais através dos brinquedos ou na preservação da história desta brinquedoteca em diferentes gerações que convivem com ela.

Então, a minha convivência com a brinquedoteca começa em 2019, mas também é interrompida. Tem um atravessamento da pandemia que me afasta, nos afasta do espaço da brinquedoteca, mas se eu tivesse que caracterizar o que a brinquedoteca é para mim é um lugar de encantamento em que eu redescubro memórias de infância e me encanto com descobertas do que tem lá no acervo. Nessa semana mesmo, anteontem, eu fui lá separar uns jogos e me deparei com um jogo que eu voltei para um aniversário na casa de um primo, de alguém que tinha aquele jogo e eu achei muito legal aquele jogo, a gente jogou e o jogo está lá na brinquedoteca. E eu fiquei manipulando e me reportei a essa

memória, então, também é um lugar de memórias, encantamento e memórias.

É um espaço que existe na Faculdade de Educação há mais de duas décadas, sendo constituído e ganhando cada vez mais espaço. Hoje a gente ocupa o térreo da faculdade num lugar de passagem para o Salão de Atos que a gente tem, a sala de palestras, tendo uma visibilidade que todas as pessoas que vão assistir algo dentro da faculdade obrigatoriamente passam pela porta da brinquedoteca. Fiquei pensando esses dias, a faculdade é muito aberta e fica no centro da cidade, no campus central, e tem banheiros. Muitas pessoas ingressam no prédio para usar o banheiro e a brinquedoteca fica em frente ao banheiro. Então, as pessoas acabam visualizando a nossa vitrine, os nossos painéis, o que está ali dentro e às vezes sendo tragados para entrar dentro da brinquedoteca. Não sei se eu disse muita coisa. Vou deixar a Renata falar um pouco que a gente vai se lembrando de outras coisas.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Figura 45 – Vitrine da idade da pedra na sala da brinquedoteca Faced UFRGS.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Já a professora Renata Sperrhake teve seu primeiro contato com a brinquedoteca da Faced enquanto estudante do curso de licenciatura em pedagogia na UFRGS. No quarto semestre do curso, Renata Sperrhake foi estudante da disciplina Jogo e Educação que oferecia uma vivência mais imersiva no espaço, onde realizou seu cadastro e pode ter maior contato com os brinquedos e materiais lá disponibilizados em diálogo com os aportes teóricos que estudava no período.

Eu fui aluna do curso de Pedagogia ali da Faced, então eu conheci a brinquedoteca da UFRGS como graduanda do curso no quarto semestre, mais especificamente, apesar de já ter passado ali pela frente da sala onde fica o acervo antes, nos semestres anteriores. No quarto semestre eu tive a disciplina de Jogo e Educação e nessa disciplina a gente, mais diretamente, se vinculava a algumas ações da brinquedoteca. Então, fomos à brinquedoteca, foi feito um cadastro dos estudantes que têm até hoje lá, acho que o meu cadastro era 2007 ou 2008, de quando eu fui aluna dessa disciplina. Também pela disciplina que eu pude ter um pouco de um referencial teórico que vai embasar as ações docentes nessa perspectiva mais lúdica de educação, apesar disso circular por outras disciplinas, foi nessa disciplina de Jogo e Educação que isso ficou mais evidente, mais salientado.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Renata Sperrhake também relata em sua experiência sobre a professora Tânia Ramos Fortuna, que é docente na UFRGS desde 1991,

Essa disciplina, quando eu estava no curso, não foi ministrada para mim, para minha turma, pela professora Tânia Ramos Fortuna, porque ela estava afastada para o doutorado. Eu não fui aluna da Tânia, mas eu ouvia falar muito dela na Faced, tanto pelas professoras, pela outra professora que estava com essa disciplina no momento, quanto em outras situações em que mencionavam a brinquedoteca, porque a brinquedoteca da Faced, como a Marília falou antes, iniciou como um projeto de extensão e quem criou esse projeto de extensão foi a professora Tânia Ramos Fortuna.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

A professora menciona que frequentava a brinquedoteca para acessar alguns jogos e brinquedos quando necessário, mas foi em 2019, quando Marília Forgearini Nunes a convidou para acompanhá-la na coordenação da brinquedoteca da Faced, que pode se reaproximar do espaço novamente de maneira mais acentuada.

A professoras contam que brinquedoteca universitária da Faced começou com uma doação de brinquedos quando a professora Tânia Ramos Fortuna percebe a necessidade dos

estudante de ter acesso a estes brinquedos e os estudos sobre brincar através da disciplina Jogo e Educação, que faz parte da grade obrigatória do curso de pedagogia na UFRGS e tem muita procura dos estudantes de diversas licenciaturas. Ao observar que nem sempre as escolas em que os estudantes realizavam os estágios contavam com brinquedos como parte de seus materiais, a campanha de doação de brinquedos na universidade se torna um caminho para que se possam construir um acervo em que estes estudantes pudessem manipular estes brinquedos e jogos e emprestá-los para as suas práticas no seu processo de formação para docência.

A partir dessa disciplina, a Tânia começa a fomentar a ideia de jogo na faculdade de educação, mas os alunos de licenciatura vão para as escolas e começam a perceber que não tem jogos, não tem brinquedos nas escolas, então, começa uma campanha de doação com uma caixa deixada na entrada da Faced com cartaz “doe aqui brinquedos e jogos que são projeto...”. Só que a Tânia começa a perceber que esses jogos também somem, que eles caem ali e as pessoas passam e levam os jogos. Como era uma doação, não chegava a acumular. Isso provoca a Tânia a pensar que seria interessante ter um acervo para que isso circulasse mais. Ela começa então a constituir esse acervo de modo muito pequeno no gabinete dela, como professora, pedindo licença aos colegas com os quais ela partilhava o espaço e, então, ganha um armário nessa sala. A partir disso, começa a crescer e ela vai em busca e ganha uma sala um pouco menor num vão de escada.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

A professora Tânia Ramos Fortuna consegue uma sala para a brinquedoteca em 1999, quando a brinquedoteca é inaugurada e passa a ser conhecida por “Quem quer brincar?”, em que o Quem quer brincar?, projeto de extensão, e a brinquedoteca passam a existir no mesmo espaço.

A brinquedoteca abre realmente como um espaço - e a partir daí contam os 24 anos que ela completa esse ano - em uma a sala do térreo em que esvaziam o lugar onde faziam fotocópias, xerox, encadernações deixando de existir esse espaço dentro da faculdade da UFRGS. A Tânia vai em busca e ganha este espaço. Além disso, ainda ganha dentro desse espaço um vão de elevador, que é um terceiro elevador que não foi feito que é agregado nesse espaço. Constituindo essa sala que passa a ser o espaço do Quem Quer Brincar e da brinquedoteca, como ele é conhecido, as pessoas dizem “Ah, e o espaço com quem quer brincar”.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Figura 46 – Brinquedoteca da Faced UFRGS no ano de 2004.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Marília Forgearini Nunes explica que atualmente existe um movimento de instituir o nome Brinquedoteca Universitária da Faced e conta que a professora Tânia Ramos Fortuna se preocupava com a permanência do espaço ao desvincular-se, por isso, com a aproximação de sua aposentadoria, a professora buscou meios para institucionalizar a brinquedoteca na universidade como setor da instituição.

Atualmente a gente tem feito campanha para instituir esse nome, Brinquedoteca Universitária da Faced, porque é um espaço que existia vinculado ao programa de extensão. A preocupação de Tânia era que, com a sua aposentadoria, ela precisaria encontrar uma nova coordenação, pois o programa deixaria de existir no sistema, porque ao professor se aposentar ele sai do sistema e o programa ficaria suspenso e a brinquedoteca, conseqüentemente, também ficaria sem “dono”, digamos assim. Então, foi essa a preocupação dela em fazer essa transição no processo de aposentadoria, para que a brinquedoteca continuasse

existindo. E nesse continuar existindo a direção nova, que entrou junto comigo e com Renata, foi constituindo a ideia de tornar a brinquedoteca um espaço institucionalizado, um setor da faculdade. Então, atualmente, desde julho de 2021 o Conselho da Faculdade aprovou e a brinquedoteca é um setor, assim como a biblioteca. Então ela não vai mais desaparecer quando nos aposentarmos ou se nós desistirmos, formos embora da faculdade, a brinquedoteca é parte da faculdade. Ainda não temos um técnico. Talvez tenhamos até um funcionário atuando junto conosco. Então, isso é parte da brinquedoteca atualmente. Consideramos como uma vitória, a brinquedoteca não vai mais desaparecer. Aquele acervo está assegurado e esse espaço, de algum modo, vai existir na Faced.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Figura 47 – Notícia Brinquedoteca: novo setor de apoio técnico-acadêmico da Faced.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

As professoras expressam que a institucionalização é fundamental para que a brinquedoteca permaneça realizando suas atividades na universidade, trazendo com ela uma história que começa com muita força, mas que segue com muita força com o passar do tempo com um sentimento de pertencimento de uma comunidade e não vinculado apenas a uma pessoa.

Figura 48 – Reunião de equipe na brinquedoteca da Faced UFRGS.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Sobre a relação com a instituição e sobre o suporte que é recebido para manutenção da brinquedoteca ou mesmo para o processo de institucionalização, as professoras respondem:

Dentro da comunidade da Faced tem um sentimento assim e uma vontade, um acolhimento com as questões da brinquedoteca universitária. Eu sinto isso, sabe? Quando se tem alguma demanda que envolve a brinquedoteca, Geralmente a maioria dos professores concorda, acha que é importante a manutenção do acervo, acha que é importante aquele espaço que ele deve e merece um cuidado e uma atenção. Então, as ações que passam, por exemplo, por órgãos colegiados que precisam passar para serem aprovadas, em geral são muito bem recebidas. Claro, sempre há uma discussão, porque, afinal, isso acontece com qualquer demanda que envolve a universidade, mas em geral são muito bem acolhidas. As pessoas

valorizam e respeitam aquele espaço. Esse é um sentimento que eu percebo entre professores, entre estudantes, entre os funcionários ali do prédio da Faced, essa, essa valorização, esse respeito, esse cuidado, essa atenção com aquele espaço da brinquedoteca e com as necessidades que são dele, de organização, de materiais, enfim.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Agora, a Tânia também sempre entendeu que não havia muito modo de ter um apoio financeiro muito seguro, até porque era um projeto de extensão. Então o que ela usava muito e que é o que a gente usa é tentar buscar sempre o apoio das bolsas. Isso, inclusive, a própria direção destinou uma das bolsas de estudante, que são de apoio para os setores à brinquedoteca, mesmo sem ser setor já tinha uma bolsa concedida pela direção da unidade. Além disso, as bolsas de extensão que a gente sempre vai em busca e sempre somos contemplados com pelo menos duas bolsas. Porque nosso bolsistas são fundamentais para a brinquedoteca funcionar, eles fazem todo o apoio na gestão da brinquedoteca, na organização, na recepção para as visitas lúdicas, porque a gente não acolhe só quem está circulando na universidade, a gente convida as pessoas para virem conhecer o espaço, conhecer o trabalho, implementar outras, criar suas brinquedotecas em escolas, enfim.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

As professoras explicam também sobre como funcionam os atendimentos no espaço da brinquedoteca, onde contam com três bolsistas vinculados aos diferentes programas dentro da brinquedoteca.

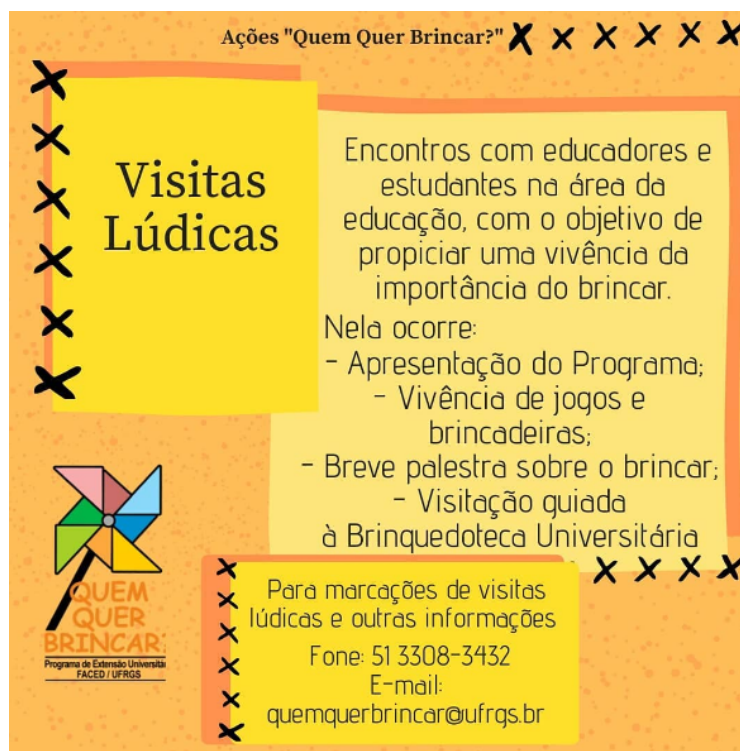
Atualmente, a gente conta com bolsistas vinculados a diferentes programas da brinquedoteca. São coisas muito próximas, mas que demandam ações do ponto de vista da coordenação, isso é a Marília quem faz. Quando ela coloca no programa “Quem quer brincar?”, no sistema, ela tem que organizar toda a carga horária do programa de modo a conseguir as bolsas. É um edital da universidade com um total de bolsas de extensão para todos os projetos de todas as unidades e dentro deste edital, como a Marília disse, a gente historicamente tem conseguido garantir.

Há duas vagas, duas bolsas de extensão, são vinculadas ao programa de extensão universitária Quem quer brincar?, além dessas duas bolsas, temos outra bolsa pela via da direção, que a Marília também mencionou antes, que tem uma carga horária um pouquinho menor que as duas de extensão, são 04h00 a menos. Então nós temos esses três bolsistas que são os que atendem ao público lá na brinquedoteca, quando chega alguém, quando vai fazer um empréstimo, quando vai fazer o seu cadastro ou solicitar alguma visita lúdica, por exemplo. Geralmente essas pessoas quando chegam lá, elas tratam como os bolsistas, porque são eles que estão com atendimento ao público ali, mantendo a brinquedoteca aberta e recebendo as pessoas que vão até ela. Como a Marília disse, essa garantia

desses bolsistas é super importante para o funcionamento da brinquedoteca. Aí pra que a gente possa manter ela aberta o máximo possível.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Figura 49 – Visitas lúdicas na brinquedoteca da Faced UFRGS.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Em relação ao atendimento na brinquedoteca, existe um esforço para mantê-la aberta o máximo de dias por semana. Um aspecto importante é que as professoras trazem que a brinquedoteca tem o atendimento de um público diverso para visitas lúdicas, entretanto, especificam que a brinquedoteca tem a função principal de atender adultos. A professora Marília Forgearini Nunes explica que para Tânia Ramos Fortuna, o espaço não era preparado o suficiente para receber crianças de maneira adequada e que a brinquedoteca naquele espaço tem um aspecto único que a caracteriza, a formação de adultos para a docência.

Isso a Tânia também dizia, não há espaço de qualidade para uma brincadeira para crianças aqui. Inclusive tem um cartaz que diz isso na brinquedoteca, porque às vezes as pessoas perguntam ou recebemos e-mail "a gente vai fazer um evento, podemos deixar as crianças aí?", como se fosse aqueles lugares de shopping, não, nós não funcionamos desse modo. A gente recebe os adultos, a nossa relação com a comunidade é com educadores, com pessoas que tenham interesse pelo brincar e redescobrir

o seu ser brincante, de pensar sobre o jogo e educação, pensar sobre criatividade, enfim, essa é a nossa relação.

E dentro da universidade a gente recebe alunos de todos os cursos que tiverem interesse, professores, técnicos, funcionários e os terceirizados da nossa unidade usam muito os brinquedos e também fazem muito empréstimo dos brinquedos, fazem muito uso dos brinquedos para levar para seus filhos. A gente tem uma circulação bastante grande do pessoal que trabalha na manutenção do prédio e na limpeza, frequentam bastante a nossa brinquedoteca.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

A brinquedoteca conta com algumas atividades de extensão que já existiam em atividades paralelas das duas professoras na universidade. Com a institucionalização da brinquedoteca a partir da resolução de 2019 da Faced da UFRGS, houve a necessidade de que fossem congregados pelo menos dois projetos de extensão, assim, as professoras resolveram trazer seus projetos para a brinquedoteca, constituindo, dentre suas atividades, o Ler Clube de Leitura, que trabalha a mediação de literatura infantil e adulta. A Didacoteca, um espaço que conta com um “[...] acervo de recursos didáticos para o ensino, para o desenvolvimento de habilidades vinculadas aos conhecimentos escolares, de linguagem, mas também de outras áreas do conhecimento” (ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)²¹. E o Quem quer brincar?, que já foi citado aqui e que atua em conjunto à brinquedoteca.

²¹ Mais informações sobre o espaço da Didacoteca disponível através da página do Instagram Didacoteca UFRGS.

Figura 50 – Vitrine elaborada com brinquedos de miriti.



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Outra característica da brinquedoteca da Faced é o cuidado na seleção de brinquedos disponibilizados ao livre manuseio. Com o passar dos anos Tânia Ramos Fortuna percebe que fazem parte deste acervo uma série de brinquedos clássicos, considerando que precisava dar uma atenção a mais a estes brinquedos que carregam consigo uma parte da história. Ao assumir a coordenação, Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake mantiveram esse olhar cuidadoso para a seleção destes brinquedos e, sobre isso, explica:

E isso aí é uma coisa que a Tania também disse “faça como vocês quiserem”, porque quando ela nos entregou, ela disse “eu estou entregando, não estou botando regras” e a gente vai tentando preservar sempre, porque é uma história que ela tem. A gente não vai apagar, nem quer, nem pretende, mas às vezes a gente precisa ir também dando o nosso tom. E uma das coisas que a gente pensou é que tem muitos brinquedos que são realmente históricos. Tem muito clássico de um determinado tempo e que não se preocupa que se perca porque acaba se tornando um local de pesquisa sobre o brincar também. É importante que os brinquedos circulem, mas em que medida que eles estão circulando ou que a gente seria melhor preservar? Então a gente tem feito um movimento de preservar algumas peças e que ficarão para consulta local somente.

Não pretendemos colocar tudo, porque como a gente tem muita coisa que é antiga, de algum modo, se tornaria tudo histórico, mas não é essa a

intenção. Mas tem algumas coisas que a gente tem preservado. Vou te dar um exemplo, tem um pião colorido que puxa que é um clássico e está lá e não tem porque a gente deixar isso para empréstimo sendo que ele é uma figura clássica do brincar internacionalmente, pode se dizer, aquele pião colorido. Esses dias eu descobri um jogo alemão que é de equilíbrio, com peças de madeira, que foi doação de alguém para brinquedoteca, que a gente só pode agradecer que a pessoa tem se lembrado, mas que ao mesmo tempo a gente olha e diz “meu Deus, será que isso cabe ficar circulando? Não seria melhor deixar aqui?” Então a gente tem deixado para as pessoas jogarem, quem quiser jogar ali. Mas não constituir um acervo que tudo vire histórico, a gente está tentando fazer um equilíbrio para preservar algumas coisas.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Além disso, observam o crescente movimento de outras instituições interessadas em conhecer o acervo e fazer as visitas lúdicas, demonstrando a preocupação com as questões relacionadas ao brincar em outros espaços além da Faced e da UFRGS, promovendo um espaço que tem atendido toda uma comunidade em processo de formação, como relata a professora Renata Sperrhake:

A gente tem tido também a procura de outras instituições e de outras universidades para virem conhecer o espaço da brinquedoteca e os projetos que são vinculados ao Quem quer brincar? A gente teve o pessoal do IF (Instituto Federal) de Farroupilha com a professora Samantha Dias, que veio em novembro com uns 40, 50 estudantes e passaram uma manhã de sábado conosco ali na Faced, conhecendo a brinquedoteca, participando da visita lúdica que envolve uma série de dinâmicas de interação entre as pessoas que vêm visitar o acervo, conhecer o programa, conhecer o espaço. E tivemos também a visita em dezembro do pessoal da UFPel com a professora Gilciane, que trouxe também uns 30 estudantes de um programa de extensão que ela tem lá e conheceram não só o Quem quer brincar? e a brinquedoteca, mas a Didacoteca e o Ler Clube de Leitura. Participaram e vivenciaram experiências de cada um dos três projetos que compõem o programa Quem quer brincar?. E já temos e-mails com outras escolas pedindo também para marcar horário para fazer uma visita lúdica.

A gente tem notado também essa procura de outras instituições para virem conhecer o acervo, conhecer as dinâmicas do programa, o que a gente acha super importante. Inclusive a professora Samantha, do IF Farroupilha, estava criando uma brinquedoteca para o curso de Pedagogia e tem uma interlocução bem grande conosco aqui da UFRGS, está sempre nos chamando para fazer parcerias com ela porque ela também estava criando uma brinquedoteca lá. Ela foi aluna do doutorado da UFRGS, então conhecia a brinquedoteca da Faced. Então a

brinquedoteca da Faced também é uma inspiração para outras e incentiva outras brinquedotecas a surgirem e esse se manter em diferentes espaços.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia a brinquedoteca se manteve fechada, ainda assim, Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake fizeram diversas ações em conjunto aos bolsistas e aos atuantes parceiros via o canal do Youtube da brinquedoteca com vídeos de montagem de brinquedos, momentos de estudos e conversas sobre brincar, construção de jogos com materiais disponíveis, divulgação de materiais de estudo e uma ampla divulgação dessas ações nas redes sociais. Uma série de atividades com a preocupação de não distanciar os frequentadores da brinquedoteca do brincar e dos brinquedos, mas também encontrando meios de manter a vinculação dos bolsistas, manter os aprofundamentos teóricos e práticos, agora num outro contexto, mas que as professoras julgaram conseguir atingir seus objetivos.

Também a promoção dessas lives que foram feitas foram várias, tem muitas no canal do QQB do YouTube. Algumas foram em parceria com a Didacoteca, outras em parceria com o Ler, aconteceram as Conversas com quem gosta de brincar. Então realmente teve um investimento bem grande da equipe, toda a equipe guiada especialmente pela Marília, que realmente estava com essa preocupação de que o Quem quer brincar? continuasse existindo e que conseguisse garantir de um ano para o outro as bolsas para os estudantes, que era fundamental para que eles permanecessem vinculados à universidade. Então teve toda essa preocupação e esse investimento, porque justamente o espaço da brinquedoteca, que é onde a grande parte desse trabalho acontece, não estava podendo ser usado. Então, de uma outra forma, um outro espaço foi criado e inventado para manter o programa funcionando e a gente considera que deu super certo, que a gente conseguiu atingir os objetivos que tinham.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Figura 51 – 8º Brinca Faced (edição virtual).



Fonte: Imagens divulgadas na página do Instagram Quemquerbrincar.ufrgs da brinquedoteca da Faced na UFRGS.

Com a volta das atividades presenciais, em 2022, um novo período se inicia na brinquedoteca. O acervo de brinquedos, materiais e mobiliários foi todo composto por doação destes materiais ou reutilização de móveis, com a volta às atividades presencialmente, as atividades se dividiram em duas etapas: a separação e limpeza do acervo que durante o período em que esteve fechada sofreu com o mofo e cupim e com reorganização do espaço após o recebimento de móveis novos destinados especialmente para a brinquedoteca.

Foi um processo assim, primeiro de muita emoção “vamos voltar”. Voltamos primeiro colocando ordem, porque, como ela ficou fechada por muito tempo, a gente perdeu algumas coisas com a questão do mofo, cupim. Então começamos primeiro com uma grande limpeza. Limpeza, limpeza, limpeza exaustiva. Quando conseguimos limpar tudo, foi engraçado, porque em seguida recebemos os móveis novos. Então tivemos que tirar tudo do lugar que estava organizado para começar a organização de novo. A palavra de 2022 foi organização, porque primeiro a gente organizou para abrir, aí depois tivemos que fechar para

reorganizar os móveis novos. Tudo foi para o bem, não foi nada para o mal, mas a palavra de 2022 foi organização.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

As professoras trazem aspectos importantes na composição do espaço da brinquedoteca, seja por pontuar a sua especificidade no atendimento de adultos, seja pelo cuidado na seleção dos acervos ou na luta pela permanência e de novos objetivos para a atuação brincante do espaço, a brinquedoteca universitária da Faced traz em sua história uma comunidade que atua em conjunto na defesa do brincar. Através da professora Tânia Ramos Fortuna foi construída uma rede de apoio dentro da universidade que possibilitou a idealização e implementação e a permanência de sua existência apesar dos percalços institucionais, levando 24 anos para institucionalizar o espaço como um setor pertencente à universidade, por exemplo.

Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake se dedicam na continuidade do trabalho desenvolvido no espaço trazendo a história dessa brinquedoteca como a base de sua atuação dentro da universidade, mas almejando novos passos, novas vivências complementando a continuidade desta história brincante.

SEÇÃO 6 – POR QUE BRINCAR NA UNIVERSIDADE?

As entrevistas aconteceram de maneira bastante agradável com todas as pessoas atuantes em brinquedotecas universitárias, todas estavam dispostas a contar a história da brinquedoteca ao seu modo, conforme a proposta que foi feita a cada participante anteriormente ao agendamento da entrevista. Importante destacar que, após a exposição de cada participante de maneira livre e sem interrupções, todas as pessoas estavam disponíveis para explicar e elucidar cada dúvida ou comentário das entrevistadoras.

Como apontamos anteriormente sobre a organização das entrevistas, todas estiveram livres para compor suas narrativas com os elementos que achassem necessários, portanto, algumas das professoras atuantes em brinquedotecas decidiram trazer para as entrevistas vídeos, fotografias, imagens, documentos, lista de acervos e outros elementos que consideravam importantes; estes foram disponibilizados na pesquisa mediante a autorização de cada atuante entrevistada. Outros documentos e elementos que compõem esta pesquisa estão devidamente referenciados no que diz respeito à sua origem.

De nossa parte, buscamos proporcionar um espaço mais acolhedor possível para a escuta destas narrativas, embora tenham sido utilizados como ferramenta para estas entrevistas os encontros virtuais por meio do Google Meet institucional. Foram encontros remotos, com, a gravação e armazenamento dos dados gerados por meio desta pesquisa. Apesar da distância, buscamos proporcionar um lugar cortês para que as pessoas entrevistadas pudessem sentir-se confortáveis para compartilhar as histórias sobre estas brinquedotecas a partir de suas próprias experiências e vivências com estas brinquedotecas.

Trata-se de um movimento para a construção de diálogos que exemplifica bem o que buscamos para as entrevistas e para a obtenção das narrativas, pautando-nos em proporcionar um ambiente acolhedor o suficiente e não limitador tanto para a pessoa entrevistada quanto para quem entrevista. Buscávamos dialogar com a temática das brinquedotecas, compartilhando a história da brinquedoteca universitária em questão, mas, também, as suas relações com este espaço, com o brincar e o lúdico, com a universidade e a formação docente.

O primeiro apontamento que podemos fazer e que se sobressai nestes diálogos são que cada história compartilhada destaca as singularidades de cada experiência vivida pelas pessoas entrevistadas. Ainda que as histórias de idealização ou implementação destas brinquedotecas tragam questões comuns nestas narrativas, as professoras trazem para sua

história seu envolvimento pessoal e singular do que vivenciou neste espaço ou na criação dele.

O que podemos destacar destas narrativas são a proximidade da relação com as brincadeiras, que podem trazer uma experiência única por meio da possibilidade de criar, observar, inventar, imaginar livremente. Brincar traz consigo essas características nas suas infinitudes de possibilidades. Implica a ludicidade que compõe a cultura, como teoriza Brougère (1998), e as relações estabelecidas com a própria história, que podem dar um caráter lúdico também às memórias. Atribui significados às experiências vividas e pode ter contribuído no envolvimento destes atuantes com o brincar associado à formação docente e às brinquedotecas como ações que fizessem sentido nesta trajetória.

Retomamos a poética da história da memória, segundo Pinto (1998), que foi mais bem detalhada na seção 4 desta pesquisa: a memória utiliza-se da história para se construir como uma percepção, um significado sobre ela; o sentido que é atribuído ao passado (HOBBSAWN, 1998) e que pode implicar a perspectiva sobre o tempo presente. Este diálogo promoveu, em primeiro lugar, uma revisão das percepções sobre as memórias de brincar e das brinquedotecas pelas pessoas que participaram desses projetos e os sentidos atribuídos por meio destas experiências nos seus contextos de vida no decorrer do tempo e experiências vividas até chegar ao espaço da universidade.

Foram apresentadas, individualmente, cada brinquedoteca universitária pela voz de quem atua ou atuou nelas, contanto um pouco sobre o processo de idealização, implementação e atuação de cada uma na universidade que está localizada. As pessoas entrevistadas contaram sobre a história da brinquedoteca no espaço da universidade; sua relação com o ensino, a pesquisa e a extensão; como funcionam os atendimentos aos frequentadores das brinquedotecas ou quais são as pretensões das que futuramente estarão em funcionamento; quais foram as dificuldades enfrentadas e quais foram os impulsionadores dos projetos; quais condições possibilitaram as devidas atividades no espaço ou quais condições ainda não possibilitaram esta atuação. Uma série de apontamentos que nos trazem aproximações e distanciamentos nas narrativas destas histórias em diferentes realidades brasileiras, mas que ainda trazem questões comuns a respeito da formação em universidades públicas para a docência e sobre brincar como elemento da cultura.

No decorrer da pesquisa, a partir do suporte de autores como Brougère (1997; 1998), Huizinga (2019), Kishimoto (1996; 2011; 2018) e outros, compreendemos que brincar está

presente na cultura e pode proporcionar uma infinidade de experiências nas suas mais variadas possibilidades, experiências estas que compõem uma cultura lúdica que pode ser potente e transformadora da realidade nas relações construídas na sua individualidade e em comunidade.

Assim, consideramos que brincar pode estar presente na vida de bebês e crianças, mas também na vida adulta, embora carregue consigo suas particularidades. Desta maneira, ao trazer o brincar para a formação docente, buscamos reafirmar esta cultura lúdica que faz parte da nossa construção histórico-cultural e que implica os processos educativos que temos na educação formal e não formal. Ou seja, a brinquedoteca universitária implica o processo formativo nas suas três dimensões principais: para a formação docente, para o diálogo entre a universidade e a comunidade a qual pertence e para a produção do conhecimento.

Considerando que este espaço deve levar em consideração o contexto e as demandas desta comunidade, cada brinquedoteca assume suas próprias características históricas e culturais e que aparecem nas narrativas de cada professora entrevistada, expressando como esta cultura lúdica vem sendo construída e como vão modificando suas compreensões sobre o que é brincar e o que é lúdico. Contudo, nem sempre são oferecidas as condições necessárias para que estes espaços possam atuar nas universidades de maneira consistente ou contínua, tornando necessária a busca por outros meios de manutenção do espaço ou limitando sua atuação.

Nas narrativas das professoras durante as entrevistas, diversas questões apareceram sobre a atuação e permanência das brinquedotecas nas universidades, bem como, projetos e incentivos que auxiliaram e permitiram a existência destes espaços. Destacaremos alguns pontos que apareceram nas narrativas, comentando sobre o que cada pessoa entrevistada relatou sobre a história da brinquedoteca nas suas limitações e possibilidades. Importante destacar que os apontamentos que serão apresentados aqui têm o propósito de contribuir com a defesa do brincar, reconhecendo as crianças como sujeitos histórico-culturais e de direitos; portanto, atuantes na sociedade, que se expressam em suas múltiplas linguagens. Dada a relevância e seriedade disso, também se expressam pelo brincar, que faz parte de uma das maneiras destas crianças serem e estarem no mundo.

Também, pretendemos contribuir para a defesa da profissão docente como uma prática social que implica a reflexão de como cada pessoa se reconhece e se coloca no mundo como profissional da educação, mas também no reconhecimento da sua individualidade como

sujeito. Compreendemos a docência como uma prática que não é instrumentalizada ou limitadora do processo educativo, como propõe D'Ávila (2008). Entendemos que a formação tem um papel fundamental nessa percepção de si e, conseqüentemente, na sua atuação para a docência. Assim, buscamos, com esta pesquisa e com os apontamentos que aqui serão destacados, contribuir para estas reflexões no processo formativo, tendo o brincar como um potencializador dessas ideias. Estas são algumas reflexões possíveis, mas não são as únicas.

6.1. Vínculo institucional das brinquedotecas com a universidade

Todas as brinquedotecas universitárias abordadas nas entrevistas tiveram a preocupação com o atendimento das especificidades da universidade (ensino, pesquisa e extensão). Estas são características que precisam compor o trabalho no espaço das universidades; no entanto, as pessoas entrevistadas expressaram a dedicação no cumprimento destes aspectos compreendendo a brinquedoteca como este espaço que deve dialogar com os estudantes que estão em formação para a docência, o contato e a aproximação da comunidade com o espaço da universidade e para o registro, produção e compartilhamento dos resultados obtidos nas ações que ali são realizadas. Por mais que possa existir uma dificuldade maior na contemplação de uma ou outra destas ações, como algumas brinquedotecas entrevistadas que ainda não conseguem realizar o atendimento regular de crianças, por exemplo, existe a preocupação e o reconhecimento da importância de se atender estes três aspectos.

Algumas brinquedotecas estão vinculadas ou são construídas como laboratórios pedagógicos nas universidades. Isso acontece por diversos motivos que implicam o processo de institucionalização do espaço dentro da universidade, dentre eles, as demandas dos cursos, que apresentam como uma dessas demandas a adequação do espaço físico atendendo as necessidades para a formação em específico. A professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, que participou da idealização e implementação da brinquedoteca do DCHE, na UFSCar *campus* Sorocaba, informa que a brinquedoteca já fazia parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de licenciatura em pedagogia, que determina a criação de um Laboratório Didático de Pesquisa Pedagógica:

O Laboratório Didático de Pesquisa e Prática Pedagógica será constituído de um espaço físico composto de ludoteca, núcleo de tecnologias de informação com ambiente informatizado e conectado à internet, espaço de vídeo, bancadas e insumos para construção de materiais didáticos (UFSCAR, 2009).

Neste documento, já consta o espaço, nomeado como ludoteca, mas, no documento de criação do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE), de 2010, já apresenta a brinquedoteca como uma das demandas para a estrutura do departamento, assim como a contratação de um funcionário técnico administrativo para o Laboratório de Pedagogia, que não aconteceu. Contudo, o laboratório de pedagogia foi criado, o Laboratório de Pesquisas e Práticas Pedagógicas (LAPED), que divide espaço com a brinquedoteca conforme foi pontuado pela professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa em sua exposição.

A demanda, neste caso, surgiu através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que faz parte de um programa de expansão do ensino superior que buscou ampliar o acesso e a permanência de estudantes nestas instituições a partir do Decreto nº 6.096, de 2007. O programa teve a meta de dobrar o número de estudantes nos cursos de graduação em dez anos a partir de 2008. Segundo o Relatório do primeiro ano do programa (BRASIL, 2009b), no seu ano de implementação (2008), houve o movimento de elaboração dos projetos de obras do programa pelas universidades, somando 327 obras ligadas ao programa REUNI e com planos de maturação e ampliação destas obras a partir da execução destes projetos. Essas mudanças podem ser observadas no quadro abaixo que aponta as obras em exercício através do REUNI no ano de 2008:

Quadro 1 – Situação das obras do programa REUNI em 2008

Obras do Reuni - Exercício 2008				
Em Elaboração de Projetos	Em Licitação	Em Execução	Concluída	Total
77	127	103	20	327

Fonte: Brasil (2009b) .

O programa contava com verbas para a universidade para a readequação da estrutura física do *campus* e ampliação do acesso aos cursos de graduação. Com isso, segundo Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, na discussão do destino dessa verba, priorizou-se a construção da brinquedoteca, prevista no PPP do curso, e que deveriam ter como prioridade os laboratórios pedagógicos. Isso foi destacado pela professora em uma de suas anotações sobre a 6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas, ocorrida em 2014, onde ela escreve sobre os informes referentes ao espaço físico “definiu como prioridade os laboratórios previstos nos PPPs dos cursos (faltam 2 para geografia e brinquedoteca para Pedagogia)”.

Figura 52 – Anotação da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa sobre a 6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas.

6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB)

14/07/2014

Informes:

1. Espaço Físico: definiu como prioridade os laboratórios previstos nos PPPs dos cursos (faltam 2 para geografia e brinquedoteca para Pedagogia); Heulália informou a necessidade de um espaço para resolução da questão da Acessibilidade (Núcleo Incluir): enviará ofício para Pró-Reitora de Pesquisa, diretores de centros e prof Mauro

Fonte: arquivo pessoal da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa.

O exemplo da professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa com a brinquedoteca do DCHE na UFSCar *campus* Sorocaba exemplifica o período e as recorrentes transformações dos espaços das universidades e que podem ter sido um dos motivadores para a criação de brinquedotecas vinculadas aos laboratórios pedagógicos nestes cursos. Sobre isso, além do programa REUNI, temos o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) que, a partir do decreto 5.773/2006, determinou os critérios de avaliação, regulação e supervisão da educação que são indicados pelo Ministério da Educação (MEC) para os cursos de graduação²².

A partir deste decreto, foi criado, em 2008, o Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação, que descrevia como um dos indicadores critério de análise destes cursos os Laboratórios Especializados. Podemos supor que, ao associar o programa REUNI a estes indicadores, cuja implementação ocorreu no mesmo ano (2008), alguns laboratórios de pedagogia foram criados para atender as duas demandas que implicam, respectivamente, a estrutura da universidade e o atendimento destes critérios de análise que, apesar de não serem obrigatórios, interferem na nota atribuída ao curso pelo MEC. É uma hipótese que pode explicar a escolha de alguns cursos de licenciatura em pedagogia oferecidos por universidades brasileiras associar as brinquedotecas a estes laboratórios.

²² Mais informações sobre o assunto na seção 3 desta dissertação, no subtítulo Políticas Públicas: brinquedoteca e a formação docente.

No entanto, conforme já pontuamos nas seções anteriores, em 2010, foi criado o Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores especificamente para os cursos superiores em pedagogia, no qual se especificava a brinquedoteca como um destes critérios de análise, diferenciada dos Laboratórios pedagógicos. Apesar disso, ainda existe uma compreensão destes laboratórios como sendo o espaço das brinquedotecas para o curso de pedagogia. Além disso, algumas vezes, a idealização e implementação destes laboratórios para o curso de pedagogia chegam como uma demanda da instituição para o curso; como relatado em algumas entrevistas, a partir desta demanda, cria-se a brinquedoteca.

Outras questões a este respeito trazidas pelas pessoas entrevistadas descreviam as atribuições dentro da instituição ao se denominar um espaço como laboratório. Sobre isso, há a experiência vivenciada na construção da brinquedoteca do LABRIMP, em 1984; segundo a professora Tizuko Morchida Kishimoto:

Foi nessa ocasião que eu fiz o primeiro projeto, o CEBRIMP, o Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, e mandei para a coordenação e para a reitoria, que devolveu o processo afirmando que o regulamento da USP diz que todo centro de estudo tem que ter recurso financeiro próprio, uma diretoria executiva própria, e nós, um pequeno grupo no seu nascimento, não tínhamos nada disso, não tínhamos dinheiro e nem condições de estruturar nada. Então, nos foi informado que poderíamos fazer um laboratório e mudamos de CEBRIMP para LABRIMP (Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos).

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A colocação da professora destaca o regulamento de cada instituição, que favorece ou não a criação deste espaço como laboratórios, centros ou, mesmo, brinquedoteca. Traz para a discussão o questionamento sobre o que é a brinquedoteca: seria este um espaço que pode ser considerado como um laboratório especializado ou tem atribuições específicas do seu trabalho que o caracteriza como brinquedoteca, sendo, então, um espaço diferenciado?

A professora Débora explica a sua opção pelo vínculo da ludoteca ao laboratório de ludopedagogia, destacando que o trabalho docente na universidade demanda uma série de atividades para além da docência, um acúmulo de atribuições que não permite a este professor ou professora estar presente única e exclusivamente no projeto da brinquedoteca. Dentro do contexto de sua universidade, a UESB, a criação de um laboratório daria maiores possibilidades institucionalmente de viabilizar o projeto, mesmo que ainda existam limitações, como explica a professora:

Foi pensando nisso que eu criei o Laboratório de Ludopedagogia, porque como um espaço, como setor, poderia receber um funcionário, que, a princípio, pela escassez de pessoal que nós temos, eu nunca imaginei que iria conseguir uma técnica efetiva. [...] Ter a funcionária foi porque criamos o laboratório que atende, que é um espaço que tem aulas práticas de outras disciplinas, como o pessoal da educação infantil que usa o espaço. Na realidade, não existe muito bem essa separação de laboratório de Ludopedagogia e Ludoteca, lá é ludoteca. Mas quando um professor marca uma aula prática e ele quer que os alunos dele da pedagogia interajam com os escolares da educação infantil, ele oficializa isso no Laboratório de ludopedagogia.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Foi a única estratégia que eu tive e acho que isso só agrega ao nosso trabalho. Se a brinquedoteca está no hospital, ela adquire as características e as funções de lá, então, se ela está em uma universidade, ela tem que corroborar com as funções. Desde o início pensamos na Ludoteca desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão e a forma que encontrei de institucionalizar, de criar um espaço, foi vinculando esse projeto que virou um programa, a um espaço que eu poderia ter um mobiliário, um funcionário, que foi o laboratório de Ludopedagogia. Então, Beatriz, na prática é tudo uma coisa só. Os documentos que a minha funcionária assina, ela o faz como laboratório de Ludopedagogia, vinculado ao departamento que eu faço parte. Os documentos que meus bolsistas assinam são vinculados ao programa da Ludoteca, então, parte deles está lá porque são bolsistas de extensão.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Já a professora Tizuko Morchida Kishimoto apresenta uma outra compreensão da relação entre estes espaços, diferenciando suas atuações e trazendo a brinquedoteca como componente do trabalho realizado no laboratório, especificando o trabalho da brinquedoteca como diferenciado das demais atividades que compõem o LABRIMP:

Na nossa concepção, o laboratório não era só a brinquedoteca, porque o LABRIMP muitas vezes é confundido só com a brinquedoteca, e na Faculdade de Educação o laboratório era algo maior em que a brinquedoteca estava incluída, anexada a outros serviços. Por exemplo, quando se criou o LABRIMP, usamos o sistema da USP e qualquer instituição ou laboratório da USP tem que atender a três funções básicas da universidade: formar os profissionais, propiciar pesquisa e fazer extensão universitária, logo, o LABRIMP tinha essas três funções.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Existe ainda o contexto histórico de idealização do espaço da brinquedoteca; seu nome poderá traduzir uma parte dessa história e, nesse caso, poderá ou não incorporar o espaço como laboratório a depender da compreensão de sua função. No entanto, trará para o seu nome um significado que vai compor a história desta brinquedoteca, conforme

expressado pela professora Marilete Calegari Cardoso quando questionamos se a Brinquedoteca BrincaSol existe ou voltaria a existir na universidade em 2023:

Olha, ela não existe. Eu esqueci um pedaço, quando a gente voltou, a gente conseguiu um laboratório de educação, e dentro desse laboratório tinha uma sala bem pequena, que só tinha computadores. Sugerimos a remoção dos computadores e usar a sala mesmo assim, pois assim ganhávamos força depois. Aí, os alunos vieram em peso e montaram o espaço e, então, quando eu saí da coordenação do laboratório, a professora que ia assumir não quis usar a sala.

E antes, quando criamos, pensamos em qual nome dar e sugeriram que fosse Brincasol, eu não queria, pois senão cairia na mesma questão do “projeto da Marilete”, eu queria que eles, junto comigo, dessem um nome, e aí ficou LABRINC. Numa brincadeira disseram pra chamar de “Marilete” e eu me opus, pois nomeiam assim por conta de quem morreu e eu não havia morrido. E então fizemos um processo de votação entre os alunos, e aí ficou LABRINC e esse laboratório. Montamos um projeto para alimentar esse espaço, e aí, por ter perdido o espaço físico, tá lá o projeto.

Em 2023, serei muito honesta, eu não sei se vai ser LABRINC ou se vai ser BrincaSol. Eu acho que será BrincaSol, pois foi o lugar que o projeto começou, a luta será sempre constante. Mas o que germinou naquele lugar, que foi um lugar que novamente pediu pra voltar, então volta o BrincaSol. E é o que a gente tem mais história e coisas pra narrar, do que a gente viveu. O LABRINC a gente nem conseguiu, porque assim que acabamos de montar, veio a pandemia, e ficou o espaço, então eu tenho certeza de que quem retornará para 2023 será o BrincaSol.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Podemos afirmar que a nomenclatura e a delimitação do que é o espaço da brinquedoteca dentro da instituição ainda é um tanto difusa, não existindo um documento que descreva institucionalmente as especificidades de uma brinquedoteca, assim como o único documento no qual ela aparece, o Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação, na sua versão mais atual, não mais apresenta um Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores em Pedagogia ou a brinquedoteca como um destes critérios de análise do espaço físico.

O que as professoras estão explicando é que a brinquedoteca universitária exige uma estrutura específica do seu trabalho que diverge de outros espaços. Ao trazer o brincar como eixo norteador das práticas pedagógicas (BRASIL, 2009a), o processo formativo de educadores não pode estar desvinculado deste aspecto. No entanto, para que a brinquedoteca universitária seja um dos espaços potencializadores da construção dos sujeitos enquanto futuros educadores, ela não pode estar deslocada institucionalmente. A universidade deve estar preparada para oferecer a estrutura que se faz necessária para que o trabalho na brinquedoteca aconteça, voltando-se para as atividades brincantes como o centro do projeto.

Questão destacada nos relatos de Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake, sobre o processo de institucionalização da brinquedoteca da Faced na UFRGS e na sua permanência enquanto um setor específico na universidade,

E acho que é bem importante essa garantia da permanência a longo prazo do espaço da brinquedoteca, porque ele é uma garantia não só de um espaço, mas é uma garantia também da possibilidade da discussão sobre os temas que concernem a ludicidade, a criatividade, a brincadeira ao brincar. Então, em alguma medida, isso também se perpetua, digamos assim, no horizonte de discussões da formação do educador, que, como a Marília disse antes, o quanto a brinquedoteca universitária da Faced tem como público alvo os adultos e os adultos, em grande medida, que estão se formando professores, alunos de licenciatura, especialmente os alunos da licenciatura em Pedagogia, porque é o curso que a gente atua e acaba tendo uma proximidade maior, mas de todas as licenciaturas. Então do quanto a brinquedoteca contribui e tem o objetivos de contribuir para a formação lúdica do educador que vai considerar essa perspectiva na sua ação docente, na sua organização didática. Então, é realmente um fato importante a brinquedoteca ter conseguido alcançar esse status de um setor que vai ficar ali onde ela está ou ganhar espaços maiores ainda, que é algo que tem um projeto futuro também.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Se brincar é uma atividade cultural que está implicada nas construções históricas em sociedade, brincar também carrega consigo um movimento constante na manipulação desta cultura. Consideramos que brincar é uma atividade fundamentalmente interativa entre os sujeitos, fazendo com que exista uma necessidade de se refletir sobre a nossa inserção cultural (WAJSKOP, 1996). Portanto, ao compreender que existem diferentes saberes nas relações estabelecidas socialmente, compreende-se que a prática docente não deve ser separada da realidade e que os professores e as professoras são sujeitos ativos na sociedade e que tomam decisões sobre suas práticas (CUNHA, 1996; D'ÁVILA, 2008; NÓVOA, 2019).

Conforme explicam Pinazza e Gobbi (2015), quando se possibilita a estes professores o contato com as diversas linguagens por meio das quais as crianças e adultos podem se expressar, outros modos de ver e compreender o mundo podem ser criados e expressados. Portanto, a definição do espaço da brinquedoteca dentro da universidade, direcionado à formação para a docência pode contribuir na compreensão do brincar e do lúdico como presentes na cultura e direito enquanto políticas públicas, inclusive, para a formação docente²³. O que não diminui a potência do trabalho realizado por estas professoras nas

²³ Ver seção 2 e 3 desta dissertação.

brinquedotecas com que estão envolvidas, mas enraíza o direito de brincar também para os processos formativos e como um campo de estudo científico relevante.

É necessário que exista uma compreensão mais bem definida sobre o lugar da brinquedoteca institucionalmente considerando as especificidades de seu trabalho desde a idealização, implementação e atuação neste espaço. Em outras palavras, não há espaço para a brinquedoteca na universidade, mas ela se apresenta como uma demanda para a formação docente, para o atendimento à comunidade e para ampliação dos campos de conhecimento em relação ao brincar como atividade cultural e histórica. Contudo, na universidade, não se trata de um centro, de um laboratório que nem sempre abarca suas características específicas e a sua compreensão enquanto brinquedoteca; essas identificações não lhe garantem nenhum tipo de estrutura ou subsídio.

A institucionalização da brinquedoteca garante a estrutura necessária para permitir que a interface entre pesquisa, ensino e extensão possa acontecer. A brinquedoteca precisa de uma equipe bem preparada para atuar conscientemente, de uma estrutura física adequada para realizar os atendimentos, de uma variedade de brinquedos e materiais para manuseio e exploração, precisa de mobiliário resistente e adequado para o recebimento de crianças, de materiais de uso que demandam reposição constante, precisam do incentivo à pesquisa para o envolvimento de estudantes e bolsistas, funcionários que atuem regularmente com oportunidade de investir no seu aperfeiçoamento, precisa de um ambiente acolhedor o suficiente para proporcionar momentos de brincadeiras enriquecedores, condições básicas para ações que aproximem a comunidade, acesso ao conhecimento para além da comunidade acadêmica e uma série de apontamentos que apareceram diversas vezes nas narrativas das professoras. Ainda assim, para que tudo isso aconteça, o vínculo institucional respalda o direito de a brinquedoteca existir como componente da universidade e garante a singularidade do trabalho que lá é realizado.

6.2. Idealização e implementação das brinquedotecas

A compreensão sobre brincar como elemento da cultura também é relatada pelas professoras, que expressam em suas diversas experiências com a formação e docência seus encontros com o brincar até chegarem aos projetos das brinquedotecas que trazemos como destaque neste estudo. Algumas das atuantes reencontram-se com o brincar no decorrer de sua trajetória, o que fortalece sua relação com a brinquedoteca; outras já trazem a brinquedoteca como um projeto a ser desenvolvido durante sua trajetória com a universidade.

Da avaliação que faço hoje, a gente utilizou, na minha época, muito pouco o espaço da brinquedoteca enquanto um espaço de formação, inclusive no curso de pedagogia. Não sei se isso mudou, mas o fato é que a brinquedoteca era um local que obrigatoriamente nos fazia ver crianças ali dentro do campus, dentro de um prédio de uma faculdade que era majoritariamente para o atendimento de adultos. Então, como a brinquedoteca recebia visitas de crianças e também visitas de crianças que vinham também pelas escolas, era um momento que a gente via ali transitando pela faculdade as crianças que iam ter acesso lá ao LABRIMP. Essa foi a minha primeira experiência com a brinquedoteca. Apesar de ter feito magistério também, eu não tive experiência anterior. Fui conhecendo a brinquedoteca, enfim, estudar um pouco, mas pouquíssimo sobre a questão das brinquedotecas, algo que passou pelo curso só depois enquanto estudante de pedagogia.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Você tem toda razão, o fato de eu criar uma brinquedoteca nesse sentido, como expressão de cultura lúdica, tem a ver com a minha formação, com o fato de eu aprender sobre lúdico com o Gilles Brougère, ter a experiência sobre o lúdico no Japão. Em 89, eu fui ao Japão e fiquei um tempo também na França, na Bélgica, em Portugal, visitando as brinquedotecas. E eu vi características específicas de brinquedoteca, algumas só para a educação especial, algumas, como a nossa, que faziam empréstimos, atividades lúdicas, acopladas com museus. Algumas na França acopladas às escolas maternas, outras aos bairros, nas prisões, nos hospitais, essa diversidade toda. Portanto, quando a gente criou a brinquedoteca, eu tinha essa visão, dessa diversidade, mas eu queria uma que ao mesmo tempo pudesse emprestar brinquedos, que era fundamental, pois as crianças não tinham acesso a brinquedos que elas pudessem brincar livremente no espaço. E, sendo apoiada pelos bolsistas, que me facilitavam o uso de certos materiais, usavam os jogos e eram parceiros das crianças, quando elas não tinham parceiros pra jogar; então ensinavam a brincar, ensinavam as regras de um brinquedo novo para as crianças. Cada bolsista tinha uma proposta e desenvolvia essa proposta. Fazíamos sempre uma análise de uso de espaços, avaliamos o interesse das crianças no uso dos espaços, se era ocupado ou não por elas, e de tempos em tempos, mudávamos a “cara” dos espaços.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

E uma das coisas que minha tese traz de diferente é que eu trabalho com poesis, então, que elas [professoras] tinham que produzir poesias. Ao ver as crianças brincando, elas tinham que produzir uma poesia. Eu não sou da área de linguagem, nem sei técnicas de poesia, mas eu queria que elas se soltassem e escrevessem o que vinha. E aí foi a coisa mais linda, de chorar as poesias que emergiram das cenas que elas viram. Eu participei de um congresso e levei só as poesias, lá tinha muita gente da área da literatura dizendo que era poesia pura, mas eu também não sabia como explicar porque eu nunca fiz também.

Minha tese saiu por essa produção das professoras. As crianças produziram a brincadeira e nós produzimos o olhar, a poesia dessa brincadeira.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

E eu tive uma experiência muito legal também com zona rural durante o curso de graduação, dentro desse projeto grande, financiado por essa instituição holandesa, os professores fizeram uma proposição de um projeto de trabalho com crianças de pré-escola da zona rural ali de Santa Maria, zona rural que planta fumo e esta usa muito agrotóxico, o que acarretava nas crianças pequenas, antes do ensino fundamental, irem juntas das famílias pras lavouras, começando dar problemas de várias ordens. Então se fez um projeto para que se viabilizasse turmas de pré-escola nesses espaços, foram 3 instituições, porque é uma extensão relativamente grande, onde a gente realizava atividades voltadas para crianças de pré-escola. Trabalhávamos com calendários diferenciados, na época que os pais tinham que estar na lavoura para fazer o uso desse agrotóxico, era o momento que as crianças ficavam na escola, e então a gente também pegava muito do que existia na brinquedoteca e levava pra esses espaços. Esta foi também uma vivência bem interessante nessa relação com o brincar. Então eu penso que a minha formação foi extremamente importante e me sensibilizou para ter esse olhar, esse desejo de discutir nos cursos de formação de professores.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Essas narrativas expressam como fundamental para instigar este reconhecimento de si também como parte do processo formativo para a docência; reconhecer a própria história possibilita se reafirmar enquanto quem vive e faz história, assim como, no reconhecimento da história do outro e como brincar pode ou não ter afetado estas duas relações, individual e coletiva, repleta de subjetividades.

Contudo, para que tudo isso possa ser realizado, deve haver também a ação de todas as pessoas envolvidas nas diferentes instâncias da instituição universitária, de modo que a defesa deste espaço para a formação docente não seja apenas de um grupo dentro da universidade, mas que se compreenda a dimensão da brincadeira no processo educativo e para que esta também possa ser priorizada. No processo de idealização e implementação destas brinquedotecas, assim como colocamos anteriormente a respeito de sua posição dentro da instituição, destacam-se nas narrativas das pessoas entrevistadas as condições institucionais e/ou político governamentais de determinados períodos que implicaram ou implicam na continuidade dos projetos.

Luciane Muniz Ribeiro Barbosa considera que há uma disputa dentro da universidade, o que levou a diversos embates com os próprios docentes do curso na decisão de qual projeto seria priorizado na utilização da verba recebida em função do REUNI.

Então, quando a gente entra no – e aí relembrando dos momentos de disputas, mesmo de embates com os colegas no departamento lá na UFSCar em prol da brinquedoteca – o quanto a área da Educação Infantil é desvalorizada e nesse sentido o brincar, o lúdico visto como algo não

prioritário, não fundamental, a impressão que eu tenho é que entende que é fundamental – na sua fala você está trazendo isso várias vezes, assim, o quanto brincar é importante, o quanto brincar é fundamental – quem é da área, quem é professor da Educação Infantil, quem é pesquisador na área da infância, da Educação Infantil, mas os outros colegas não necessariamente conseguem compreender essa importância, então é o contrário, acaba, para esses outros colegas, se tornando algo secundário. Então, “como a gente tem uma brinquedoteca antes de ter um espaço para acessibilidade, um laboratório para psicologia?”, como se a brinquedoteca fosse secundário, o brincar é secundário, a questão da infância é secundária e isso, de uma certa forma, está presente também aí nas políticas públicas. Quando chega verba, algum recurso na universidade, aparece uma ordem de prioridade e não necessariamente esse espaço para o brincar, esse espaço para o lúdico, ele está presente quer seja para as crianças, quer seja para a formação dos educadores.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Estas disputas a que a professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa se refere passam pela compreensão ou não do brincar como potencializador da formação docente pelas pessoas que estão envolvidas neste processo. No entanto, também está relacionada a uma disputa maior, dos processos que ocorrem dentro de um espaço público e de disputas que implicam não só a compreensão de qual o processo formativo que faz sentido dentro destas universidades, mas sim, de um projeto político de formação que traz para o centro desta discussão disputas de poder e controle destes processos formativos. Sobre isso, a professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa relata, ao comentar sobre o movimento que tem observado do setor empresarial e de políticas neoliberais na reformulação dos cursos de pedagogia e demais licenciaturas tornando-os extremamente técnicos:

[...] a gente percebe isso de forma muito direta quando olha a composição do Conselho Nacional de Educação tomada, sobretudo, por esses donos das grandes redes empresariais educacionais, donos de grandes colégios ou universidades privadas. Então, a ideia de que o professor precisa ter metodologia do ensino de história, metodologia do ensino de matemática e ponto. Trazer essa discussão da importância da dimensão do brincar, do lúdico para a formação do professor é algo quase que impensável para esse grupo que está coordenando, inclusive, tem trazido várias reformas para o curso de formação de professores. Nesse sentido, penso que as universidades públicas têm um papel muito importante de resgatar, talvez, não de resgatar, mas de valorizar e fazer essa defesa e aí, são defesas que se relacionam com a discussão da infância de um modo geral, a própria manutenção das creches dentro das universidades.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Para além do que é colocado pela por Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, houve um crescente desmonte da educação pública brasileira assim como das universidades públicas nos últimos anos, que marcam as questões colocadas pela professora e outras que

inviabilizam uma série de manutenções básicas para a existência, assistência e permanência da universidade pública no Brasil. Sobre o assunto, podemos destacar algumas das muitas interferências na educação pública, o que contribui para a não compreensão de uma educação como democrática e de direito de todas as pessoas.

Por exemplo, os sucessivos bloqueios orçamentários de despesas discricionárias (GOVERNO volta a bloquear..., 2022), que obrigaram algumas universidades a tomar medidas extremas de contenção de despesas, suspendendo pagamento de bolsas, compra de equipamentos e insumos para laboratórios ou mesmo interromper o trabalho de bibliotecas e restaurantes universitários. Uma sucessão de acontecimentos que interferem diretamente na atuação destes espaços e para a educação pública brasileira e que ressaltam o caráter de disputa colocado pela professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa.

As brinquedotecas também são atingidas por este período pelo qual a educação pública brasileira vem passando. Se brincar ainda é uma discussão não muito presente na institucionalização da formação docente, podemos concluir que nem sempre a universidade compreenderá sua manutenção e existência. Durante a entrevista com a professora Sandra Regina Geiss Lorensini, ela comenta sobre a relação entre a brinquedoteca que está em processo de construção dentro do Instituto de Educação da UFMT:

Até o momento, qualquer coisa que se faz necessária, a primeira instância que eu busco é a direção do Instituto de Educação, a coordenação da pedagogia, a direção do Instituto de Educação, depois, uma pró reitoria de graduação. Até onde eu sei, já foi conversado diversas vezes, mas nada oficializado [sobre o apoio da instituição na implementação da brinquedoteca]. A resposta que recebemos é de que não tem recurso, por conta desses cortes todos que tivemos por conta das políticas públicas nacionais. Talvez as políticas públicas mudem no ano que vem, talvez conseguiríamos ter o que é minimamente de direito das universidades públicas que são seus recursos. E há de se fazer um exército que ainda não foi feito porque estou terminando de organizar, então retornamos efetivamente em fevereiro, mas também, com as nossas dinâmicas de universidades públicas em março, a gente não conta com nada, pois é encerramento de exercício. E depois, até começar a vinda dos novos recursos e em que medida esses recursos poderão vir dentro de uma proposição da totalidade do que a universidade precisa, em todos os aspectos, desde manutenção, troca de equipamentos... Então têm de se fazer um exercício de buscar a administração superior para dar conta da sua colaboração.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Em contrapartida, temos os exemplos de brinquedotecas que obtiveram investimento, apoio financeiro e/ou institucional e de políticas públicas, que impulsionam a sua criação e

existência, como foi o caso do LABRIMP. Tizuko Morchida Kishimoto relata sobre o período quando a brinquedoteca foi idealizada e das possibilidades de implementação do espaço através do investimento público do Estado de São Paulo na construção de brinquedotecas e depois do investimento no espaço através do programa Pontão de Cultura, que deu, além de recursos, dimensão nacional à brinquedoteca.

Ainda assim, os recursos não são contínuos e a brinquedoteca precisa encontrar outras possibilidades de financiamento, verbas, investimento financeiro e de manutenção de acervo. A professora Tizuko Morchida Kishimoto conta algumas de suas estratégias para conseguir recursos, recorrendo às instituições de fomento à pesquisa, a colaboradores, a voluntários, a fundações; buscando apoio nos espaços que, de alguma maneira, incentivaram os mesmos princípios da universidade: instituições que favoreciam a pesquisa, organizações que defendiam os mesmos interesses das comunidades e dos que tem como compromisso investir nas demandas da formação naquele contexto.

A manutenção de uma brinquedoteca é feita com recursos constantes, então as prefeituras que têm brinquedoteca, têm uma linha de orçamento para subsidiar. Na universidade, eu fazia acordo com fabricantes, conseguia financiadores através da pesquisa, através de projetos de fomento à cultura... não é fácil. Porque brinquedo é consumo, eu não poderia fazer o que a prefeitura fazia no início das EMELs: tinha os brinquedos, ficava na estante do diretor para ninguém quebrar e, então, o professor pegava, usava e devolvia. Ficava tudo trancado. Na época que eu fiz essa pesquisa e divulguei, quase me mataram, pois divulguei coisas que não deveria.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Através desses recursos, foi também possível oferecer uma série de oficinas, de trabalhos, para as creches e para os municípios, tendas de jogos, produção de livrinhos sobre cada oficina, cada modalidade de cultura que foi trabalhada, nesse período, temos as publicações dos livros, conseguimos publicar o livro da Alice Meirelles Reis, publicamos pequenos folhetinhos e criamos até um joguinho de quebra cabeça com a imagem do espaço da brinquedoteca com esses recursos para distribuir para as pessoas que iam visitar o LABRIMP. Foi uma época que conseguimos bons recursos. Imaginem que nesse período a gente ganhou UM milhão. Muito dinheiro, não? Ao longo de uma década, isso foi importante para dar sustentação financeira, mas ao mesmo tempo não bastou só o Ponto de Cultura e essa colaboração. Eu tive que fazer projetos para FAPESP, CNPq, CAPES, para comprar mobiliário, tudo que precisávamos para uma oficina. Então eu sempre submetia uma pesquisa e, dentro da pesquisa, eu colocava um monte de materiais que a brinquedoteca precisava e com isso eu ia equipando-a.

Não é fácil conseguir administrar um espaço desse tipo com uma demanda muito grande. Você, como pesquisadora precisa fazer projetos pras instituições de fomento, precisa ter abertura pra fazer parcerias com entidades da sociedade civil. A gente conseguiu projetos com a fundação

Maria Cecília Souto Vidigal, trabalhamos também com entidades da própria universidade, mas como é necessário fazer pesquisa, extensão e formação, é preciso, em cada perna da instituição, justificar o que se está fazendo e isso dá trabalho, pois dentro da USP é necessário trabalhar essas três coisas, em geral nas universidades que têm pesquisa, são importantes essas três coisas.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Outro exemplo, trazido pela professora Sandra Regina Geiss Lorensini, foi a sua participação em um projeto desenvolvido no Mato Grosso, em 2004, voltada para a formação de professores em 40 municípios do estado e em parceria com 6 universidades. Na constituição do projeto, foram montadas brinquedotecas para atendimento de estudantes de pedagogia que foram financiados pela parceria entre a universidade e os municípios, construindo, organizando e preparando o espaço para as atividades que seriam desenvolvidas neles. A professora relata que houve o apoio para que se pudessem pensar na organização do espaço, investimento para a formação dos funcionários e atuantes da brinquedoteca, compreensão do contexto histórico-cultural no qual cada brinquedoteca seria construída, preocupação com o atendimento das crianças que estariam frequentando o espaço e das atividades que poderiam ser realizadas articulando todas estas ações. Segundo a professora, foram brinquedotecas bem montadas e que, depois, em decorrência de mudanças políticas e institucionais, algumas se mantiveram e outras foram desmontadas.

Este investimento também é demonstrado por Débora, Antonete Araújo Silva Xavier e Jociane Cajado da Silva sobre as brinquedotecas Tempo de Brincar e Brinquedoteca Paulo Freire. Na proposição de criação de uma brinquedoteca universitária, a instituição pode dispor da contratação de funcionários, disponibilização de bolsistas, acervo e outros componentes cruciais para a base do trabalho nas brinquedotecas. Além disso, as professoras estavam constantemente mobilizadas para a garantia destes e outros atributos que compõem o trabalho realizado nas brinquedotecas, pois também podiam contar com a parceria de atuantes que estavam diretamente ligados ao trabalho que ali seria desenvolvido, docentes, coordenadores de curso, diretores etc.

Essa mobilização traz consigo um movimento de luta na permanência do espaço, considerando que nem sempre os recursos são contínuos, mas também um movimento que favorece uma certa consolidação do trabalho da brinquedoteca nestas universidades. As colocações revelam, de fato, um lugar de disputa constante em que, por mais que tenham sido viabilizados meios para a existência destas brinquedotecas com mais ou menos recursos, não

existe uma garantia de permanência em nenhuma delas. A depender do contexto histórico, político, econômico e social vivido, estas relações podem mudar drasticamente.

Outro agravante é que, apesar de ser um espaço de disputas na universidade, o brincar e a infância ainda são considerados menos relevantes dentro e fora das universidades. Em *A História Social da Criança e da Família*, Philippe Ariès (1981) considera que o conceito de infância foi historicamente construído e que a criança foi considerada por muito tempo como um adulto em miniatura, de modo que eram atribuídas às crianças as mesmas atividades da vida adulta. Somente a partir do século XVIII que esta concepção sobre a criança começa a mudar e os primeiros conceitos de infância começam aparecer. A princípio, como alguém que precisa ser cuidado e que demanda proteção, um adulto em formação, o que se compreende como a descoberta da infância para Ariès (1981).

A compreensão da criança como um potencial adulto deste período histórico ressalta uma compreensão de uma existência que se iniciaria após superada a infância, desconsiderando a criança como um sujeito que já existe socialmente. Ainda que hoje exista uma compreensão mais ampla sobre infância e criança como protagonistas, inclusive sobre brincar, como expressa Patrícia Dias Prado e Viviane Soares Anselmo ao trazer a dimensão brincalhona como “[...] valorizar o ser brincante que fomos e que as crianças nos provocam ser, das e nas múltiplas linguagens [...]” (PRADO; ANSELMO, 2020, p. 3), podemos dizer que a compreensão sobre infância nos séculos passados trazem marcos da história para o contexto atual, no qual se priorizam diversos aspectos da vida adulta e a infância é compreendida como menos relevante, assim como o brincar. Ainda que se reconheçam as crianças enquanto sujeitos de direitos e brincar como um destes direitos por meio das políticas públicas, o reconhecimento da infância ainda traz consigo a história do reconhecimento da criança como sujeito social.

Conceito também apontado por Benjamin (2009) ao escrever sobre a criança, o brinquedo e a educação, mais especificamente sobre o brinquedo:

[...] o brinquedo é condicionado pela cultura econômica e, muito em especial, pela cultura técnica das coletividades. Mas, se até hoje o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança, quando não como criação da criança, assim também o brincar tem sido visto em demasia a partir da perspectiva do adulto, exclusivamente sob ponto de vista da imitação (BENJAMIN, 2009, p. 100).

Concepções sobre a criança, a infância e o brincar que vem pautada durante muito tempo numa perspectiva adultocêntrica, em que a criança deixa de ser o sujeito atuante e suas relações com o mundo tornam-se menos relevantes. Atualmente, esta concepção sobre a criança e a infância corrobora um pensamento neoliberal que favorece a lógica de consumo capitalista, de forma que as crianças são objeto da indústria cultural, mas não são consideradas parte da criação desta (CARNEIRO, 2010).

Portanto, ainda há um caminho longo a ser percorrido para que se considere as culturas da infância e a cultura lúdica da criança como relevantes para as nossas construções enquanto sociedade na compreensão das crianças como sujeitos históricos e culturais. Os relatos das professoras sobre as brinquedotecas universitárias ressaltam o quanto estes espaços podem ser potencializadores destas relações com as infâncias e as crianças como atuantes sociais na reconhecimento e retomada desta dimensão brincahona, como coloca Prado e Anselmo (2020, p.3),

Retomar a dimensão brincahona é se deixar abrir a essas rupturas e reLigações, reencontrar-se com a ludicidade e com experiências languageiras de infância, disponibilizando-nos corporalmente para sentir o que não se sabe previamente, provocações de nosso estado de presença e das crianças (MILLER, 2014). É importante ressaltar, todavia, que não se trata de uma dimensão brincahona única e universal, mas de dimensões brincahonas que podem ser diversas e que se inserem em um sistema cultural e social.

Se considerarmos as brinquedotecas universitárias a partir de 1984 no Brasil, podemos observar que existe uma série de questões que permanecem; por exemplo, a existência de um único docente a frente do projeto na luta e defesa do brincar na universidade com a necessidade constante de justificar o porquê deste espaço precisar existir e o porquê defender o brincar é importante. A necessidade constante de uma equipe maior destinada ao trabalho realizado na brinquedoteca, em que o docente, muitas vezes, necessita se dedicar a uma carga horária de trabalho maior para conseguir suprir as demandas do espaço.

A necessidade de haver maiores possibilidades de vínculos entre os estudantes e a universidade, seja para a garantia de estágios remunerados, incentivos a pesquisa com bolsas ou mesmo estratégias de permanência e, sobre isso, temos a dificuldade relatada pela professora Ângela em manter os estudantes vinculados ao curso que demonstra as fragilidades na garantia do acesso e permanências nas universidades.

Estamos sofrendo uma crise na universidade que está impactando a Brinquedoteca. Por conta da pandemia e da crise nas licenciaturas, já que ninguém mais quer fazer licenciatura nesse país, todo mundo quer fazer

direito, engenharia ou medicina... Estamos sem alunos, pois são ribeirinhos, quilombolas, distantes e passamos por um período remoto, em que eles não tinham acesso. Mesmo a universidade garantindo que não ia ter edital de perda de vaga, as turmas de 50 alunos, estão com 15. Então, temos programas de IC (Iniciação Científica) próprio da universidade, CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), temos PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) próprio da instituição e CNPq, RP (Residência Pedagógica) próprio da instituição e um da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), temos bolsas de extensão da instituição, porque a curricularização é obrigatória, temos financiamento pros projetos de extensão e as bolsas extensionistas e temos a bolsa-trabalho. É o curioso caso da universidade que tem mais bolsas que alunos. Então, eu não consigo fazer esse horário da brinquedoteca mais alargado, pois precisamos de 10 alunos de manhã e 10 alunos a tarde e eu também não consigo colocar os alunos todos os dias, pois eles precisam estudar, então uma dupla fica diariamente, para brincar e receber o fluxo contínuo da universidade. As mães podem deixar as crianças das 8h às 12h e não terão problemas. Então, não é por falta de financiamento e sim, alunos.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Também, da necessidade de disponibilizar uma estrutura física que seja destinada à brinquedoteca e que atenda às demandas do espaço, seja para o acervo, quanto para a estrutura dos prédios, acessibilidade, segurança etc. Questões que são cruciais para que a equipe da brinquedoteca universitária possa se dedicar ao oferecimento de um atendimento focado no brincar como eixo principal, articulando a formação, o diálogo com a comunidade e a produção de conhecimento sobre as experiências vividas nesse processo.

A partir do relato de cada professora entrevistada, podemos observar que são questões pontuadas comuns nas narrativas sobre o processo de idealização, implementação e atendimento nas brinquedotecas universitárias e que pode ter avanços a depender de cada contexto. Sem embargo, independentemente das regiões, há um caminho longo e difícil a ser percorrido que ressalta as disparidades que precisam ser superadas em relação à valorização do brincar e da infância.

A brinquedoteca é este lugar de possibilidades por meio das brincadeiras, que pode instigar nos envolvidos com o seu trabalho a sua constituição enquanto brincante, enquanto quem vive e produz cultura e no olhar mais observador da criança. Carneiro (2010) destaca que um ambiente que não permite estimular as potencialidades das crianças pode impedir que esta possa construir a cultura de seu tempo. A brinquedoteca para Kishimoto (2011) é o lugar para a infância brincar, emprestar brinquedos e espaço de interações entre crianças, familiares

e responsáveis, profissionais e que pressupõe finalidades educativas que não se confundem com o ensinar, mas para a integração de serviços sociais, culturais e educativos.

A brinquedoteca é relacionada com outros valores: espaço para a criança ser feliz (CUNHA, 2001; CARNEIRO & DODGE, 2007), expressão da criatividade, potencialidades e necessidades infantis (ALMEIDA & CASARIN, 2002), construção de aprendizagens conduzidas pelas crianças (NOFFS, 2001), desenvolvimento infantil (OLIVEIRA, 2001, 2006; RAMALHO, 2000), faz de conta e equidade (KISHIMOTO & ONO, 2007), espaço de formação e pesquisa (BOMTEMPO, 2005), como centro de recursos pedagógicos (SANTOS, 1997) e local que respeita a infância, sem cobranças de aprendizagem (RESENDE & FONSECA, 2009; PUGA & SILVA, 2008; KISHIMOTO, 2001) (KISHIMOTO, 2011, p. 30).

Portanto, é necessário que o futuro docente de pedagogia tenha consciência da sua atuação, do reconhecimento de todos os sujeitos como históricos e historicizados, de brincar como componente cultural, das linguagens das crianças e que este reconhecimento passa pela maneira como se constituirá enquanto educador. A universidade é mediadora disso nos seus três eixos principais, mas a partir do reconhecimento de seu papel social, que só poderá acontecer de maneira integral e segura ao proporcionar a estrutura necessária para que estas relações possam acontecer.

6.3. As brinquedotecas universitárias brasileiras

A brinquedoteca destinada à formação docente é uma característica muito presente no Brasil, mas não é tão comum em outros países. Se tratando da formação na universidade, como viemos pontuando no decorrer da escrita deste estudo, além do preparo para o trabalho, deve preparar para a construção do conhecimento e o diálogo constante com a comunidade. Assim, tem um olhar mais amplo para a formação que não só o preparo para atender às demandas do mercado de trabalho em determinado campo profissional. Para isso, deve promover o acesso a diferentes espaços que articulem estas três dimensões do trabalho exercido nas universidades, atrelado ao contexto social.

A especificidade do trabalho das brinquedotecas em universidades foi uma das preocupações de Antonete Araújo Silva Xavier no entendimento e organização da brinquedoteca Paulo Freire. Ela explica que passou a compreender que a brinquedoteca universitária não atua somente no ensino, pesquisa e extensão, mas numa formação multirreferencial composta por múltiplas linguagens e que, no caso da formação de docentes de pedagogia, apresenta uma articulação com a educação básica, que coloca como a principal centro de atuação do docente de pedagogia a escola. Destaca-se ainda que a escola pública é a

ponte entre o trabalho do docente de pedagogia e a multiplicidade de realidades vividas pelas crianças. Assim, o brincar se configura como uma das linguagens que pode comunicar sua construção histórico-cultural, mas também a potencialidade das brincadeiras para criar, explorar, experimentar livremente e construir novos significados, sentidos e subjetividades.

Percebemos essas 3 grandes coisas, inclusive, na minha tese, fizemos uma discussão ampla sobre o que era essa brinquedoteca universitária e fomos vendo que ela, esse espaço lúdico de formação, não é apenas interdisciplinar, agregador do ensino, pesquisa e extensão. Esse espaço desenvolve um processo de formação lúdico, mas também uma formação multirreferencial também composto de múltiplas linguagens e tem essa forte articulação, que é muito relevante, com a educação básica. Fazemos um trabalho de aliar essas ações de ensino, pesquisa e extensão para potencializar a difusão da cultura lúdica e fortalecer esses projetos e ações desenvolvedoras com as escolas públicas; então, para nós, não faz sentido desenvolver um trabalho para levar somente os professores e as pessoas da comunidade na brinquedoteca universitária se não conseguirmos atingir esse espaço público que é a escola.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Uma reflexão que vem acompanhando a trajetória da professora em conjunto a brinquedoteca Paulo Freire e que descreve o que difere o trabalho realizado na brinquedoteca universitária.

Uma compreensão sobre o trabalho realizado nas brinquedotecas universitárias que implicam também na compreensão de que este trabalho traz consigo o atendimento de adultos, especificamente, adultos em processo de formação. Sejam eles estudantes, pesquisadores, docentes ou frequentadores, este é um aspecto que caracteriza e compõe as diversas ações possíveis através do espaço da brinquedoteca universitária e precisa ser considerado na organização das suas propostas de atuação. Um exemplo sobre esta organização é a experiência de Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake, que trazem como uma das especificidades do atendimento na brinquedoteca da Faced, na UFRGS, os adultos como o público almejado para este espaço.

A brinquedoteca está sempre aberta para visitas lúdicas, muitas vezes recebemos escolas que vão fazer a sua formação pedagógica e vem conhecer o espaço e saber um pouco sobre como funciona. E está sempre aberta para a comunidade de educadores em geral.

Em relação a crianças, a brinquedoteca já recebeu crianças para essas visitas, mas em virtude do espaço que havia e da própria proposta que a Tânia, que resolveu centrar no brincar adulto, então não é um espaço é um espaço para receber crianças, até porque a gente não tinha como receber as crianças com adequação. Isso a Tânia também dizia, não há espaço de qualidade para uma brincadeira para crianças aqui. Inclusive tem um

cartaz que diz isso na brinquedoteca [...] A gente recebe os adultos, a nossa relação com a comunidade é com educadores, com pessoas que tenham interesse pelo brincar e redescobrir o seu ser brincante, de pensar sobre o jogo e educação, pensar sobre criatividade, enfim, essa é a nossa relação.

E dentro da universidade a gente recebe alunos de todos os cursos que tiverem interesse, professores, técnicos, funcionários e os terceirizados da nossa unidade usam muito os brinquedos e também fazem muito empréstimo dos brinquedos, fazem muito uso dos brinquedos para levar para seus filhos. A gente tem uma circulação bastante grande do pessoal que trabalha na manutenção do prédio e na limpeza, frequentam bastante a nossa brinquedoteca.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

O direcionamento no atendimento da brinquedoteca da Faced faz parte da especificidade e das características individuais que constituem este espaço, características estas que podem ser diversas como já pudemos observar nas experiências aqui relatadas em diferentes brinquedotecas universitárias, mas que não deixam de trazer como um dos aspectos específicos do trabalho destes espaços o atendimento de pessoas adultas por meio de experiências brincantes.

Os relatos me fizeram recordar da professora Patrícia Dias Prado (2009) ao descrever sobre o seu processo de pesquisa observando crianças em creche:

Num segundo momento, numa necessidade de demonstrar tantas mensagens expressas nas mais diversas linguagens do outro, que se diluíram entre a observação e o relato no caderno de campo, e como forma de aliar ao modo de comunicação adulta, a escrita, outro modo infantil que não se lê, se vê, utilizei-me da técnica de filmagem em vídeo, não como forma privilegiada de captação dos dados, mas como suporte mais acessível para a sua apreensão (RODOLPHO et al., 1995), dando autenticidade às descrições, interpretações e análises, seguindo o mesmo roteiro de observação das crianças brincando nos espaços da creche e lidando com a heterogeneidade da plateia, personagens, pesquisadora e câmera, cada qual associado a modos de interações diferentes (PRADO, 2009, p. 102 - 103).

Prado (2009), descreve neste trecho que as linguagens podem ser múltiplas e, ao se tratar da infância, a descrição por si só não consegue explicar a profundidade de experienciá-las por meio do brincar. Traz consigo a experiência como característica do que é viver a brincadeira (BORUGÈRE, 1997; BOMTEMPO, 1996; KISHIMOTO, 2018), assim, só se compreende sobre brincar quando existe a possibilidade de brincar. Na sua variedade de linguagens e possibilidades que trará significado a experiência se vivenciado.

Prado (2009) ainda finaliza sua reflexão sobre a construção de sua pesquisa apontando os diferentes personagens que compõem os espaços onde crianças brincam, em que brincar

possibilita as relações de diferentes. Para a formação docente, a brinquedoteca universitária é este espaço que possibilita encontros através das brincadeiras. Traz os estudantes para dialogar com as escolas e a comunidade local antes mesmo de concluir a formação, na dimensão da sua atuação enquanto docente, mas, principalmente, enquanto sujeito. Assim, a formação para a docência nas universidades, em especial a docência em pedagogia através da brinquedoteca universitária, no favorecimento da brincadeira e no convite para explorar, sentir, experimentar (CUNHA, 1994, 1996) e aprender a conhecer (CARNEIRO, 2007), é permeada pelo observar a criança, aperfeiçoar-se enquanto profissional, viabilizar pesquisas que compartilhem sobre as experiências brincantes, é poder manusear uma variedade de brinquedos, jogos e materiais, também a possibilidade de atender e assessorar outras áreas de atuação por meio das brincadeiras, oferecer serviço a comunidade (KISHIMOTO, 1996). Mas, em conjunto a tudo isso, constituir o espaço da brinquedoteca enquanto um espaço atuante socialmente através do brincar e, a partir deste todo, compreender-se enquanto brinquedoteca universitária.

Com sua experiência no estudo de brinquedotecas espalhadas por diversos países, onde pode visitá-las e compreender melhor suas características na sua diversidade cultural e histórica, a professora Tizuko Morchida Kishimoto explica que há um olhar diferente para o brincar e para a formação nestes lugares onde esteve presente. Ela conta que as universidades em países como Japão, por exemplo, têm recursos necessários para oferecer ao professor o contato a uma diversidade de materiais pedagógicos nas universidades. Por isso, a brinquedoteca não é tão necessária dentro da universidade, pois, além de poder manusear estes materiais, o poder público investe e mantém estas brinquedotecas espalhadas pela cidade. O docente ou estudante pode, no seu processo formativo, manusear estes materiais e estar em contato vivenciando estas brinquedotecas.

Na realidade, em outros países, as universidades têm recursos e têm um acervo de material pedagógico, então os professores usam esse acervo e fazem a formação prática dos seus professores sem a necessidade da brinquedoteca, porque ela está na cidade. No Japão, eu vi muito isso, as universidades têm recursos materiais para montar e investir numa sala com materiais, coisas que não temos. Portanto, a ausência disso fez com que eu me preocupasse em ter esses materiais e emprestar para os nossos alunos para eles fazerem seminários, estudarem.

Os docentes explicam teórica e praticamente o material Montessoriano, do Freinet, e assim por diante. Mas nos outros países, a universidade já abarca os materiais e a prefeitura local cria as brinquedotecas nos bairros da cidade. Então, essa é a especificidade do Brasil, a gente não possui apoio

das prefeituras locais para criação de brinquedotecas, mal se criam espaços para bibliotecas públicas.

Houve um tempo que se pensou, aqui na cidade de São Paulo, em se criar com apoio do CEU – Centro Educacional Unificado, uma pequena brinquedoteca, mas o projeto não foi adiante. Então, é possível ver que a valorização de espaços lúdicos é ainda muito precária no Brasil de maneira geral, diferentemente de países mais desenvolvidos em que municipalidade oferece esses espaços de lazer para as crianças. Portanto, como não temos, as universidades que podem acoplar esses espaços, o fazem. Foi o que eu fiz durante 40 anos.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Infelizmente, existe uma limitação no acesso e permanências destes tipos de recursos no Brasil, assim como o investimento escasso em espaços que estimulem experiências lúdicas e de brincadeiras nas comunidades, o que fez a professora perceber esta necessidade para a formação de professores brasileiros na perspectiva de deixar os conceitos mais palpáveis e entrar em contato direto com o brincar.

Estes são apenas alguns exemplos em que a experiência das professoras demonstra que, quando existe o investimento necessário, é possível oferecer, além de uma compreensão maior sobre as brincadeiras, um espaço favorável para que o brincar aconteça sem limitações e com olhares bem-preparados de profissionais que trazem uma formação significativa. Para Nóvoa (2019), não é possível haver uma boa formação docente quando esta é fragilizada e enfraquecida, compreendendo que as pessoas que estão no processo formativo fazem parte dele; assim, a formação deve ser valorizada e trazer outras experiências para além das disciplinas ou técnicas pedagógicas, mas deve ser um espaço fortalecedor da defesa da profissão docente.

Ainda assim, o funcionamento destes espaços decorre de um investimento contínuo e, muitas vezes, isto não acontece ou este investimento é interrompido, fazendo com que as brinquedotecas precisem encontrar novos meios para manutenção do espaço e para o atendimento da comunidade, abrangendo desde a disponibilização do prédio no qual a brinquedoteca será alocada até a manutenção do acervo, compra de materiais, mobília, etc.

Quanto ao espaço físico, são as professoras que não consideram o local onde a brinquedoteca está localizada o ideal para realizar o atendimento de crianças ou para organização do espaço, destacando algumas destas questões como a brinquedoteca estar localizada em uma sala que não foi construída para ela, considerando suas especificidades, a alocação da brinquedoteca em espaços improvisados, a falta de segurança por estarem

localizadas próximo a escadas ou em nos pisos superiores dos prédios, a falta de acessibilidade quando não existem rampas ou elevadores, falta ou escassa manutenção e reforma por se tratarem de prédios antigos e outras questões relacionadas ao espaço físico e estrutura dos prédios.

Tendo isto em vista, a equipe atuante nas brinquedotecas muitas vezes precisam encontrar outros meios para manter e adquirir novos acervos para elas, como a parceria com empresas na análise de novos brinquedos, como apontou Tizuko Morchida Kishimoto no trabalho realizado pelo LABRIMP; oficinas de construção de brinquedos e sucata, como narraram Marilete Calegari Cardoso, Débora, Antonete Araújo Silva Xavier, Jociane Cajado da Silva e Ângela do Céu Ubaiara Brito; doação de brinquedos por empresas, comunidades, instituições parceiras ou através de outras ações desenvolvidas nas brinquedotecas, narradas por Tizuko Morchida Kishimoto, Marilete Calegari Cardoso, Débora, Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake. Essas ações possibilitam manter o acervo da brinquedoteca e o acesso dos visitantes aos brinquedos e materiais. Além disso, um ponto que a professora Sandra Regina Geiss Lorensini realçou foi do envolvimento dos atuantes nas brinquedotecas com a manutenção não apenas do acervo de brinquedos e materiais de uso, mas também do espaço físico e demais mobiliários destes espaços.

[...] armários e coisas que consegui, foram deslocamentos de outros espaços que não tinham mais utilidade lá [na universidade] e eu, por conta própria pintei e fiz ajustes. Então muito do que acontece, nos termos de estrutura, nesse momento ainda, é muito do que eu consegui fazer, não só eu, eu com quem pudesse colaborar, no que a gente conseguiu fazer, mas eu fiz, particularmente, algumas coisas.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Ou como aponta Tizuko Morchida Kishimoto ao contar sobre suas parcerias com outros colegas da universidade, docentes e outros departamentos, como a professora e arquiteta Adriana Freiburger, que auxiliou na organização do espaço. Também, as parcerias entre as diferentes brinquedotecas e universidades, como foi o caso das professoras Marilete Calegari Cardoso e Antonete Araújo Silva Xavier, que, além de desenvolver um trabalho em conjunto, o Baú Brincante, também apoiam as ações realizadas nas brinquedotecas²⁴. Todas estas relações de parceria contribuem para a continuidade do trabalho oferecido nas brinquedotecas; são caminhos encontrados na luta pela permanência deste espaço dentro da

²⁴ Ver seção 5 e 7 desta dissertação.

universidade e na defesa da formação docente que leve em consideração o brincar e a ludicidade.

Kishimoto (2011), ao escrever sobre as brinquedotecas no contexto brasileiro e internacional, escreve sobre as carências das brinquedotecas universitárias brasileira públicas:

Nas universidades públicas as carências são muitas: funcionários para organizar o espaço após o uso, espaço físico pequeno e precário, rotatividade das crianças e da equipe, falta de reconhecimento e apoio institucional, recursos humanos baseado no voluntariado e em bolsas de pouca continuidade, recursos financeiros exíguos, eventos para a manutenção das atividades, baixos salários dos profissionais, recursos financeiros, humanos e físicos para realizar pesquisa e implementar estágios, atendimento da demanda comunitária e bolsistas para acompanhamento das atividades (LABRIMP; FEUSP & PONTÃO DE CULTURA, 2009). (KISHIMOTO, 2011, p. 26 - 27).

Contudo, a posição de luta das professoras destacam que “a integração entre os diversos serviços ofertados à infância é um problema que precisa ser enfrentado” (KISHIMOTO, 2011, p. 27), destacando as concepções sobre cultura lúdica, a formação do brincante, visitas de especialistas para orientar as novas brinquedotecas, as em processo de criação ou em reformulação, procurando sempre interagir as práticas educativas as práticas culturais (KISHIMOTO, 2011) na defesa não somente da brinquedoteca, mas da brinquedoteca universitária enquanto este espaço integrativo e multirreferencial.

6.4. Organização do espaço e as propostas brincantes

Até então, trouxemos para a discussão os aspectos políticos e institucionais, os aspectos de ordem prática na idealização e implementação e a especificidade da brinquedoteca universitária, no entanto, não se pode desconsiderar a organização do espaço da brinquedoteca como fundamental para favorecer a brincadeira. A brinquedoteca é um espaço preparado para estimular o brincar (CUNHA, 1994; 1996), assim, a preparação do espaço deve ser pensado para que este brincar aconteça. Kishimoto e Freyberger, no documento realizado pelo MEC, Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica, apontam novamente sobre exercitar a observação do brincar das crianças como forma de registro e para acompanhar os interesses das crianças e destacam que “a pobreza dos temas ou a ausência de roteiros mais complexos durante as brincadeiras pode ter como causa a falta de estruturação do ambiente da brincadeira, pela carência de brinquedos e mobiliário” (BRASIL, 2012, p. 59). Propiciar um espaço que favoreça o brincar demanda um olhar atento para as necessidades das crianças, que acontece a partir da observação do brincar

e da compreensão de que brincar é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura, como colocado por Brougère (1997).

A atuação da brinquedoteca pressupõe que a organização do espaço esteja em congruência com a proposta brincante e consciente da dinâmica em constantemente movimento que fundamenta esta disposição do espaço. Em relação à organização do espaço nas brinquedotecas, temos uma variedade de acordo com as propostas de cada uma, entretanto, a maioria das brinquedotecas abordadas nas entrevistas trazem como principal sistema de organização do espaço os cantos temáticos:

O que tinha no projeto pedagógico, o projeto de brinquedoteca contemplava, o projeto pedagógico do curso de pedagogia contemplava uma brinquedoteca organizada por cantos: o canto da fantasia, o canto da construção, enfim. Então a compra do mobiliário e a compra dos brinquedos foi um pouco pensando na alimentação desses cantos, o que seria possível e interessante ter nesses cantos da brinquedoteca como estava previsto lá no projeto com essa limitação.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Como projeto de extensão, de acordo com as normativas da minha instituição, a gente não teria material permanente, mobiliário e para receber crianças eu precisaria tê-lo, adequado ao corpinho, um acervo... No início foi possível adquirir um acervo bem interessante e depois fomos criando estratégias para reposição, um esforço muito grande na preservação. No início do ano, a gente faz uma oficina, trabalhamos a portas fechadas para restaurar, fazer o inventário, descartar, pois também não queremos um acervo cheio de coisas velhas e feias, queremos a Ludoteca enchendo os olhos das nossas crianças. Na medida do possível, no espaço que temos, que não é o adequado, pois não temos cômodos separados, temos um espaço amplo que criamos cantinhos, mas que não são como deveriam ser, com cômodos. Eu desejaria muito ter um espaço de oficinas, o cantinho do faz de conta, separado, o playground separado; mas são limitações de ordem institucional, de ordem financeira, que estão para além do que você pode ir administrando.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Ela é composta de cantinhos, é uma sala grande, que foi criada para isso, com um piso específico de infância. Usamos muito também os espaços externos, principalmente na UNEBRINQUE, a gente usa muito o teatro de 450 lugares e lotamos de crianças, usamos a quadra também. Descrever esse movimento tão pulsante é difícil, acredito que tenha uma configuração comum a todas, inclusive os materiais não estruturados estão também no nosso trabalho. Temos um almoxarifado, onde os materiais ficam armazenados, uma mesa de reunião e um banheiro infantil. Os únicos espaços separados são o banheiro e o almoxarifado, o restante é um espaço amplo com mesa de reunião, mesa de trabalho, onde realizamos nossas oficinas de realização do nosso uniforme, nossa farda de jeans.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

A professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa disponibilizou o projeto da brinquedoteca do curso de pedagogia da UFSCar *campus* Sorocaba, onde explica como os cantos temáticos foram pensados nessa brinquedoteca, descritos como cantos lúdicos:

O espaço e o tempo da brinquedoteca devem ser organizados, criando um ambiente propício para o desenrolar de atividades específicas. A brinquedoteca deve ser organizada e, constantemente, reorganizada para atender as necessidades das crianças.

Pretendemos criar alguns cantos lúdicos:

- Canto da sucata: é o lugar onde são guardados todo tipo de material descartado. O material fica disponível para a criação.
- Canto da música: este local agrupa diversos instrumentos musicais para serem explorados pelas crianças (obs.: podem ser de brinquedo).
- Canto do faz-de-conta: é um espaço com mobílias infantis representando diversas situações e ambientes, como: lar, hospital e/ou consultório de médico; supermercado; fazendinha; escritório; escola.
- Canto das fantasias e do teatro: é o canto onde estão todos os tipos de vestimentas e fantasias, fantoches, marionetes.
- Canto das artes e das invenções: neste canto, disponibilizaremos materiais variados como: lápis de cor, giz-de-cera, tintas, guache, pincéis, cola, tesouras, papéis dos mais diversos, figurinhas, revistas, sacos, chapinhas, potes, garrafas, etc.
- Canto da leitura (ou do conto): tapete, almofadas, livros de histórias, revistas, jornais etc.
- Canto dos jogos: envolve desde os quebra-cabeças, dominós, jogos de encaixe, móveis, até os materiais para as brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica (UFSCAR, [s.d.]).

Outras professoras também destacam como importante o trabalho realizado pela brinquedoteca ao oportunizar o ambiente para que as crianças possam brincar livremente, como colocado pontualmente por Marilete Calegari Cardoso, Débora, Antonete Araújo Silva Xavier, Jociane Cajado da Silva e Ângela do Céu Ubaiara Brito, mas que perpassa pela prática das outras brinquedotecas também. Algumas destacam, na compra e aquisição do acervo de brinquedos, os brinquedos não estruturados, assim, como uma preocupação com a seleção de brinquedos para o espaço, como apontam Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, Tizuko Morchida Kishimoto, Marilete Calegari Cardoso, Antonete Araújo Silva Xavier, Jociane Cajado da Silva, Ângela do Céu Ubaiara Brito, Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake:

Então, foram adultos, porque a gente fez também uma consulta aos colegas do departamento sobre quais as sugestões em relação a compra de brinquedos, livros, então os colegas fizeram também essas sugestões. Nós tínhamos sim algumas preocupações sobre a questão de garantia a diversidade, na compra dos brinquedos contemplar a questão racial, a questão das crianças com deficiência, então isso, de uma certa forma, na planilha inicial de solicitação de compras foi contemplado, tanto em termos de brinquedos como em termos também de livros, DVDs. A gente tinha essa

preocupação, mas era muito mais ações de adultos para as crianças sem participação nenhuma das crianças nesse processo, então essa já é uma crítica que eu já fazia e que eu conto que foi assim. Infelizmente o histórico da compra inicial dos brinquedos ou de organização desse espaço foram decisões tomadas por adultos pensando o que seria melhor para essa brinquedoteca possível.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

Nós também tivemos uma aluna de pós-graduação, da Educação Física, ela criou um brinquedo, que chamou de brinquedo simbólico, que consistia em uma estrutura de plástico forte, a pessoa engatilhava e formava ônibus, carros, enfim, era um equipamento muito grande. E então nós fizemos o teste que ela queria, e uma das empresas fabricantes se interessou pelo projeto dela, mas queria um teste. Então nós, na Faculdade de Educação, chamamos os alunos da escola de aplicação do 1º ano, e os alunos de pré-escola, “os maiorzinhos”, para montar e subir no equipamento para ver se ele aguentava. Portanto, fizemos teste de qualidade, de interesse, e começamos a notar logo no início que tinha uma parte do equipamento que não aguentava o peso de muitas crianças, então sugerimos estruturas mais fortes, e então ela refez e novamente levou o material e executamos mais uns dois ou três testes, até chegar ao ponto que a empresa ficou satisfeita, e, no ano seguinte, naquela feira de brinquedos, da ABRINQ, estava lá o brinquedo, com o fabricante. Pela primeira vez, um brinquedo criado por um aluno da USP, que passou por testes, foi adquirido por uma empresa e isso mostra o quão é importante ter uma estrutura para que isso aconteça, caso contrário, as pessoas perdem o interesse de criar.

A aluna estava muito interessada em sair daquela posição de Educação Física, a formação era muito tecnicista/mecanicista, então se focava na rapidez, os movimentos, a quantidade e não se interessava pela expressão, criação. Como ela havia frequentado cursos na FE, ela estava preocupada em não só aplicar esse aspecto do corpo em movimento e o controle sendo observado de uma forma mais objetiva/ tecnicista, ela estava preocupada em como a criança se diverte usando só seu próprio corpo e nesse momento ela tem a ideia de criar um projeto, de criar uma estruturazinha através desses materiais que são desestruturados. A gente sabe o quanto é importante dar a oportunidade para a criança brincar com materiais pouco estruturados, para a criação da criança... O próprio Gilles Brougère, tem um artigo que mostra a importância desses brinquedos pouco estruturados, no próprio movimento da criança.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Nós chamávamos as escolas mais próximas para fazer um trabalho com as crianças, nós deixávamos as crianças brincarem livremente com os brinquedos que tinham, nosso trabalho era observar as histórias que percorriam, que elas formavam e construíam com as brincadeiras.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Ao longo desses últimos anos fomos tensionando muito a utilização de tudo que estávamos produzindo e criando levando a escola, porque muitas vezes a dificuldade de trazer grupos de crianças, com transporte e com pessoas para a brinquedoteca universitária começou a ficar difícil. Desenvolvemos esses trabalhos e implementamos um projeto que Josy já

havia criado antes. Inicialmente fizemos isso com a brinquedoteca universitária, nessa questão do conceito mesmo que, para nós, foi muito importante, porque, quando nos compreendemos como brinquedoteca universitária, as imersões de uma brinquedoteca universitária são completamente diferentes de outras tantas. Percebemos que precisávamos agora de modo mais assertivo com essa vinculação de pesquisa, ensino e extensão.

A ideia, como a própria Nilce Cunha falava, é que a brinquedoteca é esse espaço onde a criança pode brincar livre, sem cobrança da escola, sem expectativa do desempenho que acompanha a criança desde a educação Infantil. Estávamos de certa maneira fazendo isso, criando um espaço de atividade pronta, pra criança ir lá e brincar, esse brincar livre tinha o momento da criança escolher o seu brinquedo no seu tempo e criar esse movimento brincante, mas era algo que realmente refletíamos e refletimos até hoje.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

E aí, por exemplo, temos muito característico no estado a compra na feirinha, nesse minibox, então trazemos para dentro da brinquedoteca, a nossa estrutura de feira que é um pouco diferente das do estado de São Paulo, então temos esses miniboxes. A casa também tem uma característica muito regional, bem ribeirinha, com janela, entrada de pátio, tem muitos costumes nossos. Então temos buscado trabalhos nessa concepção Vygotskyana, desse contexto, cada estado terá seu tipo de brinquedoteca, buscamos coisas bem diferenciadas, que é um trabalho constante de extensão, de olhar, de trazer, de mapear. Essas áreas dos bolsistas que são sempre revisitadas, modificadas e quando tem muitas coisas construídas, mandamos para as escolas, pois novas turmas e novos brinquedos acabam vindo, novas formas de organizar a área e trazemos novamente, ficamos nesse movimento. Temos bonecas negras, brancas, pardas, temos uma diversidade muito grande próxima desse brincar deles.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Temos prateleiras que tem para cima na parede, assim, com mais espaço. Os nossos brinquedos antes ficavam um pouco mais amontoados, agora a gente está conseguindo tirá-los das caixas para expor, estão mais disponíveis para brincar. E a gente tem uma mesa também na entrada, que dá pra sentar, jogar, que antes a gente não tinha. Era tudo mais apertadinho. A gente tem um espaço específico para livros e gibis.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Tem a área de trabalho dos bolsistas, onde fica o computador, os materiais mais internos, material de escritório, impressora. Tem esse espaço mais para o fundo da brinquedoteca. Tem um acervo histórico que fica na frente da brinquedoteca num móvel envidraçado, que tem materiais que não são de empréstimo. Tem alguns materiais da brinquedoteca que não são emprestados justamente por serem esse acervo que é um pouco mais cuidado - todo material é cuidado, mas aquele ali talvez um pouquinho mais por ser um material histórico. E a vitrine que a Marília falou fica acima de um balcão.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Cada brinquedoteca traz no seu projeto como organização a aquisição de brinquedos, a seleção de materiais, como serão organizados os espaços e qual a perspectiva de atendimento na atuação com as crianças nas atividades promovidas por estes espaços. Um aspecto que ficou bem evidente durante as entrevistas foi o quanto as pessoas que atuam nestas brinquedotecas vão mudando a sua relação com o brincar e o brinquedo na sua trajetória e com a experiência nas brinquedotecas. Elas vão mudando suas perspectivas sobre o brincar, a disponibilidade e organização do acervo e do espaço, mudando também sua relação com a equipe de funcionários e estudantes; muitas vezes, há uma diferença num movimento de praticar mais o exercício de observar as brincadeiras das crianças. Sobre isso, a professora Tizuko Morchida Kishimoto relata:

Algumas áreas, por exemplo, a Psicologia, com a Bomtempo, mandava todos os anos alunos para fazer observação, para pesquisar na brinquedoteca. Também vinham alunos da PUC fazer o mesmo, não era somente restrito aos alunos da FE, ela era aberta para que os pesquisadores pudessem fazer pesquisa. Então, começou a acontecer como eu vi no Japão, onde a escola primária, no início do ano, recebe professores e pesquisadores de várias cidades para observar as crianças e depois também mais ao fim do curso. Então, mesmo nas escolas, existe essa participação de pesquisadores de várias áreas. E eu já sabia disso, pois visitava as escolas japonesas desde 89, então eu tinha essa preocupação. Era preciso criar espaços de pesquisa e formação para que todos possam ter acesso ao espaço e isso, de certa forma, foi crescendo e a importância foi tão grande que todas as vezes que havia um evento sobre brinquedo, os visitantes eram mandados aqui para brinquedoteca da Faculdade de Educação. Em diversos eventos, nós recebíamos visitantes, pesquisadores etc.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A professora Débora também relata como sua compreensão sobre brincar foi mudando no decorrer do tempo e sua concepção da brinquedoteca como um espaço onde novas perspectivas podem ser construídas e pensadas, onde se começou a explorar mais o brincar livre, deixando para momentos específicos algumas atividades mais dirigidas:

Já desenvolvemos projetos para oficinas de pintura, de dobradura, que envolvem crianças, oficinas de momentos formativos, mais práticos, mais curtos, tendo como público professores, para trabalhar alguns jogos; discutimos muito sobre a pedagogização do brincar, porque, se a princípio eu tive esse desejo de lotar a Ludoteca de muitos jogos, que acho que essa também foi uma questão em que eu amadureci. Hoje defendemos essa perspectiva do brincar livre, o brincar livre, em si, já é potencializado pela aprendizagem cognitiva, social, criativa. O bom dessa história de quase 20 anos é isso, é que também vamos nos formando. Hoje eu encaro o brincar, de uma forma diferente e faço uma avaliação e tenho expectativas diferentes em relação ao nosso trabalho. Com mais tranquilidade, pois reconheço a solidez de uma trajetória repleta de acertos e erros.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

As professoras descrevem um constante aprendizado através das brincadeiras das crianças e através do olhar atento sobre elas. Brougère (1997) e Kishimoto (2011; 2018) já discorrem sobre como as crianças podem utilizar-se das brincadeiras para se expressar e exprimir representações culturais que fazem parte do seu cotidiano ou da sua compreensão da realidade vivenciada. O significado atribuído por elas aos brinquedos ou no ato de brincar é mais significante que o objeto em si.

Aqui, destaca-se a importância e a necessidade de exercitar este docente observador, atento às necessidades e as linguagens das crianças que podem ser expressas de diversas maneiras; o brincar é uma delas. Ressalta, mais uma vez, a cultura lúdica. O brincar pode trazer com ele uma série de simbolismos ou bagagens pertencentes a esta construção cultural em sociedade e a brinquedoteca pode se constituir em um ambiente em que é possível, além de observar, estudar criticamente estes valores construídos historicamente através das brincadeiras e dos brinquedos.

Estas colocações destacam, ainda, o papel da brinquedoteca na formação continuada desses educadores. Os espaços formativos proporcionam novas reflexões e o contínuo aperfeiçoamento de sua prática docente. Portanto, o diálogo entre os espaços de atuação docente e os espaços formativos são essenciais. Neste sentido, a brinquedoteca universitária pode contribuir na troca entre teoria e prática e na experiência compartilhada entre quem atua e quem está se preparando para a docência. Estes momentos de troca possibilitam reflexões que proporcionam novos aprendizados ou ressignificam as compreensões sobre o lúdico, o brincar e suas relações culturais.

O funcionamento das brinquedotecas acontece de diferentes maneiras a depender da estrutura que o espaço tem. Algumas brinquedotecas, como a do LAPED (Luciane Muniz Ribeiro Barbosa)²⁵ e a do Instituto de Educação da UFMT (Sandra Regina Geiss Lorensini) ainda não oferecem atendimento ao público regularmente. A brinquedoteca do LABRIMP (Tizuko Morchida Kishimoto), a BrincaSol (Marilete Calegari Cardoso) e a Brinquedoteca da UEAP (Ângela do Céu Ubaiara Brito) já realizavam o atendimento regular nos seus espaços; contudo, por motivos específicos, precisaram pausar o atendimento, embora tenham planos

²⁵ Coloquei o nome das pessoas entrevistadas na frente do nome das brinquedotecas para fazer a referência às respectivas narrativas.

de retomar as atividades em breve. E as brinquedotecas Tempo de Brincar (Débora), Paulo Freire (Antonete Araújo Silva Xavier e Jociane Cajado da Silva) e Brinquedoteca da Faced na UFRGS (Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake) seguem realizando os atendimentos regularmente, apesar da pausa durante o período de distanciamento social devido à pandemia de Covid-19.

6.5. Quem atua na brinquedoteca?

A necessidade de um equipe formada não é uma questão atual em relação a atividade desenvolvida nas brinquedotecas, Cunha (1994) já apresentava as demandas que implicam o trabalho técnico em 1994, indica que o funcionamento da brinquedoteca requer uma série de responsabilidades, descrevendo uma lista de tarefas que devem ser realizadas com 35 itens. Sobre a equipe que pode compor nas atribuições destas tarefas a depender da organização de cada brinquedoteca, destaca: coordenação, secretaria, brinquedistas, encarregado de limpeza e outros. Uma lista que não se refere à brinquedoteca universitária, onde poderiam complementar com outras atribuições específicas do trabalho, como pesquisadores, supervisores de estágio, docentes, entre outros.

Através das narrativas das professoras, fomos trazendo uma série de questões que são essenciais para o trabalho na brinquedoteca universitária, dentre elas, a infraestrutura adequada, compreendendo que o espaço deve possibilitar o acesso de um público diversificado entre crianças e adultos. Além disso, a adequação do espaço está diretamente relacionado ao tipo de atividade que será realizada na brinquedoteca: existe uma organização pensada para propiciar o brincar, para organizar e selecionar os brinquedos e demais materiais no espaço da brinquedoteca, conforme orientam Kishimoto e Freyberger, no documento *Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica* (BRASIL, 2012).

Também é necessário considerar que os espaços precisam de manutenção regularmente. Temos a construção de brinquedotecas universitárias no Brasil desde 1984, o que quer dizer que a manutenção estrutural dos espaços físicos e dos prédios em que as brinquedotecas estão alocadas é um critério de segurança e de adequação às possíveis mudanças na organização no decorrer do tempo. O suporte financeiro é outra questão essencial para a preservação das brinquedotecas: o espaço não é estático, existe uma rotatividade de materiais, de brinquedos, de frequentadores, de estudantes e bolsistas e de funcionários que estão constantemente vivenciando o local e tudo o que ele oferece. Portanto, é necessário a reposição de materiais, a compra de brinquedos, manutenção de mobiliário e

de materiais básicos de uso diário. São algumas das estruturas que, quando garantidas, possibilitam à brinquedoteca seu funcionamento, dedicando-se integralmente às atividades brincantes que são seu propósito.

Apesar disso, mesmo estas estruturas não sendo oferecidas regularmente ou não bem estabelecidas nas políticas públicas, as brinquedotecas resistem. Contudo, esta dificuldade na garantia de uma estrutura básica também interfere na permanência de atuantes nestas brinquedotecas. A exemplo disso, existe a necessidade de um servidor técnico administrativo atuando neste espaço, o que foi possível em alguns casos retratados aqui, como é o da brinquedoteca do LABRIMP (Tizuko Morchida Kishimoto), da Tempo de Brincar (Débora), da Paulo Freire (Antonete Araújo Silva Xavier e Jociane Cajado da Silva) e da brinquedoteca da UEAP (Ângela do Céu Ubaiara Brito), para as quais cada instituição correspondente disponibilizou um funcionário para atuar exclusivamente na brinquedoteca. Sobre o trabalho realizado por estes servidores, as professoras explicam:

Mas tenho uma técnica efetiva formada em pedagogia, que foi nossa aluna, com pós-graduação, inclusive, tem e foi muito incentivada a sua formação lúdica e ela tem sido uma peça-chave. Ainda que ela não tenha como objetivo de vida a carreira acadêmica, mas ela veio ao longo desse tempo acumulando uma expertise da perspectiva teórica, mantendo uma coerência e isso facilita muito o trabalho.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Não tinha funcionário, então não dava para inaugurar um espaço sem funcionário, ele funcionava mais internamente, levando os alunos dali, mas não era o que desejávamos.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Eu levei 4 anos pois precisei criar o perfil desse técnico, como qualquer especialista de laboratório, ele precisa ter um perfil. Então eu sei que a maior dificuldade é dispor de funcionário que de fato possa atender no dia a dia e manter essa estrutura porque o coordenador é um docente, um pesquisador, ele não tem tempo pra fazer todo esse serviço de manutenção. Outras brinquedotecas têm o acervo e muitas vezes levam esse acervo com os bolsistas para outro lugar para trabalho.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Já percebeu que a alma da brinquedoteca é Josy [Jociane]? Porque eu chego em 2014 na brinquedoteca, quando Josy entra em licença maternidade. Eu sou professora da universidade e a Josy é técnica administrativa que fundou a brinquedoteca, que fez todos os trâmites iniciais. Ela é a alma da brinquedoteca, que a faz funcionar e existir, porque, para nós é muito relevante ter um profissional técnico concursado trabalhando lá. Todos os projetos, todas as ações e todos os feitos que desenvolvemos, nossa alma funciona num coletivo pensante. Somos um

grupo de várias pessoas, mas se Josy não tivesse inteiramente disponível para desenvolver as ações com a carga horária, com a dedicação, com a formação, inclusive, porque logo que ela assumiu a universidade a mandou para São Paulo para fazer o curso de brinquedista. Então realmente Josy é esse eixo, essa liga das ações que desenvolvemos.

(ENTREVISTA 6: ANTONETE ARAÚJO SILVA XAVIER)

Tínhamos uma técnica que precisou ser lotada em outro setor; até mesmo por uma questão de pandemia e, como a brinquedoteca recebe um público que é muito frequente, ela não se sentiu confortável de estar nesse setor. Temos um concurso agora que tem técnicos previstos específicos para brinquedoteca e outros técnicos.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Ressaltam que existe um trabalho contínuo que deve ser realizado e que exige alguém dedicado a estas atividades que fazem parte do cotidiano das brinquedotecas. Não se deve limitar este espaço dentro da universidade a atividades extracurriculares, mas abri-lo a um trabalho singular de atendimento à comunidade, com frequentes pesquisas e, dentre todas estas atribuições, cumprindo seu papel formativo. Desta maneira, existe uma preocupação também na formação e preparo destes funcionários que vão atuar ou já atuam nestas brinquedotecas. Conforme as professoras discorrem em suas narrativas, existe um investimento nestes profissionais técnicos administrativos no entendimento teórico, prático e reflexivo do trabalho que deve ser realizado.

Como eu era técnica, eu sentia muito a necessidade e me preocupava muito com essa questão da formação, apesar dos monitores que lá estavam – e sempre tivemos muitos – eu sentia muito essa fragilidade. A professora Ana Paula Conceição foi uma que desde o início estava lá conosco, me ajudou bastante, mas diante das outras demandas, não conseguem ter esse compromisso diário com o espaço. Quando a Antonete entra, eu fiquei muito feliz, pois eu consegui ter um suporte muito maior com isso que era a questão que tanto me preocupava, da formação, até porque eu também estava me descobrindo nesse espaço, então, tem muito essa questão que foi amadurecendo desse contexto de brinquedoteca enquanto um setor que também envolve outras grandes demandas.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Quanto às brinquedotecas que não contam atualmente com um funcionário dedicado a elas com exclusividade, existe o reconhecimento de seu papel dentro do espaço, além da dedicação e o esforço para esta conquista nas instituições onde estão alocadas.

Agora a brinquedoteca – e aí você já ressaltou, destacou esse ponto também – é claro que quando a gente fez a previsão ali dos brinquedos, dos materiais, do mobiliário, sempre estava na discussão a necessidade de um profissional, de um servidor público para ficar lá também. A gente fazia muita discussão sobre a semelhança do que tinha acontecido na USP, sobre

quem é aquele profissional que fica ali no LABRIMP, tinha tido um concurso não fazia muito tempo para uma pessoa que ocupou o Museu do Brinquedo que é no mesmo corredor do LABRIMP e a gente sonhava também em um futuro não muito distante ter um profissional que fosse da área da infância para estar naquele espaço, mas a gente sabia que não ia ser tão imediato quanto a compra dos brinquedos, por exemplo.

E algo que a gente também discutia sobre o projeto da brinquedoteca era o quanto também poderia ser feito, realizar um projeto com bolsistas ou com os próprios estudantes do curso de pedagogia? Mas, enquanto não conseguíssemos um profissional, servidor público, para estar ali naquele espaço coordenando, poderíamos pleitear bolsas para que algumas dessas bolsas fossem para estudantes que fizessem ali o seu trabalho de bolsistas na própria brinquedoteca, de repente bolsistas que tivessem suas pesquisas relacionadas ao brincar, a infância; essa também era uma outra ideia para um passo seguinte que seria a questão do funcionamento da brinquedoteca, que eu não sei se acabou se consolidando ou não.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

As professoras também contaram sobre a relação de estudantes no trabalho realizado nas brinquedotecas, assim como a sua permanência na condição de bolsistas, estudantes de Iniciação Científica e Tecnológica (ICT) e estagiários. Diversas atividades são realizadas tendo em vista a formação, portanto, buscando o envolvimento destes estudantes com o espaço das brinquedotecas. Entretanto, tanto para o acesso quanto para a permanência destes estudantes nas universidades e para o envolvimento destes nos projetos realizados nas brinquedotecas, é importante proporcionar condições que possibilitem a presença destes nestes espaços através dos incentivos financeiros.

Quando compreendemos que a universidade pública relaciona-se aos contextos sociais e seus possíveis impactos considerando o ensino, a pesquisa e a extensão, deve-se compreender a disparidade de realidades vividas como um fator social que impacta na formação destes estudantes. As brinquedotecas universitárias, no seu trabalho, têm o foco na formação docente e nas demandas específicas do trabalho pedagógico considerando a diversidade cultural, mas também são impactadas pelas desigualdades sociais que compõem diversas histórias, sejam dos visitantes das brinquedotecas, sejam de seus universitários.

Assim, cabe à universidade em seus cursos de formação pedagógica e licenciaturas proporcionar aos seus estudantes programas de incentivo que auxiliem e deem a estrutura necessária para que eles estejam envolvidos nos seus processos formativos e permaneçam na educação superior conforme o Decreto nº 7.234/2010, o qual, apesar de não definir estágios, bolsas e programas de incentivo a pesquisa como assistência estudantil, trata de atividades

desenvolvidas durante o período formativo que contribuem para a permanência dos estudantes na universidade.

Atividades estas que, por vezes, as brinquedotecas conseguem oferecer a seus estudantes, como algumas professoras vão descrevendo. Por exemplo, Tizuko Morchida Kishimoto conta com estagiários e bolsistas na brinquedoteca do LABRIMP e, durante sua exposição, vai relatando sobre as atividades que foram realizadas por meio destes vínculos.

Uma dificuldade que a gente sempre tem é que é necessária uma equipe muito grande para uma demanda tão grande quanto a brinquedoteca da USP; quando ela começou a ficar bastante conhecida, nós tínhamos muitas visitas, muitas demandas. Quando tinha um congresso de brinquedoteca, tinha uma grande leva de gente do exterior pra ver a brinquedoteca, quando tinha a semana do folclore, a demanda era maior por parte da rede pública, tanto na brinquedoteca, como no museu para fazer pesquisa e isso tem que ser atendido. O pesquisador individual, como aquele que vem em grupo, grupo de crianças, para fazer o atendimento, mas, paralelamente ao atendimento externo, era preciso também formar a equipe interna (funcionários e todos os bolsistas). então antes dos bolsistas começarem o trabalho, demandava conhecer seus projetos e orientar. E, toda vez que um relatório era feito, analisá-lo e dar um feedback. Eu não conseguia fazer isso sozinha, então eu chamava a Ruth e às vezes outras pessoas para me ajudar. Com o tempo as pessoas vão ganhando experiência nesse sentido, para dar feedback, pois se você não dá, você não forma. É preciso garantir que seu estagiário, seu aluno de graduação, que está ali na brinquedoteca, saiba exatamente se aquilo que ele está fazendo é o mais adequado para o momento.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Mas gradativamente o LABRIMP ampliou os seus recursos, nós criamos o braile virtual, que era um equipamento online que ensinava professores que enxergam e queriam aprender braile, em 12 horas, como usar a linguagem do braile e disponibilizamos isso em 2005 através de um bolsista que era muito bom nessa área tecnológica e tivemos acesso do mundo todo querendo usar esse braile virtual. Japão, EUA, Inglaterra, gente de todas as partes perguntando se eles podiam copiar e usar o modelo. O processo é livre, estávamos disponibilizando para o mundo.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A professora Marilete Calegari Cardoso também relata sobre a possibilidade de se ter bolsistas na brinquedoteca e conta sobre a dificuldade que sente para que o projeto consiga ter esta estrutura de maneira contínua:

O único que eu senti foi quando eu falei como reitor, pois nesse período, uma brinquedoteca estava sendo construída em Itapetinga. A de Itapetinga até hoje está viva, então lá eles tiveram força porque os professores trabalharam juntos. Eu não tenho professores trabalhando junto comigo. Não sei se é uma característica minha, mas lá eles têm essa força que eu

não tenho. Então aqui encaminhamos via projeto de extensão, por muito tempo, o projeto de extensão consegue recursos para materiais e bolsistas, a pessoa para trabalhar seria a bolsista do projeto durante o ano. E como eu não estou cadastrando o projeto, eu não tenho mais. Portanto eu tenho meus bolsistas de IC, que hoje contribuem. Mas no ano que vem eu quero submeter novamente o projeto, para que eu tenha um bolsista exclusivo para ficar in loco. Outra questão, há uma burocracia enorme dentro da universidade, que dificulta. Por exemplo, havia um edital aberto para alimentar os laboratórios, e eu falei com o pró-reitor da nossa luta e ele nos orientou a preencher os documentos e encaminhar. É uma burocracia muito grande e somente eu para tal, então não irei preencher. Eu tenho 3 disciplinas, disciplina no mestrado, 8 orientados na graduação, 8 no mestrado, comitê de ética, quando vemos, ultrapassamos as 40 horas, então eu não irei fazer ainda mais. Então acabamos desistindo, infelizmente, pois não há apoio nesse processo, e se for levar até o fim o seu projeto, a sua pesquisa, é com as suas próprias mãos, se não, não consegue.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

A professora Débora contou um pouco sobre o envolvimento entre os estudantes e a brinquedoteca e explica que a presença desta equipe composta por funcionário, estagiários e bolsistas é o que permite o funcionamento contínuo da brinquedoteca:

Em relação à instituição, eu tenho a funcionária, um ou dois estagiários que vêm pelo setor de pessoal da instituição. Os demais que compõem a minha equipe são bolsistas de extensão, meus, da professora Leticia. Quando eu estou com bolsistas de IC desenvolvendo alguma pesquisa nessa linha, eles também atuam lá na Ludoteca. E estagiários, que são alunos que têm um termo e carga horária. Essa estrutura nos permite funcionar o ano todo em dois turnos.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

A professora Jociane Cajado da Silva conta da importância do trabalho realizado pelos monitores na brinquedoteca e do processo de sensibilizar os docentes para trazer a brinquedoteca para a sua prática, incentivando os estudantes a vivenciarem também o espaço.

A parte de monitoria que sempre foi muito grande, pois, como tem projetos específicos, também temos um volume de monitores enorme e isso vai agregando administrativamente o trabalho e que precisamos de pessoas para trabalhar nesse espaço. A questão dos professores poderem se engajar melhor; terem uma disponibilidade na sua carga horária para poder atuar; para a conscientização dos professores da universidade que esse espaço é nosso e que eles podem realizar atividades lá dentro. Esse processo de conscientização ainda é muito forte e que precisamos estar maturando, por isso, começamos a fazer um trabalho de divulgação de inscrição de atividades por semestre.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

E as professoras Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake contam como se organizam em relação ao atendimento com três bolsistas e expressam o quanto a atuação destes na equipe são essenciais para a existência da brinquedoteca, apesar da necessidade de um funcionário.

Ela funciona basicamente com os bolsistas. A Tânia sempre lutou para que ela abrisse os cinco dias da semana nos dois turnos. Atualmente a gente não está conseguindo fazer isso porque a gente tem outro movimento de bolsistas que nem sempre conseguem completar esse quadro de horários. A Tânia congregava muitos bolsistas voluntários, mas eu e Renata temos uma carga horária de disciplinas e docente diferente da Tânia, então optamos por não ter tantos voluntários quanto ela tinha. A gente tem mais os bolsistas mesmo. Mas no ano de 2019, em que veio a pandemia, a brinquedoteca realmente ficou totalmente fechada e ela foi reabrir no ano passado. Agora estamos conseguindo abrir quatro turnos ou três turnos sempre, também vendo que alguns turnos não tem tanto movimento e, se não tem bolsista, a gente realmente não abre. Mas a gente procura ter uma constância para que as pessoas saibam que a brinquedoteca está disponível para esse empréstimo, para sua retirada, para uma visita ou para sentar lá e jogar. Não temos funcionário ainda. Acreditamos que um dia teremos, o que vai ser bem importante, mas no momento, eu, Renata e uma outra professora que tem se aproximado agora, a professora Thaise, vamos fazendo a gestão junto com o apoio dos bolsistas, que são essenciais para o programa, da minha parte, ela não existiria se não fossem eles.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

O trabalho da equipe, compreendendo esta como coordenadores, idealizadores, técnicos administrativos, estagiários, bolsistas, estudantes e todas as outras pessoas parceiras são cruciais no trabalho desenvolvido nas brinquedotecas universitárias. Todas as discussões aqui levantadas devem ser consideradas para que a brinquedoteca universitária possa oportunizar momentos de brincadeira e ludicidade e para que o trabalho nestes espaços possa ser construído coletivamente. Para isso, condições de organização do espaço físico, apoio financeiro, atuantes preparados para o atendimento aos visitantes, funcionários, apoio para pesquisa, entre tantos outros detalhes, darão às brinquedotecas em universidades condições favoráveis para que novos estudos acadêmicos sejam realizados, o atendimento a comunidade seja mais abrangente e acolhedor e a formação docente proporcione momentos de reflexão teórico e prático da atuação no campo da educação.

Ainda que existam adversidades na garantia de todas as questões citadas acima, as pessoas atuantes em brinquedotecas ainda se empenham para que o espaço persista e ofereça a oportunidade de estar em contato com o brincar também na universidade. Apesar disso, não deixam de expressar um excesso de atividades no trabalho universitário, contando que

algumas atividades ultrapassam sua carga horária de trabalho ou fazendo atividades diferentes das de sua atribuição. Explicitam que a brinquedoteca tem a necessidade de um corpo formado na sua equipe de trabalho, mas que este ainda não existe na maioria delas. Existe uma alta rotatividade da equipe atuante, dentre estudantes estagiários e bolsistas, voluntários e mesmo funcionários técnicos administrativos. Uma questão que é trazida por algumas pessoas entrevistadas e que pode estar relacionada a uma diversidade de fatores no processo de formação para a docência ou a uma não compreensão mais aprofundada sobre o brincar, que o torna dispensável. Contudo, Tânia Ramos Fortuna (2011), ressalta a necessidade de se construir uma relação de proximidade com a brinquedoteca no reconhecimento do trabalho realizado pelos profissionais que lá atuam e na construção de um sentimento de pertencimento à história deste espaço, inspirando a continuidade e aspirando novas possibilidades.

É deste sentimento de pertencimento que pode emanar a condição de sujeito, da qual dependem visceralmente as atitudes de compromisso e responsabilidade em relação a proposta da brinquedoteca, e, por consequência, a sua própria sobrevivência. Propostas de trabalho que permitem que as pessoas se encontrem nelas, delas se apropriando, refletem mais do que uma alternativa gerencial. Expressam uma concepção política, qual seja a da democracia, em que a participação efetiva de todos é requerida, não no âmbito retórico do discurso, mas no âmbito prático da gestão partilhada do dia a dia. Gerir junto não é dividir trabalho, mas gerir esforços e somar sonhos. Por isso, a fórmula de cogestão dos espaços lúdicos tem se mostrado tão eficaz, a julgar pela trajetória de diferentes brinquedotecas que, mais do que apenas se manter funcionando, conseguem se renovar, incluindo novas propostas de trabalho enquanto superam formas anteriores de operar que se mostraram, durante o uso, impróprias. Feitas de gente, com gente e para gente, estas brinquedotecas mostram-se vivazes. Sua vitalidade advém das vidas que elas abarcam (FORTUNA, 2011, p. 171).

Fortuna (2011) ainda explica que para que este envolvimento aconteça, deve-se ter o entendimento de qual tipo de formação traz a reflexão da importância da brinquedoteca na atuação destes profissionais, destacando uma formação que deve ser crítica permitindo uma autorreflexão, tornando-se sujeitos refletidos da história.

Não esqueçamos, porém, que a manutenção do vínculo do educador com a brinquedoteca depende muito do quanto ele se sente efetivamente qualificado para o exercício de suas funções, o que incorre na necessidade de investimento na formação permanente e acompanhamento e orientação (FORTUNA, 2011, p. 171).

É preciso proporcionar um ambiente no qual os atuantes possam envolver-se com a brinquedoteca e, para que isso aconteça, o preparo destes é fundamental no acolhimento e

orientação dos que frequentam o espaço. Para isso, é necessário a existência de um corpo atuante preparado e envolvido com a brinquedoteca, bem como consciente da sua construção histórica e cultural, principalmente em relação ao brincar e da sua atuação enquanto um profissional brincante.

A universidade ressalta, ainda, a formação como componente da atividade da brinquedoteca, no atendimento, incentivo e orientação de estudantes, bolsistas, pesquisadores e demais acadêmicos frequentadores e parte da equipe por ela composta, devendo estar preparados para a especificidade do trabalho das brinquedotecas, contando com técnicos administrativos atuantes da área da educação e/ou com brinquedistas como parte da equipe, por exemplo. Além disso, compreender que fazem parte destes atuantes as crianças, visitantes, comunidade local e seus lugares de atuação dentro e fora da brinquedoteca. Toda a comunidade, compreendendo por comunidade todas as pessoas que abarcam as relações construídas neste espaço, são a brinquedoteca universitária. Por isso, a existência de um corpo formado que atua de maneira consistente e dedicada às funcionalidades específicas da brinquedoteca universitária pode ser o elo entre a permanência e resistência dos espaços de brincar e de uma formação brincante.

6.6. A brinquedoteca universitária em tempos de pandemia

Desde 2019, estamos lidando com a pandemia de Covid-19 e suas variantes. Ao trazer para esta pesquisa o desejo de conhecer algumas histórias de e sobre brinquedotecas em universidades brasileiras desde 1984 até 2022, não podemos deixar de considerar que a nossa atualidade é marcada por este período de distanciamento social devido ao rápido contágio da doença e altíssimo número de mortes em razão da negligência do poder público na tomada de medidas de segurança com a população brasileira, evidenciando uma série de fragilidades e de desigualdades sociais.

Por meio do acesso à vacinação e do trabalho realizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), podemos dizer que o número de mortes foi reduzido, mas ainda é uma condição de preocupação mundial, posto que, no Brasil, do início da pandemia até a escrita deste trabalho, há o total de 694 mil mortes por Covid-19. Além disso, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) indica que até junho de 2022, 5.376 óbitos de crianças menores de 5 anos no mundo foram decorrentes da Covid-19. Segundo pesquisa realizada pelos coordenadores do Observa Infância, Cristiano Boccolini e Patricia Boccolini, e divulgados pelo Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, 1.439 crianças de até 5 anos morreram de Covid-19

nos dois primeiros anos da pandemia no Brasil. O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde indica, ainda, que ocorrem, em média, duas mortes de crianças por dia relacionadas ao quadro pandêmico atual, média que não diminuiu em 2022²⁶.

Isso posto, é evidente que o contexto atual implica no trabalho realizado nas universidades e nas brinquedotecas. As fragilidades das políticas públicas para os mais vulneráveis foram explicitadas, conforme explica Boaventura de Sousa Santos (2020, [s.p.]):

Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos medias e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele.

A educação pública, em específico as universidades públicas, respeitando as medidas de contingenciamento e de segurança para a saúde pública orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS) nas resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, além do desmonte que tem vivenciado, acaba sendo afetada no oferecimento de seu trabalho. Todo contexto que temos vivenciado nos últimos anos interfere também nas universidades e foi relatado pelas professoras durante as entrevistas, quando elas relataram um pouco sobre como as brinquedotecas foram afetadas por este período e quais atitudes vêm sendo tomadas no momento atual, de modo que as atividades estão sendo retomadas presencialmente de maneira gradativa.

Marilete Calegari Cardoso conta que, durante o período pandêmico, foram realizadas atividades remotas com o propósito de manter a brinquedoteca ativa e presente, dentro do possível, mesmo com a distância para seus visitantes. Demonstra-se mais uma vez o poder das parcerias nos trabalhos realizados no espaço ao citar as professoras Socorro Cabral e Antonete Araújo Silva Xavier na produção de atividades virtuais sobre brincar.

Eu esqueci novamente de mencionar que nós temos uma força muito grande também na pandemia, como não tivemos oportunidade de ter o Baú, e eu sempre encontro parceiras no caminhar. A professora Socorro Cabral, da tecnologia, me ajudou a fazer uma formação on-line, e aí a

²⁶ Dado retirado de matéria publicada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) em 25 de julho de 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-mata-dois-menores-de-5-anos-por-dia-no-brasil>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Antonete, também da área de tecnologia, ela fez na tese dela o ciberateliê, ela trabalhou com a tecnologia na formação mais para o lado da cibercultura, vinculando o brincar. Então fizemos um projeto, em parceria com a Antonete, e com a doutoranda da Cristina que já se formou, a gente fez o curso de formação para as professoras sobre o lúdico, na pandemia. Fizemos 6 módulos, tudo on-line e aí fomos construindo com essa ideia. Então tivemos um curso on-line de formação lúdica. Então, temos parceiras, a própria Antonete, também a brinquedoteca de Itapetinga. Acho que um grande problema também é não termos tempo disponível para articular mais coisas. Pois temos muitas coisas paralelas, e acabamos desistindo pelo volume de coisas pra fazer. Mas temos parcerias e essa formação é fundamental para o espaço da universidade.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

A professora finaliza ressaltando que estas atividades de formação são fundamentais para a universidade e, apesar de não poderem articular mais atividades, as parcerias são importantes neste processo.

A professora Débora também contou sobre as atividades que desenvolveram durante o período pandêmico vinculados à universidade. Após um período de suspensão das atividades, a brinquedoteca começa a retomar seus atendimentos, tomando alguns cuidados para a segurança e saúde dos frequentadores do espaço. Os atuantes na brinquedoteca também buscaram os meios virtuais para manter o contato com seus visitantes. A entrevistada relata quais foram os desafios enfrentados nesse processo, destacando que foi um trabalho de resistência.

Houve um período da suspensão das atividades presenciais e tivemos que nos adequar. Temos um canal no YouTube, então tentamos alimentar de uma forma muito amadora, porque ninguém estava dominando essa expertise de produzir vídeos, até mesmo o espaço formativo com os bolsistas foi muito prejudicado, a instituição dificultou demais.

Um dos anos o nosso projeto foi negado a participação de bolsistas, porque eu descrevi que seriam produzidos vídeos e que esses vídeos seriam feitos no espaço da Ludoteca obedecendo todos os critérios, então só o pessoal da atividade e do audiovisual estariam presentes, mas tudo na instituição passa por pareceristas e ele entendeu que a presença de um técnico audiovisual não seria adequada. O técnico audiovisual traria uma qualidade melhor às produções, num espaço que já é lúdico, eu não poderia contar com o espaço da casa do meu aluno – e você sabe como isso foi revelador de fragilidades sociais, mas foi negado. Foi um momento muito difícil para nós, pois ou a Ludoteca saía de cena nesse período ou ela fazia o que fosse possível. E, a contragosto e sabendo das limitações, nos orgulhamos, pois foi um trabalho de resistência, mas não é revelador da qualidade do nosso trabalho aquele amadorismo que tivemos em produzir vídeos. No entanto, foram produzidas várias playlists, oficinas de confecção de brinquedos com sucata com crianças; na época eu estava com um bolsista que tinha uma formação musical muito legal, então ele

semanalmente fazia uma oficina de musicalidade; tivemos também uma série com contação de histórias. Então foi o que foi possível chegar e nesse período nós priorizamos as crianças.

Quando houve o retorno às atividades presenciais, a instituição adotou um protocolo de cuidados sanitários e tivemos cuidados muito grandes, pois estávamos lidando com crianças. Recentemente o governador decretou o uso obrigatório de máscaras novamente em instituições públicas, em outros espaços públicos também, então fizemos a adequação, inclusive na quantidade de pessoas dentro do espaço. A gente segue os protocolos e estamos aí na torcida para a situação não se agravar, pois foi um período difícil para nós.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Marília Forgearini Nunes e Renata Sperrhake contam que o período de distanciamento social foi algo que as deixou muito preocupadas em relação a comunicação com os frequentadores da brinquedoteca, mesmo com as atividades não presenciais, mas também com as ações de permanência, por exemplo, a garantia das bolsas para os estudantes. Portanto, foram realizadas diversas atividades online em parceria com os diversos atuantes da brinquedoteca da Faced.

Nós passamos a atuar numa questão que a Tânia não atuava muito, que são as redes sociais e o próprio canal do YouTube. As nossas redes sociais cresceram muito nesses dois anos. Nós fizemos reuniões semanais com nossa equipe online estudando o tema do brincar, porque para nós também era importante retomar a disciplina que a Renata tinha feito e eu não fiz, precisava me aproximar da temática e dos bolsistas. Aquilo foi importante para todos nós, para a gente manter o convívio, para a gente estudar e para a gente criar coisas, porque a gente tinha essa longa extensão acontecendo, então a gente tinha que fazer alguma coisa. A gente tinha o Conversa com quem gosta de brincar, que estava agendado e a gente foi dando um jeito de fazer online.

(ENTREVISTA 8: MARÍLIA FORGEARINI NUNES)

Ângela relatou sobre o uso do WhatsApp como uma ferramenta de comunicação e para a divulgação de atividades produzidas no período pandêmico, onde a parceria com a comunidade proporcionou diversos momentos de criação, mas também, manter o vínculo com os visitantes, aproveitando para contar sobre o envolvimento destes com o espaço da brinquedoteca.

Na pandemia, montamos um grupo de WhatsApp, e continuamos com rodas de conversa sobre o brincar, auxiliando em casa, possibilitando o espaço, rodas de conversa com as crianças, que é um material que vai sair. E, ainda no meio dessa pandemia, conseguimos apoiar os pais e produzimos essa coletânea do "brincar em casa", em que selecionamos várias coisas que as crianças podiam fazer em casa para o nosso público, com fotos e imagens enviadas também pelas famílias. Brincar com os

elementos que estão ao alcance. Então conseguimos apoiar na pandemia dessa forma e a brinquedoteca reabriu em agosto de 2021, para um grupo seletivo e, em 2022, abrimos totalmente.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Sim, os pais se envolvem, nós também temos pais artesãos que fazem alguns brinquedos, oficinas, mães de lavanderia, que pedem as roupas pra lavar e é uma lista, temos uma comunidade que trabalha junto. Os brinquedistas também são chamados para brincar em outros espaços.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Já a professora Sandra Regina Geiss Lorensini relatou quais desafios a brinquedoteca poderá enfrentar com a volta das atividades presencialmente, destacando o contingenciamento de recursos e as políticas públicas dos últimos anos como barreiras a serem enfrentadas. Entretanto, existe uma expectativa em relação ao futuro no reconhecimento do trabalho da brinquedoteca institucionalmente e para as políticas públicas.

No retorno da pandemia, as dificuldades nossas são muito grandes hoje, em função de ser uma universidade pública, o contingenciamento de recursos, políticas públicas que foram instituídas nesses últimos 4 anos; as coisas ficaram cada vez mais limitadas em termos de podermos ter acesso a algumas coisas que são necessárias para a organização de uma brinquedoteca, desde um simples armário, até um computador; pois é necessário catalogar tudo que ali se encontra. Enquanto isso, fomos buscar outras possibilidades e consegui o mínimo de estrutura para dar conta de começar a organizar.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Então, estamos nesse momento, mas a depender da nova políticas públicas, eu acredito que a administração superior possa sim, depois, contribuir com a aquisição de coisas que são importantes. Seja de material permanente ou de material de consumo, brinquedos mesmo, que são de consumo e materiais permanentes, como um retroprojeter – no momento de uma capacitação é necessário ter um para fazer discussões, juntada teoria e prática. Então essas coisas todas ainda dependerão do que vai vir no ano que vem, nos próximos meses.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Essas são narrativas que descrevem mais um dos movimentos de resistência na defesa da educação pública e do espaço das brinquedotecas nas universidades brasileiras. A preocupação de as pessoas atuantes nas brinquedotecas encontrarem meios de manter o contato e o vínculo com os visitantes, mesmo pelas atividades virtuais, demonstra que as brinquedotecas, além das atividades relacionadas à formação, têm uma função social de atendimento: diversas crianças frequentam o espaço no período oposto da escola; têm acesso a uma diversidade de brinquedos que não está disponibilizada no seu contexto social; as

brinquedoteca promovem a compreensão das brincadeira na sua complexidade; propiciam assistência aos familiares e responsáveis; e uma série de outras atividades de demandas que emergem das comunidades e são atendidas por estas brinquedotecas, assim como os diversos exemplos descritos pelas professoras entrevistadas.

O contexto pandêmico, assim como os bloqueios orçamentários que vêm ocorrendo em períodos convergentes da história vivida no país, marca os desafios vivenciados na defesa da educação pública, do ensino superior e na defesa do brincar como uma potência nas relações em sociedade. Também desconsidera que o olhar docente pode ser crítico e reflexivo em sua prática, bem como a sua formação e formação continuada. Explicita a resistência ao exigir dos poderes públicos o reconhecimento da diversidade cultural e histórica que compõe o país e o investimento em práticas que incentivem e compreendam as crianças como sujeitos histórico-culturais e de direitos, considerando o brincar como um destes direitos e como componente nas políticas públicas para a educação e potencializador nas suas diversas instâncias formativas.

O período pandêmico ressalta ainda a necessidade de um espaço físico para a brinquedoteca. Por mais que as equipes busquem uma variedade de linguagens que permitam a presença do brincar mesmo no período de distanciamento social, onde não houve atendimento presencial nas brinquedotecas, ter um lugar destinado a brinquedoteca é crucial para o cuidado e armazenamento do acervo, manuseio e empréstimo de brinquedos. Mas, além disso, a brinquedoteca é um espaço de encontros através do brincar, onde pode haver uma infinidade de interações da crianças com outras crianças, crianças com adultos e adultos com adultos, sempre através do brincar livre e despretensioso, que promove aos diferentes sujeitos o compartilhamento de saberes, culturas, aprendizados, experiências. Brincar pode acontecer numa multiplicidade de linguagens que podem estar presentes ainda com o distanciamento, no entanto, brincar precisa de um espaço para que ele aconteça puramente pelo ato de brincar.

Brincar é uma atividade que se aprende brincando e é permeado na relação entre os sujeitos (BROUGÈRE, 1997), ainda assim, ainda existe uma desvalorização do brincar e do lúdico, não favorecendo estes espaços em nossa sociedade. O que ressalta no papel da brinquedoteca universitária sua contribuição também nas diversas pautas e demandas sociais na defesa dos direitos das crianças, o direito à infância e os marcadores sociais da diferença. Portanto, o espaço físico da brinquedoteca universitária pode ser mais um potencializador

dessas pautas, onde “tais espaços seriam fundamentais para que elas aprendessem a conviver melhor, compartilhassem suas alegrias, tristezas, angústias e fantasmas e, também, criassem” (CARNEIRO, 2010, p. 29).

6.7. A formação de um professor brincante

Compreendendo a profissão docente como uma prática social, o que a brinquedoteca universitária pode trazer para esta prática por meio das brincadeiras e da ludicidade e na compreensão deste profissional como brincante? A brinquedoteca, enquanto espaço para a atividade da docência entre teoria e prática, é forte no reconhecimento das crianças como atuantes sociais, reconhecendo seus direitos e possibilidades de se expressar, criar, imaginar, opinar, gostar, desgostar, sentir, significar, brincar e produzir cultura de maneira lúdica ou não. Permite ao estudante em formação para a docência, através das experiências brincantes e do observar, refletir sobre seus processos históricos e culturais, questionar-se sobre os seus processos brincantes, pensar a sua prática de maneira não instrumentalizada e limitadora, mas para a atuação em prol de uma educação crítica e reflexiva.

A narrativa das professoras sobre a formação docente dentro das brinquedotecas na universidade traz reflexões a respeito da experiência dos estudantes nesses espaços. Ressaltam que o professor brincante deve compreender que a relação entre a teoria e a prática precisam estar associadas e que uma não se faz sem a outra. Dessa maneira, a brinquedoteca é um espaço onde é possível vivenciar momentos práticos que abarcam sua bagagem teórica em processo de construção. A compreensão destas duas dimensões da formação, teórica e prática, demanda um olhar observador. Assim, a brinquedoteca também pode ser o lugar onde o brincar pode ser observado e, por meio desta observação, podem-se relacionar as diferentes experiências, culturas, significados que podem ser expressos nas brincadeiras e brinquedos.

E já relacionando com a questão da brinquedoteca, o quanto a gente traz essa dimensão que, às vezes, é compreendida de uma maneira teórica, os estágios são muito importantes também para essa vivência do brincar, da observação, das relações do brincar entre as crianças até mesmo as experiências das estudantes de pedagogia no brincar com as crianças. Mas ela não necessariamente traz experiências, vivências dessas adultas estudantes cursando pedagogia com o brincar e aí que entra a brinquedoteca como um potencial muito grande para proporcionar isso na formação das educadoras, porque são pessoas que vem de formações muito diferentes, de experiências de vida, de relação com o brincar de maneiras muito diferenciadas. Então algumas – algumas várias, inclusive – que foram privadas desse brincar, do livre brincar, do brincar enquanto também construção, potencial para construção do conhecimento.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

O espaço do brincar é um espaço de possibilidades, ele é aprendido em cada contexto, cultura e processo. Possibilidades tanto para as crianças, de aprendizado, e para esse adulto que observa essa criança. O adulto aprende muito mais pelo brincar do que ensina, o brincar é o processo mediador mais interessante para ser observado e compartilhado. Aprendemos muito com as crianças, com as formas, o jeito que elas organizam tudo, sugestões. Temos uma área da saúde na brinquedoteca e veio uma criança e deu alta para todas as bonecas que estavam ali em coma, quis inclusive transformar o consultório médico em farmácia, que vendem coisas para as pessoas ficarem alegres e encerrou a covid. Então aprendemos com as crianças.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

Contudo, o observar sem a reflexão e a ação não leva a uma educação crítica (FREIRE, 1996), em que experimentar ou reencontrar o seu “eu” brincante, a relação deste docente com o que é brincante dentro de si ou com o que foi construído no seu íntimo sobre brincar, possibilitará fazer uma autorreflexão da dimensão da cultura lúdica como uma experiência que faz parte da sua história, da sua singularidade. Portanto, também fará parte da construção da cultura lúdica da criança, que vive esta relação intensamente e, como docente, estará preocupado em ser um facilitador de experiências brincantes que estimulem imaginar, criar, experimentar, atuar, explorar etc.

Os monitores dizem que é no dia a dia que essa formação acontece, não é em momentos específicos. Eu me preocupava muito quando eu entrei, não eram nos momentos de reuniões, que eram muito difíceis por conta da brinquedoteca ter que atingir os três turnos, manhã, tarde e noite e ainda aos sábados pela manhã. Então eu tinha que estar presente e administrar isso é bem complicado. Quando começamos a nos engajar com esses grupos de pesquisa, com as ligas acadêmicas, com esses tantos movimentos dentro da universidade, a gente consegue colocar a formação dentro desse bolo e eles acabam ajudando nesse processo de formação em relação à infância, a ludicidade, Educação Infantil, ao EJA... Porque a brinquedoteca não trabalha só com Educação Infantil, também com o Ensino Fundamental. A necessidade das crianças do ensino fundamental de brincar, porque não é só a Educação Infantil que tem essa necessidade, as crianças do fundamental também precisam brincar e essa ruptura de brincar da Educação Infantil para o fundamental é muito brusca e as crianças perdem esse momento tão importante.

(ENTREVISTA 6: JOCIANE CAJADO DA SILVA)

Eu penso que a brinquedoteca é fundamental na formação de professores, porque traz essa experiência para os estudantes de pedagogia, delas brincarem, delas também vivenciarem, não só observarem crianças que utilizam a brinquedoteca, mas brincarem juntos, brincarem entre elas. E do quanto isso é importante para a formação também, para quando elas assumirem e estiverem lá na sala com as crianças, elas conseguirem fazer algo diferente do que aquilo que elas vivenciaram, do que aquilo que elas viram que não foi tão bacana no estágio, mas terem também esse

compromisso com a questão do lúdico, do brincar e para a relação com as crianças sendo Educação Infantil ou sendo Ensino Fundamental. Acredito que a brinquedoteca tem esse potencial na formação das futuras professoras, futuros professores.

(ENTREVISTA 1: LUCIANE MUNIZ RIBEIRO BARBOSA)

E, com a brinquedoteca e o brincar, acho que isso que a Marília traz da importância do professor ser alguém que entende que o brincar não é perda de tempo, que o brincar e a brincadeira constituem a infância constitui a criança e pode e deve ser algo que está presente no cotidiano escolar, porque, afinal, a gente está falando ali dentro da Faculdade de Educação e no curso de Pedagogia, especialmente, da formação de professores que vão atuar na sua grande maioria em espaços escolares. Vão atuar em outros espaços que não são escolares, mas a grande maioria vai atuar em espaços escolares com crianças, jovens e adultos. E do quanto esses espaços, por mais que tenham um compromisso com uma questão de conhecimento acumulado da humanidade, não pode deixar de lado que o brincar, a brincadeira e uma característica lúdica precisam estar presentes, porque, afinal, a gente vai estar falando de criança e o adulto, o professor que vai estar com essas crianças, precisa tanto reconhecer isso como uma característica daquela faixa etária - e isso é mais fácil de ser reconhecido - mas também como a si mesmo como alguém que pode vivenciar e experienciar situações de brincadeira, de diversão, de jogo e que isso também constitui o sujeito de uma forma diferente, então eu também vou me tornar uma professora diferente na medida em que eu brinco, em que eu jogo, em que eu me coloco em situações em que a brincadeira e o lúdico estão presentes e quanto isso pode ter um impacto na minha própria prática docente com os estudantes que estiverem comigo, independente de quem sejam eles, crianças, jovens ou adultos.

(ENTREVISTA 8: RENATA SPERRHAKE)

Pode-se ter um entendimento sobre as definições relacionadas ao que é o jogo, ao que se configura como brincadeira ou a valores introjetados historicamente nos brinquedos. Pode-se perceber que a profundidade destes conceitos tão amplos compreende uma série de interpretações sobre a sociedade, assim como a compreensão de que as infâncias são múltiplas nas suas diversidades culturais. Porém, algo que a professora Tizuko Morchida Kishimoto ressalta e que relaciona toda a diversidade entre o brincar das crianças ou o sentido desta experiência na subjetividade dos sujeitos, é a de valorizar a ação das crianças. Para Carneiro (2007), brincar é o exercício de aprender a conhecer. Quando o observar acontece com o olhar para a criança como sujeito, a ação docente utiliza-se desses conceitos para que esta experimentação do mundo pela criança seja ainda mais livre e movida pela curiosidade.

Foi um espaço [brinquedoteca LABRIMP] que de certa forma teve visibilidade, pois a nossa percepção era de que era importante a participação de mais pessoas, para ver as crianças brincando e para

valorizar a ação das crianças. Então eu senti que havia uma valorização do espaço da brinquedoteca.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

Essa discussão do brincar, das brincadeiras, essa questão dessa necessidade da gente, eu partia sempre de rever o conceito de aluno, na verdade, eu insistia no conceito de criança, independente de estar na escola ou não, e quando você trabalha com a ideia de criança, infâncias, não há como não acessar brincadeiras.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Então quando eu faço essa discussão, não tem como falar de infância sem tentar entender o que são as diferentes infâncias e como elas se concretizam e aí entra o brincar também, seja o da criança indígena, seja negra, seja branca, de hoje, de ontem, antigamente, não tem como não acessar isso.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Se eu pudesse resumir para você o que é o brincar, diria que é um espaço, formas, maneiras, instrumentos de possibilidades para essa aprendizagem e esse espaço, por excelência, é de possibilidades pedagógicas, de pesquisa e de extensão, que se a universidade não transcendeu seus muros invisíveis, para chegar aonde de fato ela deve chegar para contribuir com a comunidade, com esse educador, com essa escola, ela não tem muita serventia. Ela existindo descrita em um livro é quase que a mesma coisa. Ela contribui quando, de fato, ela consegue fazer esse movimento de ensino, pesquisa e extensão, no sentido de que quem está mais próximo dessa rede possa ser multiplicador em outras redes.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

A universidade tem um papel fundamental nesse processo formativo do docente de pedagogia, proporcionando espaços diversificados que estimulem este olhar sobre as crianças, o brincar e as infâncias. É necessário viabilizar ao estudante o acesso a diferentes autores, produções acadêmicas diversas, documentos; produzir pesquisas, produzir materiais diversificados, manusear brinquedos e outros objetos educativos; ter acesso a laboratórios, realizar estágios, oficinas, participar de seminários. É necessário brincar. Brincar com os conceitos, brincar com a sua história, brincar com os objetos. É necessário proporcionar, ainda na formação docente, a oportunidade constante de ressignificar sua prática dentro e fora da universidade. É necessário praticar o exercício de aprender a conhecer (CARNEIRO, 2007).

Portanto, voltando à necessidade da universidade de ter um espaço, porque quando temos ali onde discutir, construir, produzir algum material lúdico, não necessariamente um brinquedo, estamos dando forças para os alunos levarem para os espaços escolares e esses espaços escolares vai retroalimentando essa necessidade do lúdico naquele lugar.

(ENTREVISTA 3: MARILETE CALEGARI CARDOSO)

Então, nós somos muito brincastes, até mesmo na pós-graduação, às vezes, na dureza de uma defesa, apesar da pós-graduação eu atuar em outra área, mas você se constitui um professor diferente. Nas aulas da graduação, sempre começamos com alguma atividade que quebra o gelo e traz a alegria, o prazer que as atividades lúdicas trazem e que deveriam permear muito mais a educação do que a gente vê.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

Do ponto de vista externo da faculdade, até na inauguração tivemos a cobertura da mídia jornalística de todos os espaços que faziam elogios à USP por ter criado um espaço tão importante para a criança. Alguns até diziam que eu havia criado um espaço para que se ensinasse brincando – as crianças aprendem brincando e eu mesma ensino brincando.

(ENTREVISTA 2: TIZUKO MORCHIDA KISHIMOTO)

A formação para a docência na educação básica deve possibilitar ao professor a compreensão da sua responsabilidade enquanto atuante ativo na sociedade, portanto, histórico e historicizado, desconsiderando o docente como mero transmissor de conhecimento. É preciso entender que sua prática pode trazer ações significativas que favoreçam múltiplas formas de expressar e experimentar o mundo (GOBBI; PINAZZA, 2015).

Dos estudantes, quem passa e entra, mesmo não estando pronta, há um encantamento, eu diria, fisicamente, você vê os olhos brilhado, o sorriso vindo, e há sempre o questionamento de quando poderão ocupar o espaço também. Então, da parte dos alunos, de uma forma geral, há uma expectativa de que se concretize esse espaço, que eles possam utilizar de uma forma ou de outra.

É bem interessante de ver. Ontem mesmo, eu tava fechando a sala e uma acadêmica, que já esteve comigo em outra disciplina, me indagou quando poderia conhecer a brinquedoteca e eu respondi que a todo momento que a luz estiver acesa significa que estou ali e ela poderia entrar. Então há muita expectativa de que eles possam estar naquele espaço e entendendo aquilo tudo que tá lá, então é isso que me parece, da parte deles.

(ENTREVISTA 4: SANDRA REGINA GEISS LORENSINI)

Os nossos alunos valorizam o brincar; as atividades lúdicas, os nossos alunos sabem muito bem a diferença do que é de fato uma atividade lúdica que te dá prazer; que você se realiza e da simples realização de uma brincadeira e isso eles levam pra própria prática deles. Da pedagogização do brincar na sala de aula, quer dizer a separação do que é brincar e do que é “coisa séria”, “Olha, nós vamos brincar agora, mas daqui a pouco vai ser coisa séria”, “Agora nós vamos estudar, chega de brincadeira!”, nós não vemos nossos alunos comentando esses equívocos, pois eles têm a compreensão do que de fato é uma atividade lúdica. Como isso pode ser incorporado, vivenciado na prática, sem necessariamente você estar com um jogo, sem estar dividindo seu tempo escolar entre o brincar e a “atividade séria”. Eu acho isso revolucionário na formação.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

No último concurso da prefeitura, dois anos atrás, nos informaram que praticamente 90% das nossas turmas de pedagogia se efetivaram, vemos relações diferenciadas, formas diferenciadas de coordenação pedagógica. Para quem está na coordenação pedagógica, quem está na sala de aula, como que constituíram, como que mudaram os espaços de atendimento dos processos de inclusão que eram muito secos e agora praticamente espaços de brincar muito interessantes. E isso advém desses alunos que passaram por essa brinquedoteca, que fizeram essa experiência.

(ENTREVISTA 7: ÂNGELA DO CÉU UBAIARA BRITO)

A brinquedoteca, não sozinha, mas em conjunto aos outros espaços formativos da universidade, traz para a docência a compreensão de que o fazer pedagógico implica a compreensão de si enquanto educador que traz consigo uma bagagem cultural e histórica. As narrativas sobre as brinquedotecas universitárias entrevistadas, assim como outras experiências com brinquedotecas universitárias que já foram citadas neste estudo, se apresenta como um espaço de possibilidades por meio do brincar e do lúdico. Demonstra que o processo de idealização, implementação ou de atividade nas brinquedotecas não apresentam um padrão específico nesta configuração, suas propostas e projetos brincantes podem tomar diversos formatos e estão em constante movimento. A brinquedoteca não é um espaço estático.

Para finalizar, no decorrer dos estudos realizados sobre as brinquedotecas, durante a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi finalizada em 2019, uma das atividades que realizamos foi a visita a algumas brinquedotecas de universidades públicas no estado de São Paulo. Estas visitas permitiram conhecer algumas pessoas atuantes nas brinquedotecas para a formação docente e seus relatos sobre o trabalho realizado e a história do espaço, dentre eles, a defesa das brinquedotecas para a formação docente e atendimento da comunidade e a luta para promover as condições necessárias para que as brinquedotecas existam.

Tratava-se desde questões burocráticas para a existência ou funcionamento pleno do espaço, na contratação de funcionários, estudantes bolsistas, infraestrutura, disponibilização de verba para compra de brinquedos, manutenção do acervo e mobiliário, formação adequada aos que receberão os visitantes e tantas outras questões; sempre há a resistência em priorizar o brincar ou o espaço das brinquedotecas para a formação docente mesmo quando este é tratado como menos relevante, assim como também foi ressaltado nas narrativas das

professoras. Por isso, encerramos com o relato da professora Débora sobre a brinquedoteca Tempo de Brincar da UESB:

Então acreditamos no papel formativo, na importância que é uma brinquedoteca dentro de uma instituição e do uso, da clareza que seus coordenadores têm que ter a respeito de qual papel da brinquedoteca tem dentro da instituição. Então eu fico muito feliz com o estranhamento das pessoas quando está tendo uma reunião na prefeitura dos campi e aí chega um palhacinho caindo, gente fazendo bolinhas de sabão pelo pátio, porque isso está passando essa mensagem que o brincar é fundamental, é essencial para criança, que ela está aprendendo. E é tão importante que, a despeito de causar todo o estranhamento, a universidade tem uma brinquedoteca.

(ENTREVISTA 5: DÉBORA)

SEÇÃO 7 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE BRINCAR NA UNIVERSIDADE

O estudo a respeito de brinquedotecas universitárias brasileiras discutiu sobre brincar como parte da cultura e as brinquedotecas universitárias como possibilidades de contato com a prática docente por meio das brincadeiras, compreendendo que o espaço das brinquedotecas nas instituições de formação (universidades) e os sentidos atribuídos ao brincar nesses lugares podem nos dar meios, caminhos possíveis, para uma formação docente que compreenda e valorize o brincar e o lúdico na sua prática educativa. No entanto, no processo de construção da pesquisa percebe-se que a brinquedoteca universitária tem uma complexidade no seu trabalho que a caracteriza como tal, na interface entre ensino, pesquisa e extensão, traz ainda nas suas atividades brincantes uma multirreferencialidade, como relatam as professoras Jociane Cajado da Silva e Marilete Calegari Cardoso. Um diálogo através da brinquedoteca e a formação docente nas questões que influenciam o reconhecimento do brincar na interface com a cultura que implicam nas políticas públicas para a educação, o brincar no fazer docente, na produção do conhecimento e no estreitamento das relações sociais por meio da ludicidade, do brincar e do brinquedo atrelados a um fator social.

A escrita inicial desta pesquisa trouxe a apresentação de quem escreve. O memorial autobiográfico me pareceu uma maneira gentil e acolhedora de apresentar minha trajetória e, ao mesmo tempo, um exercício de revisitar minhas vivências e memórias sobre o brincar relacionando a minha vida adulta e com a infância. Na busca de valorizar a compreensão dos sujeitos enquanto histórico-culturais, o memorial representou no meu íntimo a minha reafirmação enquanto brincante. Se a “experiência é o que me passa”, como afirma Larrosa (2002), esta escrita, numa análise mais particular sobre a minha trajetória, descreve o meu encontro com a educação e o encontro do brincar com a minha formação como educadora. Nunca deixei de ser brincante, mas esta relação tornou-se explícita nos encontros entre as *Memórias de brincar* e as *Memórias do processo*. E as brinquedotecas apresentaram-se como um espaço possível para que estas relações possam ser preservadas ou restabelecidas, aproximando a academia às relações humanas na sua subjetividade.

O estudo se dedicou ao embasamento teórico e de aprofundamento bibliográfico nas abordagens que foram trabalhadas, definindo alguns conceitos, como jogo, brincar e cultura lúdica, trazendo para o centro da discussão o brincar e a cultura. Discutimos sobre as representações culturais e as relações estabelecidas com o brincar na vida da criança e do adulto que reafirmam a sua historicidade e revelam a potencialidade do brincar e do lúdico

para as relações sociais e que justificam o movimento crescente dos espaços destinados ao brincar, ao lúdico e ao brinquedo desde a década de 1930 com as primeiras bibliotecas de brinquedos.

A pesquisa bibliográfica no estado do conhecimento sobre a contextualização histórica das brinquedotecas realçam a compreensão sobre a infância, a criança e o brincar no decorrer do tempo e no que estes espaços definem para as suas propostas, como a locação de brinquedos, o atendimento e tratamento de crianças com deficiência por meio do lúdico e do brinquedo, espaços para brincar, atendimento às famílias (TEIXEIRA, 2010; KISHIMOTO, 1996; 2011; CUNHA, 1996) e outros serviços que caracterizaram por um tempo, em sua maioria, uma abordagem assistencialista de atendimento que, a partir da década de 1970 e 1980, tem suas discussões mais aprofundadas no campo da educação, o qual vai se distanciando desta abordagem de atendimento e se instituindo em outros espaços como a universidade.

Ainda assim, nas discussões para as políticas públicas que sinalizam o direito das crianças ao lúdico e ao brincar, os sujeitos histórico-culturais, a criança como o centro do planejamento curricular (BRASIL, 2010; 2013) e a formação para a docência na educação básica as brincadeiras como eixo estruturantes (BRASIL, 2019), não existe nenhum documento regulamentar ou normativo relacionado as brinquedotecas, mesmo este espaço sendo um dos indicadores para os critérios de análise dos cursos de graduação em pedagogia, em 2010. Definições que refletem nas narrativas sobre as experiências com as brinquedotecas e relacionam as discussões sobre o brincar como momentos de disputas na universidade na desvalorização da infância em que brincar não é visto como uma prioridade.

Nas entrevistas realizadas, ressaltam que a relação com a educação não se limita apenas ao conhecimento teórico do mundo. Ao compreender as crianças como sujeitos históricos e culturais que, por meio das brincadeiras, se expressam, agem e interagem com o mundo e com elas mesmas, conhecer sobre o lúdico e o brincar torna-se necessário para a formação docente e para a atuação na educação básica reconhecendo-se como “[...] agente das decisões sobre a sua prática [...]”, como descreve Cunha (1998) ao citar D’Ávila. Essa relação favorece o contato entre as linguagens e as crianças e entre elas e os adultos, conforme explica Pinazza e Gobbi (2015). Este contato permite aos educadores e educadoras valorizar o brincar das crianças, a diversidade das infâncias e as relações que vão sendo construídas por meio do lúdico. Contudo, tratando-se de uma brinquedoteca universitária,

pudemos constatar que suas atribuições se diferem de outros espaços brincantes, pois está atrelado a ela um fator social que potencializa a tríade ensino, pesquisa e extensão da universidade. Trazendo as definições das professoras Jociane Cajado da Silva e Antonete Araújo Silva Xavier, a brinquedoteca universitária abrange uma multirreferencialidade no seu trabalho, que traz uma série de questões que são pertinentes no dia a dia que se faz na brinquedoteca desde sua criação até a realização dos atendimentos. É a luta pelo reconhecimento da infância através da formação docente, mas abrange para outros campos de trabalho que não somente a docência, mas brinquedistas, técnicos administrativos, estudantes, secretarias, coordenação, equipe de limpeza, bolsistas, estagiários, orientadores, estudantes, pesquisadores e mais uma infinidade de funções que, devido a abrangência das possibilidades a partir do brincar e do lúdico, pode compor a equipe formada desta brinquedoteca. Para Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de Andrade (1996, p. 97),

Esta relação criança-adulto pode ser uma das maiores riquezas da brinquedoteca se tivermos consciência de que, para que este trabalho flua desta maneira, é preciso tornar os profissionais suficientemente qualificados, profissionais que enxerguem a infância para além dos “tempos fagueiros que os anos não trazem mais”, que se relacionem com as crianças como gente miúda que elas são hoje, com todas as suas particularidades, e não como projetos de gente grande. Pois os animadores não são apenas “gente que se ocupa da criança na brinquedoteca”, são pessoas inteiras, tem história; são como as crianças, gente de “carne e osso”.

Onde esta equipe formada se compreende como a preparação, bem como o envolvimento, de profissionais críticos e reflexivos de sua prática enquanto atuante em prol do brincar e na especificidade do trabalho das brinquedotecas universitárias.

A brinquedoteca universitária se reconhece enquanto um espaço que age em comunidade sem ignorar sua diversidade e suas características históricas e culturais e que vão para dentro da brinquedoteca. Na brinquedoteca, a equipe é o acolhimento dessa diversidade, onde o eixo desta relação é a brincadeira. Nela são tratadas questões que fazem parte de um contexto histórico que interferem nas culturas que foram e são construídas e que podem agir para a permanência ou para a superação de pensamentos e costumes que já não queremos mais enquanto sociedade. Logo, o posicionamento político e brincante é parte embasadora do trabalho realizado nas brinquedotecas, considerando que questões étnico-raciais, gênero, preconceitos e outras questões pertinentes aos marcadores sociais da diferença devem e serão levantadas e o oferecimento do brincar na brinquedoteca deverá abarcar estas questões culturais e históricas com brinquedos antirracistas, que trabalhem questões de machismo e sexismo, que fortaleçam o reconhecimento da própria cultura local e história da criança, etc.

Uma posição sobre o atendimento na brinquedoteca que traz para dentro do espaço a criança enquanto sujeito, a comunidade, seus frequentadores. Maria Walburga dos Santo e Marcia Lúcia Anacleto de Souza (2022) escrevem sobre crianças quilombolas que brincam e aprendem sobre o sentido de pertencerem nos quilombos, contam sobre suas experiências brincantes e as culturas infantis na sua construção cultural e histórica. Descrevem, a partir da experiência com os quilombos, o brincar como experiência presente em diversos contextos e permeado por uma bagagem cultural e histórica que irá compor a vida das crianças.

Brincar habita e congrega vários territórios e experiências. As crianças brincando nos quilombos transitam em suas histórias de luta, conquistas, relações, ancestralidade, valores. Vivem no cotidiano suas matrizes. Trilham saberes, aprendem caminhos, realizam interfaces e - em vários casos - são testemunhas e partícipes de um encontro que favorece o diálogo geracional entre elas e as pessoas mais idosas, notadamente geração de pessoas avós, avôs, mesmo que não sejam com laços de consanguinidade. Esse encontro brinca com o tempo, aliás, com o atemporal, pois no presente memória e visita o passado, sem apressar o futuro, refletindo uma das muitas potencialidades do brincar, ou seja, estar envolvido no instante presente, no agora (SANTOS; SOUZA, pp. 241-242).

Experienciar sua cultura, sua história, sua ancestralidade traz um sentimento de pertencimento que, infelizmente, pode ter sido apagado historicamente, assim, brincar é uma ação potencializadora das suas interações culturais, nas possibilidades de descoberta, imaginativa, criativa e no reconhecimento de si mesmo no reconhecimento de sua historicidade.

Ainda que apresente uma série de desafios a serem enfrentados na idealização, implementação e atendimento das brinquedotecas universitárias, o que podemos apontar é que este espaço é bastante abrangente e atende demandas de outras áreas que não só a formação para o campo da educação, mas que traz como sua especificidade o brincar como eixo principal de seu trabalho. Ainda assim, as entrevistas com atuantes de brinquedotecas universitárias realçam, por outro lado, algumas barreiras no reconhecimento deste espaço, o que implica diretamente na valorização do brincar como uma atividade cultural. A partir dos relatos das professoras, puderam ser pontuadas algumas questões de ordem institucional, onde a institucionalização garante a estrutura necessária a brinquedoteca para que a interface com o ensino, pesquisa e extensão possam acontecer, entretanto, a universidade ainda é marcada por um lugar de disputas, em que o campo da educação vem sofrendo um desmonte constante e as infâncias, bem como as atividades brincantes não são consideradas relevantes.

Existe ainda algumas permanências em relação ao processo de idealização e implementação e que pode se estender ao atendimento nas brinquedotecas, em que desde de 1984, com a criação da primeira brinquedoteca universitária no Brasil, os projetos permanecem vinculados a uma única figura docente na luta e defesa pelo espaço, onde as equipes são rotativas e limitadas. Expressam a necessidade de maior incentivo tanto na formação quanto no reconhecimento de profissionais brincantes, o que implica numa equipe formada que, na maioria das vezes, ou não existe na brinquedoteca ou não permanece enquanto uma rede de apoio.

Assinalam também a necessidade do espaço físico especialmente destinado a brinquedoteca, uma estrutura pensada para a organização deste espaço especificamente. Teixeira (2010) explica que “o professor deve oferecer materiais, espaço e tempos adequados para que a brincadeira ocorra em sua essência”, e, aqui, trago a questão da organização do espaço, em que o espaço físico da brinquedoteca universitária, para favorecer o brincar (CUNHA, 1994; 1996), necessita de uma estrutura física, de brinquedos e materiais diversos que possibilitem atender as necessidades brincantes das crianças.

No período pandêmico, a relação com os espaços tomam novos formatos. Buscando não perder os vínculos com os frequentadores das brinquedotecas, diversos meios de comunicação síncrono e assíncrono foram utilizados, o que nos permite enfatizar que brincar pode se construir por múltiplas linguagens, mesmo a distância, porém, espaços físicos que estimulem o brincar é extremamente importante numa sociedade onde as experiências brincantes e lúdicas nem sempre são priorizadas. A brinquedoteca universitária é um dos espaços que podem promover encontros através do brincar numa infinidade de relações entre os sujeitos e suas histórias, ressaltando a diversidade que potencializa a atuação da brinquedoteca universitária nas pautas sociais e dos marcadores sociais da diferença que marcam o brincar também como político.

A construção da pesquisa desde a abordagem no sentido da experiência (BENJAMIN, 2009; LARROSA, 2002), para a contextualização teórica, o aprofundamento histórico e para as políticas públicas, culminou nas entrevistas como o registro das memórias e das experiências vivenciadas e tornando-se história. As entrevistas revelam uma amplitude de relações com a história das brinquedotecas e da diversidade do território brasileiro que expressam as fragilidades e potencialidades do poder público na valorização do brincar, das

crianças e das infâncias a partir das fragilidades e potencialidades da formação docente nas universidades e a brinquedoteca como um caminho possível, mas permeado de obstáculos.

A trajetória das brinquedotecas, desde o começo das *toy libraries* até as brinquedotecas universitárias, impulsionam as discussões sobre brincar e a produção de brinquedos direcionados a crianças. Trazem também em sua trajetória a construção de um pensamento onde a criança vai tomando maior protagonismo, em que a óptica sobre a infância vai tomando novas perspectivas e vai se deixando o caráter assistencialista. Estas mudanças impactam nas políticas públicas, na compreensão das crianças enquanto sujeitos e de seus direitos, impactando também no brincar e no lúdico a partir do momento que estes são compreendidos enquanto seus direitos na sua dimensão histórica e cultural, reconhecendo o valor de brincar e do lúdico na vida das crianças nas suas diferentes linguagens. Na formação para a docência esse reconhecimento também deve acontecer, onde as políticas públicas para a formação docente também vão trazer as brincadeiras e o lúdico como essenciais para os processos educativos na compreensão dos sujeitos históricos e culturais pautando-se no diálogo entre as políticas públicas para a educação básica e o direito das crianças como eixo principal do trabalho docente, portanto, não pode estar desvinculado do processo formativo de educação básica e demais licenciaturas.

As universidades devem promover oportunidades reflexivas mais amplas, nesse sentido, pautando-se nos aspectos principais que a compõem (ensino, pesquisa e extensão). O processo formativo não pode ser meramente instrutivo e tecnicista, instrumentalizando o trabalho docente, mas deve proporcionar oportunidades que dialoguem a docência ao seu reconhecimento enquanto atuante social, onde a teoria e prática caminham juntas e numa dinâmica constante de significar e ressignificar o educar.

A atividade docente é uma prática social complexa que combina conhecimentos, habilidades, atitudes, expectativas e visões de mundo condicionadas pelas diferentes histórias de vida dos professores. São, também, altamente influenciadas pela cultura das instituições onde se realizam. Como prática complexa abarca dilemas sobre os quais nos vemos incitados a lançar um olhar como pesquisadores (D'ÁVILA, 2008, p. 38).

O reconhecimento das políticas públicas por si só não garantem o acesso a estes direitos e a compreensão rasa do processo educativo distanciam o olhar para as crianças na compreensão destas enquanto sujeitos atuantes na sociedade. Em vista disso, a universidade tem o dever de oportunizar esta dimensão mais ampla numa formação crítica e reflexiva ao se

constituir como um espaço que promove não apenas a formação, mas o acesso e a produção de conhecimento no diálogo com a comunidade.

O que trazemos na discussão deste trabalho, a partir das entrevistas como uma ferramenta para oportunizar o diálogo e o registro, é fortalecer a atuação de docentes de pedagogia e outras licenciaturas oportunizando a interface entre a teoria e a prática na valorização do brincar como um processo educativo que contribui para a formação social dos sujeitos na construção de sua cultura lúdica e na valorização das culturas infantis. Para isso, é crucial recuperar o seu eu brincante, a dimensão brinçalhona, como propõe Prado e Anselmo (2020), no seu processo de construção histórica enquanto indivíduo.

Retomar a dimensão brinçalhona é se deixar abrir a essas rupturas e reações, reencontrar-se com a ludicidade e com experiências languageiras de infância, disponibilizando-nos corporalmente para sentir o que não se sabe previamente, provocações de nosso estado de presença e das crianças (MILLER, 2014). É importante ressaltar, todavia, que não se trata de uma dimensão brinçalhona única e universal, mas de dimensões brinçalhonas que podem ser diversas e que se inserem em um sistema cultural e social (PRADO; ANSELMO, 2020, p. 3).

Ao reconhecer o brincar ou o não brincar em si mesmo, acolher com empatia o brincar ou o não brincar do outro. Como pudemos observar através das narrativas compartilhadas pelas professoras e pautando-se nas referências que embasam este estudo, só se aprende brincar brincando, contudo, como pontuamos no decorrer desta escrita, ainda temos um caminho longo no reconhecimento efetivo do brincar e das infâncias no Brasil, ainda que tenhamos alcançado algumas conquistas, diversas barreiras persistem. Logo, as brinquedotecas universitárias são um dos caminhos possíveis na luta pela garantia e defesa desses direitos tendo como a base de seu trabalho o brincar e ludicidade. No encontro entre a formação docente que considere os fatores sociais como inerentes no seu fazer enquanto quem educa e a criança como parte atuante da sociedade, que criam, opinam, se expressam e que devem ter seus direitos garantidos nas suas mais variadas maneiras de ser e se expressar no mundo com a devida seriedade e relevância.

Por isso, insistimos em dizer que a brinquedoteca universitária é este lugar de possibilidades através do brincar e do lúdico, demonstrando nas entrevistas que a brinquedoteca pode se constituir de diversas maneiras porque trazem no seu processo de idealização, implementação e atendimento características próprias que as constituem como únicas. Um espaço em constante movimento que traz no dia a dia da universidade a cultura local, a interação entre estudantes, docentes e a comunidade, o contato com crianças e

infâncias, percepções sobre a educação escolar e não escolar, acesso e conscientização sobre brinquedos, abertura para o diálogo nas diversas pautas sociais e todas questões que foram pertinentes a este conjunto construindo, assim, uma identidade histórica do espaço de cada brinquedoteca universitária. Mas, para que tudo isso aconteça é necessário uma regulamentação que institucionalize a brinquedoteca na universidade na garantia da estrutura necessária para que as atividades desenvolvidas possam acontecer, estabelecendo de maneira consistente o lugar e a especificidade do trabalho realizado neste espaço quando relacionado ao campo da educação.

Para finalizar, podemos considerar que as discussões que foram trazidas implicam nas políticas públicas, mas em diálogo com as concepções construídas sobre as crianças, as infâncias e sobre brincar que temos hoje. A brinquedoteca pode ser um dos espaços mediadores dessas interações, também na dimensão teórico e prática relacionadas à educação. Ao se tratar da formação, é necessário construir-se enquanto docente considerando que esta implica numa compreensão de si enquanto sujeito atuante socialmente na sua dimensão histórico-cultural. Freire (1996), ainda ressalta que é necessário “assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”. Trazendo como um dos aspectos que compõem o reconhecimento de si como histórico social o sentir que significa a sua existência.

As professoras convidadas insistem numa atuação das brinquedotecas que, vinculadas às universidades, precisam ser pensadas como uma ponte entre o ensino, pesquisa e extensão e as questões que são expressas socialmente na sua multirreferencialidade. Questões estas que são constituídas e permanecem historicamente, mas que precisam ser discutidas, superadas ou resignificadas na luta pelo reconhecimento do brincar como uma atividade dotada de significação social, portanto, não pode estar dissociadas das pautas antirracistas, machistas, sexistas, xenofóbicas, que causem qualquer tipo de segregação ou se constituem como marcadores sociais da diferença. Enxergam no brincar uma possibilidade de construções outras que possam ser pensadas culturalmente e numa construção consciente de nossa história.

Existem diretrizes que vão trazendo esse movimento para uma concepção do fazer pedagógico, mas é necessário haver uma abertura para o diálogo para outras áreas, da comunidade, de outros cursos, para o campo da educação, mas também para outros campos de estudos, na escuta ativa das crianças, das suas experiências de mundo, suas necessidades,

numa lógica que quebra a verticalidade do adulto para a criança, uma hierarquia que pressupõe uma superioridade em relação à infância, mas compreendendo que ser criança, assim como as infâncias, fazem parte da sua construção enquanto quem vive e experiencia o mundo. A brinquedoteca pode estar em outros lugares, mas é na universidade que traz como parte de sua estrutura essencial a interface com o ensino, a pesquisa e a extensão, atrelando os fatores sociais e suas culturalidades.

As discussões ressaltam que há um caminho longo a ser percorrido e uma série de obstáculos que precisam ser superados na luta pelo conhecimento e defesa das infâncias e na valorização do brincar, assim como na luta pelo reconhecimento da profissão docente desde a sua formação. Mas é importante destacar que este reconhecimento no trabalho das brinquedotecas universitárias é realizado por muitas mãos, relacionando-se com todos os trabalhos e atividades que são realizadas neste espaço. Não se pode desconsiderar cada atuante neste posicionamento de luta, brinquedistas, secretaria, estudantes, bolsistas, pesquisadores, comunidade, visitantes e outros.

As entrevistadas destacam, ainda, que o aspecto cultural da brinquedoteca universitária traz consigo uma série de relações e referências que expressam a diversidade brasileira, mas que também ultrapassam fronteiras nas parcerias internacionais. A exemplo disso, temos o Baú Brincante, uma experiência brincante inspirada na *Boîte à jouer* idealizada por Brougère, na Universidade de Paris XIII, na França. Como apoio da orientadora das duas professoras entrevistadas, fizeram um trabalho em parceria e trouxeram esse projeto do Baú Brincante como uma extensão da brinquedoteca, levando-a às escolas públicas do Nordeste. Uma característica ressaltada pelas professoras na realização do projeto é a dedicação e cuidado em seguir as orientações de Brougère, mas trazendo os elementos das culturas locais para a experiência brincante. Um outro exemplo dessa internacionalização é a experiência da professora Tizuko Morchida Kishimoto, que traz na sua trajetória de estudos, a visita em diversas brinquedotecas e o estudo vasto sobre brincar no Brasil e no mundo. Uma experiência que contribuiu na decisão de se priorizar o espaço da brinquedoteca na universidade para a formação docente.

Trocas que nos trazem muitos ganhos quando bem contextualizadas, mas também explicita a vastidão cultural do território brasileiro. Tivemos exemplos que brinquedotecas universitárias que atendem comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, como aponta a professora Ângela Ubaiara ao disponibilizarem na brinquedoteca brinquedos que

caracterizem os costumes da comunidade ribeirinha, como casas com pátio, a disponibilização de brinquedos que simulem as feiras típicas, etc. Também, trabalhando questões de identidade, proporcionando um brincar antirracista, disponibilizando bonecas negras, amarelas, com cabelos diversos e demais características que possibilitam as crianças identificar-se enquanto sujeito valorizando as suas características que são únicas, portanto, diversas. A atenção numa abordagem não repressora, onde as crianças têm liberdade de brincar com o brinquedo que quiserem independentemente do gênero. Ou explorando as possibilidades imaginativas de brincar com brinquedos não estruturados, trazendo uma infinidade de olhares sobre o mundo expressos pela ótica das crianças.

Defendemos o brincar como presente na cultura, o que infere que o processo histórico da educação também está atrelado aos conceitos construídos sobre o lúdico e sobre brincar no decorrer do tempo, implicando nas concepções que foram sendo construídas sobre a profissão do docente de pedagogia, sobre as crianças e sobre as infâncias. Estes processos estão inteiramente relacionados a todas as características que compõem a sociedade, sejam culturais, socioeconômicos ou políticos, compreendendo que a relação entre as mudanças no meio social e como a humanidade se constrói e se relaciona com a educação e com os contextos educativos. Podemos considerar que brincar assume grande importância na formação docente e as brinquedotecas universitárias apresentam-se como um espaço onde é possível estar em contato para a observação, reflexão e ação a partir das relações construídas por meio do brincar desde demandas que emergem das comunidades e na convivência em grupo, considerando sua trajetória histórica no decorrer das modificações no seu espaço físico, propostas e concepções a respeito da sua atuação e funcionalidade.

Importante pontuar que a pesquisa trouxe como foco o campo da educação para a formação docente, em especial, a formação de pedagogia. Ainda assim, existe uma vastidão de brinquedotecas que trazem consigo suas características próprias na sua atuação em diversos campos, como as brinquedotecas de educação especial, brinquedotecas de psicologia, brinquedotecas hospitalares, brinquedotecas públicas, etc. E, apesar de não serem retratadas neste estudo, são perspectivas sobre as brinquedotecas que podem trazer contribuições para os espaços respeitando suas especificidades.

A brinquedoteca universitária ressalta nas suas atividades um conjunto de experiências que não se limitam às fronteiras regionais, mas que podem carregar consigo características de sua história. As entrevistas trouxeram aproximações e distanciamentos no

processo de idealização, implementação e atuação das brinquedotecas universitárias, destacando que a história de cada uma destas brinquedotecas também é construída na interface entre ela e a comunidade, onde a sua identidade é resultado do que esta comunidade pode trazer para esta brinquedoteca e o que esta brinquedoteca pode devolver a esta comunidade brincando. Ao mesmo tempo, esta também é a característica que une enquanto brinquedotecas universitárias, trazendo o ensino, pesquisa e extensão aos fatores sociais que as constituem e sua diversidade cultural.

EPÍLOGO – DIÁLOGOS SOBRE BRINCAR

A presente seção foi incluída na pesquisa com o propósito de exemplificar como se deram as conversas sobre brinquedotecas com as pessoas entrevistadas, disponibilizando a primeira entrevista realizada na íntegra. Trata-se da primeira entrevista, realizada com a professora Luciane Muniz Ribeiro Barbosa, dando embasamento e direcionamentos para as demais entrevistas. As discussões aqui levantadas orientaram as conversas que pude ter com cada pessoa atuante, idealizadora, coordenadora de brinquedoteca nas últimas páginas deste trabalho. As considerações aqui pontuadas dizem respeito às minhas vivências e experiências com as brinquedotecas e com cada pessoa que se fez presente no decorrer desta pesquisa, que se iniciou em 2018 como produção acadêmica, mas inicia em 2015 enquanto experiência de formação.

Escrevo, aqui, quase uma carta de agradecimento a cada participante desta pesquisa que se disponibilizou a estar presente e conversar sobre a sua história com brincar, a sua experiência com a brinquedoteca e a sua vontade de proporcionar uma formação para a docência significativa, porque brincar também trouxe significado para a sua existência. Cada um a seu modo, cada um carregando a sua bagagem de histórias, seja pelos desafios, barreiras, limitações ou pelos objetivos alcançados, projetos finalizados, parcerias bem sucedidas. Cada brinquedoteca conta uma história que ressalta o quanto brincar é único e produz significado.

Considero que cada um dos relatos proporcionará a nós, defensores do brincar e das infâncias, a possibilidade de refletir cada uma destas histórias na sua perspectiva. Talvez, buscar nas próprias vivências quais foram as suas relações com a infância e quais experiências brincantes você traz na sua história. Ou, talvez, pensar quais experiências brincantes você ainda gostaria de experimentar. Brincar é para todas as idades.

Considero, também, que estes relatos possibilitam trazer as crianças para o centro destas discussões, nas relações que bebês e crianças constroem com o mundo e como fazemos parte destas relações, muitas vezes, limitando-as. Porém, ao mesmo tempo, a possibilidade de compreendê-las é a possibilidade de potencializá-las, para o trabalho docente e para a vida. Assim, acrescento que todas as entrevistas realizadas são fonte de conhecimento para esta pesquisa e para pesquisas futuras que trazem brincar e a infância para o centro das discussões.

Agradeço a cada uma das entrevistadas nesta pesquisa pela disponibilidade em compartilhar.

Obrigada, Ângela do Céu Ubaiara Brito.

Obrigada, Antonete Araújo Silva Xavier.

Obrigada, Débora.

Obrigada, Jociane Cajado da Silva.

Obrigada, Luciane Muniz Ribeiro Barbosa.

Obrigada, Marilete Calegari Cardoso.

Obrigada, Marília Forgearini Nunes.

Obrigada, Renata Sperrhake.

Obrigada, Sandra Regina Geiss Lorensini.

Obrigada, Tizuko Morchida Kishimoto.

Vocês todas enriqueceram meu eu brincante.

Entrevista 1: Brinquedoteca do Departamento de Ciências e Educação (DCHE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) *campus* Sorocaba.

Entrevistador/a: Beatriz Fernanda Jorge

Pessoa entrevistada: Luciane Muniz Ribeiro Barbosa

Data da entrevista: 20/05/2022.

Lugar da entrevista: realizada virtualmente, via Google Meet.

Duração da entrevista: 1h14m59s

Transcrição

B – Eu vou começar, mais uma vez, agradecendo a sua presença, dizendo que é importante ter você aqui por conta dessa pesquisa que eu estou fazendo, acho que você é uma pessoa importante pra gente poder pensar as brinquedotecas e pensando na minha trajetória na educação, na minha formação.

Eu pensei em começar essa entrevista mais ou menos em três partes: contando um pouquinho da minha história – acho que é um jeito legal de você me conhecer – falando um pouquinho da história da pesquisa e falando um pouco do que eu quero com essa entrevista, porque acho que situa e que a gente consegue pensar em como encaminhar essa conversa.

Então, eu sou a Beatriz, eu sou formada em pedagogia pela UFSCar Sorocaba, mas antes de eu me formar em pedagogia na UFSCar, eu me formei no magistério, em Sumaré. Eu me formei em 2014 (magistério) e em 2015 eu fui para Sorocaba fazer pedagogia, fiquei cinco anos lá e me formei em 2019, depois, voltei para Sumaré.

Depois que eu me formei eu tive um ano de hiato, que eu fui fazendo outras coisas paralelas e, ao mesmo tempo, me inscrevi no mestrado. No ano passado comecei minha pesquisa no mestrado também na UFSCar Sorocaba no Programa de mestrado em educação de lá. Desenvolvo uma pesquisa sobre as brinquedotecas desde a graduação, então eu estudo sobre isso desde a Iniciação Científica, junto com a professora Walburga (e depois com a professora Lúcia na Iniciação Científica). A professora Walburga me orienta desde a Iniciação Científica e eu fui convidada por ela para poder trabalhar esse tema.

Conforme fui pesquisando, fui vendo o quanto a brinquedoteca estava ligada a minha formação, porque o espaço da brinquedoteca da UFSCar fica dentro do LAPED, que é aquele laboratório de pedagogia. Eu acho que aquele espaço é muito presente em quem é formado em pedagogia, quem se forma em pedagogia ali na UFSCar, porque a gente está lá tanto pra poder fazer as disciplinas quanto as atividades que fazem parte do currículo para a formação, mas o espaço estava sempre aberto, então a gente estava lá o tempo inteiro para estudar ou para descansar ou pra fazer alguma atividade extra do que está dentro do programado. Então, como eu ficava muito tempo no *campus* porque, além da Iniciação Científica, da metade da minha graduação para frente eu comecei a trabalhar lá no *campus* também, eu passava muito tempo no *campus* e passava muito tempo no LAPED e na brinquedoteca. É um espaço que marcou muito a minha formação, porque eu estava sempre ali vivenciando.

Quando eu comecei a estudar sobre as brinquedotecas, eu comecei a conhecer algumas brinquedotecas, então eu fui visitar o LABRIMP, eu fui visitar o LABEI em São Paulo na UNIFESP e fui vendo o quanto esses espaços, quando eles estão abertos de fato ao público – quando a gente consegue fazer trabalhos ali tendo esse diálogo mesmo entre quem está se formando, quem está visitando o espaço e quem está brincando – a gente vai tendo muitas possibilidades através da brincadeira e do lúdico, e eu ficava pensando o quanto seria rico que a gente pudesse ter isso também na UFSCar. E acho que isso foi enriquecendo o trabalho e trazendo mais questionamento durante todo esse tempo.

Eu finalizei a minha graduação com o TCC sobre as brinquedotecas do estado de São Paulo, em que eu fui conhecendo um pouco dessas brinquedotecas e trouxe um pouco disso para o meu trabalho, fazendo um aprofundamento sobre o histórico das brinquedotecas, conhecendo um pouco de como a brinquedoteca chegou no Brasil e como ela foi parar dentro das universidades, ainda mais aqui no Brasil que a gente tem tantas brinquedotecas em universidades. Já no mestrado, a ideia foi aumentar um pouco o campo de pesquisa, que foi pensar nesse espaço pensando no Brasil mesmo, e ver essa relação com o brincar, com a cultura, pensando nas brinquedotecas universitárias por região e pensando também nas brinquedotecas mais antigas, pensando, inclusive, no LABRIMP que foi a primeira brinquedoteca e como esse espaço foi se consolidando e incentivando outros lugares, outras universidades a terem as suas brinquedotecas.

O meu trabalho é focado na brinquedoteca para a formação docente, então eu trago muito a pedagogia no meu trabalho, mas eu defendo também que a brinquedoteca é um espaço que serve para todas as formações, eu acho que o brincar perpassa a nossa vida, então seria limitar o trabalho deixar a brinquedoteca limitada só aos pedagogos; acho que é rico ter essa discussão com outras áreas também. Então, por mais que eu foque na pedagogia com essa ideia de estudar o brincar na infância, com as crianças, bebês... a brinquedoteca traz também esse diálogo com outras áreas através do brincar do lúdico.

Bom, a história da pesquisa é essa, que a gente está se aprofundando desde 1984 que foi quando a inauguração do LABRIMP, aliás, o espaço físico do LABRIMP, e fazendo esse mapeamento das brinquedotecas mais antigas no Brasil para poder ir conhecendo esses lugares e conhecendo as pessoas que idealizaram essas brinquedotecas, conhecer qual é a história dessas pessoas, o histórico dessas brinquedotecas e como esse espaço foi se constituindo ao decorrer do tempo dentro da universidade. E a minha ideia de entrevistar você primeiro é porque, como eu tenho essa ligação com a UFSCar Sorocaba e com a brinquedoteca, e você foi uma das primeiras pessoas que estavam ali nessa idealização desse espaço. Para mim, é um começo muito rico, porque eu acho que me falta conhecer mais sobre a brinquedoteca UFSCar; foi um comecinho que eu não peguei, porque eu cheguei na UFSCar em 2015 quando a brinquedoteca enquanto espaço físico estava chegando, mas tinha um processo anterior a ele. Inclusive, eu acho que eu não cheguei nem a conhecer você também, acho que você estava saindo da UFSCar em 2015, então é legal porque você fez parte da história da minha formação, mas eu não cheguei a conhecer você pessoalmente e isso está acontecendo agora.

A ideia é um pouco essa, a gente começar com essa entrevista conhecendo um pouco da sua história, conhecendo um pouco da história da brinquedoteca da UFSCar. E, por fim, a ideia da entrevista episódica é reforçar as narrativas, acredito que a entrevista episódica, ela traz muito forte as narrativas, mas tendo esse intermédio por meio do diálogo, onde o entrevistador e o entrevistado possam ir construindo este diálogo em que o entrevistado esteja livre para trazer a sua experiência, essa é a minha ideia com esse entrevista. E, assim, eu gostaria que fosse muito de uma forma orgânica, que a gente pudesse ir construindo isso de uma forma bem livre mesmo e, como esta é uma entrevista piloto, eu acredito muito nessa conversa, eu acho que a gente pode construir muitas coisas através do diálogo e eu acho que a entrevista episódica pode permitir essa conversa e levar isso para a pesquisa.

Então, eu agradeço sua presença, queria dizer que eu acho que é muito legal ter você aqui, que possamos conversar sobre a tua experiência, sobre o que você foi construindo durante esse tempo com a sua experiência com a brinquedoteca e queria, se você se sentir à vontade para isso, se você quiser contar um pouco da sua história, falar um pouco sobre você, enfim, acho que é um bom começo para a gente ir se conhecendo. Fique à vontade para falar como você quiser.

L – Tá bom, Beatriz, bacana. Muito legal, muito interessante sua pesquisa e ver esse seu compromisso durante toda a graduação com a Iniciação e dando continuidade ao tema, muito interessante. E fico [corte na gravação] com a formação porque de fato eu participei de um período muito pontual da UFSCar Sorocaba, mas foi um período de muita construção porque era um *campi* novo e uma equipe se consolidando, então eu acho que foi um momento de muita construção ou algumas construções que depois eu nem tive acesso, não tive retorno, então, ouvir o seu relato me fez ficar bastante feliz, foi um bom presente para iniciar o dia de hoje.

Bom, eu sou a Luciane, eu sou pedagoga e eu me formei na FEUSP, na Faculdade de Educação na USP, então, o meu primeiro contato com brinquedoteca foi na FEUSP enquanto estudante. Da avaliação que faço hoje, a gente utilizou, na minha época, muito pouco o espaço da brinquedoteca enquanto um espaço de formação, inclusive no curso de pedagogia. Não sei se isso mudou, mas o fato é que a brinquedoteca era um local que obrigatoriamente nos fazia ver crianças ali dentro do *campus*, dentro de um prédio de uma faculdade que era majoritariamente para o atendimento de adultos. Então, como a brinquedoteca recebia visitas de crianças e também visitas de crianças que vinham também pelas escolas, era um momento que a gente via ali transitando pela faculdade as crianças que iam ter acesso lá ao LABRIMP. Essa foi a minha primeira experiência com a brinquedoteca. Apesar de ter feito magistério também, eu não tive experiência anterior. Fui conhecendo a brinquedoteca, enfim, estudar um pouco, mas pouquíssimo sobre a questão das brinquedotecas, algo que passou pelo curso só depois enquanto estudante de pedagogia.

Durante a minha trajetória acadêmica, eu fiz o mestrado e doutorado na área de política educacional, na discussão do direito à educação e não foquei especificamente as minhas pesquisas acadêmicas na área da Educação Infantil. Então eu acho importante te contar

isso porque, quando eu chego na UFSCar, eu chego na UFSCar por um concurso de Educação Infantil e eu era recém egressa do doutorado. Então eu finalizei o doutorado, prestei o concurso, passei, mas a minha trajetória de pesquisa não era uma trajetória que aprofundasse questões da Educação Infantil. Então, eu tinha a minha formação enquanto pedagoga e tinha minha experiência como professora da prefeitura de São Paulo: eu fui professora de creche de pré-escola na prefeitura de São Paulo, fui professora da rede, trabalhei em dois CEIs em São Paulo e depois acabei exonerando para ir trabalhar no Ensino Superior privado. Mas, quando eu chego na UFSCar, eu estava mais na experiência do Ensino Superior privado e a UFSCar Sorocaba foi a minha primeira experiência no Ensino Superior público, foi o primeiro concurso que eu prestei e passei. Foi então que passei a me aprofundar, mais em termos de pesquisa, nas discussões da Educação Infantil, que até então eu tinha só enquanto trajetória profissional, mas não em trajetória de pesquisa.

Essa foi um pouco a minha trajetória até chegar na UFSCar. Eu fiquei pouco tempo na UFSCar porque depois, em 2015 ou final de 2014, já não lembro mais, abriu concurso na Unicamp para políticas de Educação Infantil, que foi uma oportunidade que eu vi de voltar para as discussões da política e a ir agregando aquela trajetória que eu havia iniciado de um aprofundamento maior na Educação Infantil. Hoje, aqui na Unicamp, eu estou nas discussões de políticas de Educação Infantil, na política geral, mas responsável pelas disciplinas de políticas de Educação Infantil – na formação dos alunos aqui na Unicamp tem essas duas dimensões: das disciplina de políticas de Educação Infantil e outras de pedagogia da Educação Infantil, são dois semestres distintos, duas disciplinas distintas – então acabei focando mais me voltando para política que já era minha área de formação no mestrado e doutorado.

E aí, o que eu vou contar pra você talvez até te decepcione um pouco, espero que não, mas tem dois pontos que eu vou precisar te decepcionar: um é que, quando eu chego, não sou eu quem idealizo a brinquedoteca, então, tem uma figura, uma pessoa que seria bacana você conversar também porque ela é muito acessível e hoje também está aqui como professora na Unicamp, que é a professora Adriana Varani. Ela foi coordenadora do curso de pedagogia e é ela quem coloca no projeto pedagógico do curso de pedagogia a necessidade de criação de uma brinquedoteca. É ela, inclusive, que vai criar esse plano inicial de como é a brinquedoteca, o que deve ter, como deve ser. Quando eu chego, esse plano já é um plano criado pela professora Adriana Varani, é ela quem estava como

coordenadora, se não me engano, que assina alguns documentos. Eu não sei te dizer, Beatriz, se outras pessoas estavam envolvidas, mas é ela quem, vou dizer assim, assina esse documento, esse projeto da brinquedoteca. Então, não fui eu quem idealizou a proposta, apesar de ter trabalhado bastante para operacionalizar esse início. Essa é a primeira questão.

E a outra decepção, brinco, que eu vou te trazer, é que o meu período da UFSCar foi o período de um ano e alguns meses, se não me engano. Foi um período curto, mas foi um período que eu morava em São Paulo e que eu tinha duas crianças pequenas, um de três e um de cinco, eu fazia esse bate-volta (São Paulo-Sorocaba), vida de estrada, e muita coisa eu não consigo lembrar, ainda mais pós pandemia, que maternidade mais pandemia acaba com a memória de qualquer mulher nessas condições. Então tem muitas coisas que eu gostaria de lembrar para te contar, mas que eu não consigo lembrar. Então, o que eu fiz? Eu até abri aqui a minha pastinha que eu ainda tenho chamada “UFSCar”, falei “vou ver se eu encontro registros que resgatem aqui na memória”. Algumas coisas eu lembrei, falei “nossa, nem sabia que eu tinha feito isso” e aí, te conto. Outras, talvez podem ter acontecido, mas eu não consigo lembrar para te contar. Vou ser muito sincera com você em relação a isso e dizer que talvez seja uma narrativa com muitas falhas em relação ao processo porque não lembro de muita coisa. Ainda mais de 2014 para cá, parece que já passou uma vida inteira, então, não consigo lembrar muita coisa. E o que eu encontrei aqui eu posso depois te mandar esses arquivos, mas não sei se você acha interessante eu compartilhar com você a tela e mostrar um pouco, o que que você acha, não faz sentido?

B – Pode sim, perfeito. A gente vai olhando juntas, pode compartilhar.

L – Eu só quero te mostrar porque eu achei tão significativo e ouvindo a sua fala também. Quando eu abro a minha pastinha “UFSCar” eu “bati” o olho e falei “cadê a pasta da brinquedoteca?” e não encontrei. E, algo que eu acho que é muito interessante nas questões que você falou é que eu fui encontrar o registro da brinquedoteca na pasta da comissão de espaço físico. Quando eu chego na UFSCar já tem um projeto pedagógico do curso de pedagogia que prevê a brinquedoteca e é na discussão do espaço físico da universidade ou da falta de espaço físico e adequação para todas as propostas e grupos que

necessitavam de espaço físico, que a discussão da brinquedoteca entra. Eu passei a fazer parte dessa comissão de espaço físico e, nessa comissão, passei a defender a criação do espaço da brinquedoteca, passei a defender que um espaço da universidade fosse destinado a brinquedoteca como sendo previsto no projeto do curso de pedagogia.

Depois, com a professora Rosana Monteiro, que estava como coordenadora do curso de pedagogia naquele momento, escrevemos esse arquivo – eu não sei se você já teve acesso, mas posso te passar também – que é um arquivo fruto das reuniões sobre a discussão do espaço multiuso, que é justamente o espaço lá do LAPED. Dado que a gente não tem espaços na UFSCar para agregar todos os grupos de pesquisa, todos os laboratórios que os professores viam como necessidade, a gente faz uma proposta de readequação do espaço. Esse é um documento que conta um pouco sobre isso, o espaço da brinquedoteca não é um espaço ideal, a gente registra que não é o espaço como deveria ser para uma brinquedoteca, mas é o espaço possível. Então a gente fez uma proposta de que esse espaço se tornasse não só o LAPED, mas um espaço multiuso incluindo também a brinquedoteca. Encontrei esse documento aqui e eu posso depois passar isso para você, mas o próprio documento faz referência ao projeto pedagógico.

Aí eu falei “gente o que tem na minha memória que eu lembro são as muitas horas que eu gastei fazendo orçamento de brinquedo, onde está isso?”, e eu encontro todo esse registro numa outra comissão, que é uma comissão sobre o uso da verba REUNI. Esse é um outro aspecto que eu acho que é importante e que você também citou no início da sua fala que é a questão dos recursos. Então, o que a gente tinha? A gente tinha um momento de readequação do espaço físico da universidade, pensado que é um *campus* novo, se consolidando em Sorocaba, então, a readequação de espaço físico e, ao mesmo tempo, a necessidade – eu vou usar esse termo “necessidade” – porque a gente tinha um prazo para uso da verba REUNI que chegou para UFSCar. Sobre isso, tenho aqui as muitas planilhas dos brinquedos que a gente foi levantado, foi orçando – que esses materiais, se você quiser, se fizer sentido, eu posso passar para você depois. Achei bem elucidativo essa minha pasta, o quão a brinquedoteca se inseriu [corte na gravação] implementação da brinquedoteca, se inseriu na discussão do espaço físico e sobre o uso da verba REUNI. Uma outra coisa, um outro arquivo [corte na gravação].

[Caiu a conexão com Luciane]

L – Voltou, eu tinha caído, até ouvi o barulhinho aqui que eu voltei. Eu vou parar aqui a apresentação aí eu vou falando as datas, os documentos, qualquer coisa eu te mando depois. E se continuar ruim eu desligo a câmera um pouquinho porque dizem que melhora a conexão.

B – Tudo bem, sem problema.

L – Tá. Então, quando eu chego na UFSCar, a brinquedoteca não está no meu plano de trabalho e eu fiquei tentando lembrar como isso chega, como isso aparece como demanda para eu trabalhar? E eu encontro num registro de julho de 2014 sobre uma reunião ordinária que teve do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas que trouxe dois informes que foram passados para os professores no departamento sobre o espaço físico [corte na gravação] o *campus* havia definido como prioridade a implementação dos laboratórios previstos [corte na gravação] e tinha aqui o registro “faltam dois para geografia e a brinquedoteca para a pedagogia”. Tem também registros de que outros professores passam a fazer demandas “não, falta um também para a questão da acessibilidade, falta outro para tal...”, mas vem como um registro anterior de que, em termos de espaço físico, a prioridade era para os laboratórios para os espaços previstos no PPPs dos cursos e é lá que a brinquedoteca aparece.

Como o Projeto Político Pedagógico do curso que foi elaborado/assinado pela professora Adriana Varani, constava a brinquedoteca naquele documento. Eu não sei dizer se foi concomitante ou se a chegada da verba que suscitou a discussão do espaço físico, isso eu não consigo lembrar e não encontrei aqui no registro, mas temos essa discussão sobre a chegada da verba REUNI. Era preciso gastar esse dinheiro e prioritariamente está a brinquedoteca por ser um espaço previsto no projeto pedagógico do curso. E eu, Luciane, passo a olhar para o projeto pedagógico do curso procurando ali o que é que o projeto do curso dizia sobre brinquedoteca, fui estudar essa proposta que tinha lá.

Uma avaliação que eu fazia na época e reitero hoje é que a necessidade de uso desses recursos chega sem, necessariamente, um tempo de amadurecimento e discussão sobre que

brinquedoteca é essa que faz sentido aqui para a UFSCar, que faz sentido aqui no contexto da região de Sorocaba. Talvez, a professora Adriana Varani tenha feito com o grupo que estava lá anteriormente quando fez aquele projeto de brinquedoteca, mas ali, para a implementação, para organização do espaço, aquisição dos brinquedos, a gente não teve esse tempo de diálogo, de amadurecimento, diálogo com a comunidade... O que é que falta aqui? O que é que as escolas têm ou não tem? O que faz sentido ou não para o nosso curso de pedagogia? O que as estudantes têm para dizer? A gente não fez esse diálogo. E o que começou acontecer foi que a gente começou – “a gente”, muito eu, Luciane, porque estava responsável pela disciplina da Educação Infantil. Comecei a preencher planilhas de Excel fazendo uma busca de que brinquedos seriam importantes ter na brinquedoteca, porque a gente tinha aquela verba que tinha que gastar até tal data, tinha que empenhar, tinha que ter os três orçamentos.

Uma ação que a gente conseguiu fazer foi visitar o LABRIMP e ter uma conversa com a pessoa responsável que eu já esqueci o nome, minha juventude toda eu passei lá na USP e esqueci o nome, olha que coisa ruim. Mas que ele nos recebeu, então, o único registro, inclusive de fotos que eu tenho, é dessa visita. Fomos eu, a professora Rosana, a professora Lúcia Lombardi e a professora Suzana Marcolino, que tinha chegado como professora substituta na UFSCar. Nós fomos visitar e a pessoa que trabalha no LABRIMP nos recebeu, contou um pouco da história, mostrou todo o espaço e coisas muito importantes e significativas da construção da brinquedoteca, o quando o próprio envolvimento das crianças vai demandando essa aquisição e construção dos brinquedos pelas próprias crianças, isso foi algo que, enquanto eu estava, a gente não conseguiu fazer.

Algo que me angustiava muito é que, para mim, estava sendo uma relação quase comercial de compra de brinquedo, então isso me deixava profundamente incomodada, ao mesmo tempo que, se a gente não usasse o recurso, teríamos de devolver o dinheiro. Por outro lado, também, a gente tinha um recurso, isso era algo válido, mas não podia ser contemplado tudo aquilo que a gente imaginava que seria interessante para ter a brinquedoteca porque o espaço físico era limitado. Olhando aqui a primeira versão da planilha do Excel, a gente pediu tanque multiuso, a gente pediu coisas, umas mesas maiores para as crianças poderem construir coisas e foram coisas que foram sendo cortadas porque não caberiam no espaço, “então é interessante ter um pufe, mas pufe de que tamanho, se for muito grande não cabe”. Também, quanto à limitação do espaço físico, o espaço físico não é considerado o mais adequado para ter funcionamento da

brinquedoteca. E, por outro lado, a necessidade de uso dos recursos foi direcionando algumas ações que, talvez, ia até na contramão daquilo que a gente sabe que é importante para a criação de uma brinquedoteca.

Então, foram adultos, porque a gente fez também uma consulta aos colegas do departamento sobre quais as sugestões em relação a compra de brinquedos, livros, então os colegas fizeram também essas sugestões. Nós tínhamos sim algumas preocupações sobre a questão de garantir a diversidade, na compra dos brinquedos contemplar a questão racial, a questão das crianças com deficiência, então isso, de uma certa forma, na planilha inicial de solicitação de compras foi contemplado, tanto em termos de brinquedos como em termos também de livros, DVDs. A gente tinha essa preocupação, mas era muito mais ações de adultos para as crianças sem participação nenhuma das crianças nesse processo, então essa já é uma crítica que eu já fazia e que eu conto que foi assim. Infelizmente o histórico da compra inicial dos brinquedos ou de organização desse espaço foram decisões tomadas por adultos pensando o que seria melhor para essa brinquedoteca possível. O que tinha no projeto pedagógico, o projeto de brinquedoteca contemplava, o projeto pedagógico do curso de pedagogia contemplava uma brinquedoteca organizada por cantos: o canto da fantasia, o canto da construção, enfim. Então a compra do mobiliário e a compra dos brinquedos foi um pouco pensando na alimentação desses cantos, o que seria possível e interessante ter nesses cantos da brinquedoteca como estava previsto lá no projeto com essa limitação.

O outro aspecto que foi bastante discutido, também na questão do espaço físico, era o fato da brinquedoteca ficar no espaço do LAPED que era no segundo andar, então o quanto essa questão de subir a escada não só trazia a questão da acessibilidade ou da falta de acessibilidade, mas o quanto isso poderia se tornar, inclusive, perigoso no fato de receber crianças e crianças muito pequenas. Essa foi uma grande discussão, mas que foi vencida, porque a gente acabou ficando onde era possível e aproveitando o uso de um espaço para não ficarmos sem a brinquedoteca.

Em linhas gerais, de uma forma bem resumida, foi um pouco esse o movimento. E aí é claro que teve, fazendo a planilha, cantos dos brinquedos, manda para o setor responsável, aí volta dizendo que não basta informar quais brinquedos, precisa de três orçamentos, então a Luciane ficou pedindo orçamento para várias lojas e colocando na planilha, algo que eu fui olhar aqui hoje e falei “gente, mas isso nem está na minha atribuição como

docente!”, quando eu fui contratada e está lá tudo o que eu devo fazer, isso não consta, mas fui eu que fiz os levantamentos, os orçamentos, tem tudo aqui registrado e depois encaminhei isso para o setor de compras. Eu saio da UFSCar e peço exoneração no início de maio de 2015, então eu não consigo receber esses materiais, eu não consigo ver essa brinquedoteca se formando, se consolidando, então, a minha participação – por isso que eu te falei “vou te decepcionar um pouco” – foi muito pontual e aí, vou explicitar para você: no sentido da disputa do espaço físico, de fato foi uma disputa, havia uma pressão muito grande de professores da área de psicologia que gostariam de utilizar aquele espaço apenas para o grupo de pesquisa. Era um grupo maior os professores da área da psicologia que tinham interesses – sem julgamento de valor aqui – mas interesses outros para aquele espaço de consolidação de outra área da psicologia, de outro tipo de grupo de atendimento, enfim. Então, foram reuniões muito difíceis, muito duras para fazer essa defesa da brinquedoteca, porque, apesar de ter sido apontada como uma área prioritária na reunião do Conselho de Ciências Humanas, quando isso chega para o departamento, há um grupo de professores que não necessariamente priorizava a brinquedoteca. Então, acho que a minha participação foi uma participação, talvez, importante nessa disputa, de marcar território e dizer “não, a brinquedoteca é fundamental para o curso de pedagogia, para formação e a gente vai fazer acontecer, ainda que o espaço não seja ideal, ainda que esse movimento de implementação não seja o ideal – por ser só feito por adultos, essa coisa da compra dos materiais e tal – mas a gente vai fazer acontecer vai começar criar aqui um espaço para que isso depois seja aperfeiçoado”. Então, foi um pouco essa minha participação nesse um ano que eu fiquei na UFSCar. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa que eu posso falar, se você tiver também alguma pergunta, de repente me ajuda a lembrar.

B – Ouvindo a sua fala, você foi trazendo vários pontos sobre esse processo da brinquedoteca e uma coisa que fica muito forte, que eu acho que é algo que eu trouxe recentemente para pesquisa, é o quanto as políticas públicas dificultam o caminho desse espaço existir dentro da universidade. E que isso que você trouxe exemplifica muito isso, porque é bem isso que você falou sobre essa disputa de espaço e, quando se tem a verba e tem a possibilidade de realizar, você tem que correr, então, às vezes, a gente não consegue fazer da forma que a gente idealizou de fato e isso é uma coisa que eu acho que não acontece só na UFSCar. Eu vejo em outras brinquedotecas que visitei que normalmente

estão em espaços que são improvisados, eu já visitei brinquedoteca que o único espaço que ela pode existir, se consolidar ali enquanto espaço físico, foi o espaço do antigo RU (restaurante universitário), então, dificilmente a gente encontra um lugar em que a brinquedoteca tenha tido um espaço especial para ela e aí a gente vê qual que é a importância desse lugar pensando institucionalmente, como a instituição vê esse espaço.

Eu achei interessante essa pontuação sua que aparece bastante, primeiro, de correr contra o tempo, de defender esse espaço e, apesar da brinquedoteca fazer parte do projeto do curso, ainda ter que lutar por ele, mesmo ele estando ali. É interessante porque quando a gente vai olhar os documentos da brinquedoteca para ela existir na instituição, ela faz parte dos documentos de avaliação do curso de pedagogia especificamente e, ainda assim, a gente não vê a instituição priorizando esse espaço. Inclusive, como você trouxe agora, os próprios professores que estão lá, o corpo docente priorizando outras ações que não o brincar, que é tão importante para gente poder pensar a educação de crianças. E o que eu ia te perguntar, na verdade, é como que você vê as políticas públicas mesmo para a formação de professores, formação docente e para o espaço físico das universidade que oferecem os cursos de formação docente pensando o espaço para brincar, a brinquedoteca, a ludoteca – tem essa discussão quanto ao nome, cada lugar a gente vai ter uma denominação diferente – até por ter políticas que são recentes e que, apesar de trazer como critério de avaliação, não é um critério que seja obrigatório. Como você enxerga isso? Porque nesse resgate que eu fui fazendo das normas, leis, enfim, sobre o espaço, a gente vê que dentro das políticas públicas é muito vivo esse olhar para a criança ou mesmo para o sujeito como seres culturais e históricos e o direito da criança ao brincar ao lúdico e tudo mais e a gente vê que isso implica na formação desses docentes, são esses docentes que vão lidar com essas crianças dentro das instituição ou em outros espaços educativos também e quando a gente pensa na brinquedoteca para formação docente a gente não tem tanto aprofundamento em políticas públicas para esse espaço em específico ou pensando de fato o brincar na formação docente. Uma questão que eu sempre penso, por exemplo, até na pós-graduação, são poucas que a gente tem, disciplinas que são voltadas especificamente ou para a Educação Infantil ou de fato para o brincar, brinquedo ou questões relacionadas a essa temática, então se você puder falar um pouquinho sobre isso, sobre como você enxerga, acho que até a tua trajetória, acho que traz um pouco disso, você esteve muito em contato com isso durante esse processo da brinquedoteca.

L – Sim, Beatriz, acho que tem uma questão aí fundamental que permeia a sua fala, esse resgate que você traz, que é a própria questão da desvalorização da área da Educação Infantil, de uma maneira geral. Então, quando a gente entra no – e aí lembrando dos momentos de disputas, mesmo de embates com os colegas no departamento lá na UFSCar em prol da brinquedoteca – o quanto a área a área da Educação Infantil é desvalorizada e nesse sentido o brincar, o lúdico visto como algo não prioritário, não fundamental, a impressão que eu tenho é que entende que é fundamental – na sua fala você está trazendo isso várias vezes, assim, o quanto brincar é importante, o quanto brincar é fundamental – quem é da área, quem é professor da Educação Infantil, quem é pesquisador na área da infância, da Educação Infantil, mas os outros colegas não necessariamente conseguem compreender essa importância, então é o contrário, acaba, para esses outros colegas, se tornando algo secundário. Então, “como a gente tem uma brinquedoteca antes de ter um espaço para acessibilidade, um laboratório para psicologia?”, como se a brinquedoteca fosse secundário, o brincar é secundário, a questão da infância é secundária e isso, de uma certa forma, está presente também aí nas políticas públicas. Quando chega verba, algum recurso na universidade, aparece uma ordem de prioridade e não necessariamente esse espaço para o brincar, esse espaço para o lúdico, ele está presente quer seja para as crianças, quer seja para a formação dos educadores.

A gente tem nos últimos anos também uma investida muito forte, sobretudo, do setor empresarial no que se refere ao enxugamento – estou chamando de “enxugamento”, acho que essa não é a melhor palavra – mas da reformulação dos cursos de pedagogia ou de formação de professores de forma que eles fiquem cursos muito técnicos, então a gente vê isso agora até com a última resolução, a gente percebe isso de forma muito direta quando olha a composição do Conselho Nacional de Educação tomada, sobretudo, por esses donos das grandes redes empresariais educacionais, donos de grandes colégios ou universidades privadas. Então, a ideia de que o professor precisa ter metodologia do ensino de história, metodologia do ensino de matemática e ponto. Trazer essa discussão da importância da dimensão do brincar, do lúdico para a formação do professor é algo quase que impensável para esse grupo que está coordenando, inclusive, tem trazido várias reformas para o curso de formação de professores. Nesse sentido, penso que as universidades públicas têm um papel muito importante de resgatar, talvez, não de resgatar, mas de valorizar e fazer essa defesa e aí, são defesas que se relacionam com a discussão da infância de um modo geral, a própria manutenção das creches dentro das universidades. A USP e o movimento em

prol da defesa da creche da USP têm lutado e têm perdido muito. O fechamento da creche na USP... Então, o fato da gente aqui na Unicamp conseguir manter a creche, conseguir manter a creche como espaço também de campo de estágio para os nossos estudantes, a formação dos educadores ali no contexto da creche universitária, tudo isso também é um movimento constante de luta em prol da Educação Infantil, da defesa da infância. Por isso que eu vejo, talvez, um não espaço para o lúdico, para o brincar, muito como consequência dessa não valorização dessa dimensão na formação humana de maneira geral e na formação dos futuros professores.

Aqui na Unicamp a gente não tem uma brinquedoteca, a Faculdade de Educação fica relativamente próxima a DEDIC, que é a Divisão de Educação Infantil e Complementar onde estão as creches e pré-escola, e lá na DEDIC tem um espaço que é chamado de espaço de brinquedoteca. Então, as nossas estudantes da pedagogia, elas acabam visitando a brinquedoteca de alguma maneira, tendo isso presente na formação por conta dessa proximidade física e da relação com o estágio na DEDIC, mas eu penso que é insuficiente, porque nem todas as estudantes fazem estágio aqui na DEDIC, elas podem escolher fazer estágios em outros contextos, em outras escolas e aí podem ter, por exemplo, passado por toda a formação de pedagogia sem nunca ter entrado numa brinquedoteca por não ter esse espaço aqui na Faculdade de Educação, é algo que eu sinto que faz falta também. Mas não sei se eu respondi a sua pergunta, fui para outro lado também.

B – Respondeu sim, eu achei legal que você trouxe, a DEDIC ela é o que exatamente? Eu não conheço.

L – DEDIC é o nome da Divisão de Educação Infantil e Complementar, que tem duas unidades. Elas abrangem as creches, as salas de pré-escola. Então temos a creche, pré-escola e tem também um atendimento no contraturno do que a gente chama da educação não formal, atendendo crianças do fundamental no contraturno de uma escola estadual que tem aqui dentro do campus, dentro da Unicamp, então essas crianças que vão para o Ensino Fundamental para a Escola Sérgio Porto, no contraturno eles são atendidos no contexto da DEDIC que lá tem uma sala onde eles fazem atividades no contraturno. A DEDIC é mais a diretoria que cuida da Educação Infantil e complementar que a gente

chama por conta da educação não formal. E aí temos as creches, um histórico muito semelhante as creches que foram fundadas para atender os trabalhadores na área da saúde aqui na Unicamp, em que as creches que foram coordenadas pelo pessoal da saúde e, muito tempo depois, da educação passando para diretores da área da educação. Este é um pouco desse histórico também comum da Educação Infantil e que as creches passam aqui também. Mas eu só contei da DEDIC para dizer que tem esse espaço da brinquedoteca que é utilizado pelas crianças e que algumas das nossas estudantes passam por lá, mas como a gente não tem uma brinquedoteca aqui na Faculdade de Educação, aqui na Unicamp, então não necessariamente as estudantes vivenciam esse processo importante também da relação com a brinquedoteca.

B – Entendi. É que eu achei legal que você trouxe, porque é uma questão que eu queria te perguntar, porque dentre todo esse processo de construção da brinquedoteca tem as pessoas que estão circulando ali e eu lembro que, quando eu comecei o curso de pedagogia, tinha muito esse movimento de acolher o que estava chegando ali na brinquedoteca que foi, infelizmente, essa parte que você não pegou, e a Lúcia estava muito envolvida nisso, eu lembro que ela conversava com os estudantes de ter pessoas que ajudassem tanto na organização do LAPED, porque o LAPED tem mobiliários gigantescos, então, limpeza da sala, reorganizar os móveis. E aí me lembro que teve esse dia em que teve tanto os professores que estavam envolvido ali, mas também alguns estudantes, tanto na limpeza e para receber os brinquedos para isso dentro da sala. Então, eu ia perguntar como foi durante o período em que você esteve ali, essa relação com as pessoas que estavam circulando o espaço, seja com os estudantes, já que a brinquedoteca em si a gente não tem tanta essa interface mesmo com a comunidade. Também pelo espaço físico que é uma outra questão que eu queria colocar também que essa coisa que você traz da brinquedoteca da UFSCar não estar em um espaço que seja seguro mesmo para receber as crianças, receber as pessoas, ela segue dessa forma e é uma crítica que ela vem desde o início e segue até hoje, é algo que a gente sempre comenta que não é um espaço que a gente consegue receber pessoas e principalmente crianças pequenas com tanta segurança, com tranquilidade.

Se você puder falar um pouquinho sobre essa relação com os estudantes e também sobre o espaço físico, mas do espaço físico eu falo no sentido de que, quando a gente

constrói a brinquedoteca, a gente tem que passar por várias etapas, da impressão que é assim: cada etapa que você passa, você venceu uma barreira, porque quando você consegue a verba física de ter o dinheiro para poder construir, você já conseguiu alguma coisa, que é construir algo que estava ali no planejamento e que você não estava conseguindo antes; e depois vem a luta de priorizar a brinquedoteca, vencemos mais uma barreira; aí trazer os brinquedos, vencemos outra barreira; usar a verba e não perder a data, mais uma, sabe? Dentre outras que a gente ainda está tentando alcançar, que seja, por exemplo, um espaço físico que seja receptivo às pessoas, um funcionário que esteja ali para poder receber e cuidar do espaço, às vezes nem o LAPED consegue ter por conta dos cortes que tem tido recentemente, então diversas barreiras que a gente vai tentando alcançar com o tempo e quando a gente tem a oportunidade é exatamente o que você falou: a gente faz, mesmo que não consiga contemplar dentro do que é o ideal fazemos dentro do que é o possível.

L – Olha, da relação que eu lembro com estudante, professores, aqui, resgatando na memória, em que a professora Rosana, que estava no curso de pedagogia, era uma apoiadora da questão da brinquedoteca. E a professora Lúcia, que foi sempre uma grande parceira, ela era uma pessoa que já vinha com essa experiência, talvez, maior de discussão e de atuação profissional mesmo na área da infância. Não lembro se ela quem sugeriu ou se articulou, mas ela teve um protagonismo nessa visita que a gente fez ao LABRIMP, as discussões lá, relembrar e conversar as discussões da professora Tizuko Kishimoto na USP... A Lúcia foi uma grande parceira nessa construção da brinquedoteca.

E aí, os alunos que a gente tinha envolvido nisso e que, quando eu saí, que permaneceram aí com a Lúcia, como você mesma relatou, foram alunos que, de uma certa forma, se envolviam com a temática da educação infantil da infância ou alunos que faziam TCC com a Lúcia ou que estavam fazendo TCC comigo, que faziam pesquisa na área da Educação Infantil e que, de uma certa maneira, também se envolveram nessa luta, de uma militância em prol da criação da brinquedoteca e valorizando isso como algo importante para a formação de professores.

Agora a brinquedoteca – e aí você já ressaltou, destacou esse ponto também – é claro que quando a gente fez a previsão ali dos brinquedos, dos materiais, do mobiliário, sempre estava na discussão a necessidade de um profissional, de um servidor público para ficar lá

também. A gente fazia muita discussão sobre a semelhança do que tinha acontecido na USP, sobre quem é aquele profissional que fica ali no LABRIMP, tinha tido um concurso não fazia muito tempo para uma pessoa que ocupou o Museu do Brinquedo, que é no mesmo corredor do LABRIMP, e a gente sonhava também em um futuro não muito distante ter um profissional que fosse da área da infância para estar naquele espaço, mas a gente sabia que não ia ser tão imediato quanto a compra dos brinquedos, por exemplo.

E algo que a gente também discutia sobre o projeto da brinquedoteca era o quanto também poderia ser feito, realizar um projeto com bolsistas ou com os próprios estudantes do curso de pedagogia? Mas, enquanto não conseguíssemos um profissional, servidor público, para estar ali naquele espaço coordenando, poderíamos pleitear bolsas para que algumas dessas bolsas fossem para estudantes que fizessem ali o seu trabalho de bolsistas na própria brinquedoteca, de repente bolsistas que tivessem suas pesquisas relacionadas ao brincar, a infância; essa também era uma outra ideia para um passo seguinte que seria a questão do funcionamento da brinquedoteca, que eu não sei se acabou se consolidando ou não.

Quando eu estava, era muito presente, tínhamos o sonho de ter a brinquedoteca também como espaço de extensão, de atender a comunidade, de apesar de todas as dificuldades físicas, da questão do acesso ou da não acessibilidade, da gente receber escolas e essa ser também uma troca. Receber a visita das crianças, das escolas que pudessem ir até a universidade e ampliar essa relação da comunidade com a universidade, da brinquedoteca ser um local de ensino, pesquisa e também extensão universitária. A universidade também à serviço da comunidade, isso era algo muito presente nas nossas conversas, um desejo muito forte que não acompanhei depois e não sei o quanto desses desejos acabaram se consolidando.

E a questão do espaço físico eu acho que entra nessas barreiras que a gente acabou aqui já comentando, a gente tinha espaços no térreo, por exemplo, mas eram espaços que já tinham donos, professores que coordenavam outros grupos e que não aceitavam a troca do espaço. Acho que entra também nessas questões, talvez, um questionamento: será que se a brinquedoteca tivesse sido criada e implementada logo no início da chegada do curso de pedagogia, será que a gente teria conseguido um outro espaço? Por que será que a brinquedoteca ficou para depois, 2014, 2015? Então não sei se a gente teria conseguido um outro espaço, um espaço melhor para viabilizar nessas outras frentes também, atender

as crianças e tal. E aí, é isso, faltam servidor, a gente está falando de uma instituição pública, a gente está falando de uma instituição pública educacional que vem sofrendo cortes e ataques nos últimos anos, então, falta servidor, falta espaço, faltam recursos... Não necessariamente, até para o atendimento nessa brinquedoteca, ela acaba não sendo o atendimento, o espaço ideal para receber as pessoas. Não posso dizer que é assim hoje porque não estou acompanhando, porém, do que a gente acompanha em termos de falta de recursos, de falta de pessoal nas universidades...

B – Sobre o que você falou agora dessa relação da brinquedoteca como espaço de extensão, isso é uma coisa positiva, porque, apesar da gente não conseguir ter a brinquedoteca funcionando para receber as crianças, ter o funcionário, bolsista trabalhando nesse espaço para poder pensar o brincar, a gente ainda consegue – nessas mesmas frentes que valorizam a Educação Infantil e o brincar pensando nessa relação – trazer esse espaço para outras discussões, por exemplo, quando a gente tem a Semana da Pedagogia, buscamos esse espaço para fazer oficinas e utilizamos muito esse espaço – fora da pandemia, claro. E estamos buscando utilizar agora, com o retorno quando for possível, nas ações do Núcleo de Educação e Estudos da Infância, que é um coletivo que a gente propõe fazer essa interface entre a universidade e a comunidade, oferecendo cursos tanto para professores que já estão formados, pessoas que estão em formação, e aí, quando a gente está no presencial, a gente consegue trazer essa relação para dentro da universidade, trazendo outras atuantes, inclusive, as crianças, que foram ações que já aconteceram.

Temos tentado usar esse espaço como a gente pode, então, é algo que acontece, a gente vai tentando e vai acontecendo conforme a gente vai vendo oportunidade. Eu acho que tudo o que você foi trazendo vem de encontro com coisas que ou já tenho estudado ou coisas que eu tenho pensado e que, para mim, reflete muito o espaço da brinquedoteca. Ao pensar nessas questões, podemos pensar também em meios para que esse espaço de fato aconteça, quando a gente pensa e quando a gente encontra pessoas que estão dispostas a lutar por este espaço e fortalecer o quanto o brincar e a Educação Infantil é necessária e importante.

Como já temos um tempo de entrevista, já passamos de 1 hora, e para eu não tomar tanto o seu tempo também, eu queria fazer uma pergunta final, na verdade, pedir para você falar um pouquinho de três coisas: como que você vê o brincar? E aí, você pode ficar livre

para falar se você quer contemplar pensando no brincar enquanto na tua experiência ou na sua experiência como docente, a tua relação com o brincar. Como você vê a brinquedoteca, em específico, a brinquedoteca dentro das universidades? E a formação para docência? É uma pergunta que eu trago esses três pontos, mas que você pode responder separadamente, pode englobar tudo, a forma que você quiser, para que você possa trazer um pouco da sua ideia sobre esses aspectos.

L – Bacana, Beatriz. Vou tentar não me alongar tanto aqui, porque são três temas que para cada um a gente ficaria a manhã toda falando. Acho que eu vou falar sobre o brincar aí já relacionando com a questão da formação também.

Bom, eu considero também o brincar como algo fundamental na vida, e aí não só das crianças, mas do ser humano de uma forma geral, e o quanto esse brincar, ele é prioritário, talvez ainda mais fundamental quando a gente está falando das crianças. Apesar do foco da minha atuação hoje ser na formação de professores e na área da política da educação infantil, onde eu acabo focando nessa Educação Infantil, algo que a gente sempre discute é o quanto a infância ela vai além da Educação Infantil. E aí, os documentos normativos que a gente tem na Educação Infantil, principalmente a DCNI que vai valorizar o brincar como eixo fundamental do currículo da Educação Infantil, mas sobre a importância da gente continuar com essa perspectiva também para além da Educação Infantil, no Fundamental, como um todo, lembrando que ali também tem crianças, crianças e adolescentes e o quanto o brincar também é importante para esses seres humanos e o quanto o brincar é importante também para as relações de aprendizagem, para a construção do conhecimento.

Já fazendo essa relação com a formação de professores, quando a gente traz essa perspectiva para a formação de professor, eu acabo discutindo muito isso em termo dos documentos orientadores e nas políticas, porque tenho outras colegas que vão fazer essa discussão na pedagogia para Educação Infantil sobre o brincar em si e uma conversa mais próximo a uma sociologia da infância, então fica para elas, essa não é minha parte na formação dos e das pedagogas aqui na Unicamp. E já relacionando com a questão da brinquedoteca, o quanto a gente traz essa dimensão que, às vezes, é compreendida de uma maneira teórica, os estágios são muito importantes também para essa vivência do brincar, da observação, das relações do brincar entre as crianças até mesmo as experiências das estudantes de pedagogia no brincar com as crianças. Mas ela não necessariamente traz

experiências, vivências dessas adultas estudantes cursando pedagogia com o brincar e aí que entra a brinquedoteca como um potencial muito grande para proporcionar isso na formação das educadoras, porque são pessoas que vem de formações muito diferentes, de experiências de vida, de relação com o brincar de maneiras muito diferenciadas. Então algumas – algumas várias, inclusive – que foram privadas desse brincar, do livre brincar, do brincar enquanto também construção, potencial para construção do conhecimento.

O que eu percebo é que, às vezes, fazendo essa discussão em sala de aula é que algumas não conseguem sequer ter a dimensão, visualizar essa importância do brincar para as crianças. Como que o brincar, ele se torna o eixo do currículo? E aí vinha algumas vezes algumas falas, propostas: “ah não, mas eles brincam livremente, mas aí tem os 50 minutos lá que eu coloco para eles escreverem o nome no caderno”, o que significa isso, né? Isso não é o brincar como eixo do currículo. O que significa aprender a escrever o nome baseado no brincar como eixo do currículo? Então eu penso que a brinquedoteca ou essas experiências em que a gente tenta potencializar no estágio, porque não temos brinquedoteca aqui na Unicamp, essas experiências são fundamentais para desconstruir, talvez, ideias – eu ia falar equivocadas, mas não necessariamente equivocadas – mas ideias que já são consolidadas do espaço pontual do brincar para aquela criança.

Eu penso que a brinquedoteca é fundamental na formação de professores porque traz essa experiência para os estudantes, para as estudantes de pedagogia, delas brincarem, delas também vivenciarem, não só observarem crianças que utilizam a brinquedoteca, mas brincarem juntos, brincarem entre elas. E do quanto isso é importante para a formação também, para quando elas assumirem e estiverem lá na sala com as crianças, elas conseguirem fazer algo diferente do que aquilo que elas vivenciaram, do que aquilo que elas viram que não foi tão bacana no estágio, mas terem também esse compromisso com a questão do lúdico, do brincar e para a relação com as crianças sendo Educação Infantil ou sendo Ensino Fundamental. Acredito que a brinquedoteca tem esse potencial na formação das futuras professoras, futuros professores. Não sei o que mais eu acrescentaria, se eu respondi as três dimensões.

B – Foi ótimo, foi muito legal a nossa conversa. E aí para finalizar só queria te perguntar se tem alguma coisa que a gente tocou no assunto ou que eu não contemplei nas

perguntas que você queira falar sobre a temática e, por fim, acho que se teve alguma questão durante a entrevista que você queira pontuar.

L – Você vai conversar com a professora Lúcia Lombardi também ou não?

B – Eu quero conversar com ela, mas como esse é um projeto mais para frente da pesquisa que eu estou fazendo atualmente, a princípio, não, eu vou focar nas pessoas dessas brinquedotecas antigas. Mas a Lúcia é uma pessoa que eu quero conversar sim.

L – O que eu gostaria de falar isso, eu acho que para entender esse histórico da brinquedoteca da UFSCar Sorocaba, acho que seria interessante conversar com a professora Adriana Varani, porque é a pessoa que de fato idealiza essa brinquedoteca no projeto pedagógico, como eu contei para você, quando chegou a demanda para adequação do espaço físico e a possibilidade de implementação da brinquedoteca, eu recorri ao projeto, então todas as ações foram baseadas em um projeto que ela encabeçou. Não vou dizer que é só dela o projeto, mas eu acho que seria bacana conversar com ela. E eu tenho essa participação pontual, saio e a professora Lúcia que vai ali organizando e depois a Wal, a professora Walburga chega também e aí eu acho que é bacana ir conversar com elas, porque foi um histórico, feliz ou infelizmente, meio cortado por essa mudança das professoras que estavam trabalhando e acabaram saindo da UFSCar. Então, só para entender de uma forma mais ampla e não picotadinha, porque infelizmente a minha fala foi de um período muito curto. Só essa sugestão que eu faço, para conversar também com elas quando você for aprofundar as questões da brinquedoteca da UFSCar, fazer essa conversa para, acho que vai complementar, vai trazer a dimensão do todo da história. E te agradecer por essa oportunidade, fiquei aqui já morrendo de vontade de mandar uma mensagem para minhas colegas “vamos marcar uma reunião para o reencontro e fazer uma proposta de brinquedoteca”.

AGRADECIMENTOS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBRI (Associação Brasileira de Brinquedotecas). **Brinquedotecas Cadastradas**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/brinquedotecas-cadastradas>. Acesso em: 06 maio 2022.

ABBRI (Associação Brasileira de Brinquedotecas). **Histórico**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ABBRI (Associação Brasileira de Brinquedotecas). **Perguntas frequentes**. [s.d.] Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/perguntas-frequentes>. Acesso em: 10 abr. 2022.

AMADO, João. A investigação e seus paradigmas. In: AMADO, João (org.). **Manual de Investigação qualitativa em educação**. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. pp. 19-71.

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; *et al.* Introdução. In: **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. pp. 9-15.

ANDRADE, Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de. A equipe na brinquedoteca. In: FRIEDMANN, Adriana. *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 3ª Ed. São Paulo: Scritta, 1996, p. 87 - 98.

ANDRADE, Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de; ALTMAN, Raquel Zumbano (org.). As brinquedotecas brasileiras. In: FRIEDMANN, Adriana; *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 3ª ed. São Paulo: Scritta, 1996. pp. 237-251.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. **Educação & Sociedade**, v. 18, nº 59, p. 398-404, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301997000200011>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, pp. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BOMTEMPO, Edda. Brincar, fantasiar e aprender. **Temas em Psicologia**, v. 7, n. 1, pp. 51-56, abr. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2021.

BOMTEMPO, Edda. Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brinquedo. In: FRIEDMANN, Adriana; *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 3ª ed. São Paulo: Scritta, 1996. pp. 79-86.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990.** Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** introdução. Vol. 1. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** formação pessoal e social. Vol. 2. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** conhecimento de mundo. Vol. 3. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Resolução CNE nº 1 de 7 de abril de 1999.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 1999.

BRASIL. **Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.** Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Brasília, DF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 5/2005, de 13 de dezembro de 2005.** Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006.** Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Brasília, DF, 2006a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 3/2006, de 21 de fevereiro de 2006.** Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Brasília, DF, 2006b.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1/2006, de 15 de maio de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF, 2006c.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF, 2007a.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, DF, 2007b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, DF, 2007c.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação**. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Resolução CNE nº 5/2009, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Diretoria de Desenvolvimento das Instituições Federais de Ensino Superior. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: Reuni 2008 – Relatório de Primeiro Ano**. Brasília, DF, 2009b.

BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 9 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação de Cursos Superiores de Pedagogia**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches**: manual de orientação pedagógica. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nota Técnica nº 16/2017/CGACGIES/DAES**. Processo nº 23036.008525/2017-38. Novos Instrumentos de avaliação externa: Instrumento de Avaliação Institucional Externa – Presencial e a Distância (IAIE); Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – Presencial e a Distância (IACG). Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação: Presencial e a distância (Autorização)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação: Presencial e a distância (Reconhecimento)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação Institucional Externa: Presencial e a distância (Credenciamento)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Instrumento de Avaliação Institucional Externa: Presencial e a distância (Recredenciamento)**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2/2019, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 1/2020, de 27 de outubro de 2020.** Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica. Brasília, DF, 2020.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, pp. 103-116, jul./dez., 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59630>. Acesso em 21 jun. 2021.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da. **O memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica do ensino superior no Brasil**. 2012. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da; PASSEGGI, Maria da Conceição. O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. *In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguístico do Nordeste, XXIV*, Natal: UFRN, 4 a 7 de set. Anais..., 2012.

CARNEIRO, Maria Angela Barbato (org.) **Cócegas cambalhotas e esconderijos: construindo cultura e criando vínculos**. São Paulo: Articulação/Universidade Escola, 2010.

CARNEIRO, Maria Angela Barbato; DODGE, Janine J. **A Descoberta do Brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos/Editora Boa Companhia, 2007.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. *In: FRIEDMANN, Adriana; et al. O direito de brincar: a brinquedoteca*. 3ª ed. São Paulo: Scritta, 1996. pp. 37-52.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Maltese, 1994.

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO (DCHE). **Regulamento do LAPED**. [s.d.] Disponível em: <http://www.dche.ufscar.br/documentos/arquivos/regulamento%20do%20laped.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. *In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. pp. 49-81.

D'ÁVILA, Cristina. Formação docente na contemporaneidade: limites e desafios. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 33 - 41, jan./jun., 2008.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. O método (auto)biográfico e a formação*. 2ª ed. Natal/RN: EDUFRN, 2014. pp. 29-55.

FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). **Memória do Corpo Docente** – Tizuko Morchida Kishimoto. [s.d.] Disponível em:

<https://www4.fe.usp.br/memoria-do-corpo-docente-tizuko-morchida-kishimoto>. Acesso em: 22 dez. 2022.

FLICK, Uwe. Entrevista Episódica. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. pp. 114-136.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. **Trabalhos da memória**, São Paulo, v. 17, p. 213 - 221, jul./dez. 1998.

GOMES, Sonia. **Riscos do tempo**. 2012. Disponível em: <https://mendeswooddm.com/pt/exhibition/risco-do-tempo>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GOVERNO volta a bloquear recursos de universidades federais. ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), 5 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=95082>. Acesso em: 26 mai. 2022.

HOBBSAWM, Eric. O sentido do passado. *In*: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 22 a 35.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 9ª ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JORGE, Beatriz Fernanda. **Formação de pedagogos e pedagogas nas brinquedotecas universitárias**. Orientadoras: Maria Walburga dos Santos. 2019. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Diferentes tipos de brinquedotecas. *In*: FRIEDMANN, Adriana; *et al.* **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 3ª Ed. São Paulo: Scritta, 1996. pp. 54-63.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. A brinquedoteca no contexto educativo brasileiro e internacional. *In*: OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **Brinquedoteca: uma visão internacional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. pp. 15-35.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O educar como lugares de infância na Educação Infantil. *In*: SANTOS, Maria Walburga dos; TOMAZZETTI, Cleonice Maria; MELLO, Suely Amaral (org.). **Eu ainda sou criança: Educação Infantil e resistência**. São Paulo: EdUFSCar, 2018. pp. 33-45.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. *In*: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. pp. 15-48.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis 1923 – 1935**. São Paulo: PoloBooks, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; MONACO, Roseli; SITTA, Valéria; ZAIA, Iomar Barbosa. **Memórias: laboratório de brinquedos e materiais pedagógicos**. São Paulo: FEUSP, 2012. (Coleção de cadernos do ponto de Cultura do Labrimp).

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Silvana Aparecida dos. Implantação de sistema de organização e classificação de brinquedos e jogos: a experiência do Laboratório de Brinquedos e de Materiais Pedagógicos - LABRIMP. **Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 10.**, 2009, Águas de Lindóia. Formação de Professores e a Prática Docente: os dilemas contemporâneos. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2009. p. 7771 - 7783. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/139786>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LABELI (Laboratório de Educação Infantil), 2018. **História do LABELI**. Disponível em: <https://brinqueunifesp.wordpress.com/historia-do-labeli/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LABRIMP (Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos). **Histórico**. Disponível em: <http://www.labrimp.fe.usp.br/?action=historico>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MCBRATNEY, Sam. **Adivinha quanto eu te amo**. Ilustração de Anita Jeram. Tradução de Fernando Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MONTEIRO, Rosana. MUNIZ, Luciane. **Proposta de usos do espaço das salas ATLab 121 e 120: LAPED, brinquedoteca, e sala multiuso**. [s.d].

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154 - 164, jul./dez., 2014.

NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. *In*: SANTOS, Santa Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp. 15 - 24.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198 - 208, jan./abr. 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto)Biográfica, Docência e Profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 01, pp. 369-386, abr. 2011.

PINAZZA, Mônica Appezzato; GOBBI, Márcia Aparecida. Infâncias e duas linguagens: formação de professores, imaginação e fantasia. *In*: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (orgs.). **Infância e suas Linguagens**. São Paulo: Cortez, 2015. pp. 21-44.

PINHEIRO, Ademir da Silva; SILVA, Andreia Lucia da; JORGE, Beatriz Fernanda; OLIVEIRA, Cynthia Faria; MORAES, Gabrielly de Sousa; SANTOS, Luciane Maria dos; BENINI, Marília de Moraes; CORDEIRO, Patricia Aparecida; LIMA, Paulo Roberto de; NASCIMENTO, Tatiane Oliveira Santos. Tecendo a Libertação *In*: SOUZA, C. M. (cord.).

Cartas a Paulo Freire 3: escritas por quem ousa esperar. Campina Grande - PB: EDUEPB, 2021, v. 3, p. 584 - 588. Disponível em: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books/>. Acesso em: 26 mai. 2022.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Trabalhos da Memória**, São Paulo, v. 17, p. 203 - 211, jul./dez. 1998.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares. “A brincadeira é o que salva”: dimensão brinçalhona e resistência das creches/pré-escolas da USP. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046214189>. Acesso em 13 Jan. 2023.

PRADO, Patrícia Dias. Quer brincar comigo? Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 3ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2009, pp. 93 - 111.

PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). **Educação**. Brinquedoteca. [s.d.]. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/educacao/brinquedoteca/>. Acesso em: 26 mai. 2022.

QQB UFRGS. Programa de Extensão Universitária "Quem quer brincar?"- 20 anos. Youtube, 05 jun. 2020. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://www.youtube.com/watch?v%3DOYo83fwno-c&sa=D&source=docs&ust=1674577164088929&usg=AOvVaw3yYQBVY_eOsDYIWGqc5VJJ. Acesso em: 09 jan. 2023.

ROSA, Alessandra de Campos e Silva. **Brincar na vida e na docência:** Trajetórias de formadoras(es) brincantes. 129 f. il. 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, Sorocaba, 2020.

ROVERI, Fernanda. **Barbie na Educação de meninas:** do rosa ao choque. São Paulo: Annablume, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina; 2020.

SANTOS, Maria Walburga dos; SOUZA, Marcia Lúcia Anacleto de. Das águas e da terra: crianças quilombolas, brincar e culturas infantis. In: UJIIE, Nájela Tavares; PELOSO, Franciele Clara; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. (Org.). **Tributo às Infâncias e Educação**. 1ª Ed. São Carlos: Pedro e João Editora, 2022, pp. 237-263.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Espaços lúdicos: Brinquedoteca. In: **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp. 57 - 61.

SILVA, Maria Alice S Souza e; GARCIA, Maria Alice Lima; FERRARI, Sônia Campaner Miguel. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez/CENPEC, 1989.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e Brinquedoteca:** implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). Centro de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. Sorocaba, 2021.

UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). **Projeto Brinquedoteca Curso Pedagogia UFSCar – *campus* Sorocaba**. [s.d.].

UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). **Projeto Pedagógico**: Curso de Licenciatura em Pedagogia - *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2009.

UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). **Proposta de Criação do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE)**. Sorocaba, 2010.

UNEB (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA). **Brinquedoteca Universitária Paulo Freire**: compartilhando experiências. UNEB - DEDC - I. [s.d.].

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, Gisela. Brinquedoteca: espaço permanente de formação de educadores. *In*: FRIEDMANN, Adriana; *et al.* **O direito de brincar**: a brinquedoteca. 3ª ed. São Paulo: Scritta, 1996. pp. 99–106.

ANEXOS

Anexo I – Lista de Compras – REUNI – Brinquedoteca DCHE UFSCar Sorocaba/SP

Lista de Compras - REUNI - Brinquedoteca .xlsx Lotes Brinquedoteca

Mobiliário			
1	Araras	R\$ 175,00	Araras para guardar fantasias e Acessórios
2	Mesa e jogo de cadeiras infantis.	R\$ 325,00	Mesa para 4 crianças com cadeiras, cantos arredondados e sem rebarbas. (1 para idade entre 3 a 4 anos: 1 para idade entre 6 a 12 anos)
10	Prateleiras/Organizadores	R\$ 2.000,00	Prateleiras em madeira com medida de até 4 metros de comprimento e 1,6 metros de altura. Será necessário um total de 4 prateleiras.
1	Espelho.	R\$ 210,00	um espelho na medida de 2 metros de largura por 1,5 de altura.
3	Bau	R\$ 580,00	Bau de 70 centímetros de altura e 1 metro de largura.
1	Mesa para computador	R\$ 250,00	Mesa para computador com gavetas; dimensões: 75 x 120 x 46,5 cm
2 (?)	Estante expositora de livros infantis		Estante em madeira para exposição de livros para crianças, com tampo no fundo, sem rodízio, medidas aproximadas: 92x142x45, cor branca, preferencialmente com bordas arredondadas.
4 (?)	Estante tipo "colmeia" com 6 compartimentos - branca		Estante em madeira na cor branca com 06 compartimentos, com fundo vazado, com ou sem rodízio, dimensões aproximadas do produto sem embalagem (AxLxP): 87,6x119,8x35cm, peso líquido aproximado do produto (kg): 39Kg
1	Carrinho com suporte para TV		Trate-se de módulo de estante em madeira com duas portas com chave que abrem-se para fora, possui espaço para acondicionamento de DVDs players, CPUs e equipamentos similares, cor bege ou branca, com medidas aproximadas de 104x182x60, com chapa de madeira como fundo com furação para passagem de cabos, também possui suporte em alumínio para TVs de LCD/LED plasma de 32 a 50", com rodízio.
1	Tanque multiuso infantil		Trata-se de tanque de plástico com suporte em alumínio e rodízio, aplicação: infantil, medidas aproximadas: 126x63x66.
1	Cadeira para computador	R\$ 100,00	
1	Puff		Feito em Couro sintético e enchimento com flocos de isopor. Diâmetro: 0,60 Colorido ou cores variadas

Lote 1			
10	Fantasia infantil	R\$ 750,00	Princesa, super-heróis, bichos.
2	Tapete EVA	R\$ 120,00	Tapete de EVA espessura de 10mm, com no mínimo 24 peças e no máximo 28.
2	Fantoche Folclore	R\$ 60,00	Conjunto de personagens de contos populares tradicionais composto por 5 personagens: a sereia, o saci-pererê, o curupira, o índio e a cuca. Confeccionados em tecido 100% acrílico e antialérgico e espuma flexível na cor branca/preta/marrom e verde, conforme personagem. Olhos com sistema de segurança para criança pequena (possuem trava interna na cabeça do fantoche) e boca articulada na cor vermelha com língua vermelha. O fantoche cuca deve possuir dentes de espuma na boca.
2	Fantoche Animais Domésticos	R\$ 60,00	Conjunto de 6 fantoches de animais domésticos, confeccionados em feltro e costurados nas laterais, com corpo em diferentes cores e detalhes similares aos animais.
1	Teatro de Fantoche	R\$ 350,00	Um teatro para bonecos de fantoche, com estrutura em madeira maciça, tipo pinus, fixada, sem rebarbas ou partes pontiagudas;
1	Minhocão	R\$ 100,00	Túnel de pano armado, tubular e sanfonado, confeccionado em tecido 100% algodão antialérgico. A armação de metal deverá ser protegida com tecido. Dimensões aproximadas: comprimento min. 1,70 m e max: 2,5 m e diâmetro 56 cm; Embalagem: caixa de papelão ou sacola de plástico PVC laminado transparente (crystal).
3	Kit Bambolê	R\$ 100,00	Conjunto formado por 12 bambolês de aros de plástico PVC com diversas cores com dimensões de aproximadamente: diâmetro de 63 cm e altura de 2 cm
1	Pia de cozinha	R\$ 130,00	O móvel será composto de bancada/gabinete com duas portas de abrir e fechar com tampo de MDF 15mm com pia embutida confeccionada em plástico resistente; armário superior com portas abrir e fechar. Na parte superior deverá conter o reservatório de água com capacidade de 1 litro que estará conectado ao encanamento embutido no sistema que interliga o reservatório com a torneira e ao abrir a torneira deverá encher a pia; deverá conter ainda a tampa na pia e balde no gabinete inferior para escoar a água.
1	Fogão	R\$ 123,00	O fogão deverá ser confeccionado em fibra de madeira prensada (MDF) e espessura de 15mm, pintado com tintas atóxicas impermeável na parte externa. O tampo com suporte de painéis deverão ser confeccionados em madeira/MDF em relevo e a tampa do forno deve possuir visor inquebrável e transparente, com mecanismo para ser aberta/fechada com sistema reforçado nas dobradiças e fecho com trava. Os 5 botões reguladores de gás devem possuir mecanismo para ser girados e indicadores na horizontal em relevo para sinalizar o gás ligado/desligado, similar a um botão de fogão real.
1	Casinha de boneca	R\$ 250,00	Estrutura em madeira do tipo eucalipto citridora, assoalho em compensado de 18mm e lateral em compensado de 10mm. O telhado será construído com telha isotérmica em fibra vegetal, painel fabricado em lambril de cedrinho; a parte frontal será equipada com gradil (cercado) colorido que contorna a sacada. A pintura será realizada em alto brilho, e as janelas terão dimensões de 30x30x40 cm com dobradiças, a porta terá dimensão de 0,50 x1,50 mts e será fixada à casinha por dobradiças.
1	Bandinha rítmica	R\$ 400,00	Composição: 01 conjunto de 20 instrumentos musicais; Descrição dos instrumentos Afuchê com corpo em fenolite, tampa em compensado de 3 mm, contas coloridas e cabo de madeira tingido; Chocalho pequeno confeccionado em alumínio, com acabamento em polimento e cabo em madeira; Ganzá confeccionado em alumínio, com acabamento polido, medindo 22 x 5 cm; Caixa confeccionado com tiras de cipó e fundo confeccionado em madeira; Surdo mor confeccionado em madeira, com acabamento em pintura, aro em PVC, batidas em pele nylon, medindo 20 x 17 cm; Surdo gigante confeccionado em madeira, acabamento com pintura, aro em PVC, batida em pele nylon, medindo 25 x 20 cm; Par de maracás confeccionado em fenolite, tampa em compensado de 3 mm e cabo em madeira tingida, medindo 15 x 8 cm; Par de congue de coco confeccionado em plástico, medindo 10 cm de diâmetro; Blak-blak confeccionado em chapa de ferro e o cabo em aço, sendo o acabamento em cromação; Agogô pequeno confeccionado em chapa de ferro cromado, com duas canecas e acompanha batedor em madeira;
1	Geladeira		Fabricado em madeira de pinus e MDF e pintado com tinta esmalte a base d' água atóxica. Largura: 35 cm Profundidade: 27 cm Altura: 74 cm de altura

Lote 2			
4	Blocos Lógicos	R\$ 120,00	Conjunto de blocos lógicos de madeira maciça, em três cores diferentes, formado por 48 peças, divididas igualmente em 4 formas geométricas (Triângulo, Quadrado, Círculo e Retângulo).
1	Blocos de encaixe	R\$ 50,00	Conjunto de blocos e palitos para encaixe e montagem, composto por 25 peças coloridas (mínimo 4 cores) e 10 palitos para encaixe das peças e uma base;
4	Blocos plásticos de encaixe	R\$ 60,00	Jogo em polietileno formado por no mínimo 60 e no máximo 70 peças.
4	Jogo "Ligue tudo"	R\$ 60,00	Jogo em polietileno formado por 250 peças coloridas em formato de estrelas com seis pontas arredondadas.
2	Brinquedo de madeira maciça tipo pinus	R\$ 150,00	Carrinho de madeira com rodas pintadas de vermelho, com 22 peças em madeira maciça com diversos formatos geométricos para encaixe na base retangular do carrinho. Deve possuir corda para puxar com acabamento em madeira pintada.
3	Blocos para construção	R\$ 90,00	Conjunto de 50 peças de madeira decoradas serigraficamente. As peças deverão representar: tijolos, paredes, portas, janelas, torre de igreja, pontes, automóvel, personagens, telhados, rampas.

Lista de Compras - REUNI - Brinquedoteca .xlsx Lotes Brinquedoteca

Lote 3			
1	Triciclo 1	R\$ 100,00	Triciclo com rodas traseiras largas, para garantir maior estabilidade. Dotado de haste removível fixada no eixo, cinto de segurança e assento fixo, além de apoio retrátil para os pés;
1	Triciclo 2	R\$ 100,00	Triciclo dotado de assento anatômico com encosto, estribo para carona, com rodas com capa antiderrapante e apoio retrátil para os pés;
1	Triciclo 3	R\$ 100,00	Triciclo dotado de assento anatômico regulável em 2 posições, caçamba traseira basculante, rodas com capa antiderrapante e apoio retrátil para os pés
2	Berço para Bonecas	R\$ 150,00	Berço para boneca com estrutura de metal; deverá acompanhar colchão revestido de algodão com zíper, lençol, travesseiro e fronha em algodão e mosquiteiro em tule; deverá possuir bolsão porta trecos em tecido nas cabeceiras.
1	Carrinho de Boneca	R\$ 130,00	Carrinho de boneca em estrutura metálica com capota revestida de tecido 100% algodão com movimento retrátil, encosto reclinável, cesto porta objeto, rodas duplas frontais direcionáveis; depois de fechado, o carrinho deverá permanecer em pé. O carrinho possui diversas estampas dá-se preferência aos desenhos de cartunistas brasileiros.
2	Cavalo de balanço	R\$ 300,00	Cavalo de balanço de madeira maciça tipo pinus dotado de crina e cauda de sisal ou pelúcia sintética antiálgica fixada na madeira,
1	Bancada com Ferramentas	R\$ 300,00	O conjunto será composto por uma bancada com gaveta e um kit de ferramentas composto por: furadeira, martelo, chave de fenda, alicate, morsa, serrote, chave inglesa e chave de boca. A bancada deverá ser confeccionada em madeira tipo pinus e as ferramentas em plástico de diferentes cores;
2	Posto de Gasolina com lava-jato	R\$ 150,00	Posto de gasolina com lava-jato com uma rampa de acesso e uma rampa para troca de óleo. Sinalizações de trânsito (1 sinal de pare, 1 sinal de não estacionar, 02 cones) 4 carros coloridos e 2 bombas de abastecimento. O conjunto deverá ser produzido em prolipropileno com peças coloridas e com detalhes característicos da profissão e das sinalizações de trânsito.
1	Pebolim de mesa		Conteúdo do Jogo 1 Pebolim. Composição/Material Alumínio; Plástico; MDF. Dimensões aproximadas da embalagem (cm) - AxLxP 92,5x84x16cm
1	Quadro lousa		Quadro Escolar, de um lado um quadro verde para giz e do outro, um quadro branco para caneta tipo WBM com prendedor de folhas para desenho. Tem espaço para guardar giz e o apagador. Acompanha apagador e giz para quadro verde. Quando montado, o Quadro Escolar mede aproximadamente 1,03 m de altura, 57 cm de largura e 83 cm de comprimento.
Lote 4			
2	Aramado Montanha russa		Conjunto confeccionado com base em madeira e arame galvanizado de 4mm recoberto com tubo de PVC flexível. Dimensões do Brinquedo: 265x300x230 mm. Material do Produto: Arame e Madeira
1	Abaco		Abaco com 10 colunas, em madeira. Dimensões do produto: 39x38x9 cm
1	Círculos de frações		Material do Brinquedo: Madeira; Contém 55 peças coloridas, formando círculos de 10 cm. Dimensões do Produto: 18 x 18 x 4 cm
1	Torre de Hanoi		Material do Produto: Madeira. Composto por 01 base com 06 círculos coloridos, medindo 310 mm x 90 mm x 20 mm em madeira. Embalagem em PVC encolhível.
1	Bezette		jogo de raciocínio. Material do produto: Madeira. Dimensões da embalagem: 19x10x6 cm. Tamanho da Torre: 19 cm. Tamanho dos dados: 2,5 cm ³ . Argola: 3,5 cm de diâmetro
2	Tangram		
2	Material Dourado		

Anexo II – 6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB)

6ª Reunião Ordinária do Conselho de Ciências Humanas e Biológicas (CCHB)

14/07/2014

Informes:

1. Espaço Físico: definiu como prioridade os laboratórios previstos nos PPPs dos cursos (faltam 2 para geografia e brinquedoteca para Pedagogia); Heulália informou a necessidade de um espaço para resolução da questão da Acessibilidade (Núcleo Incluir): enviará ofício para Pró-Reitora de Pesquisa, diretores de centros e prof Mauro
2. Monitoria: 9 bolsas par ao segundo semestre. Necessidade de compor comissão para analisar e estabelecer critérios para as bolsas, a princípio formada pelos chefes de departamento. Kellen enviará email para chefes de dpto para saber se utilizarão as 3 bolsas, senão serão liberadas para outro depto; chefe envia dados do bolsista (para 4 meses de bolsa)

Pauta

APÊNDICE

Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução 510/2016 do CNS)

**“BRINCAR E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DE
BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS (1984 A 2022)”**

CONVITE

Eu, BEATRIZ FERNANDA JORGE, estudante no Programa de Pós-Graduação em Educação no Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, o (a) **CONVIDO** a participar da pesquisa "BRINCAR E FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO A RESPEITO DE BRINQUEDOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS (1984 A 2022)" orientada pela Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos.

A entrevista se destina a colher dados e informações sobre as brinquedotecas universitárias brasileiras mais antigas a partir das experiências vivenciadas pelos docentes e demais atuantes destes espaços.

Nesta pesquisa procuraremos compreender que relação se estabelece entre as memórias e narrativas dos docentes e demais profissionais que atuam ou atuaram nas brinquedotecas universitárias a respeito de brincar, a estrutura física, as interações com a comunidade e o reconhecimento do espaço da brinquedoteca para a formação docente.

Para isso, pretendemos com os objetivos gerais **realizar o mapeamento do histórico das brinquedotecas brasileiras em universidades a partir de 1984, data da criação da primeira brinquedoteca universitária, até 2022, buscando compreender e comunicar suas concepções a respeito de brincar e as contribuições à formação docente em Pedagogia**. Contribuindo com a permanência do espaço das brinquedotecas para a formação valorizando as infâncias e o brincar.

A sua participação é fundamental, a obtenção e registro das trajetórias e a possível concessão de demais recursos como, registros fotográficos, ou mesmo, outros documentos como: imagens, arquivos, atas, acervo de brinquedos, documentos normativos, projetos pedagógicos e/ou outros registros da brinquedoteca por meio das entrevistas e narrativas nos permite observar as perspectivas que temos a partir da história que é contada e registrada. Estas perspectivas são carregadas de bagagens construídas no decorrer da vida, nas experiências vividas, condições sociais que se encontram os sujeitos, que podem trazer contribuições significativas sobre o objeto de pesquisa.

Embora toda pesquisa ofereça algum tipo de risco, ao elaborar a entrevista com você tomaremos todos os cuidados para não causar constrangimentos na participação e nas respostas que serão voluntárias, na solicitação de registros fotográficos e materiais, na seleção das perguntas e proposições lembrando que se você, participante, sentir algum desconforto poderá sem prejuízo de qualquer espécie interromper sua participação a qualquer momento ou escolher responder ou não às proposições da pesquisadora. Todos os encontros serão registrados com o seu consentimento. A transcrição da entrevista realizada, seleção de materiais e análise serão apresentados para você para verificação e validação das informações fornecidas. Todos os encontros serão realizados e organizados pela pesquisadora.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas perspectivas e possibilidades para a formação docente, para a atuação na área da educação e o direito de brincar.

Buscamos contribuir socialmente, quanto a colocar em relevância a potencialidade do brincar e das interações sociais tendo em vista a diversidade cultural e, conseqüentemente, o reconhecimento do lúdico e

do brincar como desencadeadores e potencializadores dessas relações para as crianças, para as infâncias e para a vida adulta.

Buscamos contribuir cientificamente, na construção de novos conhecimentos, pelas narrativas históricas do espaço da brinquedotecas universitárias e para eventuais contribuições para a formação docente, tendo em vista a articulação para a formação, para a relação do espaço acadêmico com a comunidade e para maiores contribuições a respeito do lúdico e de brincar para as relações sociais com vistas para uma educação formativa para a reflexão e a transformação social.

Sua participação é voluntária, não havendo compensação em dinheiro. Reiteramos que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo, se assim desejar. Caso houver a identificação dos participantes e/ou menção a nomes, você poderá autorizar ou não a sua identificação e a divulgação de seu nome na pesquisa, podendo ser atribuídos nomes fictícios para se referir a sua participação e garantido o mais rigoroso sigilo através da omissão de quaisquer informações relativas à sua identificação.

A pesquisa considera as Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual para coleta e gestão de dados, por isso, ressaltamos alguns pontos:

- Solicito sua autorização para gravação e transcrição dos encontros que acontecerão via Google Meet, destacando que a gravação, a transcrição e demais documentos normativos sobre esta pesquisa serão apresentados a você para validação das informações. Em vista disso, solicitamos sua autorização, na disponibilização da narrativa, resposta às questões propostas, divulgação de registros fotográficos e demais documentos disponibilizados por você e a publicação dos resultados gerais obtidos na pesquisa, além de recomendar guardar em seus arquivos uma cópia dos documentos eletrônicos;
- Caberá ao pesquisador responsável conhecer a política de privacidade da ferramenta utilizada quanto a coleta de informações pessoais, bem como o cuidado destas informações de maneira a assegurar os aspectos éticos;
- É da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Uma vez concluída a coleta de dados, o pesquisador se responsabiliza por fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".
- Toda a pesquisa e dados gerados serão inicialmente organizados e armazenados em pastas no Google Drive institucional, com acesso disponível somente às autoras. Além disso, cópias do material serão salvas em backups para garantia de segurança de todo material em dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem" ao final da pesquisa.
- O acesso geral a pesquisa, edições e demais dados serão restritos às autoras. As informações pessoais adquiridas serão disponibilizadas a partir da autorização dos/as entrevistados/as e participantes da pesquisa e somente serão compartilhados/as após o consentimento e com a devida autorização assinada pelo/a participante do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização e Concessão para Divulgação de Documentos.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Assumimos o compromisso de colocar à sua disposição os resultados da pesquisa. Desde já agradecemos sua valiosa colaboração.

O(a) senhor(a) ao preencher o campo “Assinatura do participante” com a sua assinatura digital irá: 1. Aceitar participar da pesquisa, em que a sua assinatura digital corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de email fornecido, se assim o desejar. 2. Responder a entrevista (ou outro procedimento) que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 90 minutos. Caso não concorde, basta não realizar a assinatura deste termo (TCLE). Caso desista de participar durante a pesquisa e antes de finalizar a entrevista (ou outro procedimento), os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados. Caso tenha finalizado a entrevista (ou outro procedimento) e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartar os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por email ou da maneira como preferir.

Ao preencher assinalando com um “x” uma das opções abaixo você estará concordando ou não com a identificação e divulgação de seu nome na pesquisa, podendo ser atribuídos nomes fictícios para se referir a sua participação caso decida escolher pela não autorização da divulgação de seu nome na pesquisa. Assim sendo, declaro que:

concordo e autorizo a minha identificação e a divulgação do meu nome na pesquisa.

não concordo e não autorizo a minha identificação e a divulgação do meu nome na pesquisa participando em anonimato.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br:

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Beatriz Fernanda Jorge


Endereço: Rua Águas da Prata, 160, Nova Veneza, Sumaré/SP.

Contato telefônico: (19) 99864-6160 E-mail: beatrizfemandajorge@gmail.com

Sorocaba/SP, ____ de _____ de _____,

Beatriz Fernanda Jorge

Nome do Pesquisador



Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

Apêndice II – Termo de Autorização e Concessão para Divulgação de Documentos**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CONCESSÃO PARA DIVULGAÇÃO DE
DOCUMENTOS**

Eu, _____, portador da Cédula de identidade RG nº _____ e CPF nº _____, AUTORIZO e CONCEDO a pesquisadora Beatriz Fernanda Jorge, CPF nº 457.235.698-05, os registros fotográficos, bem como, outros documentos de imagens, arquivos, atas, acervo de brinquedos, documentos normativos, projetos pedagógicos e/ou outros registros disponibilizados por mim sobre a brinquedoteca _____, da instituição _____, para a divulgação na pesquisa intitulada **“Brincar e formação docente: um estudo a respeito de brinquedotecas universitárias brasileiras (1984 a 2022)”**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba (PPGEd-So). Estou ciente de que o acesso geral a pesquisa, edições e demais dados estão sob responsabilidade e restrito às autoras. As informações pessoais adquiridas serão disponibilizadas a partir da autorização dos/as entrevistados/as e participantes da pesquisa e somente serão compartilhados/as após o consentimento e com a devida autorização assinada pelo/a participante do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e deste Termo de Autorização e Concessão para Divulgação de Documentos.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

Nome:

Telefone para contato: